

UFRRJ
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO E INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, CONTEXTOS
CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES

DISSERTAÇÃO

**Transver o mundo e amar o puro traste em flor:
Uma conversa com Paulo Freire e Manoel de Barros**

Talita Cabral da Ponte Carvalho

2023



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO E INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, CONTEXTOS
CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES

TRANSVER O MUNDO E AMAR O PURO TRASTE EM FLOR:
UMA CONVERSA COM PAULO FREIRE E MANOEL DE BARROS

TALITA CABRAL DA PONTE CARVALHO

Sob a orientação do Professor Doutor
Aristóteles de Paula Berino

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Educação**, no Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares, Área de Concentração em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares.

Seropédica/Nova Iguaçu, RJ
Fevereiro de 2023

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

C331t Carvalho, Talita Cabral da Ponte , 1986-
Transver o mundo e amar o puro traste em flor: uma
conversa com Paulo Freire e Manoel de Barros / Talita
Cabral da Ponte Carvalho. - Seropédica; Nova Iguaçu,
2023.
154 f.

Orientador: Aristóteles de Paula Berino.
Dissertação (Mestrado). -- Universidade Federal Rural
do Rio de Janeiro, Programa de Pós-graduação em
Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas
Populares, 2023.

1. Educação freireana. 2. Poesia barroense. 3.
Estética. 4. Transformação. 5. Leitura do mundo,
leitura da palavra. I. Berino, Aristóteles de Paula ,
1965-, orient. II Universidade Federal Rural do Rio
de Janeiro. Programa de Pós-graduação em Educação,
Contextos Contemporâneos e Demandas Populares III.
Titulo.

“O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001”

“This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001”



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, CONTEXTOS
CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES**



TERMO Nº 256 / 2023 - PPGEDUC (12.28.01.00.00.00.20)

Nº do Protocolo: 23083.015979/2023-48

Seropédica-RJ, 17 de março de 2023.

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO

INSTITUTO DE EDUCAÇÃO/INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, CONTEXTOS CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES

TALITA CABRAL DA PONTE CARVALHO

Dissertação submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de **Mestra**, no Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares, Área de Concentração em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM 28/02/2023

Membros da banca:

ARISTOTELES DE PAULA BERINO. Dr. UFRRJ (Orientador/Presidente da Banca).

MONICA PINHEIRO FERNANDES. Dra. UFRRJ (Examinadora Externa ao Programa).

NÍVEA MARIA DA SILVA ANDRADE. Dra. UFF (Examinadora Externa à Instituição).

(Assinado digitalmente em 17/03/2023 13:33)

ARISTOTELES DE PAULA BERINO
DeptES (12.28.01.00.00.86)
Matrícula: 1243695

(Assinado digitalmente em 17/03/2023 15:27)

MONICA PINHEIRO FERNANDES
DeptES (12.28.01.00.00.86)
Matrícula: 1304349

(Assinado digitalmente em 05/04/2023 22:08)

NÍVEA MARIA DA SILVA ANDRADE
CPF: 073.482.647-86

Visualize o documento original em <https://sipac.ufrj.br/public/documentos/index.jsp> informando seu número: **256**, ano: **2023**, tipo: **TERMO**, data de emissão: **17/03/2023** e o código de verificação: **0ce21a89cc**

DEDICATÓRIA

Aos excluídos, esfarrapados, humilhados, oprimidos e “condenados da terra”.

Aos trastes, inúteis, insignificantes, imprestáveis e desimportantes.

Que estas palavras sejam, também, as suas palavras.

AGRADECIMENTOS

Ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares, da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (PPGEduc/UFRRJ), na figura de seus docentes e discentes, pelo acolhimento, pelas trocas e pelos ensinamentos ao longo da trajetória do mestrado.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), pelo apoio financeiro oportunizado por meio da bolsa de demanda social adquirida por 14 meses, que me permitiu desfrutar, com máximo aproveitamento, das múltiplas e ricas experiências do mestrado.

Ao meu orientador e querido amigo, Aristóteles Berino, por cada aula, palavra de ensinamento e conforto, sobretudo nos momentos mais cruéis da pandemia, e por cada oportunidade oferecida no seio do Grupo de Pesquisa Estudos Freireanos Contemporâneos e Currículo (FRECON/UFRRJ), que me permitiram potencializar a experiência desta formação, ainda que realizada a distância, integralmente de modo remoto. Obrigada por não soltar a minha mão e por ter sido parte indispensável na construção desta pesquisa!

Às(aos) colegas do FRECON, e, de maneira mais especial, à Janaína Rodrigues, Luciana Dilascio, Andréa Mendonça, Anna Carolina Eckardt, Denise Elidia e Valdeléia dos Santos, por todos os momentos de trocas e suporte que compartilhamos.

À banca examinadora, presente desde a qualificação, formada pelas professoras Mônica Fernandes e Nívea Andrade, pela disponibilidade, participação e valiosas contribuições para a ampliação da qualidade da pesquisa que por ora se encerra.

Ao Paulo Freire e ao Manoel de Barros, pelos seres humanos que foram e pelas inspirações cotidianas que me trazem.

Ao meu querido “Seu Paulo” (Antonio De Paulo), ex-patrão, advogado, amigo e eterno mestre, dono da Editora De Petrus, onde consegui encontrar, há quase 11 anos, o começo do caminho que me conduziu até o universo das pesquisas acadêmicas, agradeço por cada oportunidade e ensinamento.

Às minhas alunas e aos meus alunos do 8º ano do fundamental da Escola Paroquial do Loteamento Samambaia (Petrópolis/RJ), por dividirem comigo as manhãs do ano de 2022 e, sobretudo, por terem me ensinado muito mais do que fui capaz de ensiná-los. Com vocês, tive a certeza de que na escola a gente também faz amigos, assim como Paulo Freire disse um dia.

Ao Pudim, meu cachorro e guardião, por me fazer companhia nos momentos mais solitários da pesquisa – os da escrita propriamente dita – deitando no “meu pezinho”, quietinho, calado, me dizendo, em silêncio, que “tudo ia dar certo”.

À Monique, minha parceira de rotina, por cuidar tão bem da minha casa e da minha família, com todo carinho e amor, sempre que precisei me fazer ausente.

À minha amada mãe (Maria das Graças), minha irmã (Mariana), meu querido sogro (Seu Luiz) e querida sogra (Suely), por serem tudo o que o Murilo precisou nos momentos em que eu não consegui ser sua mãe.

Ao meu pai, Walter (*in memoriam*), que, na latente ausência da sua presença em mim, segue me ensinando algo novo e valioso todo dia.

Ao meu filho, Murilo, minha muralha, meu bebê arco-íris, a luz e a razão da minha existência, meu passarinho, o ser humano mais incrível que eu conheço, por toda a compreensão nesses anos de mestrado, governo Bolsonaro e pandemia. Queria, nem que fosse por um segundo, ver o mundo com os seus olhos de poesia. O mundo é muito mais bonito desde que você chegou e ressignificou tudo!

Ao meu melhor amigo, companheiro de jornada, parceiro de vida, pai do meu filho, meu melhor presente, por cuidar tão bem de mim e da nossa família desde sempre. Por me incentivar em todas as minhas loucuras, as sãs e as insanas, por me fazer insistir, por acreditar e confiar em mim muito mais do que sou capaz ou mereço. Francisco, meu marido, meu Chiquinho, obrigada por me escolher todos os dias; por suportar e entender minhas ausências e rabugices; por ter sido os 99% enquanto eu só conseguia ser 1%. Obrigada, meu amor, por chegar, ficar e continuar.

Por fim, agradeço a elas, que me sustentam, me acompanham, me formam e me transformam: as palavras. Essas que fazem de mim também “um ser de linguagem”; que me procuram, me escondem e me revelam; que me encontram sempre que fujo. Às palavras que fui, sou e serei, pertencem a escrita e as reflexões desta dissertação.

*O abandono do lugar me abraçou de com
força.
E atingiu meu olhar para toda a vida
Tudo que conheci depois veio carregado
de abandono.
Não havia no lugar nenhum caminho de
fugir.
A gente se inventava de caminhos com
as novas palavras.
A gente era como um pedaço de
formiga no chão.
Por isso o nosso gosto era só de
desver o mundo.*

SERVIÇOS

*Catar um por um os espinhos da água
restaurar nos homens uma telha de menos
respeitar e amar o puro traste em flor*

Manoel de Barros

O futuro é dos povos não dos impérios.

Paulo Freire

RESUMO

CARVALHO, Talita Cabral da Ponte. **Transver o mundo e amar o puro traste em flor: Uma conversa com Paulo Freire e Manoel de Barros**. 2023. 154p. Dissertação (Mestrado em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares) – Instituto de Educação/Instituto Multidisciplinar, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica/Nova Iguaçu, RJ, 2023.

O presente texto traz as considerações de pesquisa tecidas a partir das reflexões realizadas ao longo dos estudos do Mestrado, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares, da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Ao colocar Manoel de Barros em diálogo com Paulo Freire, nosso principal objetivo é aprofundar a leitura da obra do educador, sobretudo quanto às tensões existentes em muitas questões de nosso tempo e que confrontam fatos do capitalismo contemporâneo. Nesse sentido, a poesia barroseana nos permite “transver” o pensamento freireano, porque ultrapassa o entendimento e a leitura de palavras para alcançar uma nova leitura de mundo. Aspectos biográficos de Paulo Freire, como alguns pontos de sua infância e recortes específicos de seu pensamento, como a ideia do sonho possível, da utopia, dos inéditos-viáveis, das situações-limite e da esperança constroem o primeiro capítulo, “Esperançar é carregar água na peneira”, em que o pensamento freireano adquire novos sentidos no “devaneio poético” de Manoel de Barros. O segundo capítulo, “O elogio do inútil contra o fatalismo neoliberal”, por sua vez, aborda alguns conceitos freireanos, como a recusa ao discurso e à ideologia neoliberal, a vocação ontológica de humanização, a busca do *Ser Mais*, a consciência do inacabamento e a crítica à educação bancária e encontra, na poesia barroseana, a partir de um protagonismo estético de ruptura que ressignifica inutilidades, belezas e desimportâncias, uma leitura que nos faz pensar sobre alguns problemas contemporâneos. O terceiro e último capítulo, “Nem reis nem regências: o momento (est)ético da linguagem e a procura do sonho de Guevara”, tem como abordagem principal o cruzamento das estéticas, freireana e barroseana, na percepção de suas linguagens e suas leituras em torno da ideia de linguagem enquanto categoria estética e política. Por fim, encerramos a pesquisa trazendo as considerações finais acerca do que foi realizado e do que ainda pode se realizar dentro da temática escolhida e das problemáticas que a envolvem e, ainda, nos dedicamos a pensar sobre a contemporânea necessidade de resgatarmos a nossa sensibilidade a partir de uma experiência da “poética da dor”.

Palavras-chave: Educação freireana. Poesia barroseana. Política. Estética. Transformação.

ABSTRACT

CARVALHO, Talita Cabral da Ponte. **Seeing beyond the world and love the pure fret in bloom: A conversation with Paulo Freire and Manoel de Barros.** 2023. 154p. Dissertation (Master in Education, Contemporary Contexts and Popular Demands). – Instituto de Educação/Instituto Multidisciplinar, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica/Nova Iguaçu, RJ, 2023.

This text brings research considerations woven from the reflections carried out throughout the Master's studies, carried out by the Graduate Program in Education, Contemporary Contexts and Popular Demands, at the Federal Rural University of Rio de Janeiro. By placing Manoel de Barros in dialogue with Paulo Freire, our main objective is to deepen the reading of the educator's work, especially regarding the tensions that exist in many issues of our time and that confront facts of contemporary capitalism. In this sense, Barroso's poetry allows us to “pass through” Freire's thought, because it goes beyond the understanding and reading of words to reach a new world reading. Biographical aspects of Paulo Freire, such as some points from his childhood and specific excerpts from his thought, such as the idea of the possible dream, utopia, unpublished-viables, extreme situations and hope, build the first chapter, “Hoping is carrying water in a sieve”, in which Freire's thought acquires new meanings in Manoel de Barros' “poetic reverie”. The second chapter, “The praise of the useless against neoliberal fatalism”, in turn, addresses some Freirean concepts, such as the refusal of neoliberal discourse and ideology, the ontological vocation of humanization, the search for Being More, the awareness of incompleteness and the critique of banking education and finds, in Barroso's poetry, from an aesthetic protagonism of rupture that re-signifies uselessness, beauties and unimportantness, a reading that makes us think about some contemporary problems. The third and final chapter, “Neither kings nor regencies: the (aesthetic) moment of language and the search for Guevara's dream”, has as its main approach the crossing of aesthetics, Freirean and Baroque, in the perception of their languages and their readings around the idea of language as an aesthetic and political category. Finally, we close the research by bringing the final considerations about what has been done and what can still be done within the chosen theme and the problems that involve it, and we also dedicate ourselves to thinking about the contemporary need to rescue our sensitivity to from an experience of the “poetics of pain”.

Keywords: Freirean education. Barrosian poetry. Policy. Aesthetics. Transformation.

SUMÁRIO

RASCUNHO DE UM SONHO, UM MINHOCAL DE PESSOAS, DESERTO DE MUITOS EUS.....	11
AMARRAR O TEMPO NO POSTE: PALAVRAS INTRODUTÓRIAS.....	25
1 ESPERANÇAR É CARREGAR ÁGUA NA PENEIRA.....	35
2 O ELOGIO DO INÚTIL CONTRA O FATALISMO NEOLIBERAL.....	54
3 NEM REIS NEM REGÊNCIAS: O MOMENTO (EST)ÉTICO DA LINGUAGEM E A PROCURA DO SONHO DE GUEVARA.....	80
FECHAR OS OLHOS E FAZER O NADA APARECER: A CONCLUSÃO FALTANTE	141
REFERÊNCIAS	149
PLAYLIST NO SPOTIFY	149

RASCUNHO DE UM SONHO, UM MINHOCAL DE PESSOAS, DESERTO DE MUITOS EUS

Eu sou analfabeto para certezas. A coisa é toda: como a gente pegar água no escuro: psiumente. O acerto começa no fim dos erros. E a gente não sabe adonde é o fim dos erros. Nem o começo do acerto. Aleluia.

Manoel de Barros

O primeiro pensamento que tive ao refletir sobre estas palavras iniciais, sobre a confecção de um texto que falasse de mim, sobre mim e não para mim (ou comigo), foi de uma inutilidade acadêmica incrível. No entanto, dialogando comigo mesma, pensei que uma inutilidade acadêmica para uma pesquisa acadêmica que fala também de inutilidades poderia ser algo aceitável e até compreensível. Então decidi ouvir “as vozes da minha cabeça” e escolhi começar a escrever tendo como ponto de partida essa questão geradora inútil.

Pensei assim: “Se eu tivesse a oportunidade de encontrar o Paulo Freire e o Manoel de Barros, apresentá-los um ao outro e mostrar-lhes o meu texto, será que eles gostariam do que leriam aqui?”. Sim, pensei que seria interessante descobrir se a história que inventei para os meus personagens os agradaria em alguma medida. Pensei nisso como se este fosse o principal e verdadeiro intuito da minha pesquisa. Academicamente, meu objetivo seria reprovado. Não tem relevância, não tem importância, não tem utilidade. Saber se alguém gosta do que a gente faz não é exatamente o interesse das pesquisas acadêmicas.

Então, não faz sentido nenhum pensar nisso agora; talvez também não faça sentido escrever isso aqui, nesta seção de apresentação. Mas se tem uma coisa que a terapia me ensinou nos últimos tempos é que a gente precisa ouvir o que o inconsciente tem para falar. Nenhum pensamento chega para gente em vão. Sobretudo quando é de maneira insistente, como aconteceu comigo nesta questão.

Pois bem. Obedeço ao que manda o inconsciente e faço a minha parte registrando a pergunta inútil aqui. A partir de agora, seguirei com a minha apresentação, esperando encontrar na escrita a razão de ser do meu repetitivo pensamento. Escrever tem um pouco de magia, de mistério, de psicanálise. A gente nunca sabe onde o texto vai chegar, em que linha vai terminar. Acho até que nenhum texto tem algum destino. A gente pode até imaginar essas coisas, mas a certeza é algo que não nos pertence. Mais ainda quando o assunto tem a ver com pesquisa.

No meu caso, especificamente, eu não tenho a certeza de nada. E talvez isso tenha me tirado a segurança de tudo. Sou alguém, então, sem certeza e segurança. Interessante.

Como alguém, que não tem nenhuma certeza, pode, então, narrar algo sem mentir ou inventar? “Criando, né”, responderam as inquilinas inconvenientes da minha cabeça. Então, caro(a) leitor(a), insira aqui um aviso: a narrativa que aqui se segue é fruto da criação de uma pesquisadora, mergulhada no desafio impossível de encontrar a si mesma em suas memórias de gente.

Começo o exercício registrando um fato desimportante sobre mim: eu jamais andei, por qualquer caminho, em linha reta. Nesses caminhos, me perdi e, na verdade, nunca me achei. Tanto que agora é difícil encontrar em mim as palavras que me fazem. Fico pensando que são muitas e por isso encontro dificuldade na busca. Sem falsa modéstia, acho que sou um alguém de muitas palavras. Tenho com elas uma relação de amor e ódio, às vezes. Com algumas não tenho qualquer relação, sequer as conheço, jamais nos esbarramos por aí. Com outras, tenho uma implicância estética (“de fato” e “quão” eu detesto e evito maiores aproximações). E com a maioria eu mantenho um relacionamento divertido. Sério não, porque as palavras de terno e gravata não costumam ficar muito próximas de mim. Nos respeitamos, mas não nos damos muito bem, na verdade. Uso-as de vez em quando, de acordo com a necessidade, mas logo peço que se retirem e descensem, que troquem a gravata por uma bermuda e um chinelo. Tiramos folga, vamos à praia. Como agora nesta apresentação.

Eu, como alguém feita de palavras, chego até aqui, então, carregada por elas. “Aqui aonde, Talita?”. Aqui na pesquisa e aqui no mestrado. Foram elas que me trouxeram até aqui, ao espaço-tempo de 2023. Elas que me carregaram como “água na peneira” em todo o meu caminho errante.

Sou alguém das Letras. Literalmente de Letras, já que esse é o nome do curso em que me formei em 2007, pela Universidade Estácio de Sá, em Petrópolis/RJ, onde nasci e moro até hoje. Decidi que cursaria Letras porque queria ser professora. Queria nunca mais sair da escola; queria estar sempre perto do universo que me apresentou e me fez amar tantas palavras carinhosas, generosas, prestativas, parceiras e honestas comigo desde sempre. Escrevi desde cedo todos esses planos no caderninho imaginário da minha existência futura. E não realizei nenhum deles tal qual escrevi. Ah, as palavras... de vez em quando elas decidem sozinhas o que fazer com a gente. E, ainda que no meu caso a gente se ame, elas não me pouparam nunca de inúmeras situações frustrantes.

Mas o fato é que, na vida, depois que tudo dá errado, a única coisa que pode acontecer é começar a dar certo. Me formei em 2007, quando meu pai passava por uma depressão profunda. Perdi meus três avós em 2006, num intervalo de apenas dez meses. Meu pai não aguentou a perda de sua mãe e até parou de andar de tanta tristeza. No dia da minha solenidade

de formatura, fui até o hospital vestida de beca para ter com ele uma “foto de formatura”. Ainda guardo a foto impressa, com as marcas do tempo e da saudade, mas em mim estão vivas mesmo as palavras desse momento que, na ocasião, se recolheram em um profundo silêncio. Meu pai, que só estudou até a quarta série, viu sua filha se formar professora, e de sua boca não saiu nada, recaindo sobre seus olhos a obrigação de dizer. Um gesto é uma palavra? E uma lágrima? Também é, né. Procura no dicionário. Tá lá. E quantas palavras podem existir dentro da palavra lágrima? Isso dicionário nenhum consegue informar. Mas eu consigo dizer, agora, sem mentir, que naquele momento, dos olhos do meu pai, eu peguei centenas de palavras para mim. Acolhi e cuidei de todas elas. E elas jamais deixaram de fazer parte de mim.

Esse mesmo pai que viu sua filha se formar professora não pode vê-la sendo professora. O meu caminho errante – sempre errante – me fez sair da faculdade em 2007 e, por precisar ajudar a minha mãe nos cuidados com o meu pai, não pisar de novo em uma sala de aula tão cedo, sobretudo como a professora que sempre sonhei ser. Enquanto fazia faculdade, precisei trabalhar em uma loja de aquários, depois numa de sapatos e numa de roupas, para ajudar a minha mãe no pagamento da mensalidade. Comecei aos 17 anos e nunca mais consegui ficar sem trabalhar, sem buscar o “meu próprio dinheiro”.

Em 2007, para conciliar os cuidados com meu pai, vendi artesanato de feltro por uns meses e, quando ele começou a apresentar melhoras, fui novamente ser vendedora em uma loja de roupas num shopping. E foi assim que me distanciei do sonho que escrevi para mim. O trabalho no shopping me trouxe amigas que carregam para a vida toda, mas desse tempo eu não tenho nenhuma saudade.

Pouco tempo depois, ainda trabalhando no shopping, onde fiquei por 5 anos, até 2012, fui fazer Pedagogia na mesma universidade em que me formei em Letras. Lá, resgatei minha relação com as palavras, num gesto apaixonado de alguém que redescobriu a oportunidade de sonhar. Não estava me identificando com o curso, andava bastante desanimada com as disciplinas, cansada também de pagar a mensalidade cada vez mais cara, até que um dia, fui arrastada para uma aula que mudou a minha vida. E uma aula que me trouxe até aqui, para falar a verdade.

A professora Silvia Tkotz falava com a turma sobre uma oportunidade de bolsa de Iniciação Científica da Faperj. Quem quisesse se candidatar deveria escrever uma redação sobre um tema específico, do qual não me recordo agora, e encaminhar para o e-mail de uma editora da cidade, chamada De Petrus (ou DP et Alii), que ficava localizada no mesmo bairro da universidade, no Bingen. O valor da bolsa era R\$420,00. A estudante contemplada cumpriria 20 horas semanais de um “estágio”, sobre o qual não tínhamos muitos detalhes. Levantei a mão

e manifestei meu interesse pela vaga. A professora me questionou se valeria a pena para mim uma vaga dessa, cujo valor era mais uma ajuda de custo, já que eu já possuía a graduação de Letras e poderia então trabalhar na minha área. Eu só respondi que gostaria de me candidatar e que o “valer a pena” eu só poderia saber quando o fizesse. Pensando nisso agora, eu acho que o questionamento dela tem a ver com uma tendência que nós temos de avaliar qualquer coisa sobre a ideia do retorno financeiro que ela pode nos oferecer. É sempre uma moeda de troca. É sempre pelo “papel” que supervalorizamos na nossa existência em muitas ocasiões. Mas meu interesse profissional nunca teve relação com o retorno financeiro. Não estou dizendo que dinheiro não é importante, nem que não gostaria de ter um pouco mais do que eu tenho, ou que outras pessoas também tivessem o mínimo necessário para viver com dignidade. Ou que não gostaria de ser mais bem remunerada nas atividades que exerço. O que estou dizendo é que a minha cabeça não funciona sobre essa lógica. A minha vontade, o meu desejo por algo não é e nunca foi baseado no retorno financeiro. Se está certo ou errado eu não saberia avaliar. Estou aqui comprometida com a narração de um fato. E o fato é esse.

Bem, na ocasião, minha redação foi selecionada e o dono da editora, Antonio De Paulo – hoje meu amigo, advogado e eterno mestre, por quem eu tenho um carinho e gratidão enormes – me chamou para uma conversa na editora. Eu trabalhava muito no shopping, queria muito conseguir outro emprego, e uma editora representava para mim um letreiro luminoso de Deus apontando uma possibilidade de saída daquele lugar que me prendia, me limitava, me distanciava das palavras que me pertenciam e dos sonhos que eu já nem lembrava mais de sonhar. E foi exatamente isso que enxerguei. Um letreiro luminoso, uma saída, um caminho diferente, uma possibilidade de exercer a minha profissão num aspecto que jamais tinha cogitado. Pensei que uma editora poderia querer ou precisar contratar alguém de Letras. Alguém de Letras sempre é alguém necessário no ambiente dos livros, pensei. Nós e os livros somos da mesma família, uma família de palavras.

No entanto, os R\$420,00 me diziam que o letreiro luminoso poderia não ser para mim. Em 2012, eu já estava casada e precisava me preocupar com o dinheiro, algo que eu sempre detestei pensar. Impulsiva que sou, me joguei na proposta sem saber se o paraquedas estava funcionando. Trabalhava todas as manhãs, de segunda a sexta, na editora. E todas as tardes, de terça a domingo, na loja. Nos fins de semana eu ia até às 22h. Conciliava as duas coisas, esperando que uma oportunidade se criasse para mim, sem perceber que eu mesma, assumindo o risco da minha atitude impensada, impulsiva, já era a criadora da minha oportunidade. Passados alguns meses de trabalho, o Seu Paulo – como eu, e somente eu, carinhosamente o chamo – me convidou para ser a revisora da editora. Uma editora acadêmica, cujas publicações

tinham como foco a área da educação. Não pensei duas vezes e aceitei a proposta. O salário ainda era muito baixo no comparativo com a loja, onde eu ganhava comissão. No entanto, aquela proposta era meu copo de água no deserto. Não mataria toda a minha sede, mas me manteria viva para caminhar mais um pouco.

Fui trabalhar na editora De Petrus e lá conheci pessoas e suas autorias. Inês Barbosa de Oliveira e Nilda Alves foram os primeiros nomes que conheci. O primeiro livro que li, e revisei, foi da professora Inês. Falava dos cotidianos, do “Boinha”, nome carinhoso que ela dá ao Boaventura de Souza Santos, e na escrita juntava as palavras para construir uma ideia de que elas eram inseparáveis na prática. E, assim, não parei mais de ler e revisar. Foram dezenas de livros até hoje que tive o prazer de ler em primeira mão. Muitos autores e autoras de peso da área da educação. Leituras que me formaram como a professora que sempre sonhei ser e que, sem que eu percebesse, me prepararam para a conquista da vaga no mestrado em educação.

Também nesse período, fiz a revisão do livro digital, na época ainda disponível em DVD, *Educação e Imagens*, organizado pelo meu orientador, Aristóteles Berino, e hoje também amigo, e a querida professora Conceição Soares, por quem guardo um enorme carinho e admiração. Foi assim que conheci o meu orientador muito antes de cogitar a possibilidade de ele ser meu orientador. Nos encontramos na editora para uma reunião sobre o livro e, ao testar o DVD, encontramos uma série de erros de programação. Fiquei tão constrangida e envergonhada, mas estávamos na fase de teste e depois dali tudo começou a funcionar. “Depois que tudo dá errado só pode começar a dar certo”. Trocamos alguns e-mails profissionais e, mais adiante, fiz a revisão de alguns de seus textos em participação em livros e na *Revista Teias*, que também revisava pela editora. Conhecia mais o autor do que a pessoa. Até que um dia apareceu a sugestão do perfil dele no Facebook e eu solicitei amizade. Nos tornamos amigos de rede social. Interagíamos pouco nas redes. Mas eu nunca deixei de acompanhar e admirar o seu trabalho compartilhado, muitas vezes, em posts públicos.

No fim de 2012/ começo de 2013, tive uma gestação anembrionária¹ que me modificou para sempre, não só fisicamente, mas em todos os aspectos da minha vida. Nunca mais fui a mesma pessoa. Depois do trauma, fiz o vestibular do Cederj/UERJ com o intuito de concluir o curso de Pedagogia e dar à minha vida algum sentido que, no momento, parecia ter se perdido. Passei em quinto lugar, cursei o primeiro período com excelente aproveitamento e a vida, de novo, me lançou num caminho tortuoso. Em 2014, perdi um tio querido para um câncer raro e

¹ A gravidez anembrionária acontece quando o óvulo fertilizado se implanta no útero da mulher, mas não desenvolve um embrião, gerando um saco gestacional vazio. É considerada uma das principais causas de aborto espontâneo durante o primeiro trimestre, porém, não é comum de acontecer.

incurável na cabeça. Foram dois meses do dia que descobrimos até a sua partida. Meu pai, de novo, caiu em depressão e parou de andar. Eu desejava engravidar de novo há meses, mas, de novo, ajudava a minha mãe nos cuidados dele e, por isso, tinha decidido não engravidar mais naquele momento. No entanto, o que aconteceu foi exatamente o que eu não escrevi. Eu decidi não engravidar quando eu já estava grávida do meu filho, meu bebê arco-íris, meu pedaço do céu, meu passarinho, meu pacotinho Murilo. Engravidei do Murilo em 2014, passei muito mal durante toda a gravidez e decidi que trancaria de novo o curso de Pedagogia, agora no Cederj.

Quando estava com quatro meses de gestação perdi meu pai. Ele partiu sem me dizer nada. Dói, às vezes, quando as palavras não conseguem ser ditas. Mas um dia antes de ser internado, com uma pneumonia por broncoaspiração grave, ele me pediu desculpas por não poder conhecer a casa que eu pretendia um dia construir. Não tinha sentido nenhum essa conversa, né. Até o dia seguinte, quando tudo mudou. Será que ele sabia que precisava me deixar? Não sei. Antes de ser entubado, sem conseguir falar nem respirar direito, com a saturação baixíssima, ele me olhou com olhos de despedida e, colocando a sua mão sobre a minha barriga, deixou uma lágrima escorrer. Foram seis dias de UTI até que ele partiu. Eu, que já havia perdido um tio, não tive condições de voltar a estudar. Depois que o Murilo nasceu, com as demandas loucas da maternidade de primeira viagem, esperei seis meses até tentar voltar ao curso de Pedagogia. Eu não sabia que depois de um ano de trancamento eu perderia o direito à vaga. E, assim, eu perdi a vaga e desisti de terminar o curso.

Tentei alguns concursos da prefeitura de Petrópolis e do estado do Rio de Janeiro ao longo dos anos. Passei em alguns, não fui convocada em nenhum. É horrível você sonhar com uma coisa realizável e senti-la tão distante de você. Meu lugar é na escola pública. É onde eu sempre quis estar. E onde estive algumas vezes, pelo prazer mesmo de estar, sem pensar em retorno financeiro ou em currículo. Sempre entendi essas coisas como menos importantes, como consequências de uma coisa maior, mais importante: o ser e estar na escola.

Nesses anos de revisão, estive sendo professora em alguns momentos. Trabalhei no Programa Mais Educação do governo do estado com alunos de ensino fundamental e médio. Dei aula em uma escola da zona rural da minha cidade para turmas de sexto e oitavo ano. Fui professora de produção textual em uma escola privada de educação infantil, com uma turma de quinto ano. Me mantive aquecida nesses tempos com estas experiências que me deram muito mais realização pessoal do que qualquer outra coisa.

Nesses quase 11 anos de revisão, eu nunca consegui ser somente revisora. Acho que a minha inquietação, o meu desassossego vem do fato de que eu estive professora mas nunca me senti mesmo como professora.

Oficialmente, o meu trabalho na editora durou em torno de quase quatro anos. No final de 2015, depois de não recebermos algumas verbas de financiamento da Faperj, a editora precisou fechar as portas e me demitir. Eu, que não tenho certeza e segurança de nada, me vi perdida sem meu emprego com um filho de 11 meses para criar. Nunca fiquei sem trabalhar. Nunca fiquei esperando que algo acontecesse comigo. Sempre fui atrás dos meus objetivos, mas, ainda assim, nunca consegui me realizar profissionalmente.

Depois que a editora fechou, vendi semijoias, não recebi de algumas pessoas, me endividei, precisei pagar a dívida que não era minha; montei um brechó na garagem da minha casa, e fui fazendo o que as mães fazem quando não têm como produzir conteúdo adequado para o seu currículo. Fui dando um jeito de sobreviver. Nisso eu sou boa, sempre dou um jeito. Depois de um tempo, o brechó começou a não dar certo, sobretudo porque o Murilo, então com quase dois aninhos, queria fugir o tempo todo para a rua e eu não conseguia mais conciliar o trabalho com as responsabilidades de mãe.

Fui então chamada de volta para a loja do shopping onde trabalhei antes da editora. Aceitei. “Tive” que aceitar a proposta, ainda que eu soubesse das dificuldades que encontraria ao associar o trabalho no shopping com a rotina materna. Ainda que eu tivesse consciência do quanto essa experiência me afastava dos meus sonhos. A realidade, às vezes, passa com um rolo compressor por cima de nossos objetivos. Fiquei na loja por mais dois anos, de 2016 a 2018, e, nesse período me matriculei em uma pós-graduação presencial em Gestão Educacional, cujo conteúdo se tornou tão insuportável para mim que me fez desistir rapidamente sem qualquer arrependimento. Depois, quis fazer uma pós-graduação *on-line* em Revisão. Procurei e encontrei uma do meu agrado. Levei quatro anos para concluir o curso, que era para ter durado 18 meses. Terminei-o em janeiro de 2021, quando já estava no mestrado em educação da Rural.

Desde 2012, eu tenho sido revisora. Demorei a compreender o meu trabalho, realizado de forma autônoma depois do fechamento físico da editora, como realmente a minha profissão. Se eu precisasse preencher o campo profissão de algum formulário burocrático eu sempre ficava pensativa por alguns segundos. O que eu sou? Revisora? Acho que não, porque esse trabalho é apenas provisório, eu pensava. Professora? Eu também não sou porque só tenho a formação, não exerço a profissão. Sou vendedora, então? E para que eu fico me enfiando em cursos, em concursos e em tentativas frustradas de ser o que eu sempre sonhei? Acabei, então, me convencendo de que eu sou sim revisora. Uma revisora que sonha em ser professora. O trabalho de revisão não é provisório. É o que tem me sustentado nesse caminho errante desde 2012. Hoje, faço revisão não somente para a editora De Petrus, cujas publicações são bem menos frequentes. Sou revisora de trabalhos acadêmicos de graduação e pós-graduação, de alunos e

alunas de universidades públicas e privadas, que me procuram sempre por alguma indicação. E de professores e professoras, também, inclusive da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, que me acolheu nesta empreitada do mestrado.

Durante alguns anos da minha vida de revisora, até 2019, mais especificamente, eu desejei estar onde estou agora. Queria muito fazer um mestrado, mas jamais acreditei que seria capaz de passar nas provas, escrever um bom projeto, e, principalmente, fazer uma prova de língua estrangeira. Como eu tive medo da prova de língua estrangeira! Em 2019, trabalhei de novo com o Seu Paulo, depois que a loja do shopping fechou repentinamente sem nos pagar nem o salário do mês, o qual não recebi até hoje. Fui trabalhar no escritório de advocacia dele e fazia, dentre outras coisas, a revisão dos seus processos. Um dia, estávamos conversando e ele me disse que eu “só não faria um mestrado se não quisesse, porque a capacidade para isso eu tinha”.

Conversei com a professora Inês, com quem mantenho algum contato e relação de amizade desde os tempos da editora, e ela me deu orientações sobre o processo de seleção da UERJ. Olhei as linhas de pesquisa, peguei as bibliografias para estudar para a prova, pensei e desenvolvi um projeto e fui determinada a conquistar a sonhada vaga. Não fui tão bem na prova da UERJ e o meu sonho parecia, de novo, se distanciar. Uma nota 8,75 numa prova de mestrado é uma boa nota, mas, ao mesmo tempo, insuficiente. Não há vaga para todo mundo. E você precisa ser a melhor. Então fiquei de mal comigo mesma por longos dias, sem esperanças de que entraria no mestrado. E na UERJ eu realmente não entrei. Cheguei até a fase de entrevistas e parei nela. Foi quando entrei no Facebook e, despretensiosamente, vi um post do Aristóteles sobre a prorrogação do processo seletivo da Rural. Chamei-o no Messenger e perguntei se ele achava loucura de minha parte tentar mais uma vez, agora em outra universidade, com um projeto que já estava pronto. Ele me disse que não. Que era até indicado que o candidato fizesse essa opção, porque é mesmo difícil conseguir uma vaga assim logo na primeira tentativa. Fiz algumas adaptações no meu projeto que, inicialmente, abordaria uma experiência de educação hospitalar com idosos que acontecia num hospital perto da minha casa. Mudei o projeto, adequando-o às normas da Rural e à linha de pesquisa do orientador que escolhi, o professor Aristóteles. Fiz a prova e tirei uma nota excelente dessa vez, 9,75. Depois disso, gabaritei o projeto e a entrevista e, mesmo não indo tão bem na avaliação do currículo, fiquei em primeiro lugar na disputa para a sua orientação.

A prova de espanhol veio depois de todo o processo e o medo que eu tinha se mostrou para mim como um verdadeiro moinho de vento. Tirei 10,0 na avaliação também, aprovadíssima.

Na metade de 2019, eu havia recebido um convite para trabalhar com produção textual no quinto ano do fundamental de uma escola particular de classe média alta. Fui. Pulei e depois abri o paraquedas. Sempre quis estar na escola, né. Não poderia negar a oportunidade. Nesse período, fui aprovada no mestrado. Quando fiz a minha inscrição, pela segunda vez, agora na Rural, olhei para o céu, talvez procurando encontrar o olhar do meu pai e nele alguma palavra que me pertencesse, e prometi que essa seria a minha última tentativa na área da educação. Tantas tentativas frustradas de estar na escola me fizeram pensar em desistir. “Rasguei meu sonho”, mas não o desfiz, parafraseando Paulo Freire. O letreiro luminoso acendeu novamente para mim e esfregou na minha cara a única verdade que eu sei sobre mim: eu nasci para ser professora.

Então, em 2019, quando eu estava sendo professora, não do jeito que sonhei, mas um pouco perto disso, precisei, de novo, largar tudo para me dedicar ao mestrado. A distância e os horários das aulas me tomariam três dias da semana inteiros e eu não conseguia enxergar qualquer possibilidade de conciliação. Tínhamos o dinheiro da venda de um carro guardado e combinamos que o usaríamos para este fim. Aluguei um apartamento, fiz a minha mudança no começo de março de 2020, tive três dias de aula presencial em Seropédica e Nova Iguaçu. Retornei para Petrópolis no dia 12 de março e só voltei em Seropédica cerca de um mês depois para buscar meus pertences que tinham ficado no apartamento e entregar as chaves à imobiliária.

A pandemia da covid-19 chegou avassaladora e nos arremessou para uma vida que não estava em nossos planos. Não escrevemos estas linhas. Não desejamos escrevê-las. Mas elas estão aí, fazendo parte da nossa história. As palavras da pandemia nos pertencem. Alguém foi capaz de sair disso sem ser transformado? Eu, sinceramente, não tenho essa resposta. Mas sobre mim posso dizer. De novo, outro fato marcante na minha vida me modificou para sempre. Não mudei só fisicamente. Engordei cerca de 12 quilos no intervalo dos dois anos mais sérios da pandemia. Desenvolvi melasmas no rosto devido ao excesso de exposição sem proteção à luz do computador, onde passava 12, 14 horas por dia entre revisões, aulas, lives e reuniões. Quando a vida foi voltando ao “normal”, recontecendo presencialmente nos espaços, eu já não me reconhecia. Precisei me readaptar às roupas, aos sapatos, ao sutiã. Ao convívio com as pessoas, à ausência do medo de viver novamente. Sentir medo é muito ruim. Mas desaprender a sentir medo é estranho. A pandemia me obrigou a me reeducar e, nesse caminho, ainda sou uma andarilha errante.

Cursei, então, o mestrado de maneira remota, o que me permitiu algumas experiências maravilhosas impensadas na realidade presencial. O estágio docente, por exemplo, que realizei

por três períodos na companhia do meu orientador, foi um momento bastante marcante da minha formação. Mesmo estando *on-line*, consegui ser bolsista Capes por 14 meses, o que me permitiu aproveitar todas as oportunidades possíveis do grupo de pesquisa e de outros estudos, cursos e palestras. Tive o prazer de organizar e publicar um livro, junto com o Aristóteles e a amiga doutoranda do Programa, Janaína, que reuniu extratos das pesquisas desenvolvidas no Grupo de pesquisa Estudos Freireanos Contemporâneos e Currículo (FRECON/UFRRJ). Livro, físico e virtual, de muita beleza e potência criadora que tem seguido seu caminho com a responsabilidade de manter vivo o legado freireano.

Também no ano passado, descobri uma anemia profunda, diagnostiquei tardiamente um TDAH, comecei a fazer terapia, acompanhamento psiquiátrico e atividade física para o controle da insônia, principalmente. O desejo da perda de peso se tornou secundário na minha vida pela primeira vez. Senti na pele a necessidade de cuidar de mim, da minha saúde.

Quando já estava me adaptando a uma rotina, algo difícil para quem tem TDAH, recebi uma proposta para trabalhar numa escola pública, com contrato, perto da minha casa. De novo, olhei para o céu buscando aprovação da promessa que faria a mim mesma. Só aceitaria o cargo se o horário se encaixasse com a minha rotina e a do Murilo, dividida entre escola, mestrado, judô, natação, academia, terapia, consultas médicas. Mais uma vez, tive como resposta a solução para o problema que eu criava. Os horários disponíveis da escola eram exatamente os meus horários disponíveis. Fiquei com três turmas de 8º ano, dividindo os tempos de aula entre gramática e produção textual.

Trabalhei no ano de 2022 com 65 alunos, cuja idade girava em torno de 14 e 16 anos. Fui, inicialmente, para um período de 2 meses, mas lá fiquei até concluir o ano letivo. A experiência recente na Escola Paroquial do Loteamento Samambaia representou para mim o golpe final. Eu me rendo. Eu não presto para outra coisa. Sou revisora, gosto do trabalho da revisão, tenho retorno financeiro dele, acredito que o realizo com dedicação, empenho e sucesso, driblando, inclusive, o “superávit” de atenção do meu TDAH. Mas meus olhos brilham mesmo dentro da escola. Especificamente, quando piso no chão da escola pública. Eu sinto que só consigo ser eu mesma dentro da escola. Ironicamente, eu amo aquilo que eu não posso ter. Pelo menos por enquanto não. Mas nesse meu caminho errante, não me surpreende mais que as coisas aconteçam desse jeito. No entanto, se “quando tudo dá errado a única coisa que pode acontecer é começar a dar certo”, eu sinto que o meu momento está próximo. Será que é a fé falando por mim, enquanto espera uma piscadela de confirmação do universo? Pode ser que seja. Ou é só o cansaço da espera me oferecendo uns segundos de devaneio. O fato é que não existem garantias de que eu consiga me realizar profissionalmente em breve.

Enquanto isso, eu vou aceitando as situações que surgem no meu caminho, lidando com elas do jeito que posso. “Ame o que te acontece” me ensinou um dia o meu orientador a respeito de uma proposta existencial de Nietzsche. “Manda quem pode, obedece quem tem juízo” e assim tenho seguido.

Sobre esta experiência recente na escola, preciso dizer que ao longo dos meses em que dei aula, construí uma relação de afeto com meus alunos que vou carregar para a vida toda. O retorno às atividades presenciais foi muito traumático para a escola. Crises de ansiedade, depressão, automutilação, a escola recebeu dos alunos uma bagagem para a qual não estava preparada. Crises de choro em sala de aula. Pedidos de abraço para se acalmar. Alunos que se sentavam ao lado da mesa do professor só para ter onde encostar a cabeça, pedindo colo, querendo um carinho, um gesto, uma palavra, um olhar sequer que pudesse lhes dizer alguma coisa.

Foram muitas as nossas conversas sobre a vida de verdade. Sobre a vida que não cabe nos currículos. E isso nos possibilitou construir laços. No cotidiano da escola, eu tive, novamente, a possibilidade de reinventar Paulo Freire e Manoel de Barros.

E, agora nesse início de 2023, fui recontratada temporariamente para dar Redação aos alunos do 9º ano. Tenho novamente a possibilidade do reencontro com meus alunos de 2022. Além das novas turmas de 8º e 7º anos que assumi. Enquanto o concurso realizado no ano passado não avança, em cuja lista de espera está o meu nome, eu seguirei fazendo o que mais amo enquanto a vida assim me permitir. Não tem sido do meu jeito, como eu gostaria que fosse, como eu um dia sonhei e acreditei que seria, como escrevi nas linhas tortas da minha história. Mas está sendo do jeito que é possível no momento. E estar sendo é o que importa agora.

A escola pública é onde eu quero estar, hoje. É nela que consigo *Ser Mais*, como idealizou Paulo Freire. O trabalho diário nela, de formiguinha, muitas vezes, tão desvalorizado e invisível, é o trabalho que eu quero para mim. É o que eu tenho tentado encontrar nas estradas por onde passo. Sei que sozinha não posso muito, mas não me sinto sozinha na escola. Sabemos das suas limitações, sobretudo quanto às responsabilidades do poder público. Mas as práticas docentes, subversivas e criadoras de boniteza, no sentido freireano, humanizam o cotidiano escolar.

E humanizar tem a ver, nesse contexto, com a complexidade de tudo o que é humano. A escola, onde mais me realizo, é também, ainda, o local que mais me despedaça. Eu “volto de sarjeta para casa”, no dizer barroseano, quando sei de uma aluna que sofreu violência sexual e, ao pedir ajuda e denunciar o abuso, foi desacreditada pela família. Ou quando um aluno falta no dia de uma confraternização, porque o avô não conseguiu o dinheiro para comprar o

refrigerante que ele havia prometido levar. Ou, ainda, quando um aluno negro quase desmaia no calor por não tirar o casaco que usa para esconder as manchinhas que tem na pele do pescoço. Essas coisas me “diminuem para cisco”, me fragmentam, me deixam inquieta e me fazem, contraditoriamente, não querer mais desistir. Como a gente pode não querer desistir de algo que também nos machuca? Olha aí a complexidade do ser humano destampada, aberta, pulsante, sangrando. A escola é um recorte do mundo. Ela também é o mundo. Faz parte dele, é uma peça do seu quebra-cabeças. E, eu, que não consigo existir na superfície das coisas, desejo estar mergulhada nestas experiências potencialmente transformadoras.

“O desejo é o ensaio da ação” li em algum lugar que já não lembro qual. E enquanto o desejo existe na gente, a ação é uma possibilidade concreta de realização. Assim que tenho pensado sobre a minha ausência ou presença na escola. Ainda desejo estar na escola. E isso, por enquanto, tem sido o suficiente na manutenção dos meus sonhos.

Chego em 2023, concluindo o mestrado em educação, sendo professora em uma escola pública e olhando para a vida que ficou para trás com alguma incredulidade. Se tudo o que eu planejei tivesse dado certo, onde eu estaria agora? Muito provavelmente em outro espaço-tempo que não o mestrado em Educação da UFRJ. Provavelmente, eu não estaria na escrita desse texto. Outras palavras me seriam. Não estas de agora.

Então faço estas reflexões de apresentação para chegar aqui e dizer que eu disse isso tudo justamente porque não tenho nada a dizer. Contraditório, irracional, até. Mas é a verdade dos fatos e eu não controlo os fatos. Não tenho uma história emocionante, bonita ou até linear para narrar, nem muitas histórias sobre minha formação e atuação. Sou um alguém de muitas palavras e quase nenhum currículo. Tenho uma lista de desistências e fracassos bem mais extensa do que a de conquistas e realizações. Mas, hoje, escolho encará-la como marcas da minha história. São as linhas que escreveram quem eu sou, quem eu estou sendo. Cheguei até aqui porque erreí muito mais do que acertei. Péssima, desde sempre, em matemática, a história da minha vida tem essa equação. Para cada acerto eu tenho uma soma grande de erros.

Essa sou eu. A aluna, mestrande e orientanda do professor Aristóteles, a leitora de Paulo Freire e Manoel de Barros, a mãe do Murilo, a esposa do Chiquinho, a irmã da Mariana, a filha do Waltinho e da Maria das Graças, a professora que está sendo, a revisora que precisa ser, a dona da cabeça cheia de inquilinas que só pensam inutilidades, “o rascunho de um sonho, um minhocal de pessoas, desertos de muitos eus”, citando Manoel de Barros.

E, nesse minhocal de gente, eu me encontro perdida, porque me mantenho à procura. Continuo à procura de mim mesma nas palavras que me foram, são e serão. E, nesse exercício, que é também de memória, volto a pensar na inicial questão inútil geradora deste texto.

Não me interessa saber a resposta da pergunta. Sobre ela eu tenho, na verdade, uma outra pergunta. Por que cargas d'água ela se tornou uma questão para mim? No fundo, eu não quero saber se Paulo Freire e Manoel de Barros gostariam do meu texto, da minha escrita e da relação criativa que estabeleço para os dois. Considero isso pouco importante, não porque não me realizaria uma aprovação dos dois, mas porque, conscientemente, sei que jamais terei esta resposta, por razões óbvias. O que eu quero, então, com esta dissertação? O que tem, então, de mim mesma nesta pergunta? Não falo sobre os objetivos formais da pesquisa. Falo como gente. Como alguém inútil, despreendida, nesse momento, de qualquer tentativa acadêmica ou utilitária de narração.

Então, faço a “arqueologia do meu pensamento” e, nesse caminho, chego novamente à figura do meu pai. Será que a minha dificuldade de encarar a feitura desse texto, que evitei até o último segundo possível, tem a ver com ele? Como? Por quê? Nos últimos meses, me tornei fugitiva. Escorregadia, evitei olhar nos olhos das palavras, porque não queria mais sê-las. Não queria mais me enxergar nelas. Não queria mais pensar em coisas que só existem para mim.

Hoje penso que fugi porque tive medo. Esse medo, muitas vezes irracional, que faz parte da vida da gente. E eu nunca senti tanto medo quanto quando eu perdi meu pai. Essa é a primeira resposta que eu encontro. Esse revisitar de fatos e sentimentos me trouxe uma identificação do medo de outrora com o medo de agora. Mas medo de quê? Medo do fim. Medo de terminar esse texto, essa pesquisa, esse curso e não encontrar adiante um sentido de continuidade. Medo de encerrar e de não encerrar. Medo de concluir e de não concluir. Medo de encontrar uma estrada de mais um caminho errante. Não faz sentido nenhum isso. Não faz mesmo. Mas essa é a resposta que encontrei.

Quando pensei se Paulo Freire e Manoel de Barros me aprovariam, na verdade quis perguntar a mim mesma o que faria com a minha aprovação ou até “não aprovação” no mestrado. O que vou fazer a partir daqui? E, no fundo, queria que o meu pai pudesse me trazer essa resposta. O que, de novo, não faz sentido. Eu sou alguém que não faz sentido. Mas acho que me vejo muito no meu pai. Na superfície, não éramos tão parecidos. Nas profundezas, éramos iguais. E o seu olhar me dizia isso. Me disse isso tantas vezes. Na impossibilidade de me encontrar nas palavras, me busquei no olhar do meu pai, naquele olhar silencioso que a minha memória registrou. E passei a procurar nele a resposta para o que sou e para o que preciso ser.

O meu movimento de fuga aparece agora para mim como a procura e a recusa, simultâneas, do sentido utilitário do mestrado. Qual é a utilidade do mestrado para alguém que

é só “rascunho de um sonho”? Essa é a pergunta que evitei e para a qual eu não tenho nem esboço de resposta.

Só sei que busquei trazer para esta pesquisa alguma beleza. Escrever é uma espécie de nudez para mim. Me sinto exposta quando escrevo e sei que serei lida. Nua, despida, desarmada, desprotegida. Até a escrita formalmente acadêmica me provoca esta sensação. Estou procurando, então, no meu pai a proteção que a escrita me rouba? Pode ser, também. O fato é que o mestrado chega agora ao seu fim. Não sei o que farei depois. O que farei deste texto. Desta experiência. O que farei de mim mesma. Como eu jamais soube o que fazer quando perdi de vista o olhar do meu pai. E, ainda assim, eu fiz muitas coisas. Inclusive, enfrentei, neste texto, a dura tarefa de me procurar (e não me achar). Mas agora entendo, com ele, que a busca me manteve caminhando. Nesse meu caminho errante, sou uma andarilha fascinada sonhando ser, um dia, fascinante.

Todos os caminhos – nenhum caminho
Muitos caminhos – nenhum caminho
Nenhum caminho – a maldição dos poetas
Manoel de Barros

(À procura de) Talita Cabral

AMARRAR O TEMPO NO POSTE: PALAVRAS INTRODUTÓRIAS

*Ele sabia que as coisas inúteis e os
homens inúteis
se guardam no abandono.
Os homens no seu próprio abandono.
E as coisas inúteis ficam para a poesia.
Manoel de Barros*

Não é de hoje que a literatura é tida, de modo geral, como um campo do saber menor, menos importante, pouco necessário ou mesmo “inútil”. Historicamente, se observarmos os períodos de guerras ou ainda a maneira como as sociedades autoritárias foram construídas, perceberemos como a literatura, por meio do objeto que lhe dá vida – o livro –, foi barbaramente atacada e eliminada das inúmeras possibilidades de experiências e vivências, individuais e coletivas. Não é raro encontrarmos narrativas de queima de livros e perseguições a poetas, escritores, e mesmo professores, em períodos cuja desumanização e crueldade se mostraram generalizadas, como foi o caso da Segunda Guerra Mundial, por exemplo. Em contrapartida, ainda que o discurso seja em torno do desmerecimento desta área específica do saber, o que notamos é que ela possui, na verdade, um potencial transformador e subversivo bastante considerável, e, talvez por isso, seja constantemente alvo de tantos ataques e desqualificações.

O livro *Quando os livros foram à guerra: as histórias que ajudaram os Aliados a vencer a Segunda Guerra Mundial*, de Molly Guptill Manning (2015), traz uma abordagem sociológica muito interessante acerca de como a leitura de livros de diferentes gêneros e assuntos puderam transformar, de forma bastante positiva, a experiência da guerra para inúmeros cidadãos estadunidenses que se alistaram, de um dia para o outro, e precisaram encarar de frente o horror, o medo e o obscurantismo. O inimigo enfrentado pelos Estados Unidos na época – a Alemanha de Hitler – havia acabado de queimar, em praça pública, cerca de mais de 100 milhões de livros, além de obrigar os cidadãos a se desfazerem de outros tantos da mesma forma: com sua total destruição (MANNING, 2015). Nesse contexto de completo absurdo:

Estava claro que se tratava de uma guerra que ia muito além das trincheiras – para vencê-la, seria necessário recorrer à força das palavras. E foi isso que os Aliados fizeram. Milhões de livros foram coletados e chegaram às mãos dos soldados que enfrentavam os alemães nos campos de batalha. [...] Tocados pelo conforto que os livros prestavam em tempos tão obscuros, os soldados encontravam disposição para escrever aos autores e agradecer a inspiração que suas histórias lhe traziam. Foi por meio desses leitores improváveis que clássicos da literatura como *O grande Gatsby* ganharam fama e respeito (MANNING, 2015, texto de orelha).

Assim, os livros foram peça fundamental para não só ajudar os Aliados a derrotarem o Nazismo, como para trazer luz e esperança em uma realidade marcada por preconceito, ódio, intolerância e crueldade, que se desenvolveu, também, inicialmente, no campo das ideias, a partir

da obra-prima do Nazismo (cuja circulação é, atualmente, proibida no Brasil): o *Mein Kampf*, livro de Adolf Hitler.

Desse modo, é importante notar a potência da literatura, da leitura e do livro, enquanto materialização de ideias e ideais, na construção e desconstrução de inúmeras realidades possíveis, imagináveis ou não, e, até mesmo, aceitáveis ou não. Muitas situações que vivemos, presenciamos e sobre as quais nos indignamos, ganham vida, em primeiro lugar, no campo das ideias, e, nesse aspecto, a literatura assume um papel bastante singular.

Trazendo esta abordagem para o contexto nacional contemporâneo, vale ressaltar que, no Brasil, a literatura não está livre de ataques e desmerecimentos, mas estes seguem sendo feitos de maneira mais “velada”, ou “disfarçada”, poderíamos dizer. Não presenciamos a queima de centenas de livros em praça pública, como foi feito no passado, mas temos notícias, não tão raras, de proibições, silenciamentos, anulações e perseguições que nos fazem insistir na ideia de que esta é, desde sempre, uma arma bastante poderosa, uma vez que estremece e provoca rachaduras na estrutura de poder dominante.

Em 2016, no governo de Michel Temer, a Medida Provisória (MP) 746 (BRASIL, 2016) trouxe como proposta principal a reformulação da grade curricular do Ensino Médio. A partir desta MP, a “Política de Fomento à Implementação de Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral (EMTI)” foi instituída pela Lei Federal 13.415 (BRASIL, 2017), em 2017, e estabeleceu, dentre outras coisas², o ensino facultativo da literatura para este segmento. Assim, como a Lei coloca a literatura no campo das “Linguagens”, direcionando-a aos 40% de disciplinas optativas, a BNCC, que se dedica a regulamentar os outros 60%, não trata de maneira direcionada e específica deste importante campo do saber, mas o coloca de maneira “genérica” em toda a sua proposta, como algo pertencente ao termo “cultura”, por exemplo. Ora, não é necessário queimar livros em praça pública para inviabilizar seu acesso e sua disseminação! Basta criar uma Lei que assim o faça. Afinal, a educação deve servir (como o poder público tem demonstrado acreditar e como se tem praticado, em alguma medida) como formação de mão de obra qualificada para o mercado de trabalho, e, por esta razão, deve buscar a difusão de saberes e conhecimentos que sejam “úteis” a este propósito.

Nesse sentido, é interessante para as classes dominantes que a literatura se mostre ineficiente, inútil e sem lugar. Isso justifica seu silenciamento. É importante observar como justamente as áreas que mais fomentam o pensamento e o espírito crítico (e aqui lembramos também do abandono pelas políticas públicas do ensino da Filosofia e da Sociologia, por

² Interessa para esta reflexão somente o que diz respeito à modificação relacionada ao ensino de Literatura, em específico, e, por esta razão, as demais alterações propostas não serão mencionadas.

exemplo) são as que não servem para o projeto de educação atual. E isso é, no mínimo, inquietante. Por que não abrir espaço para campos que nos ajudem a ter novas e críticas percepções da realidade? Talvez, porque, entendendo-a criticamente, sejamos capazes de modificá-la, de mexer em suas estruturas que são, desde sempre, desiguais.

De forma ainda mais específica, e que interessa à abordagem deste trabalho, a poesia assume completamente o rótulo da inutilidade destes tempos. Isso porque não temos, hoje (tivemos em algum momento? Questionamos...), o tempo livre do qual ela necessita para existir. Vivemos em uma época de aceleração e cobrança produtiva constantes, em que a rapidez do acesso à informação, por meio de inúmeros meios, não nos permite fazer tudo com a rapidez suficiente para que nos sobre tempo. Pelo contrário, o que notamos é, cada vez mais, o estreitamento dos dias, das horas e do tempo dito “livre”. São tantas as demandas do mundo moderno que 24 horas por dia parecem não dar conta. Talvez o intuito seja o de nos fazer viver como máquinas, que apenas produzem, produzem e produzem, e, que, ao produzirem sem cessar, não possuem tempo para pensar, e menos ainda para lutar por novas formas de (re)existência.

Essa forma contemporânea de existir, feito máquina, traz, no entanto, algumas consequências em torno, inclusive, do que podemos entender como saúde e qualidade de vida e nos afasta, pelo óbvio, de nossa vocação ontológica para a humanização, como bem sinalizou Paulo Freire. Objetificados, não estamos sendo tudo o que podemos ser e não alcançamos a consciência necessária acerca dos mecanismos que nos oprimem, inviabilizando, assim, a nossa busca pela libertação.

Desde 2020, quando vivemos o momento mais sensível da pandemia da covid-19, que colocou em xeque toda essa busca incessante pela produtividade em tempo integral e nossas formas de ser e estar presentes no mundo, alguns questionamentos ganharam força. Entretanto, se pensamos, inicialmente, que o alto índice de mortalidade da doença nos faria repensar e modificar a nossa existência no mundo e nossa relação com os outros e com a natureza, revendo valores, importâncias e prioridades, olhando de outra maneira para a vida e suas possibilidades, nos enganamos completamente. Infelizmente.

O consumo desenfreado, a aceleração e o excesso de produtividade impostos pelo capitalismo foram sim, de início, questionados. Chegamos até a acreditar que seríamos capazes de uma ruptura de comportamento, pois vimos a sociedade que “não pode parar”, parando. Ao menos em muitas partes do globo ela parou. Parou para assistir ao próprio desastre: enquanto produzimos sem parar, não temos tempo para cuidar de nós mesmos e do nosso planeta. Enquanto aceleramos a nossa presença no mundo, não somos capazes de repensar a nossa

existência nele. Mas as notícias de lá para cá desmontaram, pouco a pouco, a expectativa que tínhamos nessa direção.

Em novembro de 2020³, um morador de rua morreu dentro de uma padaria, em Ipanema, na Zona Sul do Rio de Janeiro. A notícia poderia ter passado despercebida, ou nem ter virado notícia se não fosse por um “detalhe”: a padaria continuou em pleno funcionamento mesmo após o ocorrido e enquanto o corpo ainda não tinha sido retirado do local. As imagens que circularam são chocantes. Pessoas saboreando seus cafés, funcionários realizando seu trabalho e o corpo esticado no chão coberto por um saco plástico preto, desses que usamos para colocar lixo. Um ser humano, sem vida, descartado, “jogado fora”, no lixo, estava ali debaixo dos olhos de pessoas que não podiam parar as suas vidas para um “assunto tão irrelevante”. Aquele corpo, “sem lenço, sem documento”, sem vida, estava ali somente “atrapalhando o sábado”, “atrapalhando o tráfego”. Não era digno de nada. Nenhuma pausa. Nenhuma comoção. Nenhuma compaixão. Nenhum gesto. Nenhum respeito. Sequer seu “um minuto de silêncio”.

Em agosto de 2021⁴, uma jovem moça de 31 anos passou mal em uma pista de dança enquanto comemorava a despedida de solteira de uma amiga, em Guarulhos, na Grande São Paulo. Mais uma vez, um “pequeno detalhe”: enquanto era socorrida pelos bombeiros, algumas pessoas filmavam o ocorrido, a banda não parou de tocar e os demais não pararam de dançar. A moça não resistiu e faleceu no local. E o “baile seguiu”, como falamos na linguagem popular. O estabelecimento não tinha ambulância e nenhum atendimento de urgência, e alegou, após o ocorrido, que não “tinha obrigação” de prestar socorro, pois não era uma casa de show e sim somente um bar que tocava música ao vivo.

Em janeiro de 2022⁵, o fotógrafo suíço René Robert, de 85 anos, conhecido por retratar algumas das estrelas de flamenco mais famosas da Espanha, desmaiou em uma rua de Paris e faleceu, de hipotermia, depois de ficar 9 horas no chão esperando ajuda. Por 9 horas seu corpo ficou ali, no meio do caminho, como um obstáculo, sendo desviado por pessoas apressadas demais, certamente, para percebê-lo. Até que um morador de rua chamou o socorro, quando, infelizmente, já era tarde demais. Somente um morador de rua percebeu a súplica daquele corpo imóvel na calçada num frio dilacerante. E isso é bastante simbólico. Será que só um invisível é

³ Notícia disponível em: <https://extra.globo.com/noticias/rio/morador-de-rua-morre-em-padaria-no-rio-que-continua-aberta-ate-corpo-ser-recolhido-24772170.html#:~:text=20%2018%3A40-,Morador%20de%20rua%20morre%20em%20padaria%20no%20Rio%2C%20que,aberta%20at%C3%A9%20corpo%20ser%20recolhido&text=Um%20morador%20de%20rua%20morreu,horas%20at%C3%A9%20que%20fosse%20recolhido>. Acesso em: 09 fev. 2022.

⁴ Notícia disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/em-meio-pandemia-mulher-passa-mal-em-festa-morre-samba-nao-parava-de-tocar-diz-amigo-video-25166054>. Acesso em: 09 fev. 2022.

⁵ Notícia disponível em: <https://www.otempo.com.br/mundo/fotografo-morre-de-frio-apos-cair-em-rua-de-paris-e-ser-ignorado-por-9-horas-1.2604597>. Acesso em: 09 fev. 2022.

capaz de enxergar o outro? Mas, se caminhamos com tanta pressa, e não nos enxergamos, quem pedirá socorro quando nós, invisíveis para os outros, estivermos no chão?

São essas três notícias, que trazem existências, situações e locais diferentes, selecionadas de tantas outras igualmente impressionantes, que nos fazem pensar sobre o que estamos fazendo. E essa é a pergunta que se repete em *looping*: “O que estamos fazendo?”. Não é possível que existimos para isso. Não é possível que nossa vida siga com ares de normalidade enquanto ignoramos tanto, de tantos modos e por tanto tempo, outras tantas vidas. A realidade é inacreditável. Mas, longe de ser *fake news*, é inacreditável, porque é cruelmente verdadeira.

Essas situações cotidianas, nem tão raras assim, nos fazem refletir sobre o nosso lugar no mundo e sobre o peso da nossa existência nele. Estamos aqui para fazer o quê, afinal? Para produzir, desmatar, ignorar, desprezar, somente? Certamente, a vida, em toda a sua complexidade, nos exige e espera de nós mais do que isso.

Então, nos lembramos de Paulo Freire e do sentido que sempre atribuiu à vida, à natureza e às pessoas. Porque a nossa humanização, que ele sempre defendeu como uma vocação existencial e histórica, é urgente nesses tempos. Feito objetos, seguimos nos comportando, socialmente, como seres inanimados que não sentem, não se emocionam, não se encantam, não se afetam, não se entregam aos gestos, ao amor, à boniteza, à poesia. A ética e a estética precisam pertencer à nossa lista de prioridades. Existimos para isso: para fazermos do mundo um lugar “menos feio, menos arestoso, em que se possa amar”, como sonhou o nosso mestre (FREIRE, 2020a, p. 57).

Por esse motivo, precisamos também refletir acerca do nosso controle sobre o tempo. Sobretudo sobre o tempo de vida que vendemos enquanto somos excessivamente produtivos. Sutilmente, o capitalismo tem nos convencido de que a vida se resume aos verbos trabalhar, produzir e acumular. Quanto mais tempo você dedicar a essas ações, melhor. Melhor para quem ocupa os lugares de privilégio, no caso. Para quem verdadeiramente lucra com esse tempo de vida que vendemos, ou até mesmo “doamos”, muitas vezes.

Aos poucos, vamos deixando de ter tempo para aquilo que, aos olhos do capitalismo contemporâneo, parece inútil. Vamos passando a não ter tempo para a família, os passeios, os estudos, ir ao médico, fazer exercícios, estudar, ler e, menos ainda, ficar à toa. Até que chegamos ao dia em que não temos tempo para socorrer um idoso na rua, ou uma garota em uma festa, ou para parar o que estamos fazendo para, ao menos, respeitar um corpo desconhecido estirado sem vida no chão.

Assim, sem perceber, ao nos desviarmos de corpos no chão, pulando-os como se fossem somente obstáculos do nosso cotidiano, nos distanciamos de nossa humanização. Deixamos de

existir como gente, pouco a pouco. E não controlamos mais o tempo de vida que é nosso, ou ao menos deveria ser. Vamos nos afastando da nossa possibilidade de *Ser Mais* e da boniteza que é existir. Sequer uma pandemia letal nos fez parar. Nem a morte “destampada”, como diria Manoel de Barros, tem sido capaz de nos fazer reduzir o ritmo frenético da vida contemporânea.

Nesse sentido, a poesia é como um antídoto ao determinismo da cadeia utilitária em que “parece que o sentido de todas as coisas e pessoas que se encontram no mundo, o sentido inclusive de nós mesmos, é sermos instrumentais para outras coisas e pessoas” (CICERO, 2012, p. 13). Isso porque a poesia exige tempo. Não é possível apreciá-la *en passant*⁶, como acontece com as demais artes. Ela requer tempo; um tempo livre que nos tem sido negado.

Em entrevista concedida à revista *Caros Amigos*, em 2008, quando questionado sobre a vida, Manoel de Barros respondeu: “O tempo só anda de ida./ A gente nasce, cresce, envelhece e morre/ Pra não morrer/ É só amarrar o Tempo no Poste./ Eis a ciência da poesia: Amarrar o Tempo no Poste!” (BARROS, 2008, s/p).

Uma maneira de não “morrermos em vida”, abandonando tudo o que nos faz e refaz como gente, é, então, amarrar o nosso tempo no poste. Entregar à poesia uma fatia do nosso tempo é uma forma de resgarmos a nossa humanização. Porque a poesia, sendo “[...] só uma gota da essência do ser humano” (MÜLLER, 2010, p. 133), “Só presta pra nossa sensibilidade” (p. 163) e, por isso, “[...] humaniza as coisas e vice-versa” (p. 162), sobretudo porque “pensa e reflete o mundo” (CICERO, 2012, p. 21), e, em alguma medida, conhece e revela a dor do ser humano (MÜLLER, 2010, p. 108).

A poesia barroseana, de modo específico, conhece e revela a dor do ser humano, porque o compreende como um sujeito fragmentado diante da dilacerante vida contemporânea.

Manoel de Barros trata da experiência humana em pedaços, feito o pedaço de uma formiga no chão. “Com pedaços de mim eu monto um ser atônito” (BARROS, 2018, p. 36), diz o poeta. Esse sujeito incrédulo e impressionado se desmancha, se desfaz, perde os sentidos também quando lê as notícias no jornal, tais quais mencionamos aqui. Assim como o poeta, assiste atônito à morte da humanidade, à distorção da vocação ontológica de *Ser Mais*. Mas, assim como ele, pode buscar na poesia, a sua unidade existencial.

Assim, ainda que permaneçamos incompletos, inacabados – porque também disso vem a nossa riqueza –, a poesia junta os nossos pedaços, nos faz repensar as importâncias da vida e reescreve o nosso mundo de maneira mais bonita, tal qual “passarinhos em demolição”

⁶ Em tradução literal: de maneira rápida, rapidamente.

(MÜLLER, 2010, p. 43). “O que é feito de pedaços precisa ser amado!” (BARROS, 2019a, p. 28) como se deve “amar o puro traste em flor” (BARROS, 2016b, p. 75).

Sendo assim, não é raro encontrar quem, sem ser dono do próprio tempo, encontre argumentos suficientes para negar o espaço da poesia na vida cotidiana contemporânea. Porque, para a sociedade capitalista, que não pode parar, “a rigor, o poema não serve para nada” (CICERO, 2012, p. 13). No entanto, o que pretendemos aqui é demonstrar que ela só é inútil quando pensamos na manutenção do utilitarismo do capitalismo. Porque a poesia, ao lado de demais manifestações artísticas, que “pensam e refletem o mundo”, é a quem recorremos quando ele parece nos sufocar. Afinal, como seria um mundo (o nosso mundo) sem a beleza da arte e de todas as suas representações?

Manoel de Barros fala sobre a necessidade de transver o mundo pela imaginação, retirando dele as suas naturalidades. Tirar as naturalidades, no contexto dialógico em que se insere esta pesquisa, representa compreender que o mundo pode ser o que escrevemos dele. Freireanamente, como “autores de nossa própria história”, podemos transver o mundo, imaginando-o, e refazendo-o, menos injusto, desigual, arestoso e “odientamente fatalista”. Um mundo em que nossos sonhos sejam possíveis e nossas esperanças nos movam em direção à ruptura dos mecanismos de opressão; destes que nos sequestram o tempo, aniquilam os sonhos e nos roubam de nós mesmos. É por esta razão que “Desfazer o normal há de ser uma norma” (BARROS, 2018, p. 44).

Nesse sentido, tendo em vista tantas questões sensíveis da contemporaneidade, é que pensamos a presente pesquisa. Trazer para o debate o rico pensamento de Paulo Freire, aprofundando a sua leitura a partir da obra inquietante de Manoel de Barros, nos ajuda a refletir sobre inúmeros problemas de nosso tempo. Com Manoel de Barros conseguimos “transver” Paulo Freire. Esse é o lugar, portanto, de onde partimos para as interpretações que fazemos. A nossa leitura de mundo constrói a leitura de palavras desta conversa expressa nas próximas páginas.

Embora Paulo Freire e Manoel de Barros sejam homens do século passado, cujas obras se inserem neste contexto espaço-temporal, há, ainda hoje, uma necessidade de leitura de seus textos e poemas, sobretudo porque muitos de seus problemas permanecem como sendo os nossos problemas. Observando os traços do capitalismo contemporâneo, que nos desumanizam, fragmentam e nos impedem de “amarrar o tempo no poste”, Manoel de Barros e Paulo Freire são nomes necessários, porque confrontam seu discurso fatalista e sua ideologia destruidora.

Sendo assim, os capítulos reunidos aqui são fruto dos diálogos, das trocas, das aulas, das leituras e das inquietações de todo o processo que envolveu e envolve a pesquisa de

mestrado que agora se finda. Metodologicamente, são o resultado de uma pesquisa de caráter bibliográfico, pautada em uma abordagem qualitativa, exploratória, com base na fenomenologia e análise documental, por meio de uma revisão de literatura do tipo narrativa. A pesquisa qualitativa é entendida, nesse sentido, como

[...] aquela que privilegia a análise de microprocessos, através do estudo das ações sociais individuais e grupais, realizando um exame intensivo dos dados, e caracterizada pela heterodoxia no momento da análise. Enfatiza-se a necessidade do exercício da intuição e da imaginação [...] num tipo de trabalho artesanal, visto não só como condição para o aprofundamento da análise, mas também – o que é muito importante – para a liberdade do intelectual (MARTINS, 2004, p. 289).

Desse modo, além de se encaixar nesta conceituação, o estudo se configura como exploratório, devido ao fato de o assunto escolhido – o diálogo entre Paulo Freire e Manoel de Barros – ainda ser pouco, ou nada, explorado. Ambos os autores são objeto de investigação de uma vasta produção acadêmica, no entanto, a fusão dos dois em uma mesma abordagem teórica representa algo inovador para o campo das pesquisas em educação. Desta maneira, a pesquisa exploratória exige uma maior familiaridade entre o pesquisador e o tema pesquisado, devido à escassez de textos que abordem suas questões específicas.

Por esta razão, os textos que materializam esta pesquisa bebem diretamente na fonte de sua fundamentação. Priorizamos a leitura e a abordagem dos livros de Paulo Freire e Manoel de Barros, porque além de serem obras vastas e densas, em diferentes aspectos, o que demanda bastante tempo de estudo e reflexão, entendemos que o objetivo do trabalho assim exigiu. Incluir mais autores nesse diálogo poderia implicar na descaracterização do próprio intuito dialógico. Entretanto, esclarecemos que, em alguns poucos pontos da pesquisa, o(a) leitor(a) poderá esbarrar em posicionamentos, ideias ou até mesmo conceitos de outros pensadores. Tal inclusão, no entanto, não compromete o teor da pesquisa, posto que é feita de maneira conscientemente pontual, quando, no decorrer da escrita, percebemos um espaço que ela pode ocupar por trazer acréscimos ao debate.

Outrossim, a fenomenologia acompanha os procedimentos de pesquisa, tendo em vista seu caráter de oposição ao positivismo, sendo entendida aqui como “aquilo que se mostra” e sobre o qual somos capazes de pensar e refletir (SURDI; KUNZ, 2009).

Com relação à análise documental, por se tratar de uma pesquisa bibliográfica, nos debruçamos na análise e interpretação de consagradas obras, tanto de Manoel de Barros quanto de Paulo Freire, coletando e analisando as informações contidas nelas e que, *a priori*, não receberam nenhum tratamento científico-analítico (PIMENTEL, 2001) da maneira como dispostas aqui.

A revisão de literatura, por sua vez, é do tipo narrativa, tendo em vista que a pesquisadora utiliza critérios explícitos e sistemáticos para a busca e análise crítica da literatura. Nesse sentido,

A busca pelos estudos não precisa esgotar as fontes de informações. Não aplica estratégias de busca sofisticadas e exaustivas. A seleção dos estudos e a interpretação das informações podem estar sujeitas à subjetividade dos autores. É adequada para a fundamentação teórica de artigos, dissertações, teses, trabalhos de conclusão de cursos (TIPOS DE REVISÃO DE LITERATURA, 2015, s/p).

Sendo assim, o primeiro capítulo, intitulado “Esperançar é carregar água na peneira”, trata de alguns aspectos biográficos de Paulo Freire, sobretudo no que diz respeito à infância, trazendo fragmentos específicos de seu pensamento, como as ideias de sonho possível, utopia, inéditos-viáveis, situações-limite e esperança, que adquirem novos sentidos no “devaneio poético” de Manoel de Barros.

O segundo capítulo, por sua vez, intitulado “O elogio do inútil contra o fatalismo neoliberal”, aborda conceitos caros para o pensamento freireano, como a recusa ao discurso e à ideologia neoliberal, a vocação ontológica de humanização, a busca do *Ser Mais*, a consciência do inacabamento e a crítica à educação bancária, encontrando, na poesia barroense – a partir de um protagonismo estético de ruptura que ressignifica inutilidades, belezas e desimportâncias – uma leitura possível que nos faz refletir sobre alguns de nossos problemas contemporâneos.

O terceiro e último capítulo – “Nem reis nem regências: o momento (est)ético da linguagem e a procura do sonho de Guevara” – traça um panorama em que se cruzam as estéticas freireana e barroense, sobretudo quanto às questões de suas linguagens, e suas leituras e visões de mundo acerca do tema da linguagem, enquanto categoria estética e política. Por fim, encerramos a pesquisa trazendo as considerações finais acerca do que foi realizado e do que ainda pode se realizar dentro da temática escolhida e das problemáticas que a envolvem e, ainda, nos dedicamos a pensar sobre a contemporânea necessidade de resgatarmos a nossa sensibilidade a partir de uma experiência da “poética da dor” e da possibilidade de “fechar os olhos” em busca da poesia.

Sendo assim, esta pesquisa tem como um de seus intuitos trazer para o campo educacional uma forma de pensar e ler o mundo e a educação a partir de uma perspectiva inutilitária de existência. Pensando na “utilidade do inútil” (ORDINE, 2016), acreditamos que o aprofundamento da leitura de Paulo Freire e Manoel de Barros, dialogicamente, nos permite compreender a necessidade de romper com a exigência da produtividade exacerbada dos nossos tempos que nos desumaniza e que produz, além de tudo, inúmeras desigualdades sociais, funcionando como mantenedora do *status quo*.

Desejamos, assim, que educadores e educadoras pensem, cada vez mais, a vida a partir da existência de uma “educação poética” e uma “poesia educativa” como construções possíveis, cujos objetivos se traduzam num ideal de ruptura, que, em alguma medida, ao menos questione a aceleração, a desumanização e o discurso fatalista do capitalismo contemporâneo, como pensou Paulo Freire. Que comecemos esta batalha pela leitura, assim como os Aliados fizeram para vencer a Guerra. Ao ler Paulo Freire e Manoel de Barros, que possamos pensar na oportunidade que temos, diariamente, de “amarrar o tempo no poste”, de nos tornarmos “inúteis” e “desimportantes” para o capitalismo e, sobretudo, de nos entregarmos abertamente aos atravessamentos da poesia e do poema.

1 ESPERANÇAR É CARREGAR ÁGUA NA PENEIRA

*Somos assim: sonhamos o voo, mas tememos a altura.
Para voar é preciso ter coragem para enfrentar o terror
do vazio. Porque é só no vazio que o voo acontece. O
vazio é o espaço da liberdade, a ausência de certezas.
Mas é isso o que tememos: o não ter certezas. Por isso
trocamos o voo por gaiolas. As gaiolas são o lugar
onde as certezas moram.*

Fiódor Dostoiévski, no livro *Os Irmãos Karamazov*

Buscando aprofundar a leitura de Paulo Freire e Manoel de Barros, trazemos, neste capítulo inicial, alguns aspectos biográficos de ambos que se relacionam com pontos específicos de suas obras e, conseqüentemente, convergem com suas leituras de mundo.

É importante registrar, antes de prosseguir, que não se pretende trazer aqui nenhuma verdade, que não somente a da beleza que mora nas palavras e visita os pensamentos. Não se busca, portanto, desocultar qual seja a verdade de Paulo Freire nem tampouco de Manoel de Barros.

Do mesmo modo, não se quer comparar ou avaliar sistematicamente ambos os autores e suas obras, nem do ponto de vista objetivo nem subjetivo; nem sobre seus aspectos pessoais e autorais. Não é importante, para esta reflexão, procurar estabelecer conexões que não precisem passar por um esforço de leitura, de mundo e de palavras, e interpretação. O diálogo que se busca aqui é, portanto, uma conversa, cujas semelhanças e diferenças, devido à própria natureza da discussão, são incontornáveis.

Paulo Freire e Manoel de Barros foram homens do século XX. Esta talvez seja a única semelhança evidente e inquestionável a ser considerada. Um foi educador, engajado político, teórico da educação; o outro foi poeta, fraseador, cujo interesse se concentrou no amor pelas palavras e inutilidades. Assim, o diálogo entre ambos requer uma importante observação. Não há indícios de que um autor tenha conhecido ou se influenciado pela obra do outro. E, se tratando, portanto, de pessoas diferentes, com leituras de mundo diferentes, a partir de lugares diferentes, suas experiências e projeções de vida são, também, diferentes. Os aspectos biográficos abordados aqui, e demais projeções, não buscam, portanto, esse lugar de “compatibilidade” entre ambos.

Isto posto, colocamos Paulo Freire e Manoel de Barros para conversar. Das pontas dos dedos que apertam as teclas do computador surge um diálogo entre dois homens que viveram, e escreveram, as angústias e as belezas de seu tempo.

Iniciamos falando sobre Paulo Freire, sobre o “menino que lia o mundo” e que nasceu em uma casa com “[...] quintal, grandes mangueiras de frutas doces, galhos altos e uma sombra amiga” (BRANDÃO, 2005, p. 12). O menino que, antes mesmo de entrar na escola, aprendeu a ler e a escrever rabiscando palavras no chão. A casa em Casa Amarela, na Estrada do Encanamento, 724, no Recife, é cenário de muitas memórias freireanas, assim como outros lugares, que viveu e conheceu.

Não foram poucas as vezes que Paulo Freire lançou mão de suas lembranças de infância para narrar, em seus livros, situações de grande beleza e relevância para a construção do seu pensamento. O primeiro mundo que conheceu (e leu) foi o quintal da casa onde viveu quando criança (FREIRE, 2011, p. 21-22). À sombra de uma mangueira, seus pais o alfabetizaram a partir de suas próprias palavras, de palavras de sua infância, de sua prática como criança, de sua experiência, e não palavras de um universo adulto, alheio à sua experimentação do mundo. “O meu giz, nessa época, eram gravetos da mangueira em cuja sombra eu aprendi a ler, e o meu quadro-negro era o chão”, ele conta a Sérgio Guimarães, no livro *Partir da Infância: diálogos sobre educação* (FREIRE; GUIMARÃES, 2020).

Tal fato foi tão marcante em sua vida que, anos depois, ele propôs esse método para alfabetizar adultos (FREIRE; GUIMARÃES, 2020, p. 31). E não somente. Paulo Freire conta, também a Sérgio Guimarães, que foi nesse tempo, com seus pais e sob o testemunho deles, que aprendeu a experiência do diálogo (p. 34), aspecto vital de toda a sua obra.

No exílio – como confessa em *À sombra desta mangueira* (FREIRE, 2019a) –, ele se deu conta do quanto de seu primeiro mundo ainda estava impregnado em sua vida, suas práticas, suas recordações e, também, suas saudades. A experiência dolorosa do momento, inicialmente totalmente solitário, o fez resgatar muito de sua infância.

[...] de repente, como se fosse um passe de mágica, recuo no tempo e quase me vejo menino no quintal frondoso aprendendo a ler com meu pai e minha mãe, escrevendo frases e palavras no chão sombreado pelas mangueiras. Naquela tarde, como que descobri que saudade que tinha do Brasil, de minha terra, tinha começado a ser preparada na relação que vivera com o meu quintal como primeiro mundo meu. [...] A terra que a gente ama, de que a gente sente falta e a que se refere, tem sempre um quintal, uma rua, uma esquina, um cheiro de chão, um frio que corta, um calor que sufoca, um valor por que se luta, uma carência sentida, uma sobra que maltrata a carência, uma língua que se fala em diferentes entonações. A terra por que se dorme mal, às vezes, terra distante, por causa da qual a gente se aflige tem que ver com o quintal da gente, tem que ver com esquinas de ruas, com os sonhos da gente (FREIRE, 2019a, p. 41).

Com muita boniteza, Paulo Freire detalha a sua saudade não só de seu país, tão distante naquele momento, mas também de um tempo passado que se faz ainda presente em sua vida por meio de suas memórias afetivas. Homem feito, no exílio, ele constata que a saudade do Brasil não é exatamente, ou somente, geográfica, mas sim uma saudade de menino. Uma

saudade de um tempo-espaço que o formou e o marcou por toda a vida. Um tempo que lhe ensinou a ler o mundo (e sua terra, portanto) e a compreendê-lo, apesar de suas contradições, como um espaço de “sonhos possíveis”. Um tempo que lhe ensinou a amar “[...] o mundo, as pessoas, os bichos, as árvores, as águas, a vida” (FREIRE, 1997 *apud* FREIRE, A.M.A., 2017, p. 36).

Sua relação com a infância é tão íntima que ele conta que, mais velho e andando por diferentes lugares, as sombras ainda o atraíam em diversas ocasiões e que sempre as procurava para estudar. “Sombra e luminosidade, céu azul, horizonte fundo e amplo dizem de mim. Sem eles, sobrevivo mais do que existo. Minha biblioteca tem algo disto. É, às vezes, como se fosse a sombra de uma mangueira” (FREIRE, 2019a, p. 26).

No excerto acima, possível perceber que Paulo Freire não deixou de ser menino, portanto; de tal modo que ele só reconhecia a própria existência quando alicerçada na reprodução aproximada de suas experiências de infância. Sua viúva – a quem chamava carinhosamente de Nita – conta, na biografia que escreveu, que a “alegria menina [...] norteou a sua vida até o dia de sua morte” (FREIRE, A.M.A, 2017, p. 561).

Sobre isso, resgatamos Rubem Alves (2014), para dizer que “[...] o tempo é apenas um fio. Nesse fio vão sendo enfiadas todas as experiências de beleza e de amor por que passamos. Aquilo que a memória amou fica eterno”, para pensar na maneira como a memória freireana é construída em toda a extensão de sua obra. O que Paulo Freire amou, a beleza do que viveu está presente em todo o organismo do que desenvolveu como o grande educador que se tornou. É quase impossível, tanto quanto desnecessário, separar suas memórias – portanto, sua biografia – de sua escrita. E as passagens mais estéticas, de mais beleza e poesia, sem dúvida, se encontram nessas revivências.

O “saber da experiência feito”, conceituado no livro *Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do oprimido* (FREIRE, 2020a, p. 39), é, também, uma prática freireana. Como poderia se abster de narrar os fatos marcantes de sua vida que o constituíram como sujeito, histórica e socialmente, e que se traduziram, em tantos momentos, como seus “saberes de experiências feitos”? De forma muito coerente, a teoria e a prática freireanas se aproximam. Pensar freireanamente requer pensar no estreitamento dos laços entre o que se diz e o que se faz (FREIRE, 2020a, p. 111). E, ainda, pensar na potência pedagógica existente em experiências, diálogos, memórias, bonitezas, sonhos, utopias e, como não poderia ser diferente, amorosidades.

Ele mesmo se diz um sujeito que amou profundamente o mundo, como mencionamos em passagem anterior. E nesta rede de amorosidade coube uma parcela de amor ao seu país.

Amou o Brasil, ainda que tenha sido perseguido e preso nestas terras. E, depois, exilado em terras tão distantes por tantos anos. Amou seu país profundamente, mas não ingenuamente, como entenderam as críticas que recebeu. Tinha perfeita consciência de que a terra que amamos é também a terra pela qual devemos lutar, porque a mesma terra da “boniteza de águas [...], de rios, de praias de vales, de florestas, de bichos, de aves” (FREIRE, 2019a, p. 43) é a terra da “[...] dor de milhões, é fome, é miséria, é esperança também de milhões igualmente famintos de justiça” (p. 42). Assim, longe de uma idealização romântica de país, Paulo Freire amou-o sem perder, também, sua indignação, sobre a qual dedicou um de seus livros (FREIRE, 2019b).

O amor que nutria pelo país fez com que, em grande medida, pudesse encontrar aqui seu “sonho possível” de esperança. O “existenciar-se ético-político-pedagógico” de Paulo Freire é indissociável dos sonhos, das esperanças e das utopias de um mundo melhor, mais justo (FREIRE, 2020b).

No sonho freireano, ganhamos consciência de nosso papel enquanto sujeitos éticos, históricos e sociais, o que nos torna capazes de alcançar – se desejarmos – a utopia libertadora, conquistada, sobretudo, por meio de ações movidas pelos sonhos.

É “a existência humana que permite, portanto, a denúncia e o anúncio, a indignação e o amor, o conflito e o consenso, o diálogo ou sua negação com a verticalidade de poder”, afirma Nita Freire na apresentação do livro *Pedagogia dos sonhos possíveis* (FREIRE, 2020b, p. 14-15). Ou seja, a partir das tensões que se estabelecem nos paradoxos, nas contradições, que nascem os *sonhos coletivamente sonhados*; é por meio dessas fissuras entre as complexidades da vida em sociedade que se inserem as possibilidades de mudanças, de superação das condições, tantas vezes injustas, que se colocam em nossos caminhos.

Sendo assim – é importante ressaltar – nossas contradições e nossos problemas não podem ser vistos de maneira fatalista. O futuro não é inexorável, predeterminado, imutável, mas, historicamente, é problemático (FREIRE, 2020b, p. 69). Entretanto, é, também, um horizonte de possibilidades. E nessas possibilidades devem residir os nossos sonhos.

Paulo Freire nos convida a sonhar e lutar para que os sonhos impossíveis de hoje se tornem os sonhos possíveis de amanhã. “Mudar é difícil mas é possível” (FREIRE, 2020b, p. 210), ele diz, e podemos completar: é também necessário e urgente.

Na *Pedagogia do oprimido* (FREIRE, 2019c), ele fala sobre a importância da superação das “situações-limite” na conquista do chamado “inédito viável”. Ao mencionar o autor Vieira Pinto (1960, p. 284 *apud* FREIRE, 2019c, p. 125), Paulo Freire nos esclarece que as “situações-limite” não são – ao contrário do que poderia sugerir o termo – a fronteira insuperável das

possibilidades, além da qual nada mais existe, mas sim a margem real onde elas começam, a partir de onde é possível imaginar realidades diferentes, reparadoras de injustiças.

As “situações-limite” não são, portanto, em si mesmas, responsáveis pela desesperança, mas a percepção que podemos ter delas em determinado momento pode representar uma barreira a partir da qual acreditamos, equivocadamente, nada ser possível de se mudar. Então, é necessário adquirir uma consciência crítica para se perceber que é a partir da ação humana sobre a realidade concreta – que nos é dada historicamente de maneira não determinista e em que se dão as “situações-limites” – que os “inéditos viáveis” se tornam realizáveis (FREIRE, 2019c, p. 126-130).

O “inédito viável” é a “esperança histórica”, a “fronteira entre o ser e o ser mais” (FREIRE, 2019c, p. 130), que se delinea a partir da nossa conscientização sobre o nosso “existir” e “existenciar-se”. Não estamos, somente, no mundo, mas nele atuamos e intervimos, como “seres da práxis” (FREIRE, 2019c, p. 167), modificando suas estruturas, fundamentadas, desde sempre, histórica e socialmente, em pilares desiguais.

Assim, “é impossível existir sem sonho” (FREIRE, 2020b, p. 49) e “[...] não há mudança sem sonho como não há sonho sem esperança” (FREIRE, 2020a, p. 126). A esperança, tão cara ao pensamento freireano e tão solicitada em tempos difíceis, só pode existir se sonharmos coletivamente o sonho da mudança, das possibilidades das “situações-limite”, do alcance de “inéditos viáveis”, a partir de uma existência criadora.

Quando decidiu que escreveria um livro sobre esperança que, dentre outras coisas, revisitaria o *Pedagogia do oprimido* (FREIRE, 2019c), refletindo não só sobre o que escreveu como também sobre as críticas que recebeu, Paulo Freire conta que um amigo e professor universitário o indagou, espantado: “Mas como, Paulo, uma *Pedagogia da esperança* no bojo de uma tal sem-vergonhice como a que nos asfixia hoje, no Brasil?” (FREIRE, 2020a, p. 13-14).

Talvez assim pensemos também, em um primeiro momento, ao vislumbrar um capítulo que fale de esperança no mesmo espaço-tempo em que vivemos momentos tão difíceis e sombrios⁷. No entanto, é justamente a compreensão de que a esperança é uma necessidade

⁷ Importante ressaltar que o presente texto foi escrito e vivido em momentos políticos marcadamente tensos e distintos do nosso país. Os momentos sombrios e difíceis mencionados dizem respeito, especificamente, ao período associado entre o governo Bolsonaro e o atravessamento da pandemia da covid-19, quando o mestrado já estava em curso e a pesquisa em andamento. Já em 2023, momento da defesa da dissertação, a vitória democrática de Lula, representante da esquerda progressista, significou um certo alívio nas tensões e medos que se mantiveram por longos 4 anos da gestão Bolsonaro. Período ainda difícil nos aguarda, após tanto retrocesso, mas a derrota do neofascismo da extrema direita nos trouxe o respiro necessário para seguirmos firmes na luta.

ontológica que nos faz perceber a sua existência em cada esquina, em cada um de nós, ainda que “nem sempre audaz” (FREIRE, 2020a, p. 14).

A esperança existe quando nos negamos a aceitar o futuro como um destino imutável. Quando nos levantamos, coletivamente, nas ruas – e não somente – para exigir seriedade, transparência e respeito dos que detêm o poder e nos enchem de vergonha pelo que fazem com ele. Quando resistimos, temos esperança. Quando estudamos; quando nos recusamos a abdicar da autoria de nossa própria história; quando nos enchemos de *sonhos sonhados coletivamente*; não por “pura teimosia”, “[...] mas por imperativo existencial e histórico” (FREIRE, 2020a, p. 14), temos esperança.

Isso não quer dizer, entretanto, que a esperança anule a desesperança, que, vez ou outra, insiste em nos visitar. Mas é importante lembrar que ela é a “[...] esperança que, perdendo o endereço, se torna distorção da necessidade ontológica” (FREIRE, 2020a, p. 14). Quando encaramos a realidade como algo “impossível de mudar”, sentimos desesperança. Quando desacreditamos do sonho da mudança, quando não confiamos nas possibilidades criadoras da existência e na nossa capacidade de *Ser Mais*, de ser e estar no mundo e com ele, os sentidos da esperança se esvaziam e se perdem.

No entanto, a esperança sozinha também não é suficiente para transformar o mundo, e acreditar nisso, ingenuamente, alimenta a desesperança. “Ela, só, não ganha a luta, mas sem ela a luta fraqueja e titubeia” (FREIRE, 2020a, p. 15). Por isso, precisamos da “esperança crítica”, que enquanto imperativo existencial e necessidade ontológica, precisa estar ancorada na prática para se tornar “concretude histórica” (p. 15).

“É por isso que não há esperança na pura espera, nem tampouco se alcança o que se espera na espera pura, que vira, assim espera vã” (FREIRE, 2020a, p. 15). A esperança, em sentido freireano, se dá na prática, na luta, na ousadia do sonho de um mundo melhor e na busca de realizá-lo coletivamente.

Nesse sentido, é preciso educar a esperança. Desvelar suas possibilidades por meio da análise política séria e correta da realidade, cuja transformação se almeja com a luta, que é, também, pedagógica. Aos educadores e às educadoras progressistas cabe a educação esperançosa que mostre possibilidades de outros mundos aos educandos, que, uma vez conscientes do papel de seu “quefazer” (FREIRE, 2019b, p. 165) no e com o mundo, a partir de sua “ação e reflexão” (p. 166), possam atuar sobre as estruturas que buscam transformar.

Contudo,

É preciso [...] deixar claro que, no domínio das estruturas socioeconômicas, o conhecimento mais crítico da realidade, que adquirimos através de seu desvelamento, não opera, por si só a mudança da realidade. [...] Enquanto prática desveladora,

gnosiológica, a educação sozinha [...] não faz a transformação do mundo, mas esta a implica (FREIRE, 2020a, p. 44-45).

É por isso que a libertação dos oprimidos e oprimidas não se dá apenas com a aquisição de sua consciência crítica sobre sua própria condição, mas – é importante ressaltar – o desvelamento dos condicionantes dessa realidade os ajuda a caminhar em direção à luta política pela transformação. Possibilitar que conheçam os mecanismos e os sujeitos que os oprimem não é suficiente para libertá-los; é preciso “[...] ter esperança de refazer o mundo na luta dos oprimidos e das oprimidas” (FREIRE, 2020a, p. 44-45).

Nesse sentido, a esperança é, portanto, uma exigência do ensinar, como é possível ler em *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa* (FREIRE, 2020c, p. 70-74). Diante da possibilidade de criação, homens e mulheres encontram nela os subsídios que alimentam seus sonhos, suas utopias, ideais comumente condenados pelo fatalismo neoliberal, que insiste em tentar nos convencer de que o futuro é inexorável, diante do qual não faz sentido esperar, conforme apontaremos mais profundamente no capítulo seguinte. “Por isso, ensinar é um ato criador, um ato crítico e não mecânico” (FREIRE, 2020a, p. 113), pois no ensinar sem esperança, onde não cabem os sonhos nem as lutas, só há espaço para o adestramento, não para a educação (p. 127), sobretudo em sentido freireano.

A esperança pensada por Paulo Freire reúne, então, tudo isso que se expôs até aqui. É indissociável, portanto, de sua existência enquanto menino-homem que sonhou e acreditou em um mundo mais justo e mais bonito. Como mencionamos de início, em suas memórias, sobretudo de infância, revisitadas em momentos de intensa introspecção, o Paulo Freire menino, sob a sombra de uma mangueira, também foi um sonhador. Ele confessa à Cristina, sobrinha com quem se correspondeu quando exilado na Suíça (FREIRE, 2019d, p. 41-42), que desde “[...] tenra idade, já pensava que o mundo teria de ser mudado. Que havia algo errado no mundo que não podia nem devia continuar. [...] A minha posição, desde então, era de otimismo crítico, isto é, a da esperança que inexiste fora do embate”.

Assim, a esperança inexiste, também, sem a luta. *Pedagogia da Esperança* (2020a, p. 17) foi um livro escrito “[...] com raiva, com amor, sem o que não há esperança”. A raiva e a indignação são motores que impulsionam a luta esperançosa por justiça social. O Paulo Freire amoroso, sonhador e esperançoso é, também, indignado: “Não posso aceitar em paz, de jeito nenhum, essa sociedade que está aí. A minha fé não me faz cínico, ela me faz indignado” (FREIRE, 2020b, p. 251), ele nos diz.

Não há, portanto, um esperar freireano dócil e ingênuo. Há um sonho político possível de esperança na luta indignada de oprimidos e oprimidas, conscientes de sua opressão, e de quem, assim como ele, não pode aceitar passivamente a eternidade das injustiças e a

fatalidade das existências. Sua esperança é seu sonho possível de transformação social. Sonho de um menino que leu o mundo sob a sombra de uma mangueira e percebeu que era necessário reinventá-lo.

O tema da esperança é tão caro ao pensamento freireano que, sobre ela, Paulo Freire dedicou a escrita de um belo (e raro) poema. “Canção óbvia” (FREIRE, A.M.A, 2017) foi escrito enquanto Paulo Freire estava exilado na Suíça, em 1971, e diz assim:

Canção óbvia

Escolhi a sombra desta árvore para
repousar do muito que farei,
enquanto esperarei por ti.

Quem espera na pura espera
vive um tempo de espera vã.
Por isto, enquanto te espero
trabalharei os campos e
conversarei com os homens

Suarei meu corpo, que o sol queimará;
minhas mãos ficarão calejadas;
meus pés aprenderão o mistério dos caminhos;
meus ouvidos ouvirão mais;
meus olhos verão o que antes não viam,
enquanto esperarei por ti.

Não te esperarei na pura espera
porque o meu tempo de espera é um
tempo de quefazer.
Desconfiarei daqueles que virão dizer-me,
em voz baixa e precavidos:
É perigoso agir
É perigoso falar
É perigoso andar
É perigoso esperar, na forma em que esperas,
porque êsses recusam a alegria de tua chegada.

Desconfiarei também daqueles que virão dizer-me,
com palavras fáceis, que já chegaste,
porque êsses, ao anunciar-te ingênuamente,
antes te denunciam

Estarei preparando a tua chegada
como o jardineiro prepara o jardim
para a rosa que se abrirá na primavera.

Assim, o Paulo Freire poeta nos ensina que a esperança, sem a qual não existimos, é esperada enquanto se luta. Tal qual um jardineiro prepara o jardim para receber a primavera, precisamos preparar a sua chegada em flor. E enquanto estivermos diante da primavera que se anuncia e da impossibilidade de aceitação da realidade que se impõe, esperar – com amor, com raiva e com luta – é imperativo, é existencial e é urgente.

“O menino que lia o mundo” completou 100 anos em 2021. E nos mostra, nestes tempos difíceis, que ser a “[...] favor do sonho, da utopia, da liberdade, da democracia é o discurso de

quem recusa a acomodação e não deixa morrer em si o gosto de *ser gente*” (FREIRE, 2020b, p. 78, grifos do autor).

Dando prosseguimento às nossas considerações, passamos agora a abordar aspectos da vida e obra de Manoel de Barros, buscando tecer mais adiante algumas reflexões dialógicas a respeito de sua leitura e da leitura de Paulo Freire, a partir de nossa leitura de mundo.

Em 1916, em Cuiabá, no Beco da Marinha, “Sob o canto do bate-num-quara” nascia Manoel de Barros, o “Cabeludinho”, “[...] bem diferente de Iracema/ desandando pouquíssima poesia/ o que desculpa a insuficiência do canto/ mas explica a sua vida [...]” (BARROS, 2016a, p. 15). Ainda criança, mudou-se com seus pais para Corumbá, onde “passava os dias [...] quieto, no meio das coisas miúdas” (CASTELLO, 1997), pelas quais se encantou.

Manoel de Barros passou a infância no Pantanal mato-grossense, na fazenda fundada por seu pai, aonde chegou com apenas 1 ano de idade, convivendo com formigas, lagartixas, caracóis, sapos, riachos, árvores e tantos outros seres e pessoas “desimportantes”. Distante, portanto, dos grandes centros urbanos, o poeta aprendeu a ler o mundo observando as insignificantes coisas do chão.

O mundo que conheceu quando criança, as brincadeiras, as coisas e as pessoas que fizeram parte de sua infância tiveram tanta importância para ele que, anos depois, serviram de matéria para a sua poesia.

Seu despertar pela palavra, e pela leitura dela, foi de certo modo tardio. Começou a ser alfabetizado aos seis anos, por sua tia Rosa Pompeo, mas não adquiriu nenhum gosto pela leitura nem pelos estudos enquanto criança. Segundo ele mesmo conta, seu interesse sempre esteve ligado à invenção:

Aprendi até sete anos só coisas que analfabetam. Vi cartilha com oito. Aprendi a soletrar somar e dividir com nove. Nunca li livros com histórias infantis. Tive que fazer eu mesmo as artices da infância. Até hoje as histórias e estórias não me atraem. O que alimenta meu espírito não é ler. É inventar. Fui criado no mato isolado. Acho que isso me obrigava a ampliar o meu mundo com o imaginário. Quando eu não achava a palavra para nomear a coisa eu modelava ela com as mãos. Meu pai entendia. Minha mãe entendia. Depois fomos desenvolvendo (MÜLLER, 2010, p. 40).

Avesso, até então, aos estudos, Manoel de Barros era “imprestável” a qualquer coisa, “[...] tinha sido escolhido, desde criança, para ser nem ninguém e nem nunca” (BARROS, 2016b, p. 23). Até que descobriu o desejo de ser “fraseador” (BARROS, 2018, p. 23), aos 13 anos, inspirado pelos sermões do Padre Antônio Vieira. Em alguns de seus poemas, o poeta conta que, no internato no Rio de Janeiro, se encantou pela “doença das frases” (BARROS, 2016c, p. 63).

A disciplina e a rigidez das normas do internato não conseguiram corromper seu anseio de liberdade. A esta altura, o pretense poeta já havia entendido que a rebeldia sintática pertencia

à beleza da palavra escrita. Manoel de Barros encontrou o que queria fazer, mas só pode mesmo fazê-lo quando, depois de se formar como advogado e ser sócio de um escritório de contabilidade, herdou a fazenda do pai e conseguiu “comprar o ócio para ser um vagabundo profissional”, para “ficar à disposição da poesia”, viver em função da desutilidade poética. Ser “O último poeta do mundo em tempo integral” (SÓ DEZ POR CENTO [...], 2008).

Dedicando-se, então, à poesia, para só o que ele prestava, Manoel de Barros, “no seu escritório de ser inútil”, escrevia em seus “caderninhos do caos” frases doentes, “delírios verbais”, que compunham depois seus poemas, a partir de uma seleção criteriosa e de rigor estético.

Suas poesias são feitas de memórias e infâncias, e sobretudo de palavras, como ele afirmou veementemente. O cenário é o quintal de sua casa de criança e o Pantanal mato-grossense; os personagens são os seres inúteis e desimportantes com os quais conviveu, e as construções são permeadas de invenções das quais um poeta não pode abrir mão.

A infância que passei no Pantanal deixou em mim um lastro. É claro. Sou um depósito daquelas coisinhas do meu quintal. E aquelas coisinhas do meu quintal misturavam-se ao mesmo tempo às outras coisinhas dos meus armazenamentos ancestrais. Minha poesia há de ser um pouco o resultado dessa mistura, e mais o instinto linguístico. E um certo gosto de mexer com as palavras que adquiri no colégio (MÜLLER, 2010, p. 124-125).

Assim, memória e infância são palavras com muita presença na poesia barroseana. Seu livro *Memórias inventadas* (BARROS, 2018) reúne poesias que revisitam a infância em Corumbá e a relação do poeta com “[...] as pobres coisas do chão mijadas de orvalho” (BARROS, 2016d, p. 45). Dividido em três partes, intituladas, em sequência: “A infância” (p. 151-32), “A segunda infância” (p. 33-54) e “A terceira infância” (p. 55-66), o livro traz a representação, respectivamente, de sua infância, sua juventude e sua velhice. Quando questionado acerca da quase onipresença da infância em sua poesia, Manoel afirmou: “[...] só tenho 81 anos e muita infância para trás” (MÜLLER, 2010, p. 138).

E sobre as memórias, o poeta esclareceu:

O que informa a palavra poética são as nossas memórias fósseis. Nós moramos nas nossas antecedenças. De lá que a palavra nos traz. E só a invenção nos tira de lá. Saímos sempre em lanhos. Depois é preciso limpar as palavras. Dessa forma elas são autobiográficas. Trazem nossa feição, nossos conflitos, nossos desencontros. Lá, nas nossas antecedenças, estamos nus, estamos verdadeiros. Li em John Ruskin, numa tradução de terceira mão, que “a verdade do poeta só pode ser inventada”. E o nosso Drummond, quando lhe perguntavam coisas sobre sua vida, dizia: “Eu estou todo em meus poemas” (MÜLLER, 2010, p. 95).

Assim, as memórias que inventa, sem mentir (SÓ DEZ POR CENTO [...], 2008), reconstroem sua infância, criando e recriando situações e imagens. Mário-pega-sapo, Polina, Maria-pelego-preto, Ignácio Rubafo e tantos outros povoam a infância de Cabeludinho em *Poemas concebidos sem pecado* (BARROS, 2016a). Bernardo, a mãe, o pai e o avô – que

Manoel não conheceu em vida, mas sobre o qual inventa com bastante intimidade – aparecem em algumas de suas criações, como na parte V do poema que abre o livro *Menino do Mato* (BARROS, 2015a, p. 21-23), reproduzida a seguir.

V

O lugar onde a gente morava quase só tinha bicho solidão e árvores.
 Meu avô namorava a solidão.
 Ele era um florilégio de abandono.
 De tudo que me restou sobre aquele avô foi esta imagem: ele deitado na rede com a sua namorada, mas se a gente o retirasse da rede por alguma necessidade, a solidão ficava destampada.
 Oh, a solidão destampada!
 Essa imagem da solidão que ficara dentro de mim por anos.
 Ah, o pai! O pai vaquejava e vaquejava.
 Ele tinha um olhar soberbo de ave.
 E nos ensinava a liberdade.
 A gente então saía vagabundeando pelos matos sem aba.
 Chegou que alcançamos a beira de um rio.
 A manhã estava pousada na beira do rio desaberta moda um pássaro.
 Nessa hora já o morro encostava no sol.
 Logo adiante vimos um quati lamber um osso de ema.
 A tarde crescia por dentro do mato.
 O lugar nos perdera de rumo.
 A gente se sentia como um pedaço de formiga perdida na estrada.
 Bernardo completava o abandono.
 Logo encontramos uma criame de caracóis nas areias do rio.
 Quase todos os caracóis eram viúvos de suas lesmas.
 Contam que os urubus, finórios, desciam naquele lugar para degustar as lesmas ainda vivas.
 Se diz ainda que este recanto teria sido um pedaço do Mar de Xaraiés.
 Na beira da noite a gente estava sem rumo.
 Bernardo apareceu e disse que vento é cavalo.
 Então montamos na garupa do vento e logo chegamos em casa.
 A mãe aflitíssima estava.
 Ela cuidava de todos: lavava, passava e cozinhava para todos.
 Porém à noite a mãe ainda encontrava uma horinha para o seu violino.
 Ela tocava para nós Vivaldi.
 E a gente ficava pendurado em lágrimas.
 Um dia que outro eu contei para a Mãe que tinha visto um passarinho a mastigar um pedaço de vento. A Mãe disse outra vez: Já vem você com suas visões! Isso é travessura de sua imaginação.
 É a voz de Deus que habita nas crianças, nos passarinhos e nos tontos.
 A infância da palavra.
 (BARROS, 2015a, p. 21-23)

A infância resgatada não é, portanto, fiel à realidade e tampouco reproduz suas memórias. É uma infância inventada pela linguagem e pela imaginação. O poeta imprime seu olhar de criança sobre as coisas do mundo, se rende ao “criançamento das palavras”, à linguagem séria “ao grau de brinquedo” e inventa um mundo mais bonito. Nesse sentido, o poema não tem, portanto, “compromisso com a verdade, senão que talvez com a verossimilhança”, porque “O poeta tem um olhar enviesado. Vê coisas que não existem, trocadas”, e não deseja dar informações, mas provocar encantamentos. “Quem descreve não é

dono do assunto, quem inventa é”, ele esclarece no documentário *Só dez por cento é mentira* (2008).

A poesia se dirige, então, à percepção sensível do leitor diante do que o poeta escreveu. “As palavras realizam os sonhos dos poetas” (SÓ DEZ POR CENTO [...], 2008) e a “Poesia [que] é a virtude do inútil, é um objeto sonhante” (MÜLLER, 2010, p. 127), onde é possível fazer com que “um absurdo seja uma sensatez” (MÜLLER, 2010, p. 104); os desprezados sejam prezados; uma pedra dê flor (BARROS, 1999); os inúteis sejam úteis; e os seres desimportantes e as coisas desimportantes tenham valor. Porque “Invenção serve para aumentar o mundo” (SÓ DEZ POR CENTO [...], 2008). Por isso, o “Poeta precisa de inventar outro mundo. E o instrumento para inventar outro mundo é a imagem, a metáfora e outros descomportamentos linguísticos” (MÜLLER, 2010, p. 149).

Assim, o sonho do poeta, a partir da ludicidade que alarga o mundo e o livra da pobreza da descrição, é concretizado pelo casamento das palavras, que produz sentidos e imagens que nos silenciam e nos convidam a ter novas percepções sobre a realidade. Como no excerto a seguir, retirado do livro *Menino do Mato* (BARROS, 2015a):

31

Os sonhos não têm comportamento.

Sempre havia de existir nos sonhos daquele menino o primitivismo do seu existir.

E as imagens que ele organizava com o auxílio das suas palavras eram concretas.

Ele até chegou um dia a pegar na crina do vento.

Era sonho?

(BARROS, 2015a, p. 89).

Sobre os sonhos, Manoel conta – no livro que leva seu nome no título e reúne diversas entrevistas que deu por escrito (MÜLLER, 2010) – que, no final dos anos 1940, ele teve um sonho, talvez não tão lúdico; um sonho político de transformação:

[...] pensei de salvar o mundo da miséria e da opressão. Todos os rapazes da minha faculdade estavam dispostos a dar a vida para salvar o mundo. Eu tinha lido em Fernando Pessoa: “Amanhã é dos loucos de hoje”. Era preciso ser louco. Era preciso ser amanhã. Entrei pra Juventude Comunista. [...] Me mandaram ler Marx, Engels, Lenine. Não passava das 10 primeiras páginas. Descobri que meu forte era a palavra. Me ajeitei com Maiakóvski. Meu gosto era mais literário que revolucionário (MÜLLER, 2010, p. 101).

No entanto, o sonho político expresso na declaração acima não faz parte, ao menos de maneira explícita, intencional ou marcante, da poesia barroseana. Com 18 anos, ele escreveu seu primeiro livro, que continha muito de seus anseios revolucionários – o *Nossa Senhora de minha escuridão* –, mas o perdeu para os policiais que o acusaram de ter participado de uma peraltice. Escreveram “Viva o Comunismo” em uma estátua da cidade, mas embora Manoel não tenha participado do feito, entregou seu livro, único exemplar, ainda em brochura, para escapar da prisão. Após este episódio, o poeta se decepcionou com a juventude revolucionária a qual tinha se aliado, depois que Luiz Carlos Prestes, ao sair da prisão, estabeleceu aliança

política com o adversário Getúlio Vargas e não se dedicou mais a ideais declaradamente políticos.

Assim, a poesia barroseana não é poesia de revolta, como já mencionamos no início desta pesquisa. Manoel de Barros recusa a importância política do poema, afirmando que este é, e só precisa ser, um fenômeno de linguagem. Cabe ao poeta “arejar a linguagem”, livrar as palavras da esclerose, tornando a poesia, portanto, um inutensílio. Não há em Manoel de Barros uma poesia intencionalmente política. Talvez o ressentimento com o episódio que viveu o tenha feito enveredar por outras formas, legítimas, com certeza, de se fazer poesia. Desde o Romantismo, muitos poetas praticaram a poesia revolucionária, com intenção revolucionária. No começo do século XX, a partir do movimento literário do Modernismo, a revolução se deu também no aspecto da linguagem, que deveria ser livre das formas eruditas, canonizadas e engessadas. Oswald de Andrade, no *Manifesto Pau-Brasil*, defendeu a liberdade de “ver com os olhos livres”, e, embora a poesia barroseana não se encaixe neste recorte literário, a não ser por uma temporalidade em comum, tal movimentação representou para ele uma forte influência.

Contudo, anos depois desse rompimento, Manoel de Barros ainda afirmou que sofria com as desigualdades sociais, mas não desejou incorporar ideias em sua poesia, somente palavras. “Só queria inventar alguma beleza. [...]. Pregadores podem ajudar o mundo a ser mais justo. Poetas não têm esse privilégio. A gente mexe com gratuidades” (MÜLLER, 2010, p. 161-162), afirmou.

No entanto, é possível perceber resquícios dessas influências na sua poesia, ainda que de forma mais presente em suas primeiras publicações. Ele mesmo afirma que o livro *Face Imóvel* (BARROS, 2016a) “[...] é meio engajado na política. Eu não gosto desse livro. Eu não penso que a poesia deva ser engajada” (MÜLLER, 2010, p. 90). Mas como ele mesmo diz, as experiências, as memórias, os desejos e os sonhos do poeta ganham vida na poesia que ele faz, no casamento das palavras abençoado por ele. Então, o hiato entre obra e vida se estabelece somente pelas arestas da invenção, já que a natureza de ambos vem dos mesmos lugares, abismos, precipícios, ideais e sonhos. Sobre os sonhos, ele conta: “Deixo aos meus alteregos a tarefa de realizar os sonhos meus frustrados. Coisas que não fui capaz de fazer realizo através deles” (MÜLLER, 2010, p. 155).

O poema “Os girassóis de Van Gogh” – do livro *Face imóvel* (BARROS, 2016a), sua segunda publicação –, reproduzido a seguir, ilustra bem essa questão:

Hoje eu vi
Soldados cantando por estradas de sangue
Frescura de manhãs em olhos de crianças

Mulheres mastigando as esperanças mortas

Hoje eu vi homens ao crepúsculo
Recebendo o amor no peito.
Hoje eu vi homens recebendo a guerra
Recebendo o pranto como balas no peito.

E, como a dor me abaixasse a cabeça,
Eu vi os girassóis ardentes de Van Gogh.
(BARROS, 2016a, p. 55).

O poeta fala do que o coração está cheio. Sem compromisso com a verdade, sua intenção é, antes de tudo, produzir encantamento. “O poema é uma frase que te cala” (SÓ DEZ POR CENTO [...], 2008). Os girassóis de Van Gogh calam a dor, a agonia da guerra que desencanta o mundo. A beleza está na escolha das palavras que traz esperanças em um cenário de horror. No fim daquele dia difícil, daquela imagem triste há os girassóis de Van Gogh. O poeta amplia o mundo e o desenha mais bonito. O mesmo mundo da guerra é o mundo dos girassóis. Dor e beleza, a harmonização dos conflitos. “As antíteses congçam” (BARROS, 2016d, p. 39), afirma o poeta em outro poema.

Assim, embora marcado por sua estética singular, rubricada por invenções linguísticas, ausência de formas e temas, é possível encontrar um Manoel de Barros angustiado, em certo ponto melancólico e, em alguma medida, desesperançoso. No livro *Poemas concebidos sem pecado* (BARROS, 2016a), que reúne seus primeiros versos, ele diz:

11.
A última estrela que havia no céu
deu pra desaparecer
o mundo está sem estrela na testa

Foi o vento que embrulhou minhas palavras
meteu no umbigo e levou pra namorada?

Eram palavras de protesto idiota!
Como o vento leva as palavras!

Me lembrar que o único riso solto que encontrei era pago!
É preciso AÇÃO AÇÃO AÇÃO
Levante desse torpor poético, bugre velho.

Enfim, Cabeludinho, é você mesmo quem está aqui?
Onde andarão os seus amigos do Porto de Dona Emília?
(BARROS, 2016a, p. 25).

Diante das urgências do mundo, políticas e sociais – sobretudo em 1937, quando o poema foi publicado – fazer poesia e pensar poeticamente era tolice, coisa desimportante. Era preciso agir e protestar, coisas de adulto. Mas que palavras de protesto poderiam devolver a estrela para a testa do céu? Havia uma saudade de outros tempos, tempos de criança, quando a esperança cabia na agenda do dia. Então, será que a esperança pode ser uma invenção de criança?

Manoel de Barros tinha um defeito no olho. Nasceu assim, enxergando as coisas de um jeito torto, diferente, com uma “disfunção lírica afetiva” (SÓ DEZ POR CENTO [...], 2008), como disse seu irmão Abílio. Com seu olhar enviesado, o poeta desenhou um mundo de possibilidades, como fica claro no poema “O menino que carregava água na peneira” (BARROS, 1999, s/p).

O menino que carregava água na peneira

Tenho um livro sobre águas e meninos.
Gostei mais de um menino
que carregava água na peneira.

A mãe disse que carregar água na peneira
era o mesmo que roubar um vento e sair
correndo com ele para mostrar aos irmãos.

A mãe disse que era o mesmo que
catar espinhos na água
O mesmo que criar peixes no bolso.

O menino era ligado em despropósitos.
Quis montar os alicerces de uma casa sobre orvalhos.
A mãe reparou que o menino
gostava mais do vazio
do que do cheio.
Falava que os vazios são maiores
e até infinitos.

Com o tempo aquele menino
que era cismado e esquisito
porque gostava de carregar água na peneira

Com o tempo descobriu que escrever seria
o mesmo que carregar água na peneira.

No escrever o menino viu
que era capaz de ser
noviça, monge ou mendigo
ao mesmo tempo.

O menino aprendeu a usar as palavras.
Viu que podia fazer peraltagens com as palavras.
E começou a fazer peraltagens.

Foi capaz de interromper o vôo de um pássaro
botando ponto final na frase.

Foi capaz de modificar a tarde botando uma chuva nela.

O menino fazia prodígios.
Até fez uma pedra dar flor!
A mãe reparava o menino com ternura.

A mãe falou:
Meu filho você vai ser poeta.
Você vai carregar água na peneira a vida toda.

Você vai encher os
vazios com as suas
peraltagens
e algumas pessoas
vão te amar por seus
despropósitos.

No poema, a mãe diz que o menino era ligado em despropósitos. Onde já se viu carregar água na peneira, roubar o vento, catar espinhos na água, guardar peixes no bolso? Estas são coisas que não possuem senso algum de realidade. Coisas impossíveis e irrealizáveis, os mais céticos vão afirmar. Puras bobagens. Mas para o poeta, carregar água na peneira é ocupar o vazio da existência. É “encher sua ausência no mundo” (MÜLLER, 2010, p. 86). É rabiscar de lápis o destino e o dia; é trazer novos sentidos e possibilitar novas experiências, interferindo na realidade.

Os poetas preferem os vazios, que “são maiores e até infinitos”, porque neles habitam as possibilidades. “Escrever o que não acontece é tarefa da poesia” (BARROS, 2015a, p. 35). Nos vazios da existência, da história, do futuro e de tudo aquilo que não há, a poesia se fertiliza e aumenta o mundo, estica o horizonte. No devaneio poético (BACHELARD, 2009), os vazios são ricos de esperança e beleza. O mundo é mais bonito de onde olha o poeta, “[...] por alguma deformação na alma” (MÜLLER, 2010, p. 86). Então, insistir na necessidade de se fazer outro mundo, com lápis e papel, é, também, uma maneira de esperar. Escrever é uma escolha estética de ser e estar no mundo, imprimindo nele a sua autoria e fazendo dele um lugar melhor. Talvez seja por isso que ao ler um poema – absolutamente descolado da realidade, muitas vezes – temos a sensação de acolhimento e de verdade. Há uma identificação com o mundo dos sonhos do papel e da imaginação. “O artista é um erro da natureza” (BARROS, 2016d, p. 51), Manoel de Barros sentencia. Mas quando a natureza exagera na realidade, é a criação errante do artista que nos socorre. Quando a realidade castiga nossos sentidos, o assombro poético da poesia irrealista barroseana nos estende as mãos e nos oferece um lugar quente para repousar.

Assim, diante do exposto, podemos estreitar as velas de nossa interpretação e leitura de mundo, tecendo uma abordagem dialógica entre o poeta e o educador, considerando as peculiaridades que nossa percepção alcançou e carregou para estas considerações.

Começamos, portanto, a destacar a infância e as memórias, já bastante exploradas em ambos os autores. Tanto Paulo Freire quanto Manoel de Barros buscam nas memórias de infância caminhos que fertilizam seus pensamentos. Para o primeiro, esse retorno representa uma “arqueologia” do que o formou enquanto sujeito histórico e social. Revisitar a infância é um modo de se conhecer e de compreender suas experiências, escolhas e decisões de outros tempos. Para o outro, a infância é a fonte de sua criação. É “nos primórdios” que encontra a

fertilização para a “despalavra”, que é, também, onde se dá o seu “criançamento”. A poesia guardada nas palavras é a que sai das bocas das crianças, que confundem os sentidos e ressignificam as imagens frasais. A criança é quem “erra na gramática e acerta na poesia”.

Paulo Freire jamais esqueceu ou se distanciou da sombra da mangueira que o acompanhou na sua leitura de mundo quando menino. Manoel de Barros percebeu, ao escrever suas memórias inventadas, que sua infância, sua juventude e sua velhice estavam guardadas na primeira, tanto que, aos 81 anos, se descobriu menino. Em ambos, a infância tem uma importância existencial, que se constitui em devir, no sentido que pensaram Deleuze e Guattari (1997, p. 18-19; p. 64):

Devir é um verbo tendo toda sua consistência; ele não se reduz, ele não nos conduz a “parecer”, nem “ser”, nem “equivaler”, nem “produzir” [...]. Devir é, a partir das formas que se tem, do sujeito que se é, dos órgãos que se possui ou das funções que se preenche, extrair partículas, entre as quais instauramos relações de movimento e repouso, de velocidade e lentidão, as mais próximas daquilo que estamos em vias de nos tornarmos, e através das quais nos tornamos.

O devir que surge das memórias infantis é o que coloca o ser como processo, em que ele se revisita enquanto se constitui. Citando Bachelard, Manoel de Barros afirma que “a infância é o poço do ser” (MÜLLER, 2010, p. 101). Então, retornar à infância para se (re)descobrir, se conhecer e para “se tornar” é experimentar essa existência em devir. Escrever sobre a infância, sobretudo a própria infância, deixa de ser uma simples tarefa linguística, para ser um ato político de testemunho da própria história e das relações que estabelecemos com os outros e com o mundo, como afirma Kohan (2010a).

Nesse sentido, a memória possibilita a experiência desse “devir-criança” (KOHAN, 2010b), descolando-se do tempo cronológico, rompendo com o sentido passado e instaurando um tempo novo, de novas experiências. A experiência em devir não representa, em linhas gerais, uma tentativa de “voltar a ser criança”, mas uma busca aos começos, ao que nos formou e marcou em tempos cronologicamente distantes e impossíveis de serem acessados sem o fio condutor, fragmentado e inventivo, da memória. Paulo Freire, citando Piaget, adverte que “[...] é impossível escapar à ficção em qualquer experiência de memoriar” (FREIRE, 2019d, p. 38), o que, em certo sentido, recupera a natureza da poesia de Manoel de Barros.

Assim, a ficção é o que permite que Manoel de Barros sonhe e invente novos mundos e realidades, não somente a partir de memórias, mas também de construções linguísticas. Da ponta do seu lápis ele produz nascimentos (MÜLLER, 2010), e consegue provocar nos leitores devaneios poéticos.

Bachelard, no livro *A poética do devaneio* (2009), tece relevantes considerações acerca da importância da imaginação para a abertura das nossas possibilidades de criação, sobretudo

no que diz respeito à elaboração da poesia. Ele diz que “[...] graças às sutilezas das funções do irreal, reingressamos no mundo da confiança, no mundo de ser confiante, no próprio mundo do devaneio” (p. 14). O devaneio pensado pelo autor não possui relação, contudo, com o sentido psicológico do termo, afinado com representações de sonhos confusos, livre de histórias e enigmas. O devaneio poético inaugura o mundo sonhado, que, na verdade, é o nosso próprio mundo, uma vez que nos ensina “possibilidades de engrandecimento [...] nesse universo que é nosso” (p. 08). O poeta, então, é um sonhador que “escuta já os sons da palavra escrita” (p. 06) e consegue promover a “polifonia dos sentidos que o devaneio poético escuta [e] que a consciência poética deve registrar” (p. 06). O sonho do poeta é o sonho da criança – a qual buscamos no baú do nosso ser – realizado através da linguagem poética, que permite que a consciência imaginante crie e viva a imagem poética (p. 94). O sentido de realidade em Manoel de Barros só se constrói, portanto, a partir deste entendimento. A invenção é o que pode verdadeiramente tornar seus sonhos possíveis.

Paulo Freire, em contrapartida, elabora os sonhos a partir das possibilidades efetivamente reais de concretização. Mas não se limita a esta definição. O sonho freireano é ético, estético, político e, também, pedagógico, e abarca a compreensão da potência, incontornavelmente coletiva, da luta de oprimidos e oprimidas pela transformação social. Nesse sentido, as “situações-limite” e os “inéditos viáveis” são pensados como esferas de possibilidades e não limitações. Sonhamos porque somos capazes de perceber que o nosso futuro não é algo predeterminado, nem histórica nem socialmente. E, indissociáveis deste sonho, emergem a esperança, sem a qual não existimos e a luta, sem a qual nada se tornaria possível.

As possibilidades representam, portanto, um espaço em comum ocupado pelos autores. Manoel de Barros faz alusão ao apreço dos poetas pelos vazios – por serem “maiores e até infinitos”, como se evidenciou anteriormente – fazendo-nos compreender que neles há um universo ilimitado de possibilidades de criação. Felisdônio ensinou ao poeta que “as coisas que não existem são mais bonitas” (BARROS, 2016c, p. 53). Então, também por um compromisso estético, o poeta valoriza a riqueza das muitas possibilidades de beleza que esperam por ele, pela sua criação, nos infinitos dos vazios. É fértil para a invenção do poeta tomar posse de um espaço em branco, inédito, inabitado. Do mesmo modo, é interessante para Paulo Freire sonhar sonhos possíveis, coletivamente sonhados, a partir do desconhecido dos inéditos viáveis. O menino que carregava água na peneira ama os vazios, porque ama as suas possibilidades e, essa constatação, nos instiga a questionar: essa não é, portanto, a base de todo o sonho freireano? No devaneio poético, os vazios são inéditos viáveis.

A partir dessa construção, a palavra poética nos remete ao mundo sonhado por Paulo Freire – “[...] um mundo mais bonito ou menos feito, menos arestoso, em que se pudesse amar” (FREIRE, 2020a, p. 57) – como a realização de um sonho possível. É possível, nesta leitura, alcançar o inédito viável freireano a partir do vazio barroseano, porque a imaginação, fermentada pela metáfora desta associação, provoca o devaneio poético. “A invenção aumenta o mundo” e “realiza os sonhos dos poetas”, nos disse Manoel de Barros em citação anteriormente mencionada.

Assim, diferentes sob muitos aspectos, como já evidenciado nas reflexões anteriores, Manoel de Barros e Paulo Freire permitem uma leitura metaforicamente aproximada. De algum modo, a invenção barroseana alcança o complexo universo freireano. Manoel de Barros inventa inéditos viáveis com as palavras, cria possibilidades nos vazios, transforma absurdo em sensatez e rascunha sonhos e esperanças reais. Na palavra inventada, nos delírios verbais, tudo o que se pode imaginar se pode realizar, e é a esse despropósito que o poeta se dedica, consciente de que “[...] a expressão reta não sonha. [...] É preciso desformatar o mundo: Tirar da natureza as naturalidades”, como lhe ensinou Rômulo Quiroga, um pintor boliviano (BARROS, 2016d, p. 55).

A esperança em Manoel de Barros se evidencia, portanto, da beleza, da arte e da criação. Não é uma esperança real, crítica, histórica e política, como pensou Paulo Freire, mas se traduz também como necessidade ontológica, em outro grau de interpretação. O imperativo existencial freireano – o seu esperar – é, em Manoel de Barros, a força da palavra poética. Escrever é, portanto, esperar. Porque insistir nas possibilidades de criação dos vazios, quando a realidade parece impossível demais, cruel demais e distante demais dos seus sonhos, é uma forma de esperar.

Nesse sentido, em tempos difíceis – como os de agora, como já mencionado no início de nossas reflexões –, precisamos sonhar para que o excesso de realidade não nos negue o último recurso da caixa de Pandora; que não nos leve embora a “meninazinha de olhos verdes” de Quintana (1998, p. 118) e que não nos cegue diante das belezas dos vazios. Porque são valiosos os ensinamentos de Felisdônio e Rômulo Quiroga. Precisamos inventar o que ainda não existe, enquanto preparamos a chegada da primavera, e a flor que se abrirá passando as mãos pelos nossos joelhos feridos. Porque nos nossos despropósitos moram também os nossos sonhos, e se o mundo não é (ainda) um poema barroseano, esperar é carregar água na peneira.

2 O ELOGIO DO INÚTIL CONTRA O FATALISMO NEOLIBERAL

*Desconfiai do mais trivial, na aparência singelo.
E examinai, sobretudo, o que parece habitual.
Suplicamos expressamente: não aceiteis o que é de
hábito como coisa natural, pois em tempo de desordem
sangrenta, de confusão organizada, de arbitrariedade
consciente, de humanidade desumanizada, nada deve
parecer natural, nada deve parecer impossível de
mudar.*

Bertolt Brecht

Não escapou de Paulo Freire a ferrenha e inegociável crítica ao discurso fatalista oriundo de práticas e ideais neoliberais. Sobretudo na década de 1990, é possível encontrar na obra freireana uma constante preocupação e recusa do educador quanto à ideia de que a vida, desigual e arestosa desde sempre, o é por uma fatalidade natural, determinante e inflexível, e não por escolhas sociais equivocadas, ações políticas desvirtuosas e relações de poder injustas. Paulo Freire afirma repetidamente, em alguns de seus livros, que não pode aceitar a justificativa de que o fracasso das relações humanas, perpetuador de nossas mazelas, das opressões e das injustiças, seja compreendido como algo intransponível e imutável.

A sua recusa reside, principalmente, na consciência de que ao considerarmos a realidade – dura, cruel e injusta – como algo determinante da nossa existência no mundo, e sobre a qual nada podemos fazer, estamos nos distanciando das inúmeras possibilidades de transformação, de nossas utopias e declinando do nosso direito de ser e estar no mundo, com o mundo e com os outros. É inaceitável para o autor, portanto, que esse discurso “odientamente fatalista” (FREIRE, 2019a, p. 37) nos roube a esperança e nos imobilize a ponto de nos tornar dóceis e inertes diante daquilo que deveria nos indignar e movimentar. E, ainda, é freireanamente inconcebível que renunciemos à autoria de nossa própria história, alimentando equivocadamente a ideia de que toda busca por um mundo mais justo é em vão e que, portanto, todo sonho sonhado coletivamente é desnecessário, posto que impossível, inalcançável, inatingível.

O livro *À sombra desta mangueira* (FREIRE, 2019a) – publicado originalmente em 1995 – é dedicado a essa crítica ao neoliberalismo e ao discurso fatalista que dele deriva. Constantemente, o termo neoliberal é associado às elites e, por isso, assume uma conotação social e política absolutamente negativa. Chamando-nos a atenção para a implicação contida de forma não explícita nos discursos neoliberais, que assinalam “[...] a morte das ideologias, o desaparecimento das classes sociais, da utopia, dos sonhos” (FREIRE, 2019a, p. 55-56, grifos

do original), Paulo Freire sublinha as intenções dessas narrativas quanto a uma “*domesticação do futuro*”, que anuncia, paralelamente, um “novo tempo” a partir de uma “vitória definitiva do capitalismo”, e que, na verdade, fatalmente, decreta o fim da própria História.

A impossibilidade de futuro é, nesse contexto, a impossibilidade da esperança. A perspectiva neoliberal mantém as “situações concretas de opressão que reduzem o tempo histórico dos oprimidos a um presente eterno de desesperança e acomodação” (FREIRE, 2019a, p. 52). Acomodados, compreendendo a realidade como algo impossível de mudar, aceitando as injustiças como algo natural e das quais ninguém tem culpa, não lutam, não sonham, e, conseqüentemente, se adaptam ao mundo que deveriam transformar.

Nesse sentido, Paulo Freire reitera a importância de compreendermos a História como um tempo de possibilidades e não como algo determinado. Para alcançarmos, então, esta compreensão, precisamos entender o ser humano como alguém que decide, que valora, que rompe, que escolhe, que avalia e que, portanto, intervém na realidade. “Somos seres condicionados mas não determinados” (FREIRE, 2019a, p. 37) e não podemos ser reduzidos ao papel de puros objetos, que sirvam de instrumentos para a manutenção dos interesses dos donos do poder.

Dessa maneira, não há como decretar a morte da História se ela não é algo indiferente ao nosso ser e estar no e com o mundo. O discurso fatalista e, mais ainda, a ideologia neoliberal são, portanto, falácias, uma vez que não se sustentam na realidade dos fatos. O futuro não é um “dado dado”, assinala Paulo Freire (2020c, p. 21), tendo em vista que, embora complexo e problemático, abriga inúmeras possibilidades de transformação. Entretanto, é importante deixar claro que a mudança que desejamos ver no futuro dependerá das ações e das decisões que tomarmos no presente.

Em sua última publicação em vida, a obra *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa* (FREIRE, 2020c), Paulo Freire é taxativo: “O livro com que volto aos leitores é um *decisivo não* a esta ideologia que nos nega e amesquinha como gente” (p. 21, grifos nossos). Diz ele:

A ideologia fatalista, imobilizante, que anima o discurso neoliberal anda solta no mundo. Com ares de pós-modernidade, insiste em convencer-nos de que nada podemos contra a realidade social que, de histórica e cultural, passa a ser ou a virar “quase natural”. [...] Do ponto de vista de tal ideologia, só há uma saída para a prática educativa: adaptar o educando a esta realidade que não pode ser mudada. O de que se precisa, por isso mesmo, é o treino técnico indispensável à adaptação do educando, à sua sobrevivência (FREIRE, 2020c, p. 21).

Assim, ao tecer a sua crítica ao fatalismo neoliberal, Paulo Freire toca em duas ideias de grande relevância para o que se pretende na construção desta reflexão inicial: o conceito de “*Ser Mais*” e o que ele denominou como “*educação bancária*”.

Na perspectiva freireana, para nos preservarmos vivos, precisamos ter “[...] na *compreensão do futuro* como *problema* e na vocação para o *Ser Mais* como expressão da natureza humana em processo de *estar sendo*, fundamentos para a nossa *rebeldia* e não para a nossa *resignação* em face das ofensas que nos destroem o ser” (FREIRE, 2020c, p. 76, grifos do original). O *Ser Mais* é, nesse sentido, fruto da consciência de nosso inacabamento diante da vida e da nossa vocação ontológica para a humanização. *Ser Mais* é um conceito, portanto, existencial. Trata da maneira como Paulo Freire compreendeu as existências, salvaguardando suas semelhanças, diferenças e múltiplas possibilidades, e traduz a constante preocupação do autor com a saúde e a boniteza (a ética e a estética indissociáveis) das relações humanas.

Ser Mais é, em sentido amplo, o que limita a tendência fatalista de sermos objetos e meros fantoches a serviço da ideologia dominante. É o que nos permite ser “mais do que um ser no mundo”, tornando-nos

[...] presença no mundo, com o mundo e com os outros. Presença que, reconhecendo a outra presença como um “não eu” se reconhece como si própria. Presença que se pensa a si mesma, que se sabe presença, que intervém, que transforma, que fala do que faz mas também do que sonha, que constata, compara, avalia, valora, que decide, que rompe (FREIRE, 2020c, p. 20).

Presença que rubrica a própria existência, o próprio destino, o próprio futuro e que, ao fazer isso, obstaculiza a objetificação, a mecanização, a desumanização, a anulação dos sonhos e das utopias que o “novo tempo” da tragédia capitalista constantemente anuncia. O *Ser Mais* é um entrave ao ideário neoliberal. Atrapalha o seu fatalismo, porque, ao manter viva a História como construção histórica e social, nos constitui como seres histórica e socialmente éticos.

“Não somos, estamos sendo”, nos diz Paulo Freire (2019b, p. 153). “Estar sendo é a condição, entre nós, para ser” (FREIRE, 2020c, p. 34). Existimos, portanto, no *Ser Mais* que é ético, estético e humanizador e que, ainda, nos conscientiza sobre o nosso inacabamento diante de um condicionamento, e de suas complexidades e dificuldades, mas nunca de um determinismo fatal. *Ser Mais* é não renunciar “[...] a participar e cumprir a vocação ontológica de intervir no mundo” (p. 53). É não permitir que a nossa presença no mundo seja a de quem a ele se adapta, mas a de quem nele se insere. “É a posição de quem luta para não ser apenas *objeto*, mas *sujeito* também da história” (p. 53, grifo do original).

Assim, ser consciente do inacabamento é o que nos permite ir além dele. “Esta é a diferença profunda entre o ser condicionado e o ser determinado. A diferença entre o inacabado que não se sabe como tal e o inacabado que histórica e socialmente alcançou a possibilidade de saber-se inacabado” (FREIRE, 2020c, p. 53). É essa consciência que nos permite compreender as diferenças e as tensões do que herdamos geneticamente e o que herdamos social, cultural e

historicamente e, também, que nos transforma em seres educáveis, responsáveis, imprimindo “eticidade [na] nossa presença no mundo” (p. 55).

Não podemos, portanto, *Ser Mais* e dizer que nossa presença no mundo é resultado de condicionantes alheios a nós. Este talvez seja um ponto de oposição bastante latente entre o pensamento freireano e o fatalismo neoliberal. Para Paulo Freire, a constituição – histórica, política e social – da História nos obriga a uma “[...] responsabilidade ética, histórica, política e social” (FREIRE, 2020c, p. 55).

A recusa freireana ao discurso fatalista neoliberal vem de uma compreensão da realidade que a percebe injusta, desigual, desumana, mas que não retira das pessoas a sua responsabilidade quanto ao mundo que já existe e quanto ao que pode/deve existir. Não existe um mundo feio e cruel por natureza; ele é construído social, política, cultural e historicamente por seres eticamente responsáveis. O desvio da “ética universal” do ser humano, de que nos fala Paulo Freire (2020c), também intervém no mundo e provoca nele uma cadeia de consequências. São as ações humanas que constroem a História. E também são elas que podem/devem modificá-la. Não há, nesse sentido, espaço para uma narrativa que, sem compromisso ético e estético, insiste em afirmar que “as coisas são como são”; não há como considerar uma ideologia que retira de si a responsabilidade da construção da História e que, vendo-a perpetuar as opressões e as desigualdades, não tem intenção de transformá-la.

No entanto, não há também como alimentar a ingenuidade de quem acredita que somente a nossa presença no mundo, e a nossa consciência crítica sobre o papel de *Ser Mais* no e com o mundo, é capaz de modificar as estruturas socialmente injustas que condicionam nossas vidas. O que existe e resiste no pensamento freireano é a visão sobre o ser humano e sobre a História, que reconhece no *Ser Mais* a possibilidade de esperança, de sonho, de utopia, de justiça e de transformação social. Longe de ser tarefa fácil – e, também, longe de ser fruto de delírios de um sonhador – esse ideal é o que nos mantém vivos, ativos, pensantes e, também, indignados diante da realidade que está posta e de um futuro que se sabe problemático. O *Ser Mais* é o que nos humaniza e nos move em direção à busca de um mundo mais justo, mais bonito, menos odioso.

Tais considerações já estavam presentes no pensamento freireano desde pelo menos a década de 1960, na sua obra de maior repercussão, a *Pedagogia do oprimido* (2019c). Escrito entre 1967 e 1968, quando Paulo Freire estava exilado no Chile, o livro aborda as preocupações do educador quanto à desumanização e “proibição do *Ser Mais*”, fruto das situações de opressão, e, mais ainda, propõe uma pedagogia que se coloque a serviço de uma “educação como prática da liberdade” e, portanto, humanizadora e libertadora de oprimidos e opressores.

Ainda que com um vocabulário diferente do encontrado nos escritos da década de 1990, que mencionamos no decorrer destas reflexões iniciais, Paulo Freire não deixou de demonstrar, desde sempre, a sua preocupação com as desigualdades, as injustiças e as opressões e, ao mesmo tempo, o seu desejo de alcançar um mundo menos feio, mais justo em que a luta por transformação fosse um sonho possível. Por uma questão de temporalidade histórica, o vocábulo “neoliberalismo” – e, conseqüentemente o seu “discurso fatalista” – não é utilizado na *Pedagogia do oprimido*, uma vez que este é um termo posterior ao livro. No entanto, fica claro na obra que seu autor jamais se afastou de sua crítica à sociedade capitalista – à forma como ela se estrutura, perpetuando as injustiças, as desigualdades e as opressões; à maneira como ela rouba os sonhos, a utopia, o futuro, os “inéditos viáveis” e as esperanças; ao modo como ela impossibilita o *Ser Mais*; e, ainda, como ela nos desumaniza, afastando-nos de nossa vocação histórica e existencial.

Partindo de situações concretas de opressão, observando as relações de dominação que se estendem também à escola, Paulo Freire propõe um rompimento com a pedagogia dominante, por entender que ela é a pedagogia das classes dominantes e, como tal, é incompatível com uma “educação libertadora”, ideia defendida por ele em toda a extensão de sua obra.

Diante dessa consciência crítica sobre a realidade, e se colocando sempre como alguém incapaz de aceitá-la passivamente como algo insuperável, o autor pensa as existências com um compromisso ético e estético, encontrando na educação as ferramentas necessárias para a luta dos oprimidos em busca de sua libertação, enfatizando que “Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda” (FREIRE, 2019b, p. 77).

Paulo Freire pontua que a desumanização como consequência das relações de dominação não é observada somente em quem tem a sua humanização roubada. Mas, também, naqueles que a roubam, porque, ao fazê-lo, distorcem a vocação ontológica do *Ser Mais*. Assim, não se pode admitir que a desumanização seja uma vocação histórica dos sujeitos, mas sim uma distorção possível dela. Ela é o resultado de um encadeamento de fatores indissociáveis das relações de opressão mantidas pelas estruturas de poder que a sociedade capitalista sustenta.

É, então, a violência dos opressores que faz dos oprimidos seres proibidos de ser (FREIRE, 2019c, p. 59). Proibidos de *Ser Mais*, tornam-se objetos, que, como tais, não sonham, não lutam, não esperanças, não intervêm e não transformam a realidade.

Há, portanto, algo nesta relação que merece ser observado. Os opressores, uma vez também desumanizados ao desumanizarem, “[...] violentando e proibindo que os outros sejam, não podem igualmente ser” e, então, “[...] os oprimidos, lutando por ser, ao retirar-lhes o poder

de oprimir e de esmagar, lhes restauram a humanidade que haviam perdido no uso da opressão” (FREIRE, 2019c, p. 59).

Assim, a desumanização, como fruto da violência dos opressores,

[...] não instaura uma vocação – a do ser menos. Como distorção do ser mais, o ser menos leva os oprimidos, cedo ou tarde, a lutar contra quem os fez menos. [...] Está aí a grande tarefa humanista e histórica dos oprimidos – libertar-se a si e aos opressores (FREIRE, 2019c, p. 41).

É no *Ser Mais* que vamos encontrar elementos “[...] para a libertação dos oprimidos como busca de humanização” (STRECK; REDIN; ZITKOSKI, 2018, p. 426). No entanto, é importante ressaltar que a liberdade não é uma doação, mas sim uma conquista. E, por isso, os oprimidos devem buscá-la permanentemente, rejeitando o lugar de mero objeto que as diferentes formas de opressão lhes fazem ocupar, reivindicando constantemente seu direito de *Ser Mais* (FREIRE, 2019c, p. 46).

Nesse sentido, a educação, enquanto ferramenta da busca da libertação dos oprimidos, não pode se limitar ao mero ensino de conteúdos. Ela não pode ser um processo acrítico de transferência de conhecimentos, passivo e livre de problematização. E essa é a crítica e a recusa que Paulo Freire faz de uma prática que chamou de “educação bancária”.

A “educação bancária” (FREIRE, 2019c, p. 79-81) é um instrumento de opressão autoritário que entende o “saber” como uma “[...] doação dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber”. Não há, nesta concepção de educação, o respeito aos múltiplos saberes dos educandos, tampouco aos chamados “saberes da experiência feitos” tão valorizados na práxis freireana.

Há, na *Pedagogia do oprimido*, um capítulo inteiro (FREIRE, 2019c, p. 79-106) dedicado a pensar os pressupostos e a crítica necessária a este “formato” de educação. Paulo Freire observa que a prática de uma educação parada, estática, compartimentada e bem-comportada e, ainda, absolutamente alheia à experiência existencial dos sujeitos, impõe ao educador a tarefa indeclinável de encher os educandos de conteúdos que, por serem “[...] retalhos da realidade desconectados da totalidade em que se engendram” (p. 80-81) se esvaziam de sentido, tornando-se “palavra oca”, “verbosidade alienada e alienante”.

Educar, nesse contexto, é equivalente a depositar conteúdos nos educandos, sem possibilidade de reflexão crítica, como se estes fossem tábulas rasas, recipientes vazios, que estão ali prontos para receberem o que os educadores devem lhe oferecer. Esta prática retira da educação aquilo que, para Paulo Freire, é indiscutivelmente essencial: o diálogo. Não há interação, nem escuta, nem tampouco valorização e respeito a outros tipos de saberes que não

os hegemonicamente reconhecidos e praticados em uma escola engessada, fechada, inflexível e, por isso, perpetuadora de um modelo opressor de educação.

Ao valorizar somente os saberes institucionalizados, presentes, sobretudo, no currículo formal, a “educação bancária” mecaniciza a atividade educativa e transforma educandos em meras vasilhas, aptas a receberem docilmente seus depósitos de conteúdos. Quanto mais cheios de conteúdos, quanto mais arquivarem estes saberes, melhores serão estes educandos. E quanto mais memorizarem e repetirem estes aprendizados, acriticamente, mais se afastarão da força transformadora da educação.

Assim, Paulo Freire encontra nesta concepção um empecilho para a educação que defendeu: uma educação emancipadora, crítica; uma “educação como prática da liberdade”. Na visão freireana, ao submetermos os educandos à mera absorção e ao arquivamento de conteúdos, estamos obrigando-os a se arquivarem enquanto sujeitos e cidadãos. Essa concepção equivocada de educação, que os coloca fora da busca, fora da práxis e, ao mesmo tempo, lhes rouba a capacidade crítica, a criatividade, a reflexão, o sonho de transformação, não reconhece e valoriza seus saberes, impedindo-os de ser; impossibilitando, portanto, o *Ser Mais*.

Para Paulo Freire, “Só existe saber na invenção, na reinvenção, na busca inquieta, impaciente, permanente” e esperançosa que fazemos “no mundo, com o mundo e com os outros” (FREIRE, 2019c, p. 81). A pedagogia freireana não pode, portanto, ser a que reflete a sociedade opressora, sendo, por esta razão, incompatível com uma prática bancária de educação.

Esse bancarismo anula, ou ao menos minimiza, o poder criador dos educandos, alimentando, assim, a sua ingenuidade e não sua criticidade, satisfazendo, ao mesmo tempo, os interesses dos opressores, para quem a preservação das situações de privilégio de classe é fundamental. Opressores não desejam transformar a realidade, porque são beneficiários dela. E, por esta razão, é que reagem negativamente a qualquer tentativa de educação que estimule o pensamento autêntico e crítico, pois veem neste movimento uma ameaça à estabilidade de sua existência e de seus privilégios.

A educação bancária, como instrumento de opressão, busca modificar a mentalidade dos oprimidos e não a realidade que os oprime. Ao adaptar os sujeitos às situações de opressão, tornam mais fácil a dominação. O pensar autêntico se torna, nesse contexto, um ato perigoso, uma vez que ameaça os privilégios das classes dominantes, colocando em xeque o argumento fatalista que naturaliza as desigualdades e as opressões.

Assim, o que Paulo Freire nos diz é que se pretendemos libertar os oprimidos, não podemos praticar uma educação bancária. Não podemos alienar os educandos, docilizando-os

frente a uma realidade que os desumaniza e os impede de *Ser Mais*. A libertação autêntica, nos diz o mestre (FREIRE, 2019c, p. 93, grifo do original), “[...] é a humanização em processo, não é uma *coisa* que se deposita [...]. Não é uma palavra a mais, oca, mitificante. É práxis, que implica a ação e a reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo”.

A educação libertadora, problematizadora, deve ser, portanto, um “ato cognoscente” (FREIRE, 2019c, p. 94) e, para isso, precisa ser uma prática dialógica que supere a dicotomia educador-educandos. Para romper com as situações de opressão, ela precisa ser horizontal, sobretudo porque “[...] ninguém educa ninguém, [...] ninguém educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo” (FREIRE, 2019c, p. 96). Esta educação, ao contrário do modelo bancário, é um “quefazer” humanista e libertador, que possibilita aos oprimidos a luta por sua emancipação.

Oprimidos e oprimidas, ao se tornarem sujeitos de sua história, superando o intelectualismo alienante e o autoritarismo do bancarismo, passam a perceber a sua existência e o seu futuro como problemáticos, mas não mais como algo fatalmente natural e imutável. O que era, portanto, aparentemente impossível de mudar se torna uma situação desafiadora e limitante, em alguma medida, mas deixa de ser uma barreira intransponível. Por meio de uma educação libertadora, que estimule o pensamento crítico e que respeite os educandos como seres que também sabem, julgam, valoram, sonham, criam, aprendem e ensinam, estamos rompendo com a prática alienante e desumanizante que não respeita a vocação existencial do *Ser Mais*. “O homem como um ser inconcluso, consciente de sua inconclusão, e seu permanente movimento de busca do *Ser Mais*” (FREIRE, 2019c, p. 101) encontra na educação freireana o seu espaço, a sua existência, a sua possibilidade.

Assim, a ideia de transformação no pensamento freireano possui direta ligação com seu ideal de educação. Sem uma educação libertadora, que problematize a realidade e conscientize as pessoas acerca dos mecanismos que envolvem suas próprias existências, estaremos contribuindo para a manutenção das desigualdades e das estruturas de opressão. Nenhuma realidade se transforma a si mesma sem a inserção crítica das massas por meio da práxis (FREIRE, 2019c, p. 55); da práxis que é feita da ação e reflexão dos sujeitos no e com o mundo.

Também na década de 1990, ao publicar a *Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do oprimido* (FREIRE, 2020a), como o próprio título sugere, Paulo Freire retomou pontos importantes de seu pensamento de tantos anos para aprofundar, renovar, ratificar – e, também, retificar – alguns de seus posicionamentos. A revisitação, e até mesmo a repetição, é uma característica da obra freireana e, no caso específico deste livro, traz uma extensa conversa em que o autor reafirma sua postura quanto ao que mencionamos nestas palavras iniciais: a sua

recusa diante de todo discurso fatalista que trate o futuro como inexorável e a defesa de uma educação política, crítica, ética e estética, cuja força transformadora é urgente.

Como educador, Paulo Freire não deixou de ser militante das causas justas e políticas que buscassem, sobretudo, o fim das desigualdades sociais. Posicionou-se sempre, repetidamente, ao lado dos oprimidos, dos “condenados da terra”, dos explorados, dos analfabetos e de todos aqueles que sofriam qualquer tipo de discriminação. Embora não tenha feito uma distinção clara sobre quem exatamente era o “povo oprimido” – por quem sempre lutou e se dedicou, de alguma maneira – na *Pedagogia da esperança*, ele deixa claro que oprimido é todo aquele que internalizou dentro de si a figura do opressor que lhe rouba os sonhos, a voz, as palavras, a esperança, a liberdade e a possibilidade de *Ser Mais*; de ser e estar no e com o mundo e nele intervir.

Os oprimidos constituem, portanto, as grandes maiorias (em número, e minorias em ações do poder público) marginalizadas, humilhadas, preteridas e excluídas não só do Brasil e da América Latina, mas de todo o mundo. São os seres supérfluos ao capital; são os invisíveis, os explorados, os mecanizados, os objetificados. São os sujeitos à margem das políticas públicas, das oportunidades de existência digna, dos interesses das classes dominantes, alheios aos degraus de conquistas sociais importantes. São os inúteis e os desimportantes. São aqueles facilmente descartados. São estes que ainda existem e com quem ainda precisamos nos importar.

Assim, a leitura que fazemos de Paulo Freire, hoje, quase 25 anos depois de sua partida, encontra nestas questões uma impressionante atualidade de seu pensamento. Contudo, é interessante observar que se o legado freireano resistiu à sua morte e aos efeitos do tempo, nossos problemas sociais também o fizeram. O Paulo Freire da década de 1960, revisitado e reafirmado na década de 1990, é ainda atual em 2023, porque muitos dos nossos problemas do século passado ainda perduram. Importante notar, no entanto, que, historicamente, muitas coisas mudaram, claro. Estamos em outro século e o mundo sobre o qual pensamos hoje não é o mundo que Paulo Freire conheceu e sobre o qual refletiu e escreveu. Entretanto, se olharmos para a nossa realidade agora, é possível encontrar na leitura de Paulo Freire elementos que nos ajudam a compreendê-la, interpretando-a em muitos aspectos de sua complexidade.

Nesse sentido, os pontos abordados nesta explanação inicial ganham engajamento e sentido quando pensamos no momento em que vivemos. A força destruidora do capitalismo não é, também, algo novo, cuja notoriedade é recente. Infelizmente, ela também resiste aos efeitos do tempo. Há anos, muitos são os autores que se dedicaram e se dedicam a discutir, e até mesmo comprovar, a insustentabilidade do modelo de sociedade capitalista. Não só a

natureza é consumida, depredada, desmatada, maltratada em nome do lucro. Nós, os seres humanos, também somos.

No entanto, ainda que tenhamos consciência – que não é unânime e nem completa, com certeza – dessa força avassaladora que nós mesmos ajudamos a criar, não encontramos, ou não alcançamos, um modelo de sociedade que a substitua. Vivemos em uma sociedade capitalista. Então, nossas preocupações giram em torno dos fios que formam essa teia de relações.

Dessa maneira, a preocupação de Paulo Freire com o discurso fatalista neoliberal é uma preocupação que faz sentido ainda hoje, para nós, em 2023. Desmentir, apontando seu viés falacioso, e recusar este discurso é uma tarefa que ainda nos cabe. Reinventar nossas formas de existência e nossas maneiras de ensinar e aprender é, ainda, uma necessidade urgente. Por esta razão, a nossa leitura de Paulo Freire, além de necessária, precisa ser ancorada em uma leitura de mundo atualizada e aprofundada.

Sendo assim, a leitura que fazemos de Paulo Freire, para além de suas marcas conceituais, é uma leitura sustentada em outras leituras: de palavras e de mundo. Há muitas formas de interpretar um texto e, também, a realidade, mas todas elas só são possíveis a partir de um lugar: aquele que ocupamos. Lemos e interpretamos, as palavras e o mundo, a partir desse lugar que nos pertence individualmente, mas que nos permite pensar e avaliar as coisas coletivamente. Nossa formação, nossa história, nossos “saberes de experiência feitos”, nossa “curiosidade epistemológica”, dizendo freireanamente, são o que constroem a nossa leitura de mundo e nos permitem refletir criticamente acerca das opressões e dos mecanismos que as fomentam.

Então, há uma lente permanente em cada leitura feita, que é a lente da recepção. Ao ler um texto, temos reações de leitura – algumas imediatas, outras mais profundamente alcançadas – que vão formando o quebra-cabeças de nossa compreensão. Um texto, portanto, só faz sentido quando ganha um leitor. A leitura é parte essencial da escrita, porque a completa. Paulo Freire precisa ser lido. Precisa continuar sendo lido, com as inúmeras possibilidades de leitura que sua obra permite, alcançando a leitura de mundo de seus leitores, e completando, assim, o seu sentido de existir (e resistir ao tempo).

É, então, nesse sentido que percebemos como a obra de Manoel de Barros nos permite aprofundar a leitura de Paulo Freire. Do lugar que ocupamos – que é, hoje, o lugar da pesquisa, que exige uma leitura investigativa, crítica, cuidadosa e que é feita por alguém que vive no Brasil de 2022/2023, experimentando tudo o que isso significa e envolve –, entendemos que a obra barroseana é também necessária para se pensar as questões fatalistas mencionadas e as

adversidades do nosso tempo. É uma leitura de mundo que alcança uma necessária leitura de palavras.

Manoel de Barros sempre se referiu a si mesmo como “um poeta das palavras”. Recusou sempre qualquer definição que fugisse desta afirmação. Para ele, fazer poesia é ser um artesão de palavras. É brincar com elas, subvertendo o padrão gramatical, criando novas relações (im)possíveis para elas.

No entanto, como toda leitura envolve a recepção e a percepção de um(a) leitor(a), afirmamos que a sua poesia atinge outros pontos que vão além dessa (auto)definição. Não fazemos esta afirmação ancorando-nos em uma ousadia de leitura apaixonada de sua obra. Fazemos esta ressalva apontando para aquilo que aprendemos ao estudar poesia. “O poeta faz linguagem para generalizar e regenerar sentimentos” (Charles Peirce *apud* PIGNATARI, 2004, p. 10). E não somente isso: o poeta é “aquele que ajuda a fundar culturas inteiras”, é aquele que está sempre criando e recriando a linguagem, e, por isso, “cria e recria o mundo” (p. 11).

Poderíamos nos limitar a dizer aqui que a poesia de Manoel de Barros não é somente um artefato de linguagem, mas parte fundante de nossa cultura brasileira, que nos ajuda a criar e recriar a linguagem e o mundo, assim como alguns estudiosos de poesia podem nos orientar. Entretanto, o motivo de escolha deste autor para este diálogo se encontra em outras questões. “A poesia é, por excelência, anti mais-valia”⁸ e “A poesia é a arte do anticonsumo” (PIGNATARI, 2004, p. 10) foram as frases que ajudaram a definir esta escolha. A poesia de Manoel de Barros ultrapassa, portanto, os limites do poeta. A sua recusa a uma poesia política, de resistência, ou, ainda, que tenha qualquer temática como o centro não é maior do que o sentido de toda e qualquer poesia, justamente e somente por ser poesia. Ao fazer linguagem, da maneira como faz, Manoel de Barros subverte não só a gramática normativa, mas também a lógica capitalista, ainda que esta não seja a sua intenção imediata.

Isso porque a leitura aprofundada de seus poemas alcança camadas que permitem essa interpretação. Manoel de Barros tem uma poesia voltada para o chão. Seu olhar rasteiro busca constantemente o miúdo, o menor, o ínfimo, o descartado. E faz parte da sua “Estética da Ordinarietàade” (MÜLLER, 2010) escrever sobre o restolho, o traste, o inútil, o desimportante.

Por esta razão, em uma primeira impressão, a poesia barroseana é vista como a poesia que contempla as coisas simples, sejam elas existenciais ou não. É comum, portanto, iniciar a

⁸ A frase é do professor Edson Pereira da Silva, do Laboratório de Genética Marinha e Evolução/UFF. Edson foi professor convidado do curso remoto de “Poesia e Política”, ministrado pelo professor do curso de Letras da UFRRJ, Roberto Bozzetti, no início de 2020, logo quando começou a pandemia. A frase foi pronunciada em uma das discussões de aulas das quais fui participante.

leitura de sua obra esperando encontrar uma simplicidade também na sua construção, ou no entendimento que se espera alcançar de algum modo em toda e qualquer leitura. No entanto, é importante esclarecer que, por trás dessa aparente simplicidade, há uma complexidade de criação que exige bastante desprendimento do leitor. A começar pela sintaxe do absurdo, o leitor de Manoel de Barros precisa desapegar das noções de realidade que conhece por meio dos sentidos, da gramática, das normas, dos padrões e da necessidade de entendimento com a qual comumente chega em suas leituras, poéticas ou não. Isto porque, ele esclarece, “[...] poesia não é para compreender mas para incorporar. Entender é parede: procure ser uma árvore” (BARROS, 2016b, p. 43). Portanto, incorporar a poesia de Manoel de Barros é uma tarefa que se insere na relação entre o tempo dedicado à contemplação poética e o desapego à normalidade dos fatos e das coisas, ou seja, da vida.

Nesse sentido, a ruptura barroseana não se dá somente na esfera estética do campo linguístico, mas ocorre também sob o ponto de vista estético de objetos, personagens, cenários e demais seres que o poeta recolhe, da natureza e da imaginação, para compor sua criação.

Não raro percebemos que, na vida social, o nosso olhar, a nossa leitura de mundo e as nossas aspirações pessoais e coletivas são constituídas a partir de diversas formas de educação. Não só a escola, mas também a televisão, o rádio, as revistas, os jornais, a internet e outras manifestações sociais possuem alto poder educador que nos leva a uma percepção de mundo comum, normatizada, padronizada, que não valoriza, muitas vezes, as singularidades existenciais. Nosso senso estético, por sua vez, também é formado a partir de uma educação do olhar e dos sentidos.

Nesse contexto, as noções de beleza e de importância, por exemplo, vão sendo definidas seguindo padrões preestabelecidos em cada tempo-espço como uma (quase) unanimidade. Seja a partir das nossas partilhas e relações sociais, seja por meio dos que controlam os meios de comunicação em massa e seus agentes, comumente consideramos belo o que os demais consideram que é belo; feio o que dizem ser feio; correto o que afirmam ser correto; importante o que julgam importante; desprezível o que atestam ser desprezível, e assim por diante. Contudo, não se quer dizer aqui que não somos seres capazes de refletir acerca dessas situações e avaliarmos criticamente formas de existência que não perpetuem esses padrões. Sobretudo hoje, na contemporaneidade, temos prestado bastante atenção nesses discursos formadores, reivindicando, inclusive, espaços de atuação para aqueles que não se encaixam neles e que buscam, dessa maneira, o rompimento com uma suposta obrigatoriedade de pertencimento que, nos fazem crer, a vida em sociedade nos exige. Entretanto, também é importante dizer que estas iniciativas, embora tenham alcance social relevante em alguma medida, ainda são tímidas se

comparadas ao potencial do todo formativo. Representam, portanto, a exceção à regra, mas ainda são insuficientes para a sua definitiva superação.

Sendo assim, é possível perceber na poesia barroseana também uma busca pela ruptura com esse todo formador que normatiza os sentidos, as existências e define também as importâncias. Manoel de Barros disse, inúmeras vezes, em entrevistas, e demonstrou, em seus poemas, que seu apelo estético é voltado para o ordinário, o desanormal, o traste, o lodo, o lixo, o ínfimo, o desimportante, o desprezível. Da mesma maneira, afirmou que o que lhe interessa está no chão, nas miudezas e naquilo que a natureza nos oferece de forma gratuita.

O poema “O apanhador de desperdícios” (BARROS, 2018, p. 25) ilustra bem essa questão, conforme se pode ler a seguir:

Uso a palavra para compor meus silêncios.
 Não gosto das palavras
 fatigadas de informar.
 Dou mais respeito
 às que vivem de barriga no chão
 tipo água pedra sapo.
 Entendo bem o sotaque das águas.
 Dou respeito às coisas desimportantes
 e aos seres desimportantes.
 Prezo insetos mais que aviões.
 Prezo a velocidade
 das tartarugas mais que a dos mísseis.
 Tenho em mim um atraso de nascença.
 Eu fui aparelhado
 para gostar de passarinhos.
 Tenho abundância de ser feliz por isso.
 Meu quintal é maior do que o mundo.
 Sou um apanhador de desperdícios:
 Amo os restos
 como as boas moscas.
 Queria que a minha voz tivesse um formato de canto.
 Porque eu não sou da informática:
 eu sou da invencionática.
 Só uso a palavra para compor meus silêncios.

Sendo assim, o poeta rompe com o sublime da poesia que exalta belezas e importâncias, em um primeiro momento, óbvias e fixas. Não cabem em sua poesia palavras acostumadas, objetos, pessoas e cenários considerados, quase unanimemente, como belos, corretos e importantes. A criação barroseana abandona o sentido normal das coisas e a cartilha preestabelecida que nos educa acerca do que devemos e podemos amar, elogiar, admirar e respeitar. Dedicar-se, assim, ao labor poético que desexplica e que nada pretende.

O que comumente é desprezado na vida em sociedade, o que não interessa à civilização, aquilo que é feio, rejeitado, desimportante ganha destaque e beleza em sua poesia. Para tanto, as palavras escolhidas pelo poeta, com seus novos significados e suas novas funções, também

são carregadas de desprezo e abandono; fato que o poeta se dedica a revelar, e também modificar, em alguma medida.

Sou mais a palavra arrombada a ponto de escombros. Sou mais a palavra a ponto de entulho ou traste. Li em Chestov que a partir de Dostoiévski os escritores começam a lutar por destruir a realidade. Agora a nossa realidade se desmorona. Despençam-se deuses, valores, paredes... Estamos entre ruínas. A nós, poetas destes tempos, cabe falar dos morcegos que voam por dentro dessas ruínas. Dos restos humanos fazendo discursos sozinhos nas ruas. A nós cabe falar do lixo sobrado e dos rios podres que correm dentro de nós e das casas. [...] resta falar dos fragmentos, do homem fragmentado que, perdendo suas crenças, perdeu sua unidade interior. É dever dos poetas de hoje falar de tudo que sobrou das ruínas e está cego. Cego e torto e nutrido de cinzas. [...] E, se alguma alteração tem sofrido a minha poesia, é a de tornar-se [...] cada vez mais, o aproveitamento de materiais e passarinhos em demolição... (MÜLLER, 2010, p. 43).

A beleza da poesia surge, portanto, de uma ruptura com os padrões, sejam eles relacionados com a linguagem, ou até mesmo com os nossos olhares acostumados. O poeta ama os restos, os entulhos, os trastes e consegue, com o seu olhar enviesado, com sua deformação na alma, transformá-los em matéria de sua poesia. Os “nervos de entulho” (MÜLLER, 2010, p. 43), ou seja, “tudo aquilo que a civilização rejeita, pisa e mijá em cima” servem bem à criação do poeta.

De muita [...] compaixão é feita a poesia do nosso século. Um fundo amor pelos humilhados e ofendidos de nossa sociedade banha quase toda a poesia hoje. Esse vício de amar as coisas jogadas fora – eis a minha competência. É por isso que eu sempre rogo pra Nossa Senhora da Minha Escuridão que me perdoe por gostar dos desheróis. [...]. (MÜLLER, 2010, p. 43).

Dessa forma, os desheróis, os entulhos, os inúteis, as inutilidades, e demais “pobres coisas do chão mijadas de orvalho” (BARROS, 2016d, p. 45) assumem o protagonismo da criação poética barroseana. Desde seus primeiros poemas, publicados nos livros *Poemas concebidos sem pecado* e *Face Imóvel* (BARROS, 2016a), já é possível notar essa inclinação do olhar poético para o chão, para o ínfimo e a sua preocupação em valorizar tudo o que não tem préstimo e não serve de nada e para nada. Tal questão fica bastante explícita no poema que abre o livro *Matéria de Poesia* (BARROS, 2019a), cujos extratos selecionados reproduzimos a seguir:

1.

Todas as coisas cujos valores podem ser
disputados no cuspe à distância
servem para poesia
O homem que possui um pente
e uma árvore
serve para poesia
Terreno de 10x20, sujo de mato – os que
nele gorjeiam: detritos semoventes, latas
servem para poesia
Um chevrolé gosmento
Coleção de besouros abstêmios
O bule de Braque sem boca
são bons para poesia
As coisas que não levam a nada

têm grande importância
 Cada coisa ordinária é um elemento de estima
 Cada coisa sem préstimo
 Tem seu lugar
 na poesia ou na geral [...]
 Tudo aquilo que nos leva a coisa nenhuma
 e que você pode vender no mercado
 como, por exemplo, o coração verde
 dos pássaros,
 serve para poesia [...]
 Tudo aquilo que a nossa
 civilização rejeita, pisa e mija em cima,
 serve para poesia
 Os loucos de água e estandarte
 servem demais
 O traste é ótimo
 O pobre-diabo é colosso [...]
 Pessoas desimportantes
 dão para poesia
 qualquer pessoa ou escada
 Tudo que explique
 a lagartixa da esteira
 e a laminação de sabiás
 é muito importante para a poesia
 O que é bom para o lixo é bom para a poesia [...]
 As coisas jogadas fora
 têm grande importância
 – como um homem jogado fora
 Aliás é também objeto de poesia
 saber qual o período médio
 que um homem jogado fora
 pode permanecer na terra sem nascerem
 em sua boca as raízes da escória
 As coisas sem importância são bens de poesia
 Pois é assim que um chevrolé gosmento chega
 ao poema, e as andorinhas de junho.
 (BARROS, 2019a, p. 17-19).

Dessa maneira, Manoel de Barros transforma em poesia tudo aquilo que “sofre alguma discriminação” na sociedade. A poesia barroseana se preocupa em retirar essas coisas e esses seres desprezados e desprezíveis da sarjeta, dando-lhes novas existências e importâncias. No contexto de sua poesia, as coisas desimportantes deixam de sê-lo para ocupar um lugar de protagonismo estético. O elogio que faz do inútil é como o poeta fertiliza em sua poesia a ideia de que a linguagem, ao romper com a realidade, reinventando-a, inaugura outros mundos possíveis e outras formas de verdade.

Pensando freireanamente, a poesia barroseana nos permite aproximar inúteis e oprimidos. Assim como os oprimidos, esfarrapados e “condenados da terra”, os inúteis são os seres descartados pela sociedade capitalista. “O homem jogado fora” (BARROS, 2019a) tem grande importância para a poesia de Manoel de Barros. Na palavra poética, o limbo e o lixo assumem outras conotações. E os seres rejeitados compõem a sua ousada estética ordinária.

Paulo Freire dedicou sua vida e obra à busca pela libertação dos oprimidos. Como mencionado no início desta explanação, desde seus primeiros escritos, seu posicionamento quanto a este aspecto foi irreduzível e inegável. Ele jamais deixou de estar do lado e ao lado dos povos oprimidos. Entretanto, o educador sempre deixou claro também que esta é uma permanente busca e não uma conquista pontual, individual e definitiva. Libertar os oprimidos de suas opressões requer um trabalho constante de conscientização e uma luta permanente que perpassa por muitos processos de transformação. Inclusive, essa busca, de toda a sua vida, foi o que o fez condenar e recusar o discurso fatalista neoliberal de que a realidade e o futuro são inexoráveis. Por não aceitar que os oprimidos devessem ocupar o lugar de oprimidos, por se recusar a ver isso com algum grau de naturalidade ou normalidade, Paulo Freire negou o ideal neoliberal, e, antes mesmo disso, rechaçou as consequências socialmente desiguais da vida capitalista. Sempre foi inaceitável para o autor a ideia de que as existências pudessem ter valores diferentes.

Manoel de Barros, ao “monumentar os inúteis” (BARROS, 2016d), se manifesta do lado e ao lado dos oprimidos. E, mais ainda, se coloca na contramão das afirmações fatalistas do discurso neoliberal, condenadas por Paulo Freire. Isso porque, ao modificar as posições, e inverter os ideais de beleza e de importância, ele reorganiza o mundo. Com o artefato da linguagem, o poeta liberta, finalmente, os oprimidos de suas opressões, dando-lhes novos lugares e papéis no curso da História. Elogiar os inúteis é a maneira de alcançar a sonhada emancipação freireana. E é a libertação dos oprimidos que pode desmontar a falácia do discurso fatalista neoliberal. No reino da palavra poética, não existem impossibilidades de futuro e de existências. A rebeldia do poeta entrega para o leitor o sonho freireano. Oprimidos não são mais oprimidos, inúteis não são mais inúteis, mas seres livres que, ocupando espaços e posições esteticamente privilegiados, conquistam, finalmente, seu direito de *Ser Mais*. Um pente é mais do que um pente, uma formiga é mais do que uma formiga, e é “mais importante do que uma Usina Nuclear” (BARROS, 2018, p. 43), e “um homem jogado fora” é mais do que somente “um homem jogado fora”.

A liberdade de criação barroseana põe fim às amarras da opressão. Quando o poeta se nega a seguir uma cartilha esteticamente capitalista, “escrevendo absurdez”, ele liberta as palavras, que, como “seres de linguagem”, constroem as imagens e as verdades poéticas, conferindo-lhes um universo de possibilidades. Realidade e verdade são, nesse sentido, signos linguísticos de significações bem distantes. É como se uma fosse uma recusa à outra. A verdade da poesia se recusa a ser uma mera reprodução da realidade, não se curvando ao seu fatalismo. Sobretudo quando esta realidade se mostra em tamanho desajuste social. O elogio do inútil

contra o fatalismo neoliberal é uma leitura possível de uma poesia que resiste ao utilitarismo capitalista, que só enxerga utilidade (e beleza) naquilo que pode (e enquanto pode) ser usado para a manutenção dos privilégios de classe, ou ainda, naquilo que admitem como peça indispensável para o que chamam de “progresso”.

Sobre isso, é sabido que a modernidade trouxe para a humanidade uma ideia de desenvolvimento e progresso que, não raro, se afasta do mundo considerado “natural”. São as máquinas, as tecnologias, as invenções humanas que determinam as importâncias e as grandezas do mundo em que vivemos. E é o dinheiro que direciona os nossos sentidos e objetivos, e que, inclusive, orienta o nosso entendimento acerca das utilidades e importâncias, em torno de nós mesmos e do mundo. Temos, então, a tendência a considerar válido, útil e importante somente aquilo que o capitalismo nos diz que é. A exuberância se restringe ao progresso das grandes cidades, iluminadas, aceleradas, frenéticas e constantemente sufocadas entre infinitos passos apressados e relógios que encurtam as horas do dia. Há uma beleza, talvez uma plasticidade, nas cidades e no progresso que se dedica ao feitiço de coisas grandes e grandes coisas. Talvez isso seja inegável.

Contudo, é importante lembrar que há também a beleza das gratuidades e de outras formas de existências que, por não encontrarem espaço na agenda acelerada da civilização, acabam sendo desprezadas, abandonadas, rejeitadas. Nesse sentido, Manoel de Barros se desloca da obviedade da beleza plástica, direcionando o nosso olhar para a grandeza e a beleza do ínfimo, para o valor daquilo que é desimportante e gratuito e para resgatar nosso sentido de humanização, adormecido desde que o capitalismo chegou e transformou (quase) tudo em máquina.

A mim me parece que é mais do que nunca necessária a poesia. Para lembrar aos homens o valor das coisas desimportantes, das coisas gratuitas. Vendem-se hoje até vista para o mar, sapos com esquadrias de alumínio, luar com freio automático, estrelas em alta rotação, laminação de sabiás etc. Há que ter umas coisas gratuitas pra alimentar os loucos de água e de estandarte. [...] A poesia tem a função de pregar a prática da infância entre os homens. A prática do desnecessário e da cambalhota, desenvolvendo em cada um de nós o senso do lúdico. Se a poesia desaparecesse do mundo, todos os homens se transformariam em máquinas, monstros, robôs (MÜLLER, 2010, p. 45).

Nesse sentido, olhar para o chão é mais importante do que olhar a imensidão do céu, posto que representa a volta às origens, e a negação da perda da humanidade. O poeta se recusa a seguir a lógica acelerada e mecanizada do capital, e monumenta tudo o que não serve para nada, e que, portanto, serve bem ao poema. Ele se dedica a redimir os loucos, os bêbados, os andarilhos, os mendigos, os trastes, os insetos, os passarinhos, os lixos, o lodo, transformando tudo isso em riqueza e beleza de sua criação.

Os versos: “Só as coisas rasteiras me celestam” (p. 35), “É no ínfimo que eu vejo a exuberância” (p. 42), “Senhor, eu tenho orgulho do imprestável” (p. 43), “Nasci para admirar o à toa/ o em vão/ o inútil” (p. 40), retirados do *Livro sobre Nada* (BARROS, 2016d), ilustram bem a maneira como o poeta lida com o valor das desimportâncias do mundo.

A busca pela humanização, que é vocação ontológica dos seres humanos, como frisou Paulo Freire, perpassa os caminhos do labor poético. Se a poesia barroense não é política, temática ou mesmo de “resistência” – rótulos que o poeta sempre fez questão de rejeitar, como mencionamos – ela é, em si mesma, uma poesia de ruptura. Esta constatação não tem a ver, portanto, com o teor, o conteúdo ou o “assunto” de um poema. Amarrados à ideia de que tudo precisa ser compreendido, justificado, referenciado, buscamos para a poesia uma cartilha de interpretação que não é possível. Isso porque “O poema é, antes de tudo, um inutensílio” (BARROS, 2016b, p. 31). E, por ser um inutensílio, não serve para nada, não fala sobre nada, e desexplica mais do que explica. Contudo, justamente por ser um inutensílio, um poema é sempre uma forma de subversão.

Sobretudo se pensarmos no contexto do neoliberalismo, de seu fatalismo, de sua desumanização, de seu utilitarismo, a poesia é um manifesto de sua negação. O ponto-chave dessa discussão reside no fato de que a poesia barroense, ao escolher a lentidão da lesma, o cotidiano da formiga, a poesia das falas dos loucos, a beleza dos becos e das demolições, a sabedoria dos passarinhos e dos andarilhos, como “matéria de poesia”, passa a pertencer a um “não lugar” próprio, que se coloca livre para formas, cores, conteúdos, palavras e interpretações e se insere, ao mesmo tempo, no oposto do que a sociedade capitalista alimenta e reverbera.

Ao retirar do seio da sociedade capitalista o seu poder de decisão sobre as utilidades e importâncias, Manoel de Barros retira também o seu poder de desumanização. A humanização, como vocação ontológica do *Ser Mais*, em sentido freireano, é restaurada quando nos permitimos ser inúteis. Quando nos negamos a ser instrumentos e utensílios, robotizados pela incessante e, muitas vezes, ilógica, busca pelo crescimento e pelo progresso capitalista.

Capitalismo e progresso, palavras constantemente associadas, são, na verdade, antônimos, posto que incompatíveis. Não há progresso possível enquanto existirem seres descartados, explorados, oprimidos. Não há progresso verdadeiro enquanto a sociedade viver à sombra de um discurso que aniquila os sonhos, rouba os futuros, mantém e prolifera as desigualdades, e coloca em risco as esperanças e as utopias.

O olhar rasteiro de Manoel de Barros não é, portanto, um simples desprezo às grandezas das criações humanas e capitalistas. Sua rejeição é observada quando o poeta nos chama a atenção para a vida gratuita que existe muito além do que o capitalismo pode dar conta de

alcançar. “Há vida além do lucro e das utilidades. Parem, observem, permitam-se admirá-la e vivê-la” é a constante afirmação do “poeta das miudezas”.

Sendo assim, o inútil, na poesia barroseana, é o oprimido que desocupou uma cadeira da opressão. É o sujeito que não se coloca mais a serviço dos ideais que o oprimem. É alguém que faz mais do que produzir, repetir, obedecer, concordar e aceitar a realidade como algo imutável e o futuro como inalcançável. Resgatada a sua vocação para a humanização, o inútil, que agora não é mais “alguém jogado fora” e sim “matéria de poesia”, (re)existe com dignidade. Ele conquista a possibilidade de *Ser Mais* justamente por não ser alguém limitado, cuja existência é definitiva, imóvel, mecanizada. Dessa maneira, o sujeito da sarjeta – ressignificado na poesia, protagonista de uma nova verdade estética, que se descola de uma realidade desonesta – ganha consciência de que a sua existência, enquanto criação, é algo inacabado e em permanente movimento de construção e reconstrução.

Consciente de seu inacabamento, esse ser inútil poeticamente emancipado compreende a imensidão de possibilidades que a sua existência abriga. Percebe-se fragmentado, incompleto, inacabado, mas se vê capaz de ser e estar no e com o mundo e nele intervir. Por não ser completo é que pode sempre *Ser Mais*.

Manoel de Barros menciona, em alguns de seus poemas, a questão da “incompletude” do ser humano. Bernardo da Mata, que o poeta diz ser seu alter ego, é um personagem que aparece constantemente associado a esta expressão. No documentário *Só dez por cento é mentira...* (2008), o poeta conta que Bernardo é um personagem verdadeiro. Bernardo existiu não somente em sua criação, mas também de carne, osso, documento e história.

Bernardo morava e trabalhava na fazenda de Manoel. Na vida, não ouvia e não falava. Na poesia, era “quase árvore”. Na criação barroseana, Bernardo protagoniza a experiência da riqueza da incompletude. No *Livro das ignoranças* (BARROS, 2016c, p. 73) há um poema que exemplifica bem essa questão:

Bernardo é quase árvore.
 Silêncio dele é tão alto que os passarinhos ouvem
 de longe.
 E vêm pousar em seu ombro.
 Seu olho renova as tardes.
 Guarda num velho baú seus instrumentos de trabalho:
 1 abridor de amanhecer
 1 prego que farfalha
 1 encolhedor de rios – e
 1 esticador de horizontes.
 (Bernardo consegue esticar o horizonte usando três
 fios de teias de aranha. A coisa fica bem
 esticada.)
 Bernardo desregula a natureza:
 Seu olho aumenta o poente.

(Pode um homem enriquecer a natureza com a sua incompletude?)

É possível inferir desta leitura que a limitação física de Bernardo, que não fala e não ouve, tem sua relevância diminuída e adquire outra concepção na criação do poeta. É o silêncio de Bernardo que o permite ser íntimo dos passarinhos, que o faz ser e estar na e com a natureza, intervindo, interagindo, e nela existindo, em plenitude. Na perspectiva da poesia, a incompletude enriquece não só a natureza, mas também o poema. Há uma beleza observada na existência de Bernardo e na sua relação com a natureza. Ele a desregula, porque a engrandece, a aumenta, a embeleza, a enxerga e a experimenta de outras maneiras.

Bernardo é maior que sua limitação física, porque sendo incompleto, consegue *Ser Mais*. É mais do que alguém que não fala e não escuta, porque ao não falar e não escutar, alcança outra possibilidade de existir. Por ter recebido o “privilégio do abandono” (BARROS, 2015a, p. 17), “Ele fazia parte da natureza como um rio faz, um sapo faz, como o ocaso faz./ E achava uma coisa cândida conversar com as águas, com as árvores, com as rãs/ [...] Bernardo não sabia nem o nome das letras de uma palavra./ Mas soletrava rãs melhor que mim./ Pelo som dos gorjeios de uma ave ele sabia a sua cor./ A manhã fazia glória sobre ele [...]” (p. 17-18).

O poema “Biografia do orvalho” (BARROS, 2010a, p. 374), reproduzido a seguir, também traz essa perspectiva da riqueza existencial do inacabamento e, ainda, dialoga com outros pontos desta reflexão.

A maior riqueza do homem é a sua incompletude.
Nesse ponto sou abastado.
Palavras que me aceitam como sou – eu não
aceito.
Não aguento ser apenas um sujeito que abre
portas, que puxa válvulas, que olha o relógio, que
compra pão às 6 horas da tarde, que vai lá fora,
que aponta lápis, que vê a uva etc. etc.
Perdoai.
Mas eu preciso ser Outros.
Eu penso renovar o homem usando borboletas.

O primeiro verso reafirma aquilo que já havíamos observado em outros poemas e que assinalamos em passagens anteriores: a maior riqueza que o ser humano pode ter é existir enquanto ser incompleto, inacabado, pois, por “não ser” e sim “estar sendo”, permanentemente, como pontuou Paulo Freire, ele pode *Ser Mais*. Pode *Ser Mais* do que um objeto, um instrumento que somente reproduz instruções, comportamentos e ações, sem qualquer reflexão crítica.

Ao mencionar que não aguenta ser “apenas um sujeito que abre portas, que puxa válvulas, que olha o relógio, que compra pão às 6 horas da tarde, que vai lá fora, que aponta lápis”, o poeta está recusando a mecanização que a acelerada vida moderna impõe aos sujeitos,

e que lhes retira o seu sentido de humanidade. Ele, então, adquirindo consciência de sua vocação ontológica, busca resgatar sua humanização. É essa atitude que lhe permite ser reflexivo, pensante, crítico, que busca na práxis, na ação e reflexão, o sentido de sua existência. Esse sujeito, que “precisa ser Outros”, sabe que existe para *Ser Mais* do que somente um ser no mundo, mas alguém que intervém nele e que, por isso, pode transformá-lo.

Quanto à transformação – aspecto caro também ao pensamento freireano –, os versos que finalizam o poema nos sugerem esta preocupação, ou ao menos, este desejo. A escolha das borboletas e a expressão “renovar o homem” podem ser interpretadas como uma busca, um anseio por transformação.

Sob o ponto de vista freireano, o termo “transformação” tem um peso e uma conotação coletiva que ultrapassam o sentido que desejamos abordar aqui, por ora. O sonho de transformação freireano é um sonho “sonhado coletivamente”, um sonho de transformação social. Contudo, nos é permitido aproximar ambas as leituras quando pensamos a partir de alguns pontos específicos, dos quais vimos tratando até agora. A questão do *Ser Mais*, por exemplo, nos permite elaborar uma ideia particular de transformação, talvez mais próxima de um sentido de “mudança”. Ao se recusar a perder a sua humanidade, reivindicando o seu lugar enquanto autor da própria história, que pode ser mais do que um ser no mundo, esse sujeito está se transformando. E é nesse sentido que pensamos a questão da transformação neste momento, de algum modo afastado da dimensão que existe no sonho freireano, mas não em pontos específicos de seu pensamento.

Assim, a metáfora da metamorfose, a partir da perspectiva das borboletas, nos permite pensar tanto na questão transformadora existente no *Ser Mais*, quanto nos sentidos de liberdade e emancipação. A existência da borboleta passa pela transição de muitas fases de transformação. De ovo, depois larva, ela passa à lagarta – presa no casulo, limitada, oprimida, sem cor – para chegar, finalmente, à borboleta – livre, colorida, com asas para voar, emancipada.

A imagem da borboleta representa, na criação poética, o processo de transformação do *Ser Mais* freireano. “Renovar o homem usando as borboletas” é a maneira que o poeta encontra para dizer que, assim como as borboletas, nós, seres humanos, podemos *Ser Mais* do que somente “lagartas em seus casulos”. Esse sujeito que se recusa a ser objeto, que se nega a ser alguém que só obedece e segue orientações, “que abre portas e puxa válvulas”, é alguém que se liberta de seu casulo opressor para virar borboleta emancipada. A mecanização é o que pode nos manter presos, oprimidos, porque é o que nos impede de ser; é o que tolhe a nossa humanidade e o que limita a nossa existência. Quando rompemos com esse ciclo, quando rachamos o nosso casulo, conquistamos a nossa liberdade, a nossa emancipação, nos

transformamos em borboletas. O futuro da lagarta não é, portanto, ser, para sempre, inexoravelmente, lagarta, mas sim borboleta. O discurso fatalista neoliberal, criticado por Paulo Freire, diria, no entanto, o contrário. E, por isso mesmo, foi recusado pelo educador.

Ainda nesse mesmo poema, Manoel de Barros toca em outro ponto que faz parte do arsenal de ideias que Paulo Freire reuniu para recusar e desmontar a falácia do discurso fatalista neoliberal. Ao dizer que não pode ser um sujeito que “vê a uva”, o poeta está, de alguma forma, alcançando a ideia freireana a respeito da “educação bancária”.

Retomando, então, o que pensou Paulo Freire, entendemos que a educação, que não pode ser um mero depósito de conteúdos nos educandos, não pode seguir uma cartilha que ignore outros saberes e que não valorize e estimule neles o seu senso crítico e reflexivo diante das coisas e do mundo. Ela não pode ser uma simples “decoreba”, constituindo-se como uma prática alienante que não permite aos educandos “pensar certo” (FREIRE, 2019c). Sem espaço para criar, questionar, criticar, ponderar, aprender, mas também ensinar, esses alunos se mecanicizam, se afastam de sua vocação ontológica e são impedidos de *Ser Mais*.

Em alguma medida, na poesia, o sujeito que não pode ser quem apenas “vê a uva” está pensando também sobre os saberes e as maneiras como eles são difundidos e discutidos nos ambientes formais de educação: na escola, que é onde aprendemos a decorar letras e palavras no processo “tradicional” de alfabetização. É inegável a identificação imediata que encontramos entre esse verso e as cartilhas de ensino criticadas por Paulo Freire. Principalmente porque em seu livro póstumo, intitulado *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos* (FREIRE, 2019b, p. 100), o educador utiliza as mesmas palavras para exemplificar a sua crítica, conforme destacamos no fragmento reproduzido a seguir.

Daí, por isso mesmo, que sempre tenha entendido a alfabetização como um ato criador a que os alfabetizados devem comparecer como sujeitos capazes de conhecer e não como puras incidências do trabalho docente dos alfabetizadores. Daí a ênfase, no caso ainda da alfabetização, com que insisti sempre na crítica aos “ba-be-bi-bo-bu”, à memorização mecânica de letras e de sílabas, aos “*Eva viu a uva*”; a ênfase jamais esmaecida com que chamei a atenção dos educadores para a necessidade de os alfabetizados se exporem à substantividade misteriosa da linguagem, à boniteza de sua própria fala, rica de metáforas.

Metáforas que intensificam as possibilidades semânticas de seu discurso e se tornam expressões do momento estético da linguagem (FREIRE, 2019b, p. 99-100, grifos nossos).

O Método Paulo Freire, que alfabetizou centenas de adultos na experiência marcante de Angicos, busca romper com essa prática da cartilha e da decoreba que integra o modelo bancário de educação. Para ele, a leitura das palavras deve ser ancorada em uma leitura de mundo que a antecede (FREIRE, 2011, p. 19). Ler as palavras precisa ir além do que somente o reconhecimento gráfico de letras, fonemas e sílabas. É necessária uma conexão direta desse aprendizado com a realidade dos sujeitos aprendentes. Portanto, ensinar que “Eva viu a uva”

para uma pessoa que não conhece nem Eva nem uva, por exemplo, é um equívoco, e, também, um desperdício. A pessoa pode conseguir decifrar as letras, as sílabas e as palavras, mas esta frase não terá sentido algum para ela, porque estará desconectada de seus “saberes de experiência feitos”.

No *Livro sobre nada* (BARROS, 2016d, p. 41), Manoel de Barros nos entrega mais um poema que diálogo com outros pontos desta análise. Ele diz:

A ciência pode classificar e nomear os órgãos de um
sabiá
mas não pode medir seus encantos.
A ciência não pode calcular quantos cavalos de força
existem
nos encantos de um sabiá.

Quem acumula muita informação perde o condão de
advinhar: divinare.

Os sabiás divinam.

Para além de fazer uma espécie de crítica à rigidez do saber científico, o poema acima aponta para os limites da ciência na compreensão, explicação e conhecimento do mundo e da vida. O fato é que, devido ao papel estritamente informativo que desempenha, a ciência não provoca e não trata de encantamentos, coisa muito cara à poesia e ao poeta.

Manoel de Barros, o poeta das miudezas e inutilidades, foi também o poeta que redefiniu as importâncias, do mundo e as nossas. Esse olhar rasteiro e enviesado, que ama o imprestável, o à toa, o inútil fez com que o poeta ressignificasse os papéis e as posições das coisas e das pessoas, como mencionamos. Então, a leitura de mundo desse poeta é uma leitura que não cabe na pobreza da descrição e da mera informação. Sua maneira de perceber e conhecer o mundo ultrapassa os limites da ciência, porque encontra nas experiências existenciais uma fonte inesgotável e incomparável de conhecimento. É insuficiente para a poesia “classificar e nomear os órgãos de um sabiá”, pois seu interesse, enquanto “virtude do inútil” (MÜLLER, 2010), é saber dos encantamentos que seu canto provoca. A poesia enxerga o mundo além da ciência, porque se desprende da necessidade de ser útil e importante. O poema “Sobre importâncias”, do livro *Memórias inventadas* (BARROS, 2018, p. 43, grifo nosso), reafirma esse lugar, que é na verdade um “não lugar”, da poesia:

Um fotógrafo-artista me disse outra vez: Veja que pingo de sol no couro de um lagarto é para nós mais importante do que o sol inteiro no corpo do mar. Falou mais: que a importância de uma coisa não se mede com fita métrica nem com balanças nem com barômetros etc. Que a importância de uma coisa há que ser medida pelo *encantamento* que a coisa produza em nós. Assim um passarinho nas mãos de uma criança é mais importante para ela do que a Cordilheira dos Andes. Que um osso é mais importante para um cachorro do que uma pedra de diamante. E um dente de macaco da era terciária é mais importante para os arqueólogos do que a Torre Eiffel. (Veja que só um dente de macaco!) Que uma boneca de trapos que abre e fecha os olhinhos azuis nas mãos de uma criança é mais importante para ela do que o Empire State Building.

Que o cu de uma formiga é mais importante para o poeta do que uma Usina Nuclear. Sem precisar medir o ânus da formiga. Que o canto das águas e das rãs nas pedras é mais importante para os músicos do que os ruídos dos motores da Fórmula 1. Há um desagero em mim de aceitar essas medidas. Porém não sei se isso é um defeito do olho ou da razão. Se é defeito da alma ou do corpo. Se fizerem algum exame mental em mim por tais julgamentos, vão encontrar que eu gosto mais de conversar sobre restos de comida com as moscas do que com homens doutos.

Ao mesmo tempo, se pensarmos na educação formal – enquanto prática também de ciência –, em como ela ainda é praticada, em alguma medida, e cujo modelo foi bastante criticado por Paulo Freire, nos colocamos a pensar na ausência de encantamentos. Ensinamos e aprendemos, na escola, a classificação e os nomes dos órgãos dos animais e como calcular cavalos de força, mas sequer mencionamos que “os sabiás divinam”, por exemplo.

Até mesmo quando estudamos poesia gastamos muito tempo falando dos períodos literários, suas características de forma e conteúdo demarcadas pelo tempo histórico em que se inserem e acabamos por deixar em segundo plano o que é realmente substancial para o poema. Para dar conta de tantos conteúdos, não temos mais tempo de ler e “incorporar”, como nos ensinou Manoel de Barros, um poema. Contraditoriamente, estudamos poesia sem ler poesia. Sem nos entregarmos aos seus “encantamentos” e atravessamentos.

Há uma passagem de muita beleza no livro *Pedagogia da autonomia* (FREIRE, 2020c) em que Paulo Freire narra um episódio marcante de sua vida, quando ainda era aluno, e que nos vale, também, o registro agora. Na passagem, Paulo Freire começa afirmando a força que simples gestos dos professores podem exercer na vida de seus alunos. “Um gesto aparentemente insignificante [que pode] valer como força transformadora ou como contribuição à assunção do educando por si mesmo” (p. 43). Ele conta que jamais se esqueceu de um desses gestos de professor que recebeu, adolescente, quando era cheio de inseguranças, medos, e se sentia menos capaz do que os outros, desacreditado de suas possibilidades.

O professor trouxera de casa os nossos trabalhos escolares e, chamando-nos um a um, devolvia-os com o seu ajuizamento. Em certo momento me chama e, olhando ou reolhando o meu texto, sem dizer palavra, balança a cabeça numa demonstração de respeito e consideração. O gesto do professor valeu mais do que a própria nota dez que atribuiu à minha redação. O gesto do professor me trazia uma confiança ainda obviamente desconfiada de que era possível trabalhar e produzir. De que era possível confiar em mim, mas que seria tão errado confiar além dos limites quanto errado estava sendo não confiar. A melhor prova da importância daquele gesto é que dele falo agora como se tivesse sido testemunhado hoje. E faz, na verdade, muito tempo que ele ocorreu... (FREIRE, 2020c, p. 43-44).

Ao relembrar, com detalhes, esta experiência marcante, Paulo Freire diz que a importância desses gestos, que se multiplicam no espaço escolar, deveria ser objeto de nossas reflexões. E afirma que “É uma pena que o caráter socializante da escola, o que há de informal na experiência que se vive nela, de formação ou deformação, seja negligenciado. Fala-se quase

exclusivamente do ensino de conteúdos, ensino lamentavelmente quase sempre entendido como transferência do saber” (p. 44).

Ou seja, a educação escolar, uma vez focada estritamente em seu caráter descritivo e informativo, se limita aos depósitos de conteúdo e não abre espaço para que professores e alunos percebam e valorizem os gestos, a amorosidade das relações e outras experiências existenciais, também formativas, que ocorrem enquanto se ensina e se aprende. Por esta razão, Paulo Freire defendeu que a educação precisa ser, além de ética e política, estética. Não poderíamos estar, portanto, desprezando a boniteza desses momentos que acontecem no ambiente escolar enquanto tratamos de assuntos como classificar, nomear, calcular e quantificar. A escola precisa ser, nesse sentido, um lugar também de encantamentos. A percepção freireana de escola assume um viés poético, portanto. Os gestos, como os sabiás, divinam. E a poesia, além da ciência, também educa.

Sem deixar de reconhecer, no entanto, o valor e a importância dos saberes científicos, Paulo Freire pensou a educação para além deles, sobretudo ao compreender as existências, e suas muitas possibilidades de experiências, como potências criadoras de beleza e produtoras de conhecimentos. A educação que “acumula muita informação e perde o condão de advinhar” não se entrega aos encantamentos do sabiá e não percebe os gestos, a boniteza e a amorosidade das relações que acontecem no seio da vida escolar.

Ao reivindicar o valor dos gestos para a formação humana, Paulo Freire também ressignificou a escala de importâncias. Para a “educação bancária”, a boniteza de um gesto, como esse narrado pelo educador, vai sempre ser algo inútil, já que não informa, não descreve, não “deposita” em ninguém nenhum conteúdo considerado válido. Ao contrário, para a educação freireana – libertadora, ética, política e estética –, são os gestos, a amorosidade das relações e as inúmeras possibilidades de criação que acontecem cotidianamente na escola, que formam e transformam tanto educadores quanto educandos.

Mais do que nos informar, a escola precisa nos formar em plenitude, enquanto seres pensantes, críticos e conscientes, e como sujeitos que amam, se emocionam, se relacionam e trocam gestos de grande boniteza. Não há, portanto, como reconhecer a prática bancária de educação como totalmente formadora, tendo em vista o seu desprezo pelo valor das experiências existenciais proporcionadas pelo cotidiano escolar. Quando pensa a educação, Paulo Freire poetiza a prática escolar. “A humanização é uma poética em Paulo Freire” (BERINO, 2018), porque é o que nos devolve a sensibilidade, os encantamentos, os gestos.

Por vieses de interpretação diferentes, mas não distantes, podemos dizer que Paulo Freire e Manoel de Barros são nomes pertinentes que surgem quando pensamos nas questões

sensíveis que envolvem, sobretudo, o fatalismo neoliberal da contemporaneidade. Embora tenham vivido outro tempo, suas obras nos fazem refletir sobre o papel, hoje, da nossa existência na cadeia de relações, e suas consequências para a vida em sociedade. Construimos nossa leitura de mundo, ancorados na leitura de palavras de suas obras, porque são leituras que nos inquietam e fazem sentido para pensarmos no que vivemos agora. “O elogio do inútil contra o fatalismo neoliberal” é um convite para sermos inúteis. Para nos permitirmos *Ser Mais*. Para poetizarmos a nossa presença no mundo.

3 NEM REIS NEM REGÊNCIAS: O MOMENTO (EST)ÉTICO DA LINGUAGEM E A PROCURA DO SONHO DE GUEVARA

*No aspro
 Queria a palavra sem alamares, sem
 chatilenas, sem suspensórios, sem
 talabartes, sem paramentos, sem diademas,
 sem ademanes, sem colarinho.
 Eu queria a palavra limpa de solene
 Limpa de soberba, limpa de melenas.
 Eu queria ficar mais porcaria nas palavras.
 Eu não queria colher nenhum pendão com elas.
 Queria ser apenas relativo de águas.
 Queria ser admirado pelos pássaros.
 Eu queria sempre a palavra no áspero dela.*

Manoel de Barros

Uma busca rápida na internet dá conta de diferenciar o significado isolado, sem contexto, dos vocábulos “língua” e “linguagem”. Em uma explicação superficial, “imediatista”, sem grandes aprofundamentos, por assim dizer, língua é um sistema de códigos socialmente construído, compartilhado por um grupo específico para a sua comunicação. A linguagem, por sua vez, é algo mais amplo, diverso, utilizado também na comunicação, mas que engloba, para tal, diferentes tipos de signo: gráficos, sonoros, gestuais etc., não sendo, por esta razão, de uso ou criação exclusiva dos seres humanos.

Nesse sentido, consideramos, nesta explanação, que a linguagem – e a gradação de complexidade que este termo significa ou pode significar – é uma categoria estética e política das obras – e dos autores, em alguma medida –, em diálogo nesta pesquisa. A língua portuguesa, especificamente, neste contexto, está englobada neste campo maior denominado linguagem. Para a nossa discussão, língua e linguagem podem aparecer, portanto, como sinônimos em alguns momentos, embora saibamos que ambas não representam, radicalmente, a mesma coisa.

Na década de 1940, no Recife, Paulo Freire lecionou, no colégio Oswaldo Cruz, a disciplina de língua portuguesa (FREIRE, 2020a, p. 21). Talvez esta experiência, ainda no começo de sua carreira, tenha levado o autor a compreender a língua e, de maneira um pouco mais abstrata, a linguagem como categorias que ultrapassam o mero ensino da gramática. Ele, que sempre colocou em prática aquilo que teorizou ou defendeu, trouxe para suas discussões aspectos de suas experiências de vida tanto pessoais quanto profissionais. Mais adiante, quando já havia se formado em Direito e, inclusive, desistido de atuar nesta área, reconhecendo-se um verdadeiro educador, Paulo Freire seguiu seu caminho nas pesquisas em educação, tornando-se um nome de peso para a educação brasileira, como já esboçamos aqui em outros momentos.

Sua trajetória é marcada, portanto, por diferentes aspectos de sua vida e formação intelectual. Não são poucas as influências de leitura identificadas em seu pensamento. O livro *Paulo Freire: uma arqueologia bibliográfica* (PITANO; STRECK; MORETTI, 2019) faz este apanhado que reúne, em 379 páginas, grandes nomes de filósofos, economistas, sociólogos, educadores, romancistas, escritores, cientistas, teólogos, linguistas, psicanalistas, artistas, religiosos, psicólogos, advogados, juristas, políticos, dentre outros. A lista é extensa e nos serve como ponto de partida para uma reflexão inicial.

Nossa formação pessoal, profissional e intelectual tem como ponto de encontro o atravessamento da palavra. Palavra talvez seja um nome melhor para o que buscamos discutir. É língua e é linguagem e está, indiscutivelmente, entrelaçada com a existência humana. Somos diferentes dos animais porque estamos inseridos não só em um espaço, mas também em um tempo, nos diz Paulo Freire. E, não somente, nos diferenciamos dos animais porque somos seres sociais e culturais. Existimos e intervimos no e com o mundo e nele criamos a todo tempo. Como seres de criação, nomeamos as existências e buscamos nos comunicar. O universo humano é feito de palavras. Sejam elas escritas, táteis, sonoras, gestuais... estamos rodeados de palavras. E, por esta razão, elas precisam ser acessíveis a todos e todas.

O pensamento de Paulo Freire é, então, construído por muitas palavras. As da infância, em casa e na escola, antes e depois de ler o mundo; as formais, que fazem parte de um conjunto de regras e normas; as informais, presentes, sobretudo, na língua oral; as intelectuais, que se espalham em diversas áreas e fontes distintas do saber; e, não menos importantes, as consideradas “erradas”, que se “desviam” da norma padrão da língua, aquelas pronunciadas pelos excluídos da sociedade e da vida escolar.

Nesse sentido, pensamos que suas reflexões acerca do tema “linguagem”, que estão presentes em diversas de suas obras, não se distanciam de todo o restante de seu pensamento. A palavra é, para o autor, um espaço de disputa de poder, que deve ser compreendido enquanto arena política.

Adentrando um pouco mais na escrita freireana, é possível construir a ideia de uma “linguagem freireana”. Inicialmente, gostaríamos de destacar que Paulo Freire foi um inventor de palavras, tanto com relação aos seus significantes quanto seus significados. São diversas as expressões ressignificadas ou mesmo criadas em seu pensamento. Um leitor desavisado poderia compreender o termo “educação bancária” como um compilado de informações e conteúdos para a formação profissional de agentes bancários, por exemplo. No entanto, sabemos que esta expressão foi cunhada para designar um aspecto de seu pensamento que condena a educação mecânica e tecnicista, como mencionado em capítulo anterior. O termo é, portanto, conceitual

e só pode ser bem compreendido dentro do contexto freireano, como parte do universo da linguagem freireana.

Há um dicionário que reúne centenas de palavras ligadas ao pensamento de Paulo Freire. A obra compila exatamente “276 verbetes que se relacionam diretamente com a vida e a obra do atual patrono da educação brasileira. São 130 autores e autoras que colaboram com seus escritos e reflexões em torno da grande fecundidade do pensamento freireano na atualidade” (STRECK; REDIN; ZITKOSKI, 2018, p. 13). Fica claro, portanto, que não há a pretensão de se analisar aqui cada uma das palavras “freireanas”, criadas ou recriadas, tendo em vista o árduo trabalho que isso implicaria. Além disso, o mencionado dicionário já realiza tal tarefa e uma análise desse teor soaria mais como uma reprodução, uma cópia de algo já realizado, o que não cabe nesta pesquisa. No entanto, algumas dessas palavras e expressões nos chamam atenção, sobretudo pela carga estética e política que possuem. E é sob elas que desejaremos construir algumas de nossas reflexões.

Boniteza, por exemplo, é uma das palavras mais associadas à figura de Paulo Freire (REDIN, 2018, p. 71). Embora seja dicionarizada, ou seja, não é uma palavra criada pelo autor, no pensamento freireano ela assume outra conotação. A boniteza freireana não é pura e simplesmente sinônima de “bonito”, algo considerado “belo”. Ela faz parte da leitura de mundo desse pensador e, por isso, representa a esperança, o amor, a verdade, a ética, a estética, a política, a justiça social, a existência digna, a vida vivida em plenitude, dentro e fora da realidade da escola. Nesse contexto, o termo freireano ultrapassa o sentido atribuído à aparência das coisas. É mais profundo, é poético, posto que é uma ressignificação; uma criação, portanto. Boniteza em Paulo Freire diz respeito a algo que é bom, verdadeiro, que ecoa a “definição platônica de belo” (FLECHA, 2022, p. 164). Boniteza é um mundo mais justo. Um prato de comida na mesa de quem tem fome. Uma educação libertadora e emancipadora. Uma escola democrática. Um trabalho justamente remunerado. Uma sociedade livre das amarras da opressão. Boniteza é, portanto, um posicionamento político.

Esta palavra, carregada de tantos sentidos, recebeu recentemente um tratamento especial, sendo objeto de conhecimento – e título – de uma obra que reúne 15 artigos de diferentes estudiosos do pensamento de Paulo Freire. O livro *A palavra boniteza na leitura de mundo de Paulo Freire*, organizado por Nita Freire (2022), se debruça sobre as vielas de interpretação e significação que o termo assume na obra freireana, comprovando, em cada uma de suas linhas, o que expressamos aqui. Nesse sentido, boniteza não só traduz a potência das lutas para a libertação cotidiana de todos os espaços, dentro e fora da escola, mas resgata da existência humana a sua dimensão poética (FREIRE, A. M. A., 2022).

Além da palavra boniteza, outros termos, que embora até sejam de uso frequente dos falantes da língua portuguesa, assumem novos sentidos e usos na obra freireana. Intimamente ligada à boniteza, temos a amorosidade, por exemplo. Segundo Fernandes (2018), no *Dicionário Paulo Freire*, o autor:

[...] trabalha com a concretude da produção de sentido e do sentir amorosidade/amor como uma potencialidade e uma capacidade humana que remete a uma condição de finalidade existencial ético-cultural no mundo e com o mundo. Uma amorosidade partilhada que proporcione dignidade coletiva e *utópicas esperanças* em que a vida é referência para viver com justiça neste mundo (FERNANDES, 2018, p. 39, grifos do original).

Assim, a amorosidade freireana percorre toda a sua obra e se traduz como o compromisso que estabelecemos com o outro, em torno de relações que se mostram solidárias e humildes. Ou seja, ela não se reduz ao sentimento de amor ou à existência de algo que contenha amor. Amorosidade implica ter a coragem de amar algo a ponto de se comprometer com ele; é amar uma causa – a sua causa –, na luta, no diálogo, no cotidiano e no sonho esperançoso da busca por justiça social. Por isso, também, Paulo Freire dirá: “Não há educação sem amor” (FREIRE, 2014, p. 36). E não há amor sem diálogo; sonho sem luta; vida sem utopia; esperança sem justiça social. Vejam, a análise de uma palavra nos leva diretamente à compreensão de outras palavras freireanas. São “*palavras grávidas* de mundo” (FREIRE, 2020d, p. 35, grifos do original), que se conectam e fecundam seu pensamento. Luta, diálogo, solidariedade, amizade, utopia, alegria, esperança, sonho, práxis, libertação são outras palavras freireanas cujas relações em sua escrita são íntimas. Palavras que se ligam, ainda, aos seus conceitos mais profundos, tais como os que já abordamos nos capítulos anteriores (*Ser Mais*, educação libertadora, humanização, situação-limite, inédito viável, inacabamento, sonhos possíveis, dentre outros).

Para além destas ressignificações, encontramos em Paulo Freire palavras inventadas, isto é, que não possuem registro nos dicionários convencionais. Palavras compostas, como “dodiscência” (FREIRE, 2020c, p. 30), “educador-educando” (FORSTER, 2018, p. 174; FREIRE, 2020b, p. 63), “opressor-oprimido” (FREIRE, 2019c, p. 41) e “anúncio-denúncia” (LINHARES, 2018, p. 49), por exemplo, possuem em comum a aglutinação de signos cuja intenção é assinalar a impossibilidade de separação de suas significações. Dodiscência diz respeito a ensinar e aprender como partes indicotomizáveis do conhecimento. É a união, portanto, de duas atividades inseparáveis; não há docência sem discência, e vice-versa. Assim como em cada educador existe um educando, que ensina e, ao ensinar, também aprende. Por isso a expressão “educador-educando”, como a representação de um ensino-aprendizagem irreduzível na prática educacional.

No livro *Pedagogia do oprimido*, Paulo Freire (2019c) afirma que o opressor reside na consciência do oprimido. Ou seja, a expressão “opressor-oprimido” traz a ideia de que opressores se tornam, muitas vezes, hospedeiros dos oprimidos que

[...] em certo momento de sua experiência existencial, [...] assumem uma postura que chamamos de “aderência” ao opressor. Nestas circunstâncias, não chegam a “admirá-lo”, o que os levaria a objetivá-lo, a descobri-lo fora de si. Ao fazermos esta afirmação, não queremos dizer que os oprimidos, neste caso, não se saibam oprimidos. O seu conhecimento de si mesmos, como oprimidos, se encontra, contudo, prejudicado pela “imersão” em que se acham na realidade opressora (FREIRE, 2019c, p. 44).

O termo anúncio-denúncia, por sua vez, segue a intenção dos demais vocábulos citados.

Para Paulo Freire, toda denúncia precisa trazer consigo um anúncio. Esta questão fica bastante clara ao observarmos que “Para produzir anúncios/denúncias, Paulo Freire mergulhou nas culturas mestiças, plurais e híbridas dos oprimidos e dos opressores, procurando romper com isolamentos e com dicotomias para investir em esperanças que habitam entre lugares pouco investigados” (LINHARES, 2018, p. 49). Nas palavras do autor: “[...] a relação, que é dialética, entre denunciar e anunciar: a pura denúncia, a denúncia que não se alonga em anúncio, é uma denúncia que se castra. Todo anúncio tem de vir com um amanhã, que por sua vez está se gerando, e não se gera a não ser através de uma mudança do hoje [...]” (FREIRE; GUIMARÃES, 2021, p. 83).

Ainda na esteira da invenção, Paulo Freire nos presenteia com as palavras “sulear” e “ad-mirar”. Palavras não dicionarizadas, verbos de “primeira conjugação”, que transbordam as definições gramaticais de “ação, estado ou fenômeno da natureza”. Sulear é a expressão freireana inventada para nos mostrar as possibilidades de “[...] re-alinharmos nossos registros de orientação, promovendo uma reversão do nortear para o ‘sulear’, chamando-nos a atenção para mil maneiras, com que fomos habituados a falar, a pensar e a escrever, negando nossas realidades históricas” (LINHARES, 2018, p. 49). O termo sugere uma guinada na maneira como temos acesso e praticamos o conhecimento. Refere-se, portanto, a uma postura política diante da hegemonia do saber, denunciando-a e, ao mesmo tempo, anunciando para ele novas vias e possibilidades. Sair do Norte para o Sul. Resgatar nossa história, sobretudo da América Latina, a partir de novas formas de pensar, falar, escrever, conhecer, agir, que não as eurocêntricas.

Expressando-se como um poeta, como alguém que recria o mundo pela invenção da linguagem, Paulo Freire foi sensível à necessidade de palavras novas que dessem conta de suas leituras de mundo, que expressassem mais adequadamente a complexidade de seu pensamento. “Ad-mirar” – subversão do verbo admirar, com o acréscimo do hífen – não possui, pois, o sentido de “[...] ficar absorto ou atônito diante de algo, nem de se entusiasmar e se maravilhar.

[...] ‘ad-mirar’, com raízes latinas, é um termo composto pela preposição *ad* que indica direção, para, em direção a, e o verbo *mirari* que significa ver” (ESCOBAR, 2018, p. 26, grifos do original). Não há, então, a possibilidade de conhecimento sem ad-miração do objeto a ser conhecido.

“Ad-mirar” e “ad-miração” não têm aqui a sua mesma significação usual. Ad-mirar é objetivar um “não-eu”. É uma operação que, caracterizando os seres humanos como tais, os distingue de outro animal. Está diretamente ligada à sua prática consciente e ao caráter de sua linguagem. Ad-mirar implica pôr-se em face do “não-eu” curiosamente, para compreendê-lo. [...] se o ato de conhecer é um processo – não há conhecimento acabado – ao buscar conhecer admiramos não apenas o objeto, mas também a nossa admiração anterior do mesmo objeto (FREIRE, 1977, p. 74 *apud* ESCOBAR, 2018, p. 27).

Assim, “Cada conceito proposto por Paulo Freire é uma janela para entrar e ad-mirar o mundo, nosso mundo, nosso estar sendo, nossa luta, nossa *amorosidade*, cada conceito dele é outra porta para entrar em sua proposta pedagógica, uma chave para pronunciar o mundo” (ESCOBAR, 2018, p. 27). Ad-mirar o mundo é se distanciar dele para melhor compreendê-lo. Cada palavra ou conceito freireano inaugura um universo de diferentes olhares que captam, enxergam, leem e ad-miram o mundo. Nesse sentido, a estética freireana é artística e poética, nas entrelinhas, sobretudo porque é “molhada” (FREIRE, 2020b, p. 220) de invenção e criação.

Criação é, também, uma palavra bastante presente na obra de Paulo Freire, que, enquanto educador, foi um defensor da criatividade como ato formador. Criar faz parte do ímpeto humano. Somos seres de criação e o impedimento desse movimento – observado, muitas vezes, nas escolas, mas não só nelas – limita a nossa vocação de *Ser Mais*. “O professor é um político e um artista”, afirma Paulo Freire (FREIRE; SHOR, 2021). E é interessante notar como as esferas da estética e da política, indissociáveis da ética, se relacionam no pensamento do autor. Talvez esse seja um ponto de interessante abordagem da obra freireana. Como as palavras, os conceitos e as ideias se fundem a ponto de se entrelaçarem e se esbarrarem umas nas outras em alguns momentos. É quase como um dominó, ou um quebra-cabeças, em que todo o pensamento só alcança seu grau máximo de sentido quando todas as peças se encaixam corretamente. Não é possível falar de estética sem ética e política, e vice-versa. E isso tudo é criação, que tem a ver com a boniteza de ler o mundo socialmente mais justo. Difícil separar as palavras, seus significados e suas relações no pensamento freireano. Entretanto, julgamos que esse esforço é também desnecessário. O pensamento humano não é reto, organizado, dividido, sistematizado; é complexo, conflituoso e até confuso, às vezes. E é essa complexidade, um emaranhado de teias de significantes e significados, que encontramos em Paulo Freire.

Assim, criação, palavra faltante no compilado do *Dicionário Paulo Freire* (STRECK; REDIN; ZITKOSKI, 2018), está presente não só na dimensão estética da obra freireana. A

construção da ideia de uma linguagem freireana é, em si mesma, um ato criador. Tanto porque ela é formada a partir de novas palavras ou novas significações de palavras existentes, quanto porque ela rubrica a estética particular do autor, assinando, sobretudo, a partir de sua escrita, a sua existência e a sua leitura de mundo. Nesse sentido, Paulo Freire foi, também, um artista. Um artista que criou uma noção de estética capaz de ultrapassar os sentidos etimológicos da palavra, uma estética que não se dissocia jamais da ética.

Sobre esta questão, o professor Aristóteles Berino – que tem se dedicado a estudar a obra do autor também sob este prisma – afirmou em aula que “A estética freireana não está pronta na obra dele. Ela precisa ser construída pelo leitor e pelo pesquisador”⁹. Desse modo, para adentrar no pensamento de Paulo Freire é preciso estar disposto a se libertar. Não somente no sentido político de libertação tão falado por ele. Mas também quanto à liberdade de se abrir para a complexidade de um pensamento não linear, disposto em muitas camadas, que se repete e, ao se repetir, se ressignifica, na maioria das vezes. É preciso fazer da leitura de Paulo Freire um ato de criação, tendo em vista que sua estética singular ganha sentido, também, na recepção de seus leitores. E é este movimento, em alguma medida, que estamos buscando realizar aqui, nesse momento. Uma construção particular do perfil estético de Paulo Freire.

Enxergamos a linguagem freireana através de uma lente que também enxerga o mundo. A partir disso, compreendemos a estética freireana, onde a linguagem se insere, como uma criação. Criação em, pelo menos, três esferas, que se complementam: as novas palavras, ressignificações e marcas próprias de sua escrita; as suas considerações acerca da curiosidade epistemológica que nos move em direção ao ato criador, à criatividade e, mais especificamente, à arte, expressão cultural da nossa existência concreta no mundo; e, mais abstratamente, as interpretações e as construções de múltiplos sentidos que se colocam ao alcance de seus inúmeros e diversos leitores, como vimos fazendo nesta pesquisa.

Sendo assim, criação é palavra indispensável para a compreensão estética de Paulo Freire. Não somente a estética de sua linguagem, mas, em sentido amplo, a estética de sua existência enquanto escritor, pensador, professor e ser humano. Freitas (2020) menciona, no “Prefácio” do livro *Pedagogia dos sonhos possíveis* (FREIRE, 2020b), que a pedagogia freireana, ao recusar o discurso fatalista neoliberal,

[...] orienta a constituição de uma atitude crítica de formação que concebe a distância entre o sonhado e o realizado como um espaço a ser ocupado pelo ato criador, considerando que assumir coletivamente esse espaço de criação abre possibilidades para que se consolidem propostas transformadoras e *ineditamente-viáveis* (FREITAS, 2020, p. 43).

⁹ Anotação de aula, colhida da conversa com o professor Aristóteles, no dia 11 de agosto de 2021.

“Ato criador” em Paulo Freire é como um preenchimento. Assim como os vazios barroceiros correspondem aos inéditos-viáveis, a criação ocupa as lacunas entre a impossibilidade e a possibilidade de nossos sonhos. O ato criador torna nossos sonhos possíveis, alcançáveis, potencialmente realizáveis. Surge, portanto, como uma necessidade ontológica de nossa humanização. Para além do universo escolar, a criatividade é o que nos mantém vivos e em movimento. E se, para Paulo Freire (2020b, p. 45), “É impossível existir sem sonhos”, é igualmente impossível concretizá-los sem a influência de nossos atos criadores.

Nesse sentido, dentro da ideia de criação de uma “estética freireana”, no contexto de nossa abordagem, é possível recorrer a outros aspectos de sua obra. Um deles diz respeito à particularidade de sua escrita, marcada por recursos de linguagem cuja carga estética é bastante expressiva.

Começamos por mencionar a subversão à norma gramatical que o autor faz ao iniciar frases com pronomes oblíquos. Que a língua escrita é bem distante da língua falada nós sabemos e compreendemos, na prática, ao confrontar os usos da língua e os aprendizados ditos “escolares”. No entanto, a escolha de Paulo Freire quanto a esse uso, especificamente, não é observada somente por uma questão de “diminuição de distância” entre uma coisa e outra. Há, de maneira explícita, uma preocupação estética do autor. Na nota adicional do livro *À sombra desta mangueira* (FREIRE, 2019a), intitulada “Preciso dizer”, Nita Freire (2019) esclarece que

[...] com relação ao uso de pronome reflexivo no início das frases, Paulo tinha decidido, conscientemente, que entre a regra culta e a beleza estética, ficava com esta. Por exemplo, escrevia sempre “Me aproximo...” e nunca “Aproximo-me...”. No decorrer da leitura do *À sombra desta mangueira* o leitor constatará esta minha afirmação, às vezes, encarada, pelos fiéis e obedientes cumpridores de regras, como um erro, mas que fiz questão de manter segundo o gosto e a decisão de assim escrever meu marido (FREIRE, A.M.A., 2019, p. 13).

A escrita freireana é, então, peculiar não por algum desconhecimento de regras, mas por uma escolha consciente do autor de não as seguir. A desobediência faz parte da estética freireana, que pontua um necessário equilíbrio entre regra e uso; norma e boniteza.

Outra marca da escrita freireana diz respeito ao uso e apreciação de metáforas¹⁰. Interessante pontuar que as figuras de linguagem são recursos muito utilizados em textos conotativos, cuja expressão criativa é o objetivo principal. Paulo Freire foi um pensador da educação que se esquivou, de alguma maneira, do enrijecimento que a escrita necessariamente formal exige. A linguagem, muitas vezes chamada de “acadêmica”, que acompanha este tipo de abordagem, não costuma acrescentar (ou assim não exige) em suas linhas algum sentido de beleza. A preocupação não é, *a priori*, estética, mas sim formal, e até conteudista, em alguma

¹⁰ Figura de linguagem que, em linhas gerais, pode ser compreendida como uma “comparação mental”.

medida. Entretanto, a estética freireana, desobediente em si mesma e em muitas camadas, rompe com esta prática e traz consigo recursos de linguagem tradicionalmente vinculados à escrita poética e literária. Nesse contexto, o conceito de “educação bancária”, já abordado nesta pesquisa, é uma metáfora freireana bastante conhecida e busca ilustrar a crítica do autor a uma educação padronizada, inflexível, aprisionadora. Funciona como um recurso que permite ao leitor registrar a fotografia do conceito. Torna-se, a partir disso, uma interpretação realizável, ilustrativa, menos abstrata daquilo que o autor deseja expressar. É a construção de um “desenho de uma voz” (BARROS, 2004, p. 30), em nossa interpretação.

Em certo sentido,

O uso da metáfora – figura de linguagem que permite a transposição de significados – era para o autor, muito mais do que um recurso linguístico, pois servia como uma possibilidade de (re)construção de sentidos que abriam caminhos de discussão. Na obra *Pedagogia da esperança* (1992, p. 67), Paulo Freire reflete sobre a paixão e gosto – que ele tinha – pelas metáforas e sobre a importância da utilização dessa linguagem na sua escrita. Na sua relação com o povo, ele desenvolveu a sensibilidade para a “boniteza e a segurança” que as metáforas refletem. [...] A essência do pensamento metafórico do autor era capaz de potencializar novos conhecimentos. Seus discursos reflexivos eram, acima de tudo, sensíveis e fomentavam uma análise crítica sobre a vida e sobre os sujeitos. Era a partir do discurso da indeterminação de sentidos que Paulo Freire fazia o uso frequente da metáfora, a fim de que fosse possível compreender e problematizar conceitos e práticas. Era uma forma de ir além daquilo que já tinha sido dito (STRECK; ANDRADE, 2018, p. 312-313).

Ao utilizar a metáfora para ir além do que foi dito, Paulo Freire transborda possibilidades, funções e usos possíveis de sua própria escrita, de seu próprio pensamento. Seu perfil intelectual não se distancia do universo artístico, embora não tenha nele seu esteio. Nesse sentido, Paulo Freire foi também poeta. Mas, a este respeito, não gostaríamos de nos limitar a uma “classificação” restrita ao fato de que o autor realmente escreveu algumas poesias em verso (como é o caso da “Canção Óbvia” mencionada no primeiro capítulo deste texto). Nosso entendimento extrapola estes registros, buscando encontrar na sua prosa o seu perfil poético. Ou seja, nosso ponto é que Paulo Freire foi poeta até quando não teve a intenção de ser.

O primeiro fato que podemos lançar mão para comprovar esta ideia diz respeito ao uso constante de textos narrativos, nos quais a preocupação do autor com o “momento estético da linguagem” se sobressai. Neste caminho percorrido de pesquisa, cujo acesso integral às obras dos autores escolhidos foi um dos mecanismos de investigação, não nos deparamos com um texto sequer que não fosse permeado de narrativas. São cartas e memórias, na maioria das vezes, que trazem para as reflexões sociológicas, filosóficas, políticas e educacionais do autor o viés humano e prático que “falta”, muitas vezes, na teoria. É a práxis freireana colocada em prática por ele mesmo, podemos dizer.

Assim, essas memórias narradas, tecidas por fios que não se desvinculam da criação, porque “[...] é impossível escapar à ficção em qualquer experiência de memoriar” (FREIRE, 2019d, p. 38), agregam à obra um valor estético de muito apreço. Encontramos em diversos livros inúmeras passagens de muita boniteza que demonstram o que estamos a refletir.

Gostaríamos de iniciar a ilustração destas observações, mencionando uma pequena narrativa familiar de infância encontrada no livro *Pedagogia dos sonhos possíveis* (FREIRE, 2020b). Após a morte de seu pai, a família de Paulo Freire, que até então vivia de forma confortável, passou por algumas necessidades e maus momentos. Já no título da narrativa – “A galinha pedrês e os filhos do capitão Temístocles” – o leitor é capaz de perceber o cuidado estético de seu autor. O que vem a seguir é, também, uma experiência estética de linguagem. Um certo dia, conta Paulo Freire:

Lembro-me de uma manhã de domingo, uma manhã sem chuva. Estávamos, meus irmãos mais velhos e eu, no fundo do quintal, num gramado em que minha mãe plantava algumas roseiras para enfeitar a vida difícil. Eis que uma galinha pedrês se aproxima distraída, acompanhando com seu pescoço ondulante os pulos de um gafanhoto incauto. Em certo momento, a galinha apanhou o gafanhoto. E nós apanhamos a galinha. Pegamos a galinha num salto, sem haver um acerto prévio (FREIRE, 2020b, p. 79).

Neste trecho, a construção narrativa de Paulo Freire possibilita que o leitor alcance a imagem do fato narrado. Com uma preocupação claramente estética na escolha das palavras, ao utilizar frases, como: “plantava algumas roseiras para enfeitar a vida difícil” e “pegamos a galinha sem haver um acerto prévio”, e, ainda, ao entregar detalhes ao leitor, como os adjetivos em “galinha distraída”, “pescoço ondulante” e “gafanhoto incauto”, o autor se aproxima de um estilo de escrita literário. Iniciamos a leitura envolvidos em uma atmosfera de conto, ou até uma fábula, nesse caso, devido à presença inicial de personagens animais. Nas linhas seguintes, no entanto, a criação freireana logo assume outro caminho, trazendo reflexões sociológicas em torno do fato narrado inicialmente com tanto esmero linguístico. Ele e seus irmãos capturaram a galinha do vizinho para comê-la, pois estavam com fome; estavam, naquele momento, passando fome. Quando sua mãe viu que a galinha já havia sido estrangulada, levou-a para casa e fez o que precisava para alimentar seus filhos. No dia seguinte, Paulo Freire (2020b, p. 80) conta:

[...] não há dúvida nenhuma que o dono sentiu falta da galinha e deve ter estrebuchado de raiva contra o ladrão. Possivelmente ele jamais poderia ter pensado que junto dele, na casa do vizinho, estavam os autores do sumiço. Mas ele não podia fazer essa conjectura, porque os autores do sumiço eram os filhos do capitão Temístocles, meu pai, e os filhos do capitão Temístocles não podiam ser ladrões de galinha. O meu vizinho não podia pensar que nós éramos os autores daquele furto porque a classe social a que nós pertencíamos não possibilitava que ele fizesse essa conjectura.

Ao narrar um fato curioso sobre uma experiência marcante de sua infância, quase como um conto, sob o ponto de vista estético, principalmente, Paulo Freire não abandona suas

inquietações políticas. Estética e política são inseparáveis em sua linguagem. Sua preocupação com o preconceito de classe (e as injustiças que decorrem dele) se torna, portanto, o ponto central desta pequena narrativa de infância e não o fato narrado em si. Vida e obra se apresentam de mãos dadas. Teoria e prática se tornam inseparáveis. Linguagem e pensamento se fundem na constante construção de suas ideias.

Ainda buscando demonstrar como a narrativa freireana é esteticamente construída em sua obra, citamos aqui também uma passagem do livro *Pedagogia da esperança* (FREIRE, 2020a), quando Paulo Freire narra que, quando tinha entre 22 e 29 anos, especificamente, viveu tempos de muita melancolia e mal-estar. Buscando ir profundamente na raiz de seus sentimentos, ele conta que descobriu os gatilhos e as razões que o faziam se sentir daquela forma. Na narrativa, as palavras escolhidas para representar seus sentimentos, carregadas de sensibilidade e preocupação estética, dão vida à construção poética de sua escrita.

Minha primeira visita à cidade de São Paulo se verificou quando me achava em pleno processo de procura.

No dia seguinte ao em que cheguei, estava à tarde no hotel quando uma forte chuva começa a cair. Cheguei à janela e olhei o mundo lá fora. O céu escuro, a chuva pesada caindo. Faltavam, no mundo que estava observando, o verde e a lama, a terra preta empapando-se de água ou o barro vermelho virando uma massa escorregadia ou às vezes viçosa, que se “agarra aos homens com modos de garonhona”, como disse Gilberto Freyre do massapê do Nordeste.

O céu escuro de São Paulo e a chuva que caía não me afetaram em nada.

Ao voltar ao Recife, trazia comigo um quadro que a visita a São Paulo me ajudara a compor. Minhas depressões estavam associadas, sem dúvida, à chuva, à lama, ao barro massapê, ao verde dos canaviais e ao céu escuro. Não a nenhum desses elementos sozinho, mas à relação entre eles. Me faltava agora, para ganhar a claridade necessária sobre a experiência de minha dor, descobrir a trama remota em que esses elementos adquiriram ou foram adquirindo o poder de deflagrar o meu mal-estar. No fundo, eu vinha educando a minha esperança enquanto procurava a razão de ser mais profunda de minha dor. Para isso, jamais esperei que as coisas simplesmente se dessem. Trabalhei as coisas, os fatos, a vontade. Inventei a esperança concreta em que um dia me veria livre de meu mal-estar.

Foi assim que, numa tarde chuvosa no Recife, céu escuro, cor de chumbo, fui a Jaboatão, à procura de minha infância. Se, no Recife, chovia, em Jaboatão, conhecida como ‘penico do céu’, nem se fala. Foi sob a chuva forte que visitei o morro da Saúde, onde, menino, vivi. Parei em frente à casa em que morei. A casa em que meu pai morreu no fim da tarde do dia 21 de outubro de 1934. ‘Revi’ o gramado extenso que havia na época em frente à casa, onde jogávamos futebol. ‘Revi’ as mangueiras, suas frondes verdes. Revi os pés, meus pés enlameados, subindo o morro correndo, o corpo ensopado. Tive diante de mim, como numa tela, meu pai morrendo, minha mãe estupefata, a família perdendo-se em dor.

Depois, desci o morro e fui rever algumas áreas onde, mais por necessidade do que por esporte, caçara passarinhos inocentes, com o badoque que eu mesmo fabricava e em cujo uso me tornei exímio atirador.

Naquela tarde chuvosa, de verdura intensa, de céu chumbo, de chão molhado, eu descobri a trama de minha dor. Percebi sua razão de ser. Me conscientizei das várias relações entre os sinais e o núcleo central, mais fundo, escondido dentro de mim. Desvelei o problema pela apreensão clara e lúcida de sua razão de ser. Fiz a “arqueologia” de minha dor.

Desde então, nunca mais, a relação chuva, verde, lama ou barro pegajoso deflagrou em mim o mal-estar que me afligiu durante anos. Sepultei-o na tarde chuvosa em que revisitei o Jaboatão [...]. (FREIRE, 2020a, p. 42-43)

Mais adiante, neste mesmo livro (FREIRE, 2020a), ao mencionar a experiência do exílio, uma outra passagem nos chama atenção pela beleza das palavras escolhidas:

Cheguei ao Chile de corpo inteiro. Paixão, saudade, tristeza, esperança, desejo, sonhos rasgados, mas não desfeitos, ofensas, saberes acumulados, nas tramas inúmeras vividas, disponibilidade à vida, temores, receios, dúvidas, vontade de viver e de amar. Esperança, sobretudo (FREIRE, 2020a, p. 49).

Interessante notar esta escolha, completamente estética, na construção de uma escrita que não necessariamente precisa desta preocupação. Ou seja, estas passagens, como as citadas acima, permeiam os pensamentos freireanos em torno de questões que poderiam ser escritas, e até mesmo narradas, de outra maneira, de forma mais objetiva, sem tantas descrições ou “envolvimentos”, por exemplo. Paulo Freire poderia se limitar a dizer que chegou ao Chile e contar, em seguida, os principais fatos acerca disso. O que fez quando chegou lá, em que trabalhou, quais foram suas estratégias de sobrevivência como um estrangeiro, enfim. Mas a estética freireana possui como marca o apreço à beleza da linguagem e à ampliação dos sentidos de toda e qualquer palavra. Na escrita freireana, os detalhes, os aspectos pessoais, os sentimentos, as divagações, essas coisas que são “sem importância” para as discussões acadêmicas, normalmente, fazem parte de uma criação peculiar que dá ao texto uma feição intimista única.

Parece pouco, talvez insuficiente, para Paulo Freire, a narrativa restrita dos fatos. Ele precisa transbordar os sentidos dessa realidade narrada, tocando em camadas sensíveis que projetam no texto sua humanidade fundadora. É como se suas palavras nos apresentassem aos múltiplos Paulos Freires: o professor, o artista, o poeta, o escritor, o menino, o pensador, o marido, o pai, o homem. Todos fazem parte do mesmo ser humano que pensa, age, fala, escreve, cria, reflete, ama... alguém que chega ao país estrangeiro com uma bagagem que não cabe em nenhuma mala. Alguém que carrega consigo toda a complexidade de ser o que é. Alguém que sente em palavras, porque sentir pertence ao viver. Alguém que tem, além de história, historicidade.

Sendo assim, destacamos que há inúmeras outras passagens de esmagadora beleza na obra freireana, tanto quanto ao seu conteúdo, ou seja, a mensagem, quanto à sua forma, representada na escolha das palavras. Tantas que provavelmente não daríamos conta de explorar nesta breve pesquisa. No entanto, nossa intenção assume a direção de apontar como a poética freireana pode ser descoberta nas narrativas que permeiam seus textos “formais” e “formacionais”, digamos. E, nesse sentido, tais passagens selecionadas conseguem ilustrar o que pensamos; são capazes de traduzir a criação estética que fazemos de Paulo Freire.

Também em *Pedagogia dos sonhos possíveis* (FREIRE, 2020b), Paulo Freire recomenda que o recriemos, que reinventemos a sua existência, fazendo a ressalva de que jamais deixemos esquecida a essência de seu pensamento. Recriar Paulo Freire é a tarefa de quem o estuda, de quem o lê, de quem decide esmiuçá-lo. Por esta razão, recriamos Paulo Freire nesta pesquisa. Seguindo suas advertências, projetamos seu pensamento numa leitura atualizada de mundo e de palavras. Estas que, “grávidas de mundo”, se mantêm vivas, porque “[...] o texto escrito permanece dialógico” (FREIRE, 2020b, p. 109).

Escrever fixa a força da oralidade no tempo, mas o leitor, envolvendo-se com esta força, está continuamente reinventando e redialogando, de modo que o texto permanece vivo e dinâmico. [...] o texto escrito permanece dialógico, [mantendo-se] sua historicidade. Um texto está completo em um determinado momento histórico no qual garante certezas. Quando se troca o momento, pode-se começar a ver sua incompletude. Então, o leitor tem a responsabilidade de envolver-se na incompletude. A incompletude do texto pode ser tão importante quanto a completude em um momento histórico determinado, pois é a incompletude que envolve o leitor num processo de reinvenção contínua do texto no contexto cultural e histórico próprio dele ou dela [...]. um texto excelente é um texto que pode transcender seu lugar e seu tempo (FREIRE, 2020b, p. 107-109).

Assim, um texto precisa ser “interpretado e reinterpretado enquanto nos movemos através dos séculos” (FREIRE, 2020b, p. 109). Especificamente no contexto desta pesquisa, resgatamos a obra freireana – e a barroseana, em outros momentos dialógicos desta reflexão – tendo em vista sua imortalidade, dialogicidade, atravessamento e resistência espaço-temporal, ressignificando suas linhas e letras. Nesse sentido, assumimos o desafio e a necessidade de reinventarmos Paulo Freire, segundo Paulo Freire.

Reinventar Freire significa aceitar minha proposta de encarar a história como uma possibilidade. Desse modo, o(a) assim chamado(a) educador(a) freireano(a), que se recusa a reinventar-me, está simultaneamente negando a história como uma possibilidade e procurando pela prova professoral, certeza de aplicações técnicas. [...] Este(a) assim chamado(a) educador(a) freireano(a), se verdadeiramente deseja me entender, deve igualmente ultrapassar a leitura de *Pedagogia do oprimido*. [...] Meu pensamento veio evoluindo e tenho vindo constantemente aprendendo a partir de outros por todo o mundo, particularmente com respeito a questões de raça e gênero em outras sociedades. Como disse, para mim também a história é sempre uma possibilidade, nunca congelada. O mesmo aplica-se às minhas ideias. O minuto em que se congelam a história ou as ideias, também se eclipsa a possibilidade da criatividade e solapa a possibilidade de desenvolvimento de um projeto político (FREIRE, 2020b, p. 96-97).

Ao reinventarmos Paulo Freire, atualizando seu pensamento, pretendemos perpetuar sua existência criadora. Parecem inesgotáveis as fontes freireanas. Inspiradoras, poéticas, autênticas, inovadoras, palavras que são criteriosamente escolhidas para a representação imagética de seu pensamento. São fotografias construídas, memórias que ganham diferentes sentidos ao serem entrelaçadas com reflexões de ordem política, social e educacional, na maioria das vezes.

Da leitura estudiosa de Paulo Freire depreende-se um estilo – no sentido linguístico da palavra –, que reflete a sua leitura de mundo. Um estilo que não divorcia beleza e política; ética e estética; teoria e prática; ação e reflexão; vida e escola, mas, que, ao unir tantos significantes, retirando deles a dicotomia arbitrária de seus significados, traz a repetição como marca latente de sua escrita.

Registramos, então, que a repetição freireana é um artefato consciente de linguagem. Um recurso estilístico que, assim como tantos outros aspectos de sua escrita, possui uma conotação e uma intenção próprias. A repetição em Paulo Freire ocorre de maneira proposital e irrestrita, no sentido de que não só as palavras freireanas se repetem, também seus conceitos, mas não rigidamente suas interpretações e significações. O próprio autor deixa claro que este recurso é bem-vindo em suas reflexões, sobretudo quando ele pretende revisitar, reavaliar, repensar, reformular ideias e pensamentos, de forma a “[...] melhor redizer o dito” (FREIRE, 2020a, p. 74). Repetição não é, nesse sentido, uma cópia colorida autenticada em cartório de uma página já publicada, estritamente fiel à sua origem, como algo que pretende ser fixado e, por isso, reproduzido em seus detalhes. Ao contrário, Paulo Freire se repete, em diversos momentos de sua obra, justamente para alcançar uma ideia nova ou mesmo construir um pensamento novo; e até mesmo quando pretende corrigir ou reafirmar algo já elaborado. É uma revisitação de um eu do passado, que já não existe no presente, muitas vezes. Por esta razão, ele recomenda que seu(ua) leitor(a) (e, mais do que isso, que “o(a) educador(a) freireano(a)”) ultrapasse a leitura do *Pedagogia do oprimido*, experimentando outras fases de seu pensamento, disponível em tantas outras obras, conforme citamos em passagem anterior. Isso porque, como ser vivo, pensante, incompleto e consciente de sua incompletude, Paulo Freire esteve sempre em movimento, disponível para seus “atos criadores”, suscetível à sua “curiosidade epistemológica”, aberto a novas e atualizadas leituras, de mundo e de palavras.

Assim, o(a) leitor(a) freireano(a), em um primeiro contato com a sua obra, pode esperar encontrar as reflexões sobre “opressores-oprimidos” reunidas de maneira organizada no livro *Pedagogia do oprimido*. O conceito de esperança em *Pedagogia da esperança*; o tema dos sonhos em *Pedagogia dos sonhos possíveis*; a ideia de autonomia em *Pedagogia da autonomia*; e a indignação em *Pedagogia da indignação*. Embora reconheçamos que há uma predominância destes conceitos nas respectivas obras, o que justifica a presença de suas palavras-chave em seus títulos, ressaltamos que a complexidade do pensamento de Paulo Freire não permite qualquer enrijecimento ou sistematização de sua escrita.

Os conceitos se “repetem”, as teorias se esbarram, os pensamentos conversam, e a dinâmica da vida e o sentido prático da existência fazem com que o autor ressignifique a si

mesmo o tempo todo. As ideias não são, portanto, estáticas. Estão vulneráveis a atualizações necessárias, em que o contexto espaço-temporal adquire grande relevância.

Paulo Freire foi um reinventor de Paulo Freire. Recriou suas próprias ideias, na medida em que sua história se reescrevia no curso do tempo e do espaço. Essa repetição, como estratégia de criação, está presente de maneira explícita no livro *Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do oprimido* (FREIRE, 2020a). Já na leitura do título, o(a) leitor(a) compreende se tratar de uma obra de “revisitação”. A escrita de *Pedagogia da esperança* foi necessária em muitos aspectos, segundo esclarece o autor nas páginas iniciais, inclusive para reparar uma marca excludente de sua linguagem, algo que, embora coerente ao contexto histórico da época (o século passado), jamais foi pertinente ao pensamento do autor, que, acima de tudo, defendia um mundo sem exclusões, mais bonito e justo para todos e todas.

Assim, em *Pedagogia da esperança*, Paulo Freire alterou a estética de sua escrita e esclareceu aos(às) leitores(as) o motivo de fazê-lo. O livro *Pedagogia do oprimido* recebeu críticas de algumas mulheres dos movimentos feministas norte-americanos, sobretudo quanto à linguagem machista utilizada por ele. Nossa língua é arbitrária e registra a concordância de gênero sempre privilegiando o masculino, como sabemos. Seguindo esta norma, em *Pedagogia do oprimido*, Paulo Freire utilizou a palavra “homem” para se referir ao ser humano, ou seja, em sentido não restrito, quando buscava abordar questões relacionadas a homens e mulheres. Quando recebeu tais críticas, de início, o autor não as considerou pertinentes. Entretanto, depois de refletir um pouco, abandonando a vaidade que negava a validade da crítica, aceitou-as e compreendeu-as, dando-lhes razão e dedicando algumas páginas de escrita à sua superação. Tendo refletido então sobre sua prática, Paulo Freire passou a se referir a homens e mulheres, separadamente, cada um com o signo linguístico que lhe cabe, incluindo explicitamente a palavra mulheres em seus textos.

Ao contar este acontecimento, o autor reconhece seu machismo linguístico, busca ultrapassá-lo e reafirma seu apreço pelas questões de igualdade social, mesmo quando elas surgem no campo teórico da linguagem.

Daquela data até hoje me refiro sempre a *mulher e homem* ou seres humanos. Prefiro, às vezes, enfiar a frase explicitando, contudo, minha recusa à linguagem machista. [...] A recusa à ideologia machista, que implica necessariamente a recriação da linguagem, faz parte do sonho possível em favor da mudança do mundo. Por isso mesmo, ao escrever ou falar uma linguagem não mais colonial, eu o faço não para agradar a mulheres ou desagradar a homens, mas para ser coerente com minha opção por aquele mundo menos malvado de que falei antes. [...] Não é puro idealismo, acrescenta-se, não esperar que o mundo mude radicalmente para que se vá mudando a linguagem. Mudar a linguagem faz parte do processo de mudar o mundo. A relação linguagem-pensamento-mundo é uma relação dialética, processual, contraditória. É claro que a superação do discurso machista, como a superação de qualquer discurso autoritário, exige ou nos coloca a necessidade de, concomitantemente com o novo

discurso, democrático, antidiscriminatório, nos engajarmos em práticas também democráticas. O que não é possível é simplesmente fazer o discurso democrático, antidiscriminatório e ter uma prática colonial (FREIRE, 2020a, p. 93-95, grifos do original).

Neste trecho, fica clara, mais uma vez, a indissociabilidade entre ética e estética para o autor. A boniteza freireana reside nisso. Na dimensão prática do que se pronuncia. A boniteza extrapola o campo da linguagem, da escrita, da palavra pronunciada, que, sozinha, vira verbosidade sem sentido, palavrório vazio, para alcançar os gestos, as ações, a *práxis*, a ação-reflexão-ação daquilo que se diz. Nesse sentido, a repetição freireana é paradoxal, mas não se contradiz. É autêntica, porque assina uma estética particular que se alinha à sua complexa compreensão da vida e das existências.

E sobre esta compreensão, que não se explica em poucas linhas e nem se esgota nas poucas páginas de uma pesquisa acadêmica, gostaríamos de mencionar outro aspecto caro à criação estética de uma linguagem freireana.

Ainda no livro *Pedagogia da esperança*, Paulo Freire sublinha a importância e a beleza da linguagem dos trabalhadores e trabalhadoras com quem convivia mundo a fora em suas experiências educacionais. Assim nos diz o mestre:

Minhas longas conversas com pescadores em suas caixas na praia de Pontas de Pedra, em Pernambuco, como meus diálogos com camponeses e trabalhadores urbanos, nos córregos e nos morros do Recife, não apenas me familiarizaram com sua linguagem, mas também me aguçaram a sensibilidade à boniteza com que sempre falam de si, até de suas dores, e do mundo. Boniteza e segurança também (FREIRE, 2020a, p. 95).

A linguagem das classes populares – arena política, área em disputa de poder, como toda linguagem – é também potência criadora e fonte de sensibilidade e beleza. A percepção de Paulo Freire acerca desta boniteza se dá, sobretudo, a partir da reflexão que ele faz sobre a própria prática, ou seja, na sua *práxis*, mais uma vez.

Como professor de língua portuguesa, sua formação não foi alheia à apreciação do “momento estético da linguagem” (FREIRE; SHOR, 2021, p. 41; FREIRE, 2020a, p. 100). Tal expressão, também faltante no compilado do *Dicionário Paulo Freire* ((STRECK; REDIN; ZITKOSKI, 2018), foi tomada de empréstimo da linguística e permeou alguns de seus textos (repetindo-se e resignificando-se, como explicitamos) em pelo menos duas representações. Tanto quanto à estética da linguagem popular, e seus “desvios” linguísticos provocadores de beleza, quanto à norma culta e sua preocupação estética no uso formal da língua, recurso bastante observado em textos literários.

Embora fosse um admirador da estética das classes populares, incluindo-se nisso a especificidade de sua linguagem, Paulo Freire jamais negou a importância e a beleza da língua culta, formal, de domínio e acesso quase sempre privilegiado das classes dominantes. Por esta

razão, defendia a premissa de que eram igualmente importantes e relevantes o aprendizado e a valorização de ambas, dentro e fora da escola. Ou seja, “[...] a aproximação das duas sintaxes – a dominante e a popular” (FREIRE, 2020a, p. 100) deve ser uma preocupação também da escola e, principalmente, do educador progressista.

A questão da linguagem, no fundo, uma questão de classe, é igualmente outro ponto que pode emperrar a prática educativa progressista. Um educador progressista que não seja sensível à linguagem popular, que não busque intimidade com o uso das metáforas, das parábolas no meio popular, não pode comunicar-se com os educandos, perde a eficiência, é incompetente. Quando me refiro aqui à sintaxe, à estrutura de pensamento popular, à necessidade que tem o educador progressista de familiarizar-se com ela, não estou sugerindo que ele renuncie à sua, como também à sua prosódia para identificar-se com a popular. Seria falsa essa postura, populista e não progressista. Não se trata de que o educador passe a dizer “a gente cheguemos”. Trata-se do respeito e da compreensão a e por uma linguagem diferente. Não se trata tampouco de não ensinar o chamado “padrão culto” mas de, ao ensiná-lo, deixar claro que as classes populares, ao aprendê-lo, devem ter nele um instrumento a mais para melhor lutar contra a dominação (FREIRE, 2020d, p. 64-65).

Nesse sentido, a estética da linguagem não é incompatível com seu viés político no contexto freireano. E, por esta razão, a escola precisa dar conta de sua complexidade teórico-prática. A “língua certa do povo, língua errada do povo” deve compor o “quefazer educativo” que é, sempre, “um quefazer político” (FREIRE, 2020b, p. 350). Sua beleza de existir, sua história, sua historicidade e sua sintaxe própria precisam fazer parte da experiência educativa.

Ao mesmo tempo, o ensino da linguagem formal não deve, segundo Paulo Freire, se limitar ao compartilhamento de suas regras e formas. A estética da linguagem padrão também deve pertencer às classes populares, sobretudo no cotidiano escolar. E, além disso, ela deve estar em toda e qualquer escrita, até mesmo na científica. A beleza das palavras sempre foi, portanto, uma preocupação de Paulo Freire, conforme podemos ler no extrato a seguir:

Algo que jamais aceitei, pelo contrário, que sempre recusei – a afirmação ou a pura insinuação de que escrever bonito, com elegância, não é coisa de cientista. Cientista escreve difícil, não bonito. O momento estético da linguagem, me pareceu sempre, deve ser perseguido por todos nós não importa se cientistas rigorosos ou não. Não há incompatibilidade nenhuma entre a rigorosidade na busca da compreensão e do conhecimento do mundo e a beleza da forma na expressão dos achados (FREIRE, 2020a, p. 100).

Em defesa da beleza da escrita, sua estética particular se constrói em torno do pensador, educador, cientista e, em consequência, artista que foi. O olhar freireano é um olhar de “desvio”; um olhar que encontramos frequentemente nos artistas e nos poetas. A influência de grandes escritores, estetas da linguagem, como José Lins do Rego, Graciliano Ramos, Jorge Amado e Gilberto Freyre (FREIRE, 2020a, p. 100; PITANO; STRECK; MORETTI, 2019), por exemplo, contribuiu para a sua recusa às “gramatiquices” (FREIRE, 2020a, p. 101) da língua e a abertura do universo da linguagem à experimentação de múltiplas experiências de “prazer estético” (FREIRE, 2020a, p. 100). A beleza da escrita literária, do cânone, deve ser acessível às classes

populares tanto quanto as suas regras, uma vez que não podemos lhes negar esta experiência estética.

O gozo estético adquirido nestas experiências de linguagem é, então, uma forma de ruptura com o ensino tradicional da língua, que se dá muitas vezes, na prática, de maneira engessada e fixa, por meio de cartilhas e conteúdos predeterminados, que se distanciam da realidade dos educandos. Nesse sentido, o tema da linguagem alcança outro recorte do pensamento freireano, cuja relevância é bem significativa: o processo de alfabetização.

A alfabetização em Paulo Freire é uma categoria que não pode deixar de ser mencionada nesta discussão sobre linguagem. Isso porque, alfabetizar é, em sentido restrito, tornar determinado código linguístico escrito acessível aos seus falantes, o que, por si só, já justificaria a sua presença nas discussões desta natureza. Na perspectiva freireana, alfabetizar é mais do que isso. É a premissa necessária para uma existência digna e cidadã.

Como mencionamos, nosso ser e estar no mundo é cercado de palavras. A linguagem é a representação do nosso pensamento. “Nomeio, logo existo”. “Leio, logo existo”. Sendo assim, a existência de um analfabeto, que lê o mundo, mas não lê as palavras, impossibilita a concretização da ideia freireana de humanização e *Ser Mais*, já mencionadas no início desta pesquisa. Alguém que tenha seu direito de ler as palavras negado será alguém impedido de *ser* em sua totalidade. Alguém que está no mundo, mas impossibilitado de nele interferir.

A experiência de Angicos trouxe bastante visibilidade para as questões em torno dos problemas de alfabetização da época (especificamente, do ano de 1963). E incomodou muita gente poderosa, sobretudo porque comprovou a impossibilidade de existência de uma educação neutra e apolítica. O projeto de alfabetização, liderado por Paulo Freire, alfabetizou 300 trabalhadores rurais num espaço de tempo de apenas 40 horas, fazendo com que, a partir disso, eles conquistassem o direito ao voto, proibido até então aos analfabetos. Tal realização impactou o sistema eleitoral da região, principalmente porque, ao tornar acessível a “leitura das palavras”, promoveu uma tomada de consciência desses trabalhadores acerca de uma realidade social desigual e opressora, determinada não historicamente, mas pela manutenção intencional das relações de poder.

Nesse sentido, ler as palavras e ter o direito ao voto, adquirindo a consciência necessária de que é difícil tanto quanto possível mudar as desigualdades e injustiças, ultrapassa a ideia restrita de uma alfabetização como decodificação do código linguístico. A alfabetização freireana é, portanto, um movimento de libertação, é a ideia de humanização observada na prática.

O chamado “Método Paulo Freire” não é, como o nome poderia sugerir, um conjunto de regras fixas a serem seguidas; um caminho reto a se trilhar. Pelo contrário, “[...] a natureza mesma do ‘Método’ é em si uma compreensão de como ensinar-aprender” (FREIRE, A.M.A, 2017, p. 282). Paulo Freire elaborou o seu “Método”

[...] como um processo cognitivo, no qual está implícita e faz parte de sua epistemologia a sua teoria do conhecimento, que é eminentemente política, ética, humanista e democrática, porque tinha a intenção de incluir, para participar da sociedade, todas as pessoas dessa sociedade. Para isso, para atingir o nível de consciência crítica, demanda de quem o faz a educação conscientizadora que começa em ler a palavra lendo o mundo (FREIRE, A.M.A, 2017, p. 282).

Assim, a alfabetização freireana é fruto da compreensão de Paulo Freire sobre a educação, que é mergulhada nos sentidos de conscientização, libertação e ética humanista desenvolvidos pelo autor. Sua pedagogia tem profundas raízes culturais e valoriza, ao mesmo tempo, a consciência e a história. “Paulo Freire é o pedagogo da consciência; mas uma consciência inserida nos turbulentos processos sociais, uma consciência histórica” (TORRES, 2014, p. 3). Nesse sentido, seu método não se desvincula da experiência histórico-prática do ser humano, mas a sistematiza num complexo totalizador, por isso, cultural, que se cruza com “situações existenciais estratégicas” e se projeta para um “inédito viável”. “Alfabetiza-se conscientizando; conscientiza-se alfabetizando. O método recupera a consciência na história, para seguir construindo sua própria história” (TORRES, 2014, p. 3). Assim, o que conhecemos como “aula” dá lugar aos chamados “Círculos de Cultura”, que assumem este espaço-tempo de criação e problematizam a experiência da alfabetização, conferindo-lhe o título de atividade ideológico-educativa conscientizadora e libertadora.

Carlos Alberto Torres (2014, p. 3), no “Prefácio” do livro *Diálogo e práxis educativa: uma leitura crítica de Paulo Freire*, registra que “[...] a estilização do método da alfabetização problematizadora perde a falsa assepsia com que se quis encobri-la, e revela-se como um valioso instrumento para a prática da educação popular: a luta de classes ao nível do aparato ideológico-educativo”. Dessa forma, as discussões dos “Círculos de Cultura”, que partem da realidade dos educandos, são a prática dialógica de uma educação libertadora, problematizadora e conscientizadora, em que “aprender a dizer a sua palavra” equivale a “aprender a pronunciar o mundo”.

No livro *Centenário de Paulo Freire e outras conversas da pandemia*, Berino (2021) se detém à análise de alguns aspectos da prática dos “Círculos de Cultura”, do chamado “Método Paulo Freire” de alfabetização, para pensar alguns desafios educacionais contemporâneos. Segundo o autor (BERINO, 2021), o primeiro movimento do Método se dá em torno da investigação do universo vocabular dos educandos que farão parte do processo. Busca-se, neste

início, conhecer tais palavras para selecioná-las adequadamente para a fase seguinte: a decomposição das famílias fonêmicas. O sentido existencial e emocional de cada palavra colhida neste recorte vocabular deve ser considerado para a construção de um compilado de “palavras geradoras” que serão utilizadas como o mote da alfabetização. Palavras criteriosamente escolhidas para iniciar o processo de “leitura da palavra”.

Sendo assim, a partir da palavra geradora, o educando passa a decodificar a língua e formar e compreender novas palavras, e, depois, frases. A leitura da palavra é, nesse contexto, um “ato criador” (FREIRE, 2011, p. 28), uma vez que com ela “[...] a leitura do mundo adquire maior plasticidade” (BERINO, 2021, p. 46). E, mais amplamente, “A leitura do mundo como ato de conhecimento [e criação], não é apenas uma atividade cognitiva se não, também, a presença no mundo como existência transformadora” (BERINO, 2021, p. 47). “Criar a transformação”, a partir da palavra, é uma frase que nos serve como uma interpretação possível do Método Paulo Freire.

A palavra geradora, “grávida de mundo”, assume na alfabetização freireana não só o papel de alavanca do processo, mas abriga em si mesma a sua razão de ser. Isso porque o “Método Paulo Freire”, enquanto prioriza a libertação dos oprimidos – ao conscientizá-los das situações de opressão das quais fazem parte, principalmente –, amplia e ressignifica a importância do aprendizado da leitura e da escrita, relacionando-as ao direito de “existir” e “existenciar-se”, que deve ser garantido a qualquer vida humana. Existir na luta “para ser um ser no mundo” (FREIRE *apud* FREIRE, A.M.A, 2017, p. 236), interferindo na história, sendo sujeito dela e não seu objeto. A palavra (e o direito de lê-la e dizê-la) é origem, sentido e ponto de chegada da alfabetização freireana, posto que ultrapassa os limites de sua própria existência enquanto artefato de linguagem.

O Método, então, busca ajudar o analfabeto, antes mesmo de sua alfabetização, na superação de sua compreensão ingênua do mundo e no desenvolvimento de sua visão crítica permanente, e, ao fazer isso, tem como principal dimensão a ideia antropológica de cultura, que é capaz de promover a distinção “[...] entre os dois mundos: o da natureza e o da cultura” (FREIRE, 2019e, p. 142), além da compreensão de que o papel ativo do homem se dá *em* sua e *com* sua realidade. Nesse sentido, compreende-se

A cultura como o acrescentamento que o homem faz ao mundo que não fez. A cultura como o resultado de seu trabalho. Do seu esforço criador e recriador. O sentido transcendental de suas relações. A dimensão humanista da cultura. A cultura como aquisição sistemática da experiência humana. Como uma incorporação, por isso crítica e criadora, e não como uma justaposição de informes ou prescrições “doadas”. A democratização da cultura – dimensão da democratização fundamental. O aprendizado da escrita e da leitura como uma chave com que o analfabeto iniciaria a sua introdução no mundo da comunicação escrita. O homem, afinal, no mundo e com

o mundo. O seu papel de sujeito e não de mero e permanente objeto (FREIRE, 2019e, p. 142-143).

Para introduzir este conceito de cultura, gnosiológico e antropológico ao mesmo tempo, Paulo Freire acrescentou em seu Método as chamadas fichas de cultura, que, em linhas gerais, representam “[...] dez situações existenciais ‘codificadas’, capazes de desafiar os grupos e levá-los pela sua ‘decodificação’” (FREIRE, 2019e, p. 143) a compreensões em torno da noção de cultura como ato criador humano. O alfabetizando poderia, então, se perceber, a partir destas fichas, como sujeito criador, “fazedor” de cultura.

Descobriria que tanto ele como o letrado têm um ímpeto de criação e recriação. Descobriria que tanto é cultura o boneco de barro feito pelos artistas, seus irmãos do povo, como cultura também é a obra de um grande escultor, de um grande pintor, de um grande místico, ou de um pensador. Que *cultura* é a *poesia dos poetas letrados* de seu país, como também a *poesia do seu cancionero popular*. Que cultura é *toda criação humana* (FREIRE, 2019e, p. 143, grifos nossos).

Francisco Brennand, “uma das maiores expressões da pintura brasileira” da época, foi quem pintou as situações das fichas, “proporcionando uma perfeita integração entre educação e arte” (FREIRE, 2019e, p. 143-144). Tais fichas foram tomadas de Paulo Freire em meados de 1964, na ocasião do golpe militar que o perseguiu e exilou. Entretanto, há registros coloridos de tais fichas em documentos disponíveis na internet para consulta. Após a perda, outro artista foi chamado para pintar tais situações, Vicente de Abreu, que, também exilado na época, manteve nas pinturas as situações existenciais propostas sem buscar reproduzir a arte anteriormente feita.

No livro *A educação como prática da liberdade* (FREIRE, 2019e), há o acréscimo de um “Apêndice” (p. 161) nas páginas finais em que estão disponíveis as pinturas das fichas, as situações propostas em cada uma delas e alguns comentários explicativos adicionais sobre a sua aplicação no Método.

Após fazer a leitura investigativa desta seção da obra, especificamente, nesse momento, utilizaremos somente a primeira ficha como uma exemplificação imediata de algo que será retomado mais adiante em nossa discussão. Para além de toda a complexidade do pensamento freireano, que se estende ao seu Método de alfabetização de adultos, interessa-nos a perspectiva do autor enquanto sujeito de criação e personagem de nossa investigação. Nesse sentido, buscamos compreender suas ideias e a construção do seu Método a partir de seu “ato criador”. Olhamos, então, para Paulo Freire agora como um artista. Como alguém que também foi um “fazedor de cultura” e não estritamente um teórico da educação. Um professor, portanto. Envolvido desde sempre com a ética e a estética do quefazer político-educativo, na teoria e na prática e, mais profundamente, na construção de seu próprio perfil estético.

A ideia das fichas de cultura, representativa de situações existenciais pertinentes à realidade dos educandos, apresenta-se, para nós, como uma preocupação estética da linguagem. Todavia, não mais acerca da boniteza da fala e escrita das classes populares ou mesmo das artesanias linguísticas dos grandes nomes literários, como já abordamos. Essa preocupação se mostra na escolha de um recurso artístico, a pintura, para dar vida a abstrações entre linguagem, pensamento e imaginação. O estímulo visual, da linguagem não verbal, provoca o ímpeto criador dos alfabetizandos, que passam, então, a extrapolar os sentidos da imagem e da palavra. Palavra-pensamento-imagem fertilizam sua imaginação, permitindo que interfiram naquele recorte de realidade, na sua linguagem, aumentando o mundo ao recriá-lo, ao pronunciá-lo.

A imagem deixa de ser, então, somente uma representação, para ser a narradora de uma história. A história de cada um que a lê, com seus pontos em comum e suas particularidades. O individual e o coletivo se unem na construção das experiências existenciais. A leitura da imagem se apoia na leitura de mundo para alcançar uma leitura da palavra. E as três leituras juntas formam o tripé necessário para a pronúncia do mundo.

A imagem é também palavra geradora. Partindo da abstração da pintura, constrói-se a noção gramatical da língua e, mais amplamente, a consciência da palavra enquanto categoria ética, política e estética, reprodutora e criadora de mundos.

A situação de número 1, intitulada “O homem no mundo e com o mundo. Natureza e cultura” (FREIRE, 2019e, p, 162), tomada aqui para ilustrar nossa ideia, se propõe a ser geradora de um debate em torno do fato de que o ser humano é um ser de relações, um ser *no e com* o mundo e, mais do que isso, um ser de criação. A pintura de Vicente de Abreu, escolhida para representar a frase, constrói uma cena em que muitas leituras de mundo são possíveis (figura 1). Um poço, uma árvore, pássaros voando, um trabalhador com uma enxada e um livro na mão, uma criança de mãos dadas com sua cuidadora ao fundo. Uma imagem que conta muitas histórias, que representa muitos pensamentos e de onde podemos retirar inúmeras palavras. A situação inicial proposta desmembra-se em demais questões político-educativas e desperta no sujeito a sua consciência crítica, que passa a se ver como “um ser criador e recriador que, através do trabalho, vai alterando a realidade” (FREIRE, 2019e, p. 162).

Figura 1. 1ª situação – O homem no mundo e com o mundo. Natureza e cultura.



Fonte: Freire (2019e, p. 163).

Sendo assim, para o uso desta ficha, Paulo Freire (2019e, p. 162) nos recomenda iniciar perguntando: “[...] quem fez o poço? por que o fez? como o fez? quando?”, repetindo tais perguntas com relação aos demais “elementos” da situação, de onde vão emergir “dois conceitos básicos, o de *necessidade* e o de *trabalho*”, além da cultura que se mostrará “num primeiro nível, o de subsistência”. Nesse sentido, o “desenho verbal” (BARROS, 2015a, p. 71) desta ficha permite algumas interferências linguísticas, crítica e politicamente, possíveis.

O homem fez o poço porque teve necessidade de água. E o fez na medida em que relacionando-se com o mundo fez dele objeto de seu conhecimento. Submetendo-o, pelo trabalho, a um processo de transformação. Assim, fez a casa, sua roupa, seus instrumentos de trabalho. A partir daí, se discute com o grupo, em termos evidentemente simples, mas criticamente objetivos, as relações entre os homens, que não podem ser de dominação nem de transformação, como as anteriores, mas de sujeitos (FREIRE, 2019e, p. 162).

As fichas de cultura e as palavras geradoras são, então, uma expressão estética do pensamento freireano. Fazem parte do seu perfil artístico, da sua maneira de pensar a linguagem e politizar a educação.

Especificamente no que diz respeito às palavras geradoras, “grávidas de mundo”, olhamos para o Método como um movimento circular em que a palavra sai de si mesma para se reencontrar. Contudo, tal movimento passa por um caminho crítico de ressignificações e interpretações que transformam a palavra de chegada em outra que não a mesma da partida. A palavra é origem, sentido e ponto de chegada do Método, como dissemos, mas não se mantém, nunca, inerte. Seu signo linguístico se modifica, porque, embora o significante permaneça

intacto, seu significado é impermanente; incompleto, assim como o sujeito que o decifra e busca dominá-lo.

A palavra “favela”, por exemplo, encontrada no universo vocabular do Rio de Janeiro, tomada como geradora no processo de alfabetização das classes populares deste lugar, especificamente, alcançará muitos sentidos diferentes ao longo do ensino-aprendizado destes sujeitos. O signo “favela” será criado e recriado segundo a leitura de mundo que se faz da favela, leitura esta que pode ser sim coletiva, em alguns momentos, mas que jamais deixa de carregar consigo suas individualidades. Quais seriam, então, os limites para estas ressignificações? Poderíamos dizer que são os mesmos de nossa existência criadora. Um limite indefinido, incomensurável. Não há, então, um fim possível para a criação humana e é nisso que reside, também, a sua força transformadora.

Como “seres da práxis”, somos “seres da transformação”, nos ensina Paulo Freire (p. 63). E aqui chegamos na última categoria freireana escolhida para nossas reflexões em torno da construção de seu perfil estético. O tema da transformação está presente em toda a obra do educador. Difícil, mais uma vez, separá-lo de demais temas, palavras, conceitos, sem esbarrar nos diferentes assuntos já abordados em outros capítulos desta dissertação. Entretanto, chegamos aqui com a certeza de que o esforço valeu a pena porque nos conduziu a uma leitura, ao mesmo tempo, criteriosa, crítica e criativa, de Paulo Freire.

Sendo assim, gostaríamos de registrar que a palavra “transformação” foi a primeira “descoberta” da pesquisa. Ainda pensando no tema, em meados de 2020, no início do mestrado, após a necessidade de mudança de projeto devido às imposições pandêmicas, o sentido freireano de transformação nos serviu de pontapé inicial na busca de um diamante bruto a ser lapidado. Contudo, como nada é simples, a primeira descoberta foi também uma das mais difíceis.

Foram muitas as aulas do mestrado sobre Paulo Freire. Nosso grupo de pesquisa, Estudos Freireanos Contemporâneos e Currículo, também nos possibilitou muitas trocas em torno dos estudos da obra freireana. No tempo mais grave da pandemia, passávamos muitas horas conectados por dia, assistindo a lives, aulas, participando de encontros e debates virtuais. O trabalho do professor Aristóteles, orientador desta pesquisa, dentro e fora da universidade, foi de valor inestimável para o alcance dessas interpretações e desse resultado.

Muitos foram também os questionamentos acerca da transformação freireana que levamos para esses momentos, especificamente. E a conclusão inicial a que chegamos agora é que, primeiro, Paulo Freire é um assunto inesgotável do qual jamais poderemos dar conta. Segundo, assim como a ideia de uma estética freireana, a transformação em Paulo Freire é algo

a ser construído pelo leitor em seu pensamento. Não está pronta, decodificada, mastigada para ser engolida e digerida. Ela requer um preparo, uma entrega, um “ato criador”, em alguma medida, que somente poderemos esboçar nesta investigação.

Inicialmente, a ideia da pesquisa contemplava a construção de quatro capítulos, sendo o final dedicado especificamente ao tema da transformação. Contudo, nosso caminhar nos fez perceber que associar o trabalho da linguagem na construção da estética freireana com a investigação do termo transformação em sua obra, em diálogo com tais aspectos da obra barroseana, seria exaustivo e impossibilitado devido às condições temporais impostas pelo prazo de conclusão do curso.

Sendo assim, não abandonamos a investigação do termo, tampouco desistiremos de compartilhar com os(as) leitores(as) da pesquisa o conhecimento que adquirimos em torno dela. Contudo, a limitação também do espaço da pesquisa – em termos de quantidade de páginas escritas, sobretudo neste capítulo mais extenso –, nos fez optar por uma abordagem mais objetiva, em certo ponto “reduzida” deste conteúdo.

Ao mesmo tempo, ressaltamos que a transformação em Paulo Freire não se separa de tudo o que falamos até aqui e, pelo óbvio, não precisaremos e não vamos nos repetir quanto a explicações já feitas em outros momentos. Entretanto, tendo em vista que “tudo” tem a mesma força significativa de “nada”, porque não nos diz, na verdade, muita coisa, abordaremos a transformação freireana estabelecendo com ela uma relação inevitável com as reflexões tecidas nesta seção. Também por esta razão decidimos incorporar a transformação neste momento; pois, como foi possível identificar ao longo da pesquisa, no pensamento freireano, ela é inseparável das questões em torno da linguagem.

Começamos, então, por dizer que a transformação para Paulo Freire diz respeito a uma mudança radical nas estruturas sociais. Não se limita, portanto, às mudanças individuais que observamos na escola ou na vida em sociedade, de modo geral. Transformação social é a busca de uma luta coletiva, a realização de “um sonho sonhado coletivamente”.

Sendo assim, em muitos trechos da obra freireana encontraremos a palavra transformação, presente também no *Dicionário Paulo Freire*, ao lado da palavra “mudança”. Pedindo licença para discordar parcialmente, e sutilmente até, da associação, entendemos que os verbetes são sim sinônimos, mas, ao mesmo tempo, por sabermos que “não existe sinonímia perfeita” na língua, compreendemos seus significados com algumas diferenças importantes.

Como mencionamos no capítulo anterior, mudança pode ser entendida como algo pertencente à transformação. Em nossa interpretação, é algo com uma conotação mais individual, que diz respeito às conquistas que se somam na busca de um anseio maior. A

transformação seria, então, esse todo maior a ser eternamente buscado. A mudança é uma parte que compõe a ideia total de transformação. É como se a transformação necessitasse de muitas mudanças, mas não se limitaria a esta equação.

A transformação social para Paulo Freire é a realização do seu sonho sonhado coletivamente de uma sociedade socialista. Em muitas passagens, o educador deixa isso claro. Não se trata, portanto, de entender a mudança como uma alteração nos métodos de ensino da escola, ou a mudança que a escola é capaz de provocar em uma pessoa quando ela passa a ler as palavras, por exemplo, e consegue, por isso, um emprego melhor, ou condições de vida melhores. E não quer dizer, também, que essas mudanças não sejam importantes para a nossa vida em sociedade. Paulo Freire não despreza as conquistas individuais. Entende também a sua importância. Mas a sua utopia diz respeito a algo que é tão realizável quanto permanentemente transitório.

Nesse sentido, a busca pela transformação é exatamente uma busca. Não compreendemos a ideia de transformação freireana, o seu sonho socialista, como algo alcançável e que possui alguma perspectiva de conclusão. Até mesmo porque todo acontecimento histórico é marcado pela ideia de movimento. Não decidimos que no próximo dia folga nos reuniremos para fazer a revolução que colocará um fim no capitalismo. Não temos como marcar uma data para o fim e o começo dos acontecimentos históricos. Tudo faz parte de um processo de reações e relações encadeadas. E quanto a isso não há a menor possibilidade de tecer qualquer previsão. Acreditamos que Paulo Freire tinha essa consciência histórico-social. Ainda que pensássemos, num momento de devaneio, ser possível agendar a transformação, como quem agenda a mudança de casa com o caminhão que levará seus móveis ao novo endereço, não seríamos capazes de prever as reações que nossas ações provocariam. É algo que escapa à nossa compreensão, porque foge das nossas possibilidades de controle e realização.

Nesse sentido, buscamos ao longo da pesquisa uma compreensão que desse conta, que trouxesse as respostas, as saídas, o “Método” para a transformação social. Queríamos encontrar, talvez, uma receita. Uma pista, uma dica, uma orientação de como seria possível um dia realizar essa tal transformação. E as tentativas foram, até agora, todas fatalmente frustradas. Não há, ao menos nas leituras e investigações que fizemos até aqui e que não são poucas nem inexpressivas, qualquer indício de que Paulo Freire nos tenha dado esse manual. Primeiramente, porque receitar não é algo freireanamente palpável. Não há respostas prontas em Paulo Freire, tudo precisa ser construído, criado, recriado, pensado e repensado. Esse é o desafio da sua leitura e seu estudo.

Então o desafio se manteve e trouxe a resposta, que é, na verdade, a ausência de uma resposta. Não há para o tema da transformação social em Paulo Freire palavras que alcancem seu total sentido e que realizem de maneira prática a sua experiência. A transformação nos acompanha, está aqui, acontecendo, enquanto buscamos muitas e vagas respostas. É categoria de realização permanente enquanto estamos sendo; enquanto estamos exercendo nosso direito de *Ser Mais*. Mas como podemos, então, entender a transformação sob o ponto de vista socialista como algo permanentemente construído se não vivemos, hoje, numa sociedade socialista?

Para tal pergunta também não temos a resposta pronta. Mas em torno dela podemos tecer algumas considerações. O fato é que o sonho, como mencionamos em outros momentos, é indissociável da existência humana. “É impossível existir sem sonhos”, no diz Paulo Freire. Então compreendemos que a nossa necessidade ontológica de sonhar nos faz perseguir, *ad eternum*, o nosso ideal de transformação. Um ideal que acaba não sendo, portanto, rígido, definido, estático. Nada que diz respeito aos seres humanos é assim, na verdade. Estamos sempre num movimento circular e infinito de busca, conquista, reflexão, de modo que basta alcançarmos algo para desejarmos algo novo. A transformação é, nesse sentido, o motor da nossa história. Somos seres da “práxis”, por isso seres da “transformação”, nos diz Paulo Freire.

Assim, pedindo licença acadêmica para abrir um parêntese aqui, gostaríamos de utilizar uma metáfora para explicar como entendemos as diferenças entre mudança e transformação social. Pensemos numa casa antiga, com paredes rachadas, móveis ociosos de tanto cupim, fechaduras enferrujadas e telhado quebrado. A pintura também está ruim, mas a casa ainda “funciona”; serve como moradia para alguém, ainda que com precariedade. Então decidimos que é necessário mudar a casa. Cobrimos as rachaduras, pintamos as paredes, envernizamos os móveis, mudamos os móveis de lugar, desenferrujamos as fechaduras, emendamos as telhas. A casa é a mesma, os problemas na verdade permanecem nela, mas como mudamos muitas coisas nela, temos a impressão de que é uma casa nova. Com o tempo, as rachaduras, ferrugem e cupim voltarão a aparecer, e será necessária uma nova reforma. Até que perceberemos que essas mudanças, na verdade, serviram de maquiagem para o que realmente precisávamos mudar.

Agora se desejarmos transformar essa casa, precisaremos primeiro investigar se as rachaduras comprometem a sua estrutura, e, se necessário, mexer nesta estrutura, antes de pintar suas paredes; depois, vamos trocar os móveis ociosos por outros, que suportem os pesos dos objetos que devem guardar, e, também, comprar novas fechaduras e telhas que se encaixem perfeitamente. Então, embora a casa seja a mesma, essa transformação não é equivalente à mudança que mencionamos. Com o passar do tempo, novas rachaduras podem aparecer,

podemos precisar de móveis maiores ou mais fortes, de fechaduras que não enferrujem, de um telhado que não só proteja a casa, mas também a ilumine.

Então, a transformação e a mudança nos parecem permanentes, e nisso se esbarram. Talvez a mudança seja complementar à transformação. Há algo de mudança na ideia da transformação. Sim, entendemos que Paulo Freire também usa “mudança” no sentido de transformação. No entanto, o contrário não nos parece verdadeiro. A transformação nunca é uma mudança. Talvez a soma de muitas mudanças e mais alguma coisa em permanente acontecimento. Mas nunca somente uma “mudança”. E é esse o nosso ponto.

A casa é a sociedade em que vivemos. E a mudança, em sentido mais restrito como a entendemos, não pode ser a maquiagem que esconde suas rachaduras mais sérias. Embora tenham algum efeito imediato, as mudanças são, então, isoladamente insuficientes, porque não atuam na raiz mais profunda dos nossos problemas. A transformação, por sua vez, enquanto categoria transitória e permanentemente histórica, age diretamente na medula espinhal dos nossos problemas sociais, mas não se encerra nessa atividade. É como um antibiótico que precisamos tomar a cada infecção e reinfecção. Quando nos sentimos melhores, quando achamos que alcançamos nosso objetivo, paramos de usá-lo, até o dia em que precisaremos dele novamente. É um uso transitório e permanente, como dissemos.

Nesse sentido, nossa discordância com a junção dos vocábulos em um mesmo “verbe” no *Dicionário Paulo Freire* se dá justamente no trecho em que se afirma que a mudança é algo aplicado ao contexto escolar (WEYH, 2018, p. 327). Sim, concordamos que a mudança acontece na escola, nas práticas escolares, no cotidiano escolar. Mas o ponto é justamente esse, o fato de concordarmos com esta afirmação não nos permite concordar com a junção das palavras no *Dicionário*. A transformação não é, nesse contexto, o sinônimo perfeito para a ideia limitada de mudança e, por esta razão, deveria ter com ela uma relação de significação próxima, mas com a preservação de suas diferenças. A mudança está na ideia de transformação de Paulo Freire, mas a transformação não está na ideia de mudança.

Assim, termos como “mudar a cara da escola” (FREIRE, 1999, p. 36), presente na obra freireana, não alcançam o sentido de transformação pretendido pelo autor, segundo a nossa compreensão. Representam outros aspectos necessários à transformação, mas insuficientes para a todo complexo de sua pretensão.

Dessa maneira, a transformação social para Paulo Freire tem relação com a mudança, os inéditos viáveis, os sonhos, a esperança, a humanização, o direito de *Ser Mais*, tendo em vista que todos esses conceitos são permanentemente constituintes da existência humana criadora. No livro *Educação e Mudança* (FREIRE, 2014, p. 21), o autor diz que a realidade é

fruto da “criação dos homens”. Ela não pode, portanto, ser histórica como os seres humanos que a criam, transformando-se por si só. Somos nós, seres criadores, que a criamos e quem, por isso, pode seguir transformando-a.

Sendo assim, entendendo que a transformação seria sozinha um ponto a ser explorado em uma pesquisa inteira, gostaríamos de fazer um recorte nesta abordagem, relacionando-a ao tema da linguagem, objeto de reflexão deste capítulo final.

Na “Introdução” do livro dialógico *Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra* (FREIRE; MACEDO, 2021), Giroux (2021) se dedica à análise da alfabetização freireana sob o ponto de vista da sua relação com a ideia de transformação. Partimos, então, desse ponto para também tecer nossas análises. Segundo o autor,

O desenvolvimento de uma política cultural da alfabetização e da pedagogia torna-se um ponto de partida importante para possibilitar que aqueles que têm sido silenciados ou marginalizados pelas escolas, pelos meios de comunicação de massa, pela indústria cultural e pela cultura televisiva exijam a autoria de suas próprias vidas (GIROUX, 2021, p. 42).

A alfabetização, no sentido político do termo, é, então, o ponto de partida para pensarmos no ideal – recortado – de transformação. Tendo claro em nossas mentes que o conhecimento está “sempre vinculado ao poder e as práticas sociais são sempre encarnações de relações concretas entre seres humanos e tradições diversas” (GIROUX, 2021, p. 43) e, ainda, que todas as relações mantêm vivas, ainda que implicitamente, as visões de mundo de seus sujeitos sobre as realidades que os cercam, a alfabetização, nesta perspectiva, “não apenas *empowers* as pessoas mediante uma combinação de habilidades pedagógicas e de análise crítica”, mas torna-se “[...] o mecanismo pedagógico e político fundamental mediante o qual instaura[m-se] as condições ideológicas e as práticas sociais necessárias para o desenvolvimento de movimentos sociais que reconheçam os imperativos de uma democracia radical e lutem por eles” (p. 43). A ideia de “*empowers*”, traduzida como “empoderar”, está mais próxima do sentido de mudança do que do de transformação tal qual entendemos aqui.

Para Paulo Freire,

[...] linguagem e poder estão inextricavelmente entrelaçados e proporcionam uma dimensão fundamental da ação humana e da *transformação social*. A linguagem, com a define Freire, tem um papel ativo na construção da experiência e na organização e legitimação das práticas sociais disponíveis aos vários grupos da sociedade. A linguagem é o ‘verdadeiro recheio’ da cultura e constitui tanto um terreno de dominação quanto um campo de possibilidade. A linguagem, nas palavras de Gramsci, era tanto hegemônica quanto contra-hegemônica, servindo de instrumento tanto para silenciar as vozes dos oprimidos quanto para legitimar as relações sociais opressivas. [...] Ao mesmo tempo, porém, a linguagem [pode ser] encarada como o terreno sobre o qual os desejos, aspirações, sonhos e esperanças radicais ganham sentido pela incorporação do discurso da crítica e da possibilidade (GIROUX, 2021, p. 43-44).

A busca freireana constante por uma alfabetização como projeto político emancipador é, em outras palavras, também a sua defesa pelo direito dos oprimidos de “dizer a sua palavra” (BASTOS, 2018, p. 152) e, ao dizer a sua palavra, “pronunciar o mundo”. Essa ideia alcança a noção de que a linguagem está diretamente ligada à transformação no pensamento freireano. Não estamos querendo afirmar que a transformação social, enquanto sonho socialista, é adquirida simplesmente pelo uso, domínio e democratização da linguagem, e da língua, especificamente. Como já esclarecemos, mantemos nossa posição de que a transformação é categoria sócio-histórica de permanência criadora. Entretanto, para a nossa análise recortada, a expressão “dizer a sua palavra” tem uma especial importância e não contradiz a noção de transformação elaborada aqui.

Em contraponto à ideia de “dizer a sua palavra” trazemos a questão do silêncio e do silenciamento. O silêncio entendido como palavra que não deseja ser dita; um direito, portanto. E o silenciamento como a palavra proibida de ser pronunciada; ou seja, um mecanismo de opressão. Diferenças de significado observadas em nossas relações sociais. Silenciar alguém é impedir-lhe de ser (e de *Ser Mais*). Quando a linguagem não é algo acessível a todos e todas, e, mais do que isso, quando os espaços sociais de fala não são criados democraticamente, o silenciamento acontece de maneira arbitrariamente imposta e opressora.

Em *Educação como prática da liberdade*, Paulo Freire (2019e, p. 93) fala sobre um “mutismo brasileiro” para se referir à ausência de diálogo nas sociedades. Não há como pensar em uma sociedade democrática sem a dialogicidade necessária para a sua prática. Sendo assim, “As sociedades a que se nega o diálogo – comunicação – e, em seu lugar, se lhes oferecem ‘comunicados’, resultantes de compulsão ou ‘doação’, se fazem preponderantemente ‘mudas’. O mutismo não é propriamente inexistência de resposta. É resposta a que falta teor marcadamente crítico” (FREIRE, 2019e, p. 95).

E não há como pensar em diálogo quando o abismo social entre as classes lhes impõe o mutismo, pelo óbvio. “Dizer a sua palavra” é ter o direito à participação nas decisões democráticas do país, a compreender o passado e discutir o presente e o futuro, e, neste exercício é imprescindível o atravessamento da experiência alfabetizadora.

Nesse sentido, a palavra “palavra”, razão e objeto de toda prática dialógica, ganha um sentido prático na esfera freireana. Palavra é práxis. É ação-reflexão, é intervenção no mundo, é a possibilidade de ser e estar no mundo e nele intervir, é a escrita da própria história como sujeito dela e não seu objeto, é o que nos permite alcançar inéditos viáveis na superação das nossas situações-limite, e é uma das forças criadoras da nossa permanente busca por transformação. No livro *Pedagogia do oprimido*, Paulo Freire (2019c, p. 107, grifos nossos)

não nos deixa dúvidas quanto a esta questão, ao afirmar que “Não há palavra verdadeira que não seja práxis. Daí dizer que a *palavra verdadeira seja transformar o mundo*”.

Assim, o sonho freireano de transformação social – também o “sonho de Guevara” (FREIRE, 2020a, p. 57) –, é um convite para nos mantermos jovens no necessário compromisso e comprometimento com a luta, a busca, a procura da boniteza de existir. Cabe, então, “[...] à juventude, a refeitura do mundo” (FREIRE, 2019a, p. 98). Uma juventude não no sentido cronológico da palavra, mas no sentido de uma sociedade que se faz livre do conservadorismo histórico impregnado de preconceitos e atitudes antidemocráticas. “Para mudar o mundo, contudo, o que estamos sendo é preciso mudar radicalmente as estruturas do poder atual. É preciso mudar o presente” (FREIRE, 2019a, p. 109).

A linguagem da alfabetização freireana é a linguagem da permanente possibilidade de transformação (FREIRE, 2019a, p. 78). “A educação, ‘leitura do mundo’ e ‘leitura da palavra’ se impõe como prática indispensável a essa reinvenção do mundo” (p. 68) e, na linguagem das possibilidades, “A luta já não se reduz à simples tarefa de retardar o que virá ou assegurar a sua ‘chegada’, mas reinventar o mundo” (FREIRE, 2019a, p. 68). Nesse sentido, também o nosso mundo existe incompleto e, por isso, não é, mas “está sendo”; e no processo de “estar sendo”, o conflito de interesses entre as classes dominantes e as dominadas é um fator importante de onde deve partir a articulação possível dos “sonhos de recriação ou de transformação da sociedade” (p. 59). A recriação do mundo é o sonho vivo de uma “[...] Terra em que amar seja menos difícil e as classes populares tenham voz, sejam uma presença participante e não meras ‘sombras’ assustadas diante da arrogância dos poderosos” (p. 59).

Transformação é uma prática dialógica; não está alheia, portanto, à língua e à linguagem. É na ausência do silêncio que se torna possível, no barulho das manifestações populares, na tomada de consciência daqueles que conhecem (e se reconhecem nelas) e, por isso, desejam modificar as situações de opressão. Aprender a “ler e escrever” para deixar de “ser sombra dos outros”, como disse uma camponesa alfabetizanda de Paulo Freire, certa vez, é a expressão de um levante popular necessário na consciência da importância da luta e do sonho da transformação (FREIRE, 2019b, p. 100). Deixar de “ser sombra”, reivindicar a própria voz, não silenciar; mais do que isso, não se deixar silenciar, “dizer a sua palavra” e “pronunciar o mundo” representam um cotidiano de busca em que alfabetizar é, em sentido freireano, emancipar e, por isso, transformar o mundo.

Voltamos a pensar no quanto a estética freireana, e sua relação com as questões de linguagem, de maneira específica, imprimem em sua obra um uso singular de palavras que se prestam a uma prática de comunicação e veiculam um sentido, mas igualmente resistem ao

próprio sentido. Pensar na construção de uma estética freireana é trabalho, talvez, de toda uma vida, tamanho esforço que esta intenção demanda. Contudo, nossas considerações buscaram alcançar até aqui alguma relevância quanto ao tratamento da questão estética em Paulo Freire. Nosso intuito, ao compreender alguns pontos desse universo freireano, é o de aprofundar a sua leitura a partir de uma ótica que a identifica em algumas camadas com o labor poético, literário, esteticamente preocupado com a linguagem. E, nesse sentido, como algo que ecoa na leitura incorporada da obra barroense.

Assim, faz-se necessário agora analisar determinados pontos da estética barroense que podem nos auxiliar neste ato criador de leitura desta pesquisa. Iniciamos com a observação de que a poesia de Manoel de Barros é tão singular, em sua totalidade, que tem sido difícil incluí-la em qualquer movimento artístico-literário, a não ser por uma aproximação meramente cronológica. Nesse sentido, não é raro encontrarmos informações (superficialmente elaboradas e, por isso, equivocadas) que asseguram seu pertencimento à geração de 1945, no movimento que se denominou Modernismo. Tal fato pode ser questionado por muitas razões. Salientamos aqui a afirmação do próprio poeta quando diz não pertencer a este movimento, e a nenhum outro grupo, e registramos que sua poesia é única, sobretudo, por uma questão de sua estética própria, fundada a partir de sua particular (des)construção linguística.

Assim, alguns autores têm se dedicado a pesquisar a poesia barroense, destacando nela também, mas não especificamente, o seu perfil de desconstrução, linguística e semântica, inaugurado em sua “Estética da Ordinarietà” (MÜLLER, 2010), como o próprio poeta denominou em entrevistas que deu por escrito.

Em um primeiro momento, é importante destacar que o olhar da poesia de Manoel de Barros é voltado para o simples, para o chão, para as coisas insignificantes e desimportantes, como já mencionamos em outros momentos de nossas reflexões. Sua poesia é marcada por seres, objetos e pessoas inúteis e que só interessam, portanto, ao fazer poético. Encontramos em sua estética ordinária, sapos, caracóis, pedras, musgo, lodo, limbo, latas, ferrugem, andarilhos, bêbados, loucos e, também, passarinhos, árvores, índios que comungam de um mesmo espaço-tempo: a sua criação. São imagens produtoras de profundas belezas que partem de um lugar inimaginado e, até mesmo, impróprio. A inclinação poética de Barros volta-se para abismos, becos, abandonos, escuridões e locais ordinários, fatalmente esquecidos pela poesia, e comumente desprezados pela sociedade.

Tendo em vista estas colocações, a questão da resignificação e desconstrução gramatical na poesia de Manoel de Barros assume, nesse contexto, parte do questionamento que busca compreender de que forma os recursos de linguagem são utilizados na poesia

barroseana para construir a sua “desgramática” e o seu “idioleto manaelês arcaico”, rompendo com o que determina a Gramática Normativa.

Assim, para as reflexões em torno da linguagem barroseana tecidas a seguir, foram selecionadas palavras, versos e trechos de algumas das principais obras do autor que possibilitaram o debate em torno do objetivo traçado – conhecer as ressignificações e desconstruções de linguagem na “desgramática” barroseana e no “idioleto manaelês arcaico”. Além disso, investigou-se, também, alguns outros aspectos que, juntos, forneceram subsídios para se compreender a complexidade da estética de criação barroseana.

Sendo assim, é possível perceber, em Manoel de Barros, uma preferência pelas palavras caídas, doentes, na sarjeta, como o poeta gostava de mencionar. E, ainda, a sua estima pelas palavras próximas de uma oralidade e que rompem com seus significados originais, provocando o espanto no leitor, que é, na verdade, o objetivo do poeta. Suas rimas internas, as figuras de linguagem, as distorções das funções e das classes gramaticais são demonstradas em muitos trechos retirados de seus poemas.

Manoel de Barros é um poeta da palavra. Cria e recria linguagem e aumenta o mundo com as imagens que produz. Segundo ele, a principal função do poeta e da poesia é “arejar a linguagem” (BARROS, 1997, p. 59), tirando-a da esclerose do idioma e salvando, assim, o mundo da “pobreza da descrição” (SÓ DEZ POR CENTO [...], 2008).

Como mencionamos em outro momento, dedicando-se à poesia, para só o que ele prestava, Manoel de Barros, “no seu escritório de ser inútil”, escrevia em seus “caderninhos do caos” frases doentes, “delírios verbais”, que compunham depois seus poemas, a partir de uma seleção criteriosa e de rigor estético. Esta é, portanto, a principal marca de sua poesia, que sublinha a sua singularidade estética e poética.

Foi ainda no internato que Manoel percebeu que a beleza da linguagem estava em aprender a “errar bem seu idioma” (MÜLLER, 2010, p. 18), coisa que encontrou em abundância nas crianças, nos passarinhos, nos bêbados, nos andarilhos e em outros seres desprezados e desprezíveis. Assim, na poesia barroseana não há “nem reis nem regências” (BARROS, 2017, p. 67), mas desvios, delírios, desconstruções e ressignificações a partir do que ele chamou de “agramática” e, ainda, por meio de seu “idioleto manaelês arcaico” (MÜLLER, 2010).

No livro *O guardador de águas*, Manoel de Barros (2017, p. 67) demonstra seu apreço pela liberdade de criação. Sobretudo pela liberdade linguística, da qual é usuário e defensor, que desobedece às regras gramaticais, porque tem como pretensão maior a expressão da beleza da linguagem, do “momento estético da linguagem”:

O sentido normal não faz bem ao poema.
 Há que se dar um gosto incasto aos termos.
 Haver com eles um relacionamento voluptuoso.
 Talvez corrompê-los até a quimera.
 Escurecer as relações entre os termos em vez de aclará-los.
 Não existir mais reis nem regências.
 Uma certa liberdade com a luxúria convém.

A criação barroseana não tem relação com “dom”, “inspiração”, e tampouco com simplicidade, interpretação que sua obra costuma receber. A escrita poética de Manoel de Barros é produzida em torno de muitos dicionários, livros e influências artísticas, a partir de elaborações e reelaborações de uniões de palavras desacostumadas, inventadas, que se relacionam por uma sintaxe do absurdo.

Sobre seu estilo, ele diz: “Estilo é falha [...] é um fenômeno patológico da linguagem. Estilo que se preza é coisa que escandaliza o entendimento” (MÜLLER, 2010, p. 29-30). E o desejo do poeta é ser o “algoz da língua” (BARBOSA, 2003), provocar encantamentos e reinventar o idioma empoeirado do “mesmal”. Sua vocação é escrever o “desanormal”. Porque “escrever o que não acontece é tarefa da poesia” (BARROS, 2015a, p. 35) e ao poeta cabe “[...] inventar outro mundo. E o instrumento para inventar outro mundo é a imagem, a metáfora e outros descomportamentos linguísticos” (MÜLLER, 2010, p. 149).

Assim, sendo a desconstrução e a ressignificação, linguística e semântica, o fundamento de toda a poesia barroseana, são muitas as passagens de seus poemas que trazem essas marcas de maneira explícita e latente. Nesse sentido, deve-se esclarecer que os exemplos e recortes selecionados para esta reflexão não representam a totalidade do que é representado na poesia barroseana. São apenas escolhas que nos permitem compreender estes aspectos na concretude do poema, de forma criteriosamente recortada.

O estilo de Manoel de Barros oscila entre prosa e verso, em diferentes obras. O *Livro de pré-coisas* (BARROS, 1997) e o livro *Memórias inventadas* (BARROS, 2018), por exemplo, inclinam-se a uma produção em prosa. Já outros livros, como *Menino do Mato* (BARROS, 2015a), *Arranjos para assobio* (BARROS, 2016b), *O livro das ignorâncias* (BARROS, 2016c) e *Livro sobre nada* (BARROS, 2016d), além de outros possuem as marcas da construção em versos livres.

Nesses livros em verso, o poeta se recusa à métrica fixa do poema, trabalhando o verso por dentro, com assonâncias e aliterações, conjugadas com a paronomásia¹¹, como se pode perceber em “Sou referente pra ferrugem mais do que referente pra fulgor” (BARROS, 2016d,

¹¹ A paronomásia é uma figura de linguagem que está definida na categoria de figuras de som. Isso porque ela está relacionada com a sonoridade das palavras.

p. 35). Nota-se que há uma escolha consciente pelas palavras com a letra “f”, cuja intenção é permitir a sonoridade do verso.

Além disso, o uso frequente de assíndetos, anáforas e rimas internas como recursos de intensificação e repetição pode ser observado. Das figuras de linguagem que utiliza, como todo bom poeta, destacam-se a silepse¹² e o zeugma¹³. O contraditório é valorizado na poesia barroseana, sendo também o que permite a polissemia de uma palavra ou de uma construção.

No verso “Besouros não trepam no abstrato” (BARROS, 2016d, p. 23), por exemplo, há vários caminhos possíveis de interpretação, o que ratifica a questão da pluralidade semântica intencional. “Tregar” pode ser tanto subir, quando praticar ato sexual. “No abstrato” pode ser uma locução com valor tanto de advérbio de modo quanto de lugar.

Quanto ao zeugma, ele é construído a partir de uma ousada combinação sintática, a partir de termos de diferentes planos semânticos, provocando um efeito sinestésico de leitura, como é possível comprovar no verso “Sou puxado por ventos e palavras” (BARROS, 2016c, p. 30).

Além das mencionadas figuras de linguagem, marca de toda criação poética, é importante, ainda, destacar a criação barroseana de intensa presença em sua poesia que diz respeito às suas invenções, de frases e de palavras; seus neologismos, que não surgem da necessidade de novos nomes, mas partem de processos de derivação e de deslocamentos de funções e classes gramaticais, e se traduzem como uma alternativa para se chegar ao grau zero da palavra, ao seu nascimento; para se chegar onde ela pode deixar de apenas significar para ressignificar, que é onde também as crianças, os bêbados, os andarilhos e demais seres desprezíveis e desprezados são capazes de se expressar. A criação de palavras, frases, versos, enfim, permite que o poeta dê às palavras e às coisas, em consequência, novas funções e existências. Não há formato, tema, conteúdo e linguagem fixos na poesia barroseana. A desconstrução permeia sua criação do começo ao fim, da prosa ao verso, e isso representa a sua escolha estética.

Esta desconstrução provoca uma ruptura de sentidos, promovendo o assombro poético e o “absurdo divino das imagens”. O inusitado é permanente e sacode o entendimento do leitor. Manoel de Barros transforma nomes em verbos, verbos em nomes, verbos em advérbios, adjetivos em advérbios, criando novas regências, sem regras fixas, levando-nos a uma compreensão da língua como instrumento metamórfico, que se encontra em constante movimento e transformação. E, ainda, faz-nos compreender a beleza da construção poética a

¹² Figura pela qual a concordância das palavras na frase se faz logicamente, pelo significado, e não de acordo com as regras da gramática.

¹³ Forma de *elipse* que consiste na supressão, em orações subsequentes, de um termo expresso na primeira.

partir de uma subversão normativa. Não há espaço no poema para a gramática tradicional. A criação poética precisa transcender o uso formal, academicista e padrão da língua para eternizar sua capacidade de encantamento e digressão. “Desfazer o normal há de ser uma norma” (BARROS, 2018, p. 44), ele nos ensina a única regra que, paradoxalmente, respeita em sua poesia.

“Eu sempre guardei nas palavras os meus desconcertos”, o poeta diz no livro *Menino do Mato* (BARROS, 2015a, p. 53). Desconcerto também provocado no leitor pela transgressão linguística – que é a busca do poeta – a partir do casamento absurdo das palavras e de suas recriações, como se pode perceber nos versos a seguir, cujos grifos são nossos:

A gente matávamos bentevi a soco (BARROS, 2016a, p. 38).
A sensatez me absurda (BARROS, 2016d, p. 39).
Andei nas negras pedras de Alfama (BARROS, 2017, p. 64).
Aranha com olho de estame no lodo se despedra (BARROS, 2017, p. 44).
Bernardo está pronto a poema (BARROS, 1997, p. 43).
Disilimina esse, Cabeludinho! (BARROS, 2016a, p. 17)
Do barranco uma rã lhe entarda os olhos (BARROS, 2016b, p. 41).
E a primavera imatura das araras sobrevoa nossas cabeças com sua voz rachada de verde (BARROS, 1997, p. 30)
Era um caranguejo muito se achante (BARROS, 2004, p. 31).
Eu vi um lírio vegetado em caracol (BARROS, 2015a, p. 51).
Eu volto de sarjeta para casa (BARROS, 2016b, p. 69).
Formigas se mantimentam nas nódoas do seu casaco (BARROS, 2017, p. 27)
Jacaré no seco anda? – perguntava (BARROS, 2016a, p. 43).
Lagartos espaceiam com olhos de paina (BARROS, 1997, p. 29).
Latas são pessoas léxicas pobres porém concretas (BARROS, 2004, p. 47).
Mas se estrela fosse brejo, eu brejava (BARROS, 2016b, p. 43).
O coró se suficiente (BARROS, 2017, p. 49).
O Dialeto-Rã exara lanhos (BARROS, 2017, p. 24).
O menino de ontem me plange (BARROS, 2016d, p. 21).
O menino tinha no olhar um silêncio de chão (BARROS, 2015a, p. 13).
O que eu ajo é tarefa desnobre (BARROS, 1997, p. 45).
O vento se harpava em minhas lapelas desatadas (BARROS, 2016b, p. 27).
O zinco do galpão estala de sol (BARROS, 1997, p. 25).
Os delírios verbais me terapeutam (BARROS, 2016d, p. 39).
Passarinho caga no seu olho nem xum (BARROS, 2016b, p. 55).
Sou muito lateralmente entretonos (BARROS, 2017, p. 26).
Toda espécie de gente ali circulava e bebia uniforme (BARROS, 2016a, p. 54).
Vou no mato passá um taligrama... (BARROS, 2016a, p. 17).

A língua, para Manoel de Barros, é líquida, moldável, descontínua, marcada por instabilidades sintáticas, lexicais e semânticas que interessam e enriquecem o poema. A ambiguidade e o paradoxo, constantemente reпреndidos em outras formas de expressão do pensamento, inclusive no campo acadêmico, são valorados em sua criação. A poesia necessita do absurdo para fazer sentido e para provocar espanto, beleza e encantamento. É uma “artesanía” da linguagem, um inutensílio que só serve para isso: desinformar (SÓ DEZ POR CENTO [...], 2008).

Nesse sentido, a essência da significação de nomes e de coisas, a partir da nomeação poética em Manoel de Barros, sugere que a linguagem poética se contrapõe à linguagem

funcional, utilitária, uma vez que a poesia não se dedica a representar o que já se conhece ou desvelar alguma verdade, nem tampouco a obedecer a regras ortográficas e gramaticais. Mas, a partir de criações linguísticas inusitadas, o poeta busca transmitir sentimentos, sensações e novas significações, por meio de novos significantes, que em relação com outros – antes desconhecida, imprópria, irreal ou improvável – dão ao poema, e a quem o lê, a abertura a múltiplas leituras de mundo.

Dessa maneira,

Numa expressividade não convencional, a poesia [...] cria imagens fabulosas, que ultrapassam o limite dos significados e dos significantes usuais, correspondendo ao processo de imaginação poética, principalmente quando os signos até então postulados entram em crise, ou não mais satisfazem. Essa poesia, ao estreitar a relação sujeito-objeto, questiona a fronteira entre o real e o irreal, contesta a ordem estabelecida e gera construções poéticas [...] (CONCEIÇÃO, 2011, p. 82).

Como já mencionado, a poesia de Manoel de Barros é permeada pela ideia da invenção. É dele a frase “Tudo que não invento é falso”, veiculada em muitas passagens que remetem à sua obra e presente também no documentário que o homenageia, *Só dez por cento é mentira* (2008). Desta maneira, escrever para o poeta é inventar imagens, mundos, possibilidades que não têm compromisso com a realidade, mas somente com a verossimilhança. É o absurdo que faz sentido. O desconexo que faz o leitor refletir e imaginar cenários possíveis, uma vez que “Barros parece buscar chegar às coisas sem o intermédio da língua. [...]. Ele alimenta, assim, um sentido particular que pode ser reduzido ou morto pela arbitrariedade das palavras” (CONCEIÇÃO, 2011, p. 91). Encontrar o reino da “despalavra” é o que busca Manoel de Barros, portanto.

Nesse contexto, é oportuno mencionar outra marca da construção poética barroseana. No livro *A poética de desver de Manoel de Barros*, Aline Rodrigues (2016), ao passear pela obra barroseana, se dedica a compreender a utilização do prefixo “des”, presente de forma latente nas criações do poeta, como uma elaboração paradoxal.

A “negação afirmativa” (RODRIGUES, 2016, p. 54) presente na obra do poeta representa a força de sua poesia a partir de uma leitura contemporânea. Nesse contexto, Rodrigues (2016, p. 55) formula que:

Poemas de verso único, como “Dentro do abandono de minha boca tem uma luxúria”, fragmentos como “ando muito completo de vazios” nascem do encontro de contrários, formando um instigante conjunto de paradoxos. Ao leitor resta o abandono das associações costumeiras. A proposta é pensar sua poética como um campo de aparente movimento de negação/contrariedade (desver, despalavra, desformar) que provoca o efeito oposto: a comunhão dos contrários e a afirmação da vida.

A partir dessas considerações, é possível perceber que o prefixo “des”, na obra barroseana, utilizado tanto em verbos quanto em substantivos, surge em seus poemas não como uma expressão técnica, mas como um discurso filosófico, que se constrói também como uma

escolha política e ética diante do mundo (RODRIGUES, 2016, p. 56). A desconstrução linguística é, portanto, uma escolha estética consciente e recriadora de mundos, que se fundam no contraditório. Contraditório este que permeia toda a construção poética de Manoel de Barros, cujos pilares se encontram no inusitado dos sentidos, na subversão do lógico, na negação do normativo e no absurdo sensato.

A despálar é, ao mesmo tempo, a desconstrução gramatical e semântica, e o meio pelo qual o poeta afirma suas antíteses e seus paradoxos. Com a despálar, a poesia harmoniza os conflitos do poeta, das coisas e do mundo, resignificando-os.

O envolvimento de Manoel de Barros com a linguagem é tão visceral em sua obra que são incontáveis os seus poemas que tratam desta relação. O poeta da palavra, ao fazer poesia, faz também metalinguagem. Sua poesia fala muito do fazer poético e do labor frásico.

A título de exemplo – devido à extensão do assunto e à impossibilidade de esgotar esta exploração, sobretudo por razões espaço-temporais – escolhemos alguns trechos dos poemas do livro *Menino do Mato* (BARROS, 2015a) que representam essa criação, inclusive com a presença dos chamados “poemas de verso único”, conforme demonstrado a seguir:

Eu queria usar palavras de ave para escrever.
 Onde a gente morava era um lugar imensamente e sem nomeação.
 Ali a gente brincava de brincar com palavras
 Tipo assim: Hoje eu vi uma formiga ajoelhada na pedra. [...]
 A gente gostava das palavras quando elas perturbavam o sentido normal das ideias.
 Porque a gente também sabia que só os absurdos enriquecem a poesia (p. 13-14). [...]
 Nosso conhecimento não era de estudar em livros.
 Era de pegar de apalpar de ouvir e de outros sentidos.
 Seria um saber primordial?
 Nossas palavras se ajuntavam uma na outra por amor e não por sintaxe (p. 15). [...]
 Lugar mais bonito de um passarinho ficar é a palavra.
 Nas minhas palavras ainda vivíamos meninos do mato, um tonto e mim.
 Eu vivia embaraçado nos meus escombros verbais [...]
 Eu queria mesmo era desver o mundo. Tipo assim: eu vi um urubu dejetar nas vestes da manhã. (p. 19-20). [...]
 Pra meu gosto a palavra não precisa significar – é só entoar. (p. 45) [...]
 Eu sustento com palavras o silêncio do meu abandono (p. 55) [...]
 Eu bem sabia que a nossa visão é um ato poético do olhar.
 Assim aquele dia eu vi a tarde desaberta nas margens do rio. [...]
 Depois eu quisera também que a minha palavra fosse desaberta na margem do rio. (p. 69). [...]
 O abandono do lugar me abraçou de com força.
 E atingiu meu olhar para toda a vida. [...]
 Por isso o nosso gosto era só de desver o mundo (p. 83) [...]
 Eu queria fazer parte das árvores como os pássaros fazem.
 Eu queria fazer parte do orvalho como as pedras fazem.
 Eu só não queria significar.
 Porque significar limita a imaginação. [...]
 Então a razão me falou: o homem não pode fazer parte do orvalho como as pedras fazem.
 Porque o homem não se transfigura senão pelas palavras.
 E era isso mesmo (p. 97).

Assim, é impossível pensar a poesia de Manoel de Barros descolada de sua esfera linguística de invenção, subversão, desconstrução e ressignificação. O poeta recusa os sentidos comuns, a ordem das frases, as funções das palavras, seus usos, seus significantes e seus significados, fazendo de seu labor poético um espaço de singularidade. Ele inaugura o reino da despalavra também para abrigar seus conflitos e suas contradições.

Sua poesia, entretanto, ainda não se reduz a estes aspectos tratados, de maneira específica, neste capítulo. Sua criação é tão rica que sua estética é elaborada sob diversos vieses que, em conjunto, monumentam seu fazer poético.

Ao desobedecer à ordem, ao predeterminado e recusar o que é oficialmente reconhecido e respeitado como correto, belo e moral, o poeta recria seu universo, buscando elementos e recursos nos primórdios, nas origens e no chão, para engrandecer os seres e as coisas miúdas, desimportantes, desprezadas e inúteis que se recolhem no abandono das palavras. Manoel de Barros resgata as palavras de seu abandono, dando-lhes novo tratamento, fazendo insurgir a beleza do inesperado: do escombros, da escuridão, do beco, do lixo, do contraditório, do desanormal emerge o inusitado dos sentidos e nasce o assombro poético de sua particular “Estética da Ordinarietàade” (MÜLLER, 2010).

Sendo assim, é relevante mencionar, ainda, que a obra de Manoel de Barros traz outra característica importante que complementa a sua estética: a repetição. O poeta não se repete somente quanto a suas escolhas, de desconstrução linguística, de gosto pelo ordinário e de estima pela infância. Sua repetição também ocorre nas construções dos versos. Há versos que se repetem em diferentes poemas e diferentes livros. Mas esta repetição é também proposital e guarda uma semelhança com o seu apeço pelo espaço-tempo infantil. É natural da criança se repetir. Não somente na linguagem, mas também nas brincadeiras. Assim, o poeta se repete, se reafirmando e, também, se reinventando e garantindo o lugar da infância em sua poesia.

Por esta característica, o poeta chegou a ser bastante criticado, sendo considerado por alguns críticos como entediante ou até mesmo não criativo. No entanto, a repetição faz parte da sua estética e é temática, rítmica, sintática e semântica, como apontam os estudos de Oliveira (2016). O tema da infância é recorrente em toda a sua obra, e os personagens Bernardo da Mata, Maria Pelego Preto, Mário-pega-sapo, Bola-sete, Polina, Felisdônio, Rômulo Quiroga aparecem em muitos de seus poemas, repetindo-se. Há, ainda, a repetição das lesmas, dos caracóis, das pedras, dos sapos, das árvores e das águas. A repetição de palavras e da relação que o poeta guarda com elas, o que também se justifica pelo seu apeço à poesia como metapoesia.

“Repetir, repetir até ficar diferente. Repetir é dom do estilo”, afirma Manoel de Barros (2016c, p. 16). A reescritura de elementos repetidos na obra barroseana é uma forma de se aproximar da linguagem oral, pela qual o poeta tinha total presteza. É, portanto, um recurso estético, intencional e estratégico, da criação literária (OLIVEIRA, 2016).

A repetição é um recurso de linguagem que, nos textos literários, serve, comumente, como o reforço de uma ideia, uma frase, uma palavra, um fonema. Na linguagem acadêmica, ela sequer é bem-vinda e deve ser constantemente evitada. Mas na criação poética, a desobediência às normas é a regra de maior valor e, na obra barroseana, a repetição carrega as marcas de sua escrita.

Isso se deve também ao fato de que o poeta não gostava de ler e reler seus poemas e livros. Conforme conta em entrevista (MÜLLER, 2010), depois de concluída a sua obra, ele jamais a revisitava, nem para fazer nela qualquer revisão. Já mencionamos aqui que seu processo criativo era fragmentado. Em inúmeros caderninhos (do caos), ele escrevia palavras, depois frases, e só mais tarde encontrava em suas páginas um casamento ideal para elas na construção de um poema. Então, neste exercício, Manoel de Barros se repetia.

Assim,

A repetição enquanto elemento sofisticado na poesia de Barros é apontada mediante razões temáticas e formais. Distante do que poderia ser quantificado no aspecto formador de sua escrita poética, revela-se, por outro lado, um domínio da criação artística. A atitude lírica assumida no ato de visitar a obra anterior [ainda que inconscientemente], evoca um novo sentido à arte de poetar; então a repetição é vista como disfarce e deslocamento na poesia de Barros (MACHADO, 2016, p. 11).

Disfarce e deslocamento que provocam novos assombros poéticos. Ao se repetir, se reescrever, se reinventar, o poeta lapida seus poemas e insufla-lhes uma ideia imagética muito próxima da perfeição, dando-lhes um “caráter de inacabamento e, simultaneamente, movimento”. Nesse sentido, a poesia barroseana é cíclica, sem começo, meio e fim definidos. Ela “[...] sempre volta de onde partiu e parece trazer em seu bojo o desejo de se colocar antes do início e depois do fim” (OLIVEIRA, 2016, p. 79).

A temática, a construção de imagens desconcertantes e irreais, a linguagem da infância, o prefixo “des”, em palavras como “dessaber”, “desimportante”, “descomeço”, “despalavra”, dentre outras, os delírios verbais, a doença das frases, as memórias fósseis, o “[...] olhar para o míope, o desprezo, o abandono, o silêncio; [...] a metalinguagem, [...] a criança, o pássaro, o andarilho, o homem erudito, o avô e a avó” (OLIVEIRA, 2016, p. 79) são recorrências de reescrituras do poeta que norteiam a sua produção e cristalizam a estética de sua poética, o seu fazer artístico. A repetição é, em Manoel de Barros, um recurso lírico de efeito estético.

Além da repetição, encontramos na estética barroseana uma curiosa presença de textos narrativos marcadamente prosaicos. Interessante pensar em uma construção poética, cuja preocupação com a estética da linguagem alcança um grau maior, em que é possível encontrar todos (ou quase todos) os elementos exigidos na construção do texto narrativo em prosa: personagens, enredo, narrador, tempo e espaço. Claro que esta consideração é uma construção, ou uma reação, da leitura que fazemos de sua obra. Poesia é um gênero literário que pertence ao tipo de texto narrativo, mas que guarda suas especificidades de forma e conteúdo, muito embora a poesia moderna os tenha ressignificado e lhes oferecido uma considerável liberdade de criação. Nas entrelinhas da estética da linguagem barroseana, de sua artesanaria de palavras, a infância é o tema que mais aparece nas histórias narradas. A título de exemplo, o livro *Menino do Mato* (BARROS, 2015a, p. 13-26) se inicia com uma sequência de seis poemas que contam algumas dessas memórias de infância recheadas de acontecimentos e personagens.

A questão narrativa, que muito se esbarra na questão da poesia em prosa barroseana, da qual falaremos a seguir, aparece bem latente no *Livro de pré-coisas* (BARROS, 1997). Manoel de Barros fala de “narradores” (p. 11-16), “Cenários” (p. 17), “personagens” (p. 39-75) e uma “Pequena história natural” (p. 77-94) neste livro, fazendo-nos pensar, de imediato, nas marcas do texto narrativo comprometido com a contação de uma história.

Nesse sentido, o poema barroseano, que jamais se mostra comprometido com qualquer conteúdo ou temática, pode ser repensado nesta obra que, dentre outras coisas, possui uma marca de escrita muito próxima da prosa. A ausência de uma escrita em verso já nos indica esta inclinação. Já na abertura do livro, o poeta nos traz um “Anúncio” (BARROS, 1997, p. 9, grifo do original):

Este não é um livro *sobre* o Pantanal. Seria antes uma anunciação. Enunciados como que constativos. Manchas. Nódoas de imagens. Festejos de linguagem. Aqui o organismo do poeta adoece a Natureza. De repente um homem derruba folhas. Sapo nu tem voz de arauto. Algumas ruínas enfrutam. Passam louros crepúsculos por dentro dos caramujos. E há pregos primaveris...
(Atribuir-se natureza vegetal aos pregos para que eles brotem nas primaveras... Isso é fazer natureza. Transfazer.)
Essas pré-coisas de poesia.

Frases conectadas em linhas sequenciais, ideias divididas em parágrafos, marcas de uma escrita não diretamente associada à poesia, que o poeta anuncia nas páginas seguintes do livro. Assim como a prática do “verso livre”, Manoel de Barros desmonta a ideia rígida do poema quanto à sua forma, e nos brinda com uma sequência de poesias em prosa, em que sua marca estética não deixa de se sobressair.

Não só a recorrência do Pantanal é observada como cenário de fundo para as histórias narradas, como também a invenção de palavras, a sensatez dos absurdos, a partir de uma sintaxe

que é também do absurdo, são identificadas nessas poesias desobedientes à forma do poema. A preocupação com a estética da linguagem, o ritmo, as quebras propositais, a criação de neologismos, a relação inusitada entre as palavras são traços mantidos como marcas de uma escrita verdadeiramente poética. A forma não importa à poesia barroseana. O poeta está preocupado com os delírios verbais, a doença das frases, o assombro poético que pode surgir das imagens desconcertantes que promove com seus “desenhos verbais”. Toda a escrita deste livro, poeticamente realizado “em prosa”, se funda nestas considerações.

Assim, o poema barroseano, em verso ou em prosa, mostra-se muito conectado com a ideia de produzir imagens: narrativas, sonoras, verbais, escritas. Partindo da palavra para alcançar a imagem, o poema a seguir, retirado do livro *Poemas rupestres* (BARROS, 2004), nos serve como a ilustração perfeita da ideia que estamos buscando construir.

SE ACHANTE

Era um caranguejo muito se achante.
 Ele se achava idôneo para flor.
 Passava por nossa casa
 Sem nem olhar de lado.
 Parece que estava montado num coche
 de princesa.
 Ia bem devagar
 Conforme o protocolo
 A fim de receber aplausos.
 Muito achante demais.
 Nem parou para comer goiaba.
 (Acho que quem anda de coche
 não come goiaba.)
 Ia como se fosse tomar posse de deputado.
 Mas o coche quebrou
 E o caranguejo voltou a ser idôneo para
 mangue.
 (BARROS, 2004, p. 31).

A cena narrada em versos livres consegue conduzir o leitor à imaginação perfeita do “caranguejo se achante”. Há um movimento na fotografia do poema, que nos desloca dos sentidos de realidade e nos faz mergulhar num universo de devaneio poético.

Outros poemas do mesmo livro conseguem nos transportar para o reino das imagens, o reino da “despalavra” barroseana. A condução imagética do pensamento poético é, aliás, uma marca de toda a obra barroseana. Contudo, neste livro, ela aparece de forma bastante explícita e marcante. O poema “Os dois” (BARROS, 2004, p. 45, grifos nossos) demonstra a consciência do poeta em torno de sua vocação indeclinável à construção de imagens verbais.

OS DOIS

Eu sou dois seres.
 O primeiro é fruto do amor de João e Alice.
 O segundo é letral:
 É fruto de uma natureza que pensa por imagens,
 Como diria Paul Valéry.

O primeiro está aqui de unha roupa, chapéus
e vaidades.
O segundo está aqui em letras, sílabas, vaidades
frases.

E aceitamos que você empregue o seu amor em nós.

Além disso, no mesmo livro (BARROS, 2004), os poemas “O Muro” (p. 59), “Creme” (p. 63) e “Língua” (p. 65) reforçam a proposta das imagens verbais barroseanas. Neles, temos construções frásicas imagéticas impensadas, como: “O menino contou que o muro da casa dele era da altura de duas andorinhas [...]. Se o muro tivesse dois metros de altura qualquer ladrão pulava/ Mas a altura de duas andorinhas nenhum ladrão pulava. Isso era” (BARROS, 2004, p. 59). Ou, ainda:

CREME

Sucuri pegou um bezerro

E deu um forte abraço nele.

Foi se enrolando se enrolando no corpo
do bezerro

Foi apertando o abraço apertando

Até quebrar todo osso do bezerro.

O bezerro virou parece um creme.

Eu estava perto.

Eu assisti.

O silêncio do bezerro nem mexia.

Depois a cobra engoliu o creme.

(BARROS, 2004, p. 63, grifos nossos).

De forma muito particular, Manoel de Barros utiliza metáforas para alcançar essas imagens. Com uma criatividade impressionante, que une vocabulário popular, sabedoria linguística e inocência infantil, o poeta nos presenteia com a seguinte cena:

LÍNGUA

A seca foi braba naquele ano.

O pai falou: Lá *evém* uma língua de fogo
do lado da Bolívia

e vai lamber todo o pasto.

O menino assustou: Língua de fogo?

O pai explicou ao menino que *se tratava*
de imagem.

Língua de fogo é apenas uma imagem.

Mas, pela dúvida, o menino retirou seu
cachorro da imagem.

(BARROS, 2004, p. 65, grifos nossos).

Na feitura de imagens e cenas, a despalavra barroseana busca sentido estético em uma linguagem que busca ser, também, inaugural. O retorno à infância é um descomeço à procura da “infância da palavra”. Infância, tema caro em toda a obra barroseana, como já explicitado em outros momentos, ganha aqui um sentido linguístico adâmico. A busca por uma palavra “livre de gramáticas” encontra na infância a sua possibilidade. O menino é quem pode inaugurar o reino da despalavra, pois é quem pode dar “[...] às pedras costumes de flor./ [...] ao canto formato de sol./ E, se [quiser] caber em uma abelha, [é]/ só abrir a palavra abelha e entrar dentro/ dela./ Como se fosse *infância da língua*” (BARROS, 2004, p. 11, grifos nossos).

A infância da língua, no entanto, não se limita, na poesia barroseana, à fala ou às experiências das crianças. Há uma semelhança indiscutível nas estéticas do menino, do louco, do andarilho, dos passarinhos, das coisas do chão, dos insetos, dos bêbados, dos seres desprezados presentes na linguagem de Manoel de Barros. Sendo assim, a palavra inaugural, o seu descomeço, é procurada pelo poeta em sua escrita, que, ao se voltar às origens, busca encontrar caminhos em que a verdade da linguagem encontre a sua maior expressão. A linguagem popular, os “erros” do idioma, os desvios linguísticos são, então, imprescindíveis para a compreensão da estética de sua poesia.

Assim, ao construir imagens, impregnadas de infância, o poeta não se distancia de sua estética singular, marcada pelo seu olhar rasteiro, voltado para o chão e pela sua estima pelo imprestável, desprezível e inútil. E tampouco abdica de sua desconstrução linguística e semântica que compõe o seu “idioleto manoelês arcaico”, praticado por ele antes mesmo de ser assim denominado. A infância – em seus dois vieses, do menino e da palavra – completa a estética barroseana e, mais do que isso, representa a fonte do seu nascimento. O gosto pela demolição, pelo desconstruído, pela subversão da linguagem e pela beleza que habita nas coisas e nos seres desprezados e desimportantes é resgatado dessa infância, desse descomeço de um espaço-tempo de reinvenções absurdas que esticam horizontes e abreviam abandonos.

“Meu quintal é maior do que o mundo” (BARROS, 2015b), diz o poeta. Na imaginação, que é própria da infância da criança, não existem limites de criação; na infância do poeta, que é própria de sua invenção, não há limites para as palavras, seus significados e seus despropósitos. É a invenção que aumenta o mundo, entorta-o e o enriquece.

BRINCADEIRAS

No quintal a gente gostava de brincar com palavras
 mais do que de bicicleta.
 Principalmente porque ninguém possuía bicicleta.
 A gente brincava de palavras descomparadas. Tipo assim:
 O céu tem três letras
 O sol tem três letras
 O inseto é maior.
 O que parecia um despropósito.
 Para nós não era despropósito.
 Porque o inseto tem seis letras e o sol só tem três
 Logo o inseto é maior. (Aqui entrava a lógica?)
 Meu irmão que era estudado falou quê lógica quê nada
 Isso é um sofisma. A gente boiou no sofisma.
 Ele disse que sofisma é risco n'água. Entendemos tudo. [...]
 (BARROS, 2018, p. 26).

Nesse sentido, Manoel de Barros valoriza em sua poesia a ignorância, ou “ignorãça”, presente na infância, afirmando que toda criação “começa na própria ignorância” e que “É preciso ignorar para fazer nascimentos”, porque “Poesia é sempre um refazer, um transfazer o mundo” (BARROS, 2016c). A “ignorãça” manoelina é, então, o que as crianças, os poetas e os

loucos possuem em abundância. Não há uma intenção pedagógica na poesia, que trata, sobretudo, de nada. Não há explicitamente em Manoel de Barros uma busca pela explicação do mundo, pelo seu real sentido e pelas suas naturalidades. Um poema pode dizer uma coisa nem outra, desejando dizer todas ou nenhuma. Faz bem ao poema o delírio das formas e das normas. E “Ao poeta faz bem/ Desexplicar –/ Tanto quanto escurecer acende os vaga-lumes” (BARROS, 2017, p. 65).

O delírio verbal, a doença da frase, a loucura das palavras está no descomeço, quando a criança erra o idioma e acerta na poesia. Por não compreender a gramática, a criança inaugura uma nova língua, com sintaxe e semântica próprias.

UMA DIDÁTICA DA INVENÇÃO

[...]

No descomeço era o verbo.

Só depois é que veio o delírio do verbo.

O delírio do verbo estava no começo, lá onde a

criança diz: Eu escuto a cor dos passarinhos.

A criança não sabe que o verbo escutar não funciona para cor, mas para som.

Então se a criança muda a função de um verbo, ele delira.

E pois.

Em poesia que é voz de poeta, que é a voz de fazer nascimentos –

O verbo tem que pegar delírio.

(BARROS, 2016c, p. 17).

“Talvez por isso sejamos levados, pela poesia de Barros, ao estádio de *pré-alfabetização das crianças*. Estádio em que a *criança aprende a recriar o mundo através da linguagem*” (BARBOSA, 2003, p. 59, grifos nossos). O poeta identifica nas crianças essa capacidade de criação e busca na infância a possibilidade de transformação de palavras e imagens, que fujam da retidão de sua nomeação. “A expressão reta não sonha” (BARROS, 2016d, p. 55), destaca o poeta.

Assim, o olhar do poeta também recolhe da infância a sua intimidade com as coisas rasteiras. A criança conhece o mundo pelo tato, por meio daquilo que, antes de ser palavra, é objeto, é coisa. Antes de andar, ela engatinha, se arrasta, “comunga” a sua existência com o chão. Antes de aprender a falar, ela conhece o mundo experimentando-o. Antes de ler a palavra e aprender “gramatiquices”, ela lê o mundo e o representa na sua imaginação (BARBOSA, 2003). Assim acontece também com a poesia barroense e a sua estética ordinária. Seu interesse é o envolvimento com as coisinhas miúdas do chão e com a comunhão que se faz entre infância, palavra e natureza.

O poema a seguir, bem curtinho, representa essa associação:

Das vilezas do chão
Vêm-lhe as palavras

Chega têm ouro
Até. Chega libélulas.
OS MURMÚRIOS QUERIAM PERTENCÊ-LO
(BARROS, 2017, p. 35).

A linguagem infantil, marcada por uma oralidade que delira, é o que provoca o encantamento dos versos. Sendo a poesia o “arejamento das palavras”, não há a pretensão de contar uma história, mas somente construir imagens absurdamente divinas que transcendem o entendimento, que não cabem na gramática normativa, que escandalizam os sentidos e que ressoam na infância da palavra. “Poesia é voar fora da asa” (BARROS, 2016b, p. 19). Então, a criança que “desenha o cheiro das árvores” (p. 17), escuta “a cor dos passarinhos” (p. 17) e pega “na bunda do vento” (BARROS, 2015a, p. 15) está voando fora da asa, está transfazendo e transvendo o mundo.

A palavra ao grau de infância não diz respeito somente à infância como espaço fértil de matéria de poesia, mas também possui relação com uma criação linguística que encontra ressonância no “descomeço”, no “delírio verbal”, quando a criança “erra na gramática e acerta na poesia”, nas palavras do poeta (OLIVEIRA, 2016).

Nesse sentido, a voz lírica representa fatos marcantes da infância, importantes para a poesia, em que se ressalta a relevância da criação de novas palavras, como no verso “Disilimina esse, Cabeludinho” (BARROS, 2016d, p. 17). O “erro” gramatical é colocado como uma forma de chegar ao grau zero da palavra, ao seu nascimento e, também, à criação poética inerente à infância. A palavra inventada tem a preferência do poeta, uma vez que ele a considera verdadeira fonte de poesia. Não se trata, portanto, de rememorar a infância, mas brincar com as palavras que chegam ao grau de brinquedo, somente quando se tornam verdadeiramente sérias; sérias o suficiente para a poesia que o poeta inventa. É a palavra desacostumada que só é possível a partir de uma digressão da gramática normativa.

A infância da palavra é, ainda, o que o olhar adâmico (BARBOSA, 2003) de Manoel de Barros busca, e encontra, em alguma medida. O cenário naturalista do Pantanal, os personagens e alguns acontecimentos são pretextos para uma demolição poética. O olhar sujo de desimportâncias, da sua Estética da Ordinarietàade, desconstrói as certezas das normas e dos significados. É, portanto, “A preocupação com a linguagem e não com a descrição do Pantanal [...] o fio condutor que perpassa toda a obra de Manoel de Barros” (BARBOSA, 2003, p. 7).

É essa linguagem adâmica, no sentido de “língua pura”, na concepção benjaminiana (BARBOSA, 2003, p. 20), “que irá promover um novo relacionamento entre as palavras, recriar a linguagem, suspender o sentido das frases e dar às palavras um estatuto material” (p. 19). É o olhar para o chão que permite ao poeta recriar a sua linguagem; e é no chão que se encontram

os desprezíveis, os loucos, os bêbados, o lixo, os oprimidos que representam a fonte de toda a sua criação. “O chão é um ensino” (BARROS, 2016b, p. 52). E “Usar palavras que ainda não tenham idioma” (BARROS, 2016c, p. 15) é o ineditismo que vai permitir ao poeta a assinatura de sua autoria, sua invenção, ao buscar “recuperar a virgindade das palavras” (p. 20).

“As coisas que não têm nome são mais pronunciadas por crianças” (BARROS, 2016c, p. 16) e, ao perceber esse potencial de criação, onde nascem as possibilidades de transgressão da realidade, o poeta se apropria desse mecanismo de invenção e cria novas expressões e novas relações entre as palavras, subvertendo a gramática, a ortografia e a semântica. Manoel de Barros aproxima a linguagem infantil de cenários surrealistas, permitindo ao leitor o vislumbre de verdadeiros devaneios poéticos. Sua relação com as palavras reflete, portanto, toda a sua estética, que é ordinária e que faz o desprezível ser prezado, a partir de uma linguagem adâmica que busca no chão o seu ensino e seu (des)começo (BARBOSA, 2003).

Assim sendo, a infância em Manoel de Barros guarda especificidades que se somam à sua Estética da Ordinarietàade lhe garantindo a singularidade de sua poesia. Contudo, embora a sua poesia diga muito de si, a infância do homem Manoel de Barros não guarda semelhanças diretas com a infância do poeta. Seu compromisso com a verossimilhança, reafirmado inúmeras vezes, lhe permitiu reinventar a infância que não viveu, se não somente em delírios, verbais ou não.

MANOEL POR MANOEL

Eu tenho um ermo enorme dentro do olho. Por motivo do ermo não fui um menino peralta. Agora tenho saudade do que não fui. Acho que o que faço agora é o que não pude fazer na infância. Faço outro tipo de peraltagem. Quando era criança eu deveria pular muro do vizinho para catar goiaba. Mas não havia vizinho. Em vez de peraltagem eu fazia solidão. Brincava de fingir que pedra era lagarto. Que lata era navio. Que sabugo era um serzinho mal resolvido e igual a um filhote de gafanhoto. Cresci brincando no chão, entre formigas. De uma infância livre e sem comparamentos. Eu tinha mais comunhão com as coisas do que comparação. Porque se a gente fala a partir de ser criança, a gente faz comunhão: de um orvalho e sua aranha, de uma tarde e suas garças, de um pássaro e sua árvore. Então eu trago das minhas raízes crianceiras a visão comungante e oblíqua das coisas. Eu sei dizer sem pudor que o escuro me ilumina. É um paradoxo que ajuda a poesia e que eu falo sem pudor. Eu tenho que essa visão oblíqua vem de eu ter sido criança em algum lugar perdido onde havia transfusão da natureza e comunhão com ela. Era o menino e os bichinhos. Era o menino e o sol. O menino e o rio. Era o menino e as árvores. (BARROS, 2018, p. 67, grifos do autor).

Há, portanto, uma junção do lastro crianceiro pantaneiro que resiste no homem com o fraseador apaixonado pela demência das frases e demais recursos de invenção que habitam o poeta. “Invento para me conhecer” (BARROS, 2015a, p. 31), diz o poeta. E inventando palavras e versos, ele reencontra a criança que foi (e ainda é) o homem, e desfaz, de alguma maneira, a solidão e o abandono que guarda em sua memória.

A obra barroseana assume uma complexidade estética que reúne suas desconstruções gramaticais e semânticas, seu apreço pelas inutilidades, desimportâncias e demais coisas do chão, sua estima pela infância e pela palavra ao grau de brinquedo, que se repete e que reinventa o mundo. Com uma aparente simplicidade, Manoel de Barros inaugura a voz de um poeta que se coloca na infância para brincar seriamente com as palavras e que mexe, ao mesmo tempo, com os escombros e assombros do ser humano. A solidão, o abandono, as angústias e os fragmentos do ser permeiam a existência do homem e se misturam com as memórias inventadas pelo poeta. Andarilhos, bêbados, loucos e poetas são seres inúteis e desimportantes. Esquecidos pela civilização, a poesia – que é a voz do poeta e da criança – monumenta suas existências, sua beleza e suas dores. O equilíbrio da contradição, a antítese que acalma, o paradoxo que escandaliza. “No osso da fala dos loucos há lírios” (BARROS, 2017, p. 43). E, na poesia de Manoel de Barros, loucos e lírios vivem em comunhão com meninos, lesmas, latas enferrujadas e outras “palavras de barriga no chão”.

Assim, evidencia-se a ideia de que não só as pessoas mudam as palavras, mas que também elas podem lhes provocar alterações (GALHARTE; SILVA, CAVALCANTI; SANTOS, 2019, p. 188). A palavra nascida da boca do povo é valorizada com a coloração do amor nos escritos de Manoel de Barros, e é interessante notar que isso se evidencia já em alguns títulos de suas obras. Manoel dispensou o termo erudito “assovio” e elegeu o popular “assobio” para a sua obra originalmente publicada em 1980, *Arranjos para assobio* (BARROS, 2016b).

Assim, ao buscar essa língua bugral, inaugural, adâmica, primitiva, essa “língua do povo”,

O artesão das palavras também não se furta à visão do seu tempo, um olhar crítico sobre um modo de ser em tempos de consumo desenfreado, daí a valorização dos restos da sociedade, o mendigo, o louco de beira da estrada, a prostituta, o velho e o menino (MACHADO, 2016, p. 12).

Então a consciência do poeta acerca de um mundo insensível às gratuidades da vida e à beleza do existir, em alguma medida, aparece também em suas poesias. A vontade de conhecer outro mundo é a vontade de escrever outro mundo. “Transfazer” o mundo que é significa “desver”, “desescrever”, “descomeçar” um novo mundo que “pode ser”, criado no “desvio” deste que está sendo.

A poesia com seu o poder de nos deslocar para outra temporalidade, a temporalidade do devir, nos leva para o universo do devaneio, onde consegue alargar o nosso mundo, “esticar o horizonte” humano. O devir da poesia barroseana é comunicado ao leitor por meio de suas imagens verbais, como registramos. Quando o poeta escreve, compõe múltiplas imagens em cada palavra escolhida e nas relações que estabelece entre elas. O poeta é um sonhador que

“escuta já os sons da palavra escrita” (BACHELARD, 2009, p. 6). E Manoel de Barros, sendo o “poeta da palavra”, é, nesse sentido, o poeta das imagens. Nas entrelinhas de seus “desenhos verbais”, o poeta nos diz: “[...] Pertencem de fazer imagens” (BARROS, 2010a, p. 340).

No devaneio poético, nossos sentidos se despertam e se harmonizam. A imagem provocada pelos poemas barroceanos nos conduzem ao seu reino da “despalavra” e a polifonia de sentidos desta experiência é o que a consciência poética deve registrar (BACHELARD, 2009, p. 6). Assim, o poeta se compromete com o reino das imagens, com o reino da despalavra para aumentar o mundo.

Hoje eu atingi o reino das imagens, o reino da despalavra [...] daqui vem que os poetas devem aumentar o mundo com suas metáforas [...] daqui vem que os poetas podem compreender o mundo sem conceitos. Que os poetas podem refazer o mundo por imagens, eflúvios, por afeto (BARROS, 2010a, p. 383).

Refazer o mundo, aumentar o mundo, ressignificar o mundo. No labor poético, cabe também o seu desejo de transformar o mundo. E transformar o mundo é, nesse sentido, desenhar outro mundo pela escrita poética das (im)possibilidades. A irrealidade imagética do poema se desconecta do que mundo que “é” ou “está sendo”, desfazendo-o, para “transver” um mundo que “pode” e “deve ser”.

Nesse sentido, há uma ideia de mudança, de transformação na obra barroceana, que retoma a noção da presença de uma negação, já mencionada em outra passagem da análise de sua estética. O poeta nega o mundo que existe fora de suas (des)palavras. E não só o prefixo “des” como o “trans”, também, podem comprovar esta ideia, mais uma vez. Ele se nega a ver a realidade, cruel como se mostra ser e, por isso, busca “desver” o mundo. E, nesse movimento, procura “transver”, “transfazer” aquilo que rejeita. “Poesia pode ser que seja fazer outro mundo” (MÜLLER, 2010, p. 68). Manoel de Barros nos convida a ler um mundo de impossibilidades possíveis. Um mundo no qual não existem limites para a criação humana. Um mundo mais bonito, cujas gratuidades e belezas, comumente incompreendidas pela sociedade capitalista moderna e contemporânea, alcança o sentido maior de sua existência.

Inesgotável é, então, a riqueza de uma poesia capaz de fazer outro mundo. E sua ênfase recai mais sobre a proposta de “fazer”, enquanto ato criador, do que de “mundo”, na sua esfera de produto pronto, tangível, reconhecível, etiquetável, cuja existência está sempre à espera de um dono. A grandeza da ideia é, pois, fruto da concretização do pensamento de que um mundo diferente é urgentemente necessário. E, nesse sentido,

Sempre haverá mundo para a poesia refazer, a poesia mais necessária é prática de fazer outros mundos; mundos políticos, psíquicos, oníricos, semióticos, desejanter, enfim, mundos por fazer, sempre múltiplos. É da invenção fazedora de mundos que o poeta deseja ser o dono, não do mundo: “quem inventa é dono daquilo que inventa, quem descreve não é dono daquilo que descreve”, diz o poeta [Manoel de Barros] (SOUZA, 2017, p. 9).

Assim, a insatisfação com o mundo que “está sendo” se transfigura na reinvenção de um mundo que “é” na criação poética barroseana, sobretudo quando poeta repete o uso do vocábulo “desver”. O poema que abre o livro *Menino do Mato* (BARROS, 2015a, p. 13, grifos nossos) traz essa ideia de renomear o mundo, para desvê-lo e refazê-lo, conforme se pode ler a seguir:

I

Eu queria usar palavras de ave para escrever.
 Onde a gente morava era um lugar *imensamente e sem nomeação*.
 Ali a gente *brincava de brincar com palavras*
 tipo assim: Hoje eu vi uma formiga ajoelhada na pedra!
 A Mãe que ouvira a brincadeira falou:
 Já vem você com suas visões!
 Porque formigas nem têm joelhos ajoelháveis
 e nem há pedras de sacristias por aqui.
 Isso é traquinagem de sua imaginação.
 O menino tinha no olhar um silêncio de chão
 e na sua voz uma candura de Fontes.
 O Pai achava que *a gente queria desver o mundo*
 para encontrar nas palavras novas coisas de ver
 assim: eu via a manhã pousada sobre as margens do
 rio do mesmo modo que uma garça aberta na *solidão*
 de uma pedra.
Eram novidades que os meninos criavam com as suas
palavras.

O livro *Menino do Mato* (BARROS, 2015a) traz consigo, em muitos de seus versos, a ideia de “desver” como uma intenção de transformação, de criação de um novo mundo. Não basta negar o mundo que “está sendo”, é preciso escrever outro mundo que possa verdadeiramente “ser”.

As palavras do poema se juntam “por amor e não por sintaxe” (p. 15), trazendo beleza e imagens tanto irrealis quanto fantasticamente criadoras de mundos. “Tipo assim: Eu queria pegar na bunda do vento./ O pai disse que vento não tem bunda./ Pelo que ficamos frustrados./ Mas o pai apoiava a nossa maneira de *desver* o mundo/ que era a nossa maneira de sair do enfado” (BARROS, 2015a, p. 15, grifo nosso).

Nota-se que a ideia de reinvenção do mundo é uma busca de sua ampliação. É um “esticador de horizontes” que contempla a experiência existencial humana como histórica e socialmente problemática. Os temas do abandono, da fragmentação humana, de um espaço de existência, em que a solidão e o enfado têm presenças constantes, estão na poética de Manoel de Barros e, nesse contexto, a sua ideia de reinvenção do mundo alcança o sentido de uma unificação de suas contradições. Em um lugar “imensamente e sem nomeação”, a criação poética soluciona alguns conflitos. Encontram-se, a partir disso, palavras e “novas coisas de ver”, que afastam o ser humano de sua realidade crua e cruelmente dilacerante. O homem abandonado, a solidão destampada, o silêncio das pedras e das perdas, a ausência de palavras,

a invisibilidade e a desimportância existencial se unificam na criação de uma nova realidade poeticamente registrada. Um mundo mais bonito, menos desigual, é inaugurado. “Por forma que a nossa tarefa principal/ era de aumentar” (BARROS, 2004, p. 17).

Sendo assim, o poeta transforma seu sonho em realidade poética. Sonhar com um mundo melhor é insuficiente para a poesia. Porque é ela quem escreve um mundo melhor. É ela quem realiza o sonho de um outro mundo mais ético e estético. Um mundo de tamanha beleza criadora, que ressignifica a experiência existencial problemática humana, em uma possível interpretação.

Em Manoel de Barros, essa criação nos é apresentada pelo olhar da criança “transvendo” o mundo. “Como a poesia, a infância traz ao mundo a luz de uma fala outra” (GLENADEL, 2011, p. 8), suscitando em quem a lê o poder de seu imaginário.

Então, Manoel de Barros, ao lado de demais autores de nossa poesia moderna, é marcado “[...] pelo paradoxo dessa modesta ousadia adâmica de reinventar o mundo começando por reinventar os seus nomes. Tendo em vista a situação calamitosa do mundo que recebemos, esse trabalho da poesia lança as bases de uma nova ética, indicando que mais justiça pode aí advir” (GLENADEL, 2011, p. 7).

A linguagem poética e seus efeitos de ressignificância, por meio dos quais as significações preestabelecidas da comunicação são abaladas em função do desconforto de uma inquietação infinita sobre a existência humana no e com o mundo, trazem um questionamento que, embora seja trágico pelo desvelamento da fragilidade de nossas instituições e crenças, não deixa de se constituir como um espaço de criação, cujo ponto de chegada não está demarcado de antemão. Para os sujeitos, “[...] questionar é um destino, que se cumpre ativa ou reativamente, [como] diria Nietzsche. A poesia é atividade, criação, sim à vida” (GLENADEL, 2011, p. 7).

“Na poesia, a palavra [é] ‘lavada e consertada’ do funcionalismo de seu uso comum” (CONCEIÇÃO, 2011, p. 9). Critica-se, então, a partir disso, a consideração de que ela seja uma futilidade, “uma vez que a palavra poética levanta questões urgentes e fundamentais para se pensarem [o ser humano e] o mundo” (CONCEIÇÃO, 2011, p. 15).

A reinvenção do mundo, na e pela poesia, é a liberdade de criação do poeta. Liberdade que está presente de forma mais genuína e verdadeira na infância. A criança é livre para existir e criar. Por esta razão, a verdade da poesia barroseana encontra-se mais fecundamente em suas memórias infantis inventadas.

A poesia nos apresenta a uma outra leitura de mundo; e, ainda que possa ser considerada inútil por alguns, ela é capaz de “pronunciar o mundo”, de dizer sobre o mundo e o ser, nas

relações humanas, que lhe fazem alguém em movimento, alguém que “está sendo”, algo que outros discursos desprezam (CONCEIÇÃO, 2011, p. 49-50). Sendo assim,

Compreender a poesia como uma forma de linguagem na qual a exigência da procura se mantém significa tirá-la da malfadada condição de futilidade e criar uma razão própria para tratar e questionar o desconhecido. Neste espaço em que a escrita propicia uma procura infinita, as questões não se cristalizam e, por isso, a poesia torna-se útil e fundamental para a compreensão do ser e do mundo: ela constitui uma forma de conhecimento do [ser humano] e do mundo, que estaria mais próxima deles (CONCEIÇÃO, 2011, p. 73).

A partir destas considerações, entendemos, então, que a poesia, e, mais especificamente, a barroseana, encontra-se comprometida com as múltiplas e complexas camadas da existência humana, sendo, por isso, imprescindível a sua leitura em tempos de coisificação e objetificação das pessoas.

Tecendo algumas considerações em torno de uma “identificação” de leitura possível entre Paulo Freire e Manoel de Barros, sobretudo acerca da linguagem e sua relação com a existência e o pensamento de ambos os autores, podemos então pensar em uma visão de mundo que se mostra muito próxima nos dois, sobretudo quanto aos seus aspectos éticos e estéticos e, em alguma medida, também políticos.

Em Manoel de Barros, a ruptura sintático-semântica com a Gramática Normativa é observada em toda a sua obra e representa uma escolha estética do poeta que nos permite pensar outras interpretações. Ao romper com as normas, recriando a linguagem, inaugurando uma “sintaxe do absurdo” o poeta produz não só beleza e encantamento, mas estremece os pilares dos padrões socialmente aceitos como belos e corretos. Na poesia barroseana, não há “reis nem regências”. As palavras e os personagens são livres para serem o que quiserem ser.

Paulo Freire, em contrapartida, menciona, em alguns de seus textos, a preocupação com o “momento estético da linguagem”. Para ele, o ensino da língua não pode se limitar ao que se considera, formalmente, como o “ensino correto” da língua. Nossa língua é viva, e, por ser viva, se envereda por caminhos não alcançados pela norma padrão. A beleza da linguagem no pensamento freireano passa tanto por essa questão, quanto pela necessidade de a escola reconhecer na linguagem informal e criativa dos educandos o seu valor estético e formativo. A preocupação com a estética é o que faz o autor desobedecer a algumas regras gramaticais em sua escrita. Em nome da beleza do texto, Paulo Freire abre mão, muitas vezes, da norma que conhece e domina.

Em ambos os autores a criação de palavras ou de novas significações para palavras já existentes está presente de forma bem marcante. “Arejar as palavras”, tirar o idioma da esclerose e construir sintaxes absurdamente poéticas é, segundo Manoel de Barros, uma das principais tarefas do poeta, se não a mais importante. Poeta é um ser de linguagem. Alguém

que brinca com as palavras para inaugurar novos sentidos. Então, é esperado que encontremos essas criações em poesias, textos literários, e demais formas criativas da expressão escrita. Entretanto, ao conhecermos mais de perto a obra freireana, percebemos que sua estética, a sua linguagem particular, ecoa esses pressupostos de uma linguagem assumidamente artística. A criação de palavras, em seus significantes e significados, é, então, uma marca poética da escrita freireana.

Interessante notar, ainda, que, para a construção de uma estética da linguagem freireana, outras marcas da escrita literária surgem no escopo de nossas considerações. De maneira específica, observamos algumas delas também na obra barroseana. A presença de textos narrativos, por exemplo, é um traço percebido nos dois autores. A experiência de memoriar, já abordada em capítulo anterior, aproxima a estética da poesia barroseana com a do pensamento freireano. E, nas memórias narradas, “inventadas” ou não, conseguimos encontrar uma relação entre as duas visões de mundo.

A infância, por exemplo, tem um peso muito importante para as suas obras. No pensamento freireano, ela surge no “menino que lia o mundo” e que descobriu, pela força das palavras, os significados mais profundos da existência humana. Ao narrar suas memórias de infância no livro *Cartas a Cristina*, Paulo Freire (2019d) menciona que, desde menino, já pensava ser necessário mudar o mundo. Sobretudo a experiência da fome, vivida por sua família, logo após a perda de seu pai, o fez ler o mundo e perceber suas relações problemáticas e limitadoras da experiência humana. É uma visão de criança presente em muitos momentos que acaba por justificar a existência consciente do adulto enquanto homem, educador, político, artista, militante, pensador, poeta. A leitura do mundo do menino, antes que ele pudesse ler a palavra, está presente nas memórias do adulto envolvido nas questões sociais, históricas e políticas da vida em sociedade. Embora não haja diretamente uma relação entre linguagem e infância em Paulo Freire, como vamos observar em Manoel de Barros, as narrativas freireanas nos permitem acessar a criança que há no escritor, que ele visita e revisita sempre que julga necessário beber em suas fontes de poesia, beleza e sabedoria.

Esse resgate de memórias infantis faz parte de uma ideia estética do seu pensamento que busca, “nas origens”, alguma “fonte de sabedoria” e, neste exercício, encontra nelas, a sua “matéria de poesia”. No livro *À sombra desta mangueira* (FREIRE, 2019a), cujo título é bem poético, Paulo Freire começa falando de seu amor e sua relação afetiva com as árvores. Uma memória de infância que se faz presente em sua intenção poética ao pensar na estética de um livro que o transportasse até a sombra de uma mangueira, onde ele poderia “se sentir em casa”,

na casa em que viveu quando menino. “As árvores sempre me atraíram” (FREIRE, 2019a, p. 26) é a frase que abre o primeiro capítulo.

Em Manoel de Barros, a infância tem várias conotações. A primeira, mais óbvia, diz respeito à ideia de que há no universo infantil uma fonte inesgotável de poesia. Não somente porque a criança, naturalmente, subverte a língua e se desvia de suas normas; mas também porque na infância é onde a verdadeira liberdade de criação e de existência é possível, e isso é imprescindível para a poesia barroseana.

A infância da palavra nos faz pensar que o adulto, tanto o poeta quanto o leitor de poesia, pode vivenciar a experiência inutilitária da linguagem, para além das suas vivências de jogos, brincadeiras e contos infantis. “Ou seja, existe a possibilidade de não matarmos a criança em nós, mantendo a infância da linguagem ou obedecendo à desordem das falas infantis” (CONCEIÇÃO, 2011, p. 135-136). A poesia barroseana, especificamente, nos permite esse sentido, tendo em vista que o poeta gosta “[...] mais da linguagem que obedece à desordem das falas infantis do que da linguagem que desobedece às ordens filológicas gramaticais” (BARROS, 2005).

Além disso, a infância da palavra é a busca do poeta por uma linguagem inaugural. Uma linguagem virgem, de descomeços, adâmica, limpa das “sujeiras da civilização”, uma linguagem que se encontra “nos primórdios”, no “nascimento” da língua. Essa linguagem, então, encontrada em abundância nas crianças, está presente também em outros seres que o poeta usa de fonte para o seu (des)saber poético. Bugres¹⁴, loucos, andarilhos, poetas e demais seres enferrujados, jogados fora, invisíveis e desimportantes fornecem para a sua criação a infância da palavra. A palavra verdadeira está nessa língua de ruptura, cujo movimento cíclico traz para a poesia um sentido de recomeço, de retorno e de reinvenção.

Ao buscar nos seres desprezados e desimportantes a fonte de sua poesia, Manoel de Barros se aproxima de uma estética marcadamente freireana. Isso porque, como mencionamos ao longo de toda a pesquisa, Paulo Freire foi um militante irreduzível das causas sociais. Comprometido com a luta por um mundo mais justo, mais bonito, menos odioso, ele jamais deixou de estar ao lado dos “esfarrapados do mundo”. Esfarrapados do mundo são os seres desprezados pela civilização. Assim como as latas enferrujadas, as lesmas, as lagartixas, os bêbados, os andarilhos, as crianças e os poetas.

¹⁴ Importante mencionar que o termo “bugre”, comumente de uso pejorativo ao se referir aos povos indígenas, possui outra conotação na obra barroseana, sendo revalorizado e ressignificado assim como as demais “matérias de sua poesia”.

Nesse sentido, há em ambos os autores uma ideia de criação que os aproxima de uma desobediência ao padrão estético. Quanto ao Manoel de Barros, essa desobediência se dá tanto na forma quanto no conteúdo. Além de palavras inventadas, sintaxes inconvenientes, versos livres e rimas internas, sua preferência estética pelo traste é, em si mesma, uma ruptura. A sua “Estética da Ordinarietàade” ignora os padrões de beleza e remonta na escrita poética a sua própria noção de belo. Tudo o que não serve para nada, tudo o que não é do interesse da sociedade capitalista faz bem à criação barroseana.

Nesse sentido, pensamos que esse traço também está presente na estética de Paulo Freire. Os oprimidos estão inextricavelmente fixados em sua vida e sua obra. Não há como separar a ideia freireana do traste, do trapo barroseano, sobretudo porque ele é um sujeito que vive à margem da sociedade. Oprimidos e trastes são nomeações de autores distintos para uma mesma “estética da existência”. O trapo barroseano alcança a ideia do oprimido freireano.

Vejam os que diz o poeta a respeito do trapo:

Trapo, s.m.
 Pessoa que tendo passado muito trabalho e fome
 deambula com olhar de água suja no meio das ruínas
 Quem as aves preferem para fazer seus ninhos
 Diz-se também de quando um homem caminha para
 Nada (BARROS, 2016b, p. 51).

Ainda nesse contexto, observamos que a preocupação com os oprimidos e os trastes ressoa na visão de ambos os autores acerca do tema da linguagem. Sendo assim, em Manoel de Barros, vamos encontrar poesias, cujas palavras utilizadas se aproximam da oralidade e da linguagem popular, com seus desvios, “erros” e força poética. Vocábulos como “evém” e “disilimina”, por exemplo, são utilizados pelo poeta demonstrando a sua aproximação e o seu interesse pela linguagem popular. É uma maneira de não só chegar ao “grau zero da palavra”, à sua “infância”, como também uma forma de o poeta dizer que valoriza esta linguagem; que vê beleza e poesia na sua existência, que, por tantas vezes, é oprimida por padrões linguísticos e sociais impostos. Esse compromisso com o reconhecimento da sabedoria e beleza da linguagem popular é encontrado em alguns de seus poemas, como o recorte da poesia em prosa que reproduzimos a seguir:

GRAMÁTICA DO POVO GUATÓ

Rogaciano era índio guató. [...] De tarde esfarrapado e com fome se encostava à parede de casa. A mãe fez um prato de comida e eu levei para Rogaciano. Ficamos a conversar. [...] Uma hora me falou que não sabia ler nem escrever. Mas seu avô que era o Xamã daquele povo lhe ensinara uma Gramática do Povo Guató. Era a Gramática mais pobre em extensão e mais rica em essência. Constava de uma só frase: *Os verbos servem para emendar os nomes*. E botava exemplos: Bem-te-vi cuspiu no chão. O verbo cuspir emendava o bem-te-vi com o chão. [...] foi o que me explicou Rogaciano sobre a Gramática do seu povo. [...] Rogaciano, ele mesmo, não sabia nada, mas ensinava essa fala sem conectivos, sem bengala, sem adereços para a gurizada. Acho que eu gostasse de ouvir os nadas de Rogaciano não sabia. E aquele não saber

me mandou de curioso para estudar linguística. Ao fim me pareceu tão sábio o Xamã dos Guatós quanto Sapir (BARROS, 2018, p. 42).

Em Paulo Freire, há uma preocupação de cunho mais assumidamente político com relação à linguagem, sobretudo nas tensões entre as linguagens popular e erudita (ou formal). Entendendo a língua como um espaço de disputa de poder, o “momento estético da linguagem”, ou seja, a boniteza da escrita e da fala, é acompanhado, em Paulo Freire, por uma reflexão sociopolítica. Na estética de sua escrita, encontramos a defesa de uma educação que não só deve se comprometer com o ensino formal da língua, algo necessário à ideia de cidadania, mas precisa oferecer aos cidadãos o prazer do encontro com a sua beleza. Além disso, a escola, enquanto espaço democrático de circulação do conhecimento, deve estar apta a reconhecer na linguagem popular a sua beleza e força de criação, incorporando em seu cotidiano o interesse por sua estética, sua sintaxe própria, sua discursividade, sua intenção comunicativa. A linguagem popular traz as marcas de sua classe social e não deve ser desprezada, humilhada, esquecida ou diminuída pela escola.

Assim, há, ainda, alguns pontos das estéticas barroseana e freireana que merecem ser destacados. O uso das figuras de linguagem, especificamente a metáfora na obra freireana e outras, como zeugma, elipse e silepse, na obra barroseana, nos permite pensar em suas intenções de escrita. Há, em ambos, um intuito sinestésico e imagético.

A metáfora freireana, enquanto figura que tem como função fornecer a ideia de uma “comparação mental”, é um recurso utilizado pelo autor para ilustrar muitos de seus conceitos ou ideias. É uma maneira de facilitar o seu entendimento, permitindo que o leitor “fotografe o conceito”, em alguma medida. Quando falamos de “educação bancária”, conseguimos imaginar um educando, cuja cabeça é um recipiente vazio, aberto, pronto para o depósito dos conteúdos escolares, por exemplo. Conseguimos desenhar em nossa imaginação a ideia defendida pelo autor.

Em Manoel de Barros também percebemos uma preocupação bastante próxima nesse sentido. As figuras de linguagem, mais ricas em sua obra devido à própria natureza de sua criação – a poesia, a escrita literária – servem de recursos imagéticos para a leitura do poema que alcança o reino da despalavra. A despalavra compreende, na sua poesia, a ideia de que a escrita literária tem como objetivo produzir “desenhos verbais”. Palavras que se transfiguram em imagens a partir de uma provocação estética poeticamente criada. Assim, as imagens construídas pela poesia barroseana escapam dos limites de uma experiência objetiva. São fruto de uma criação que só faz sentido no poema e que, por isso, tem sua total razão de ser e existir.

Acerca da relação com uma linguagem que “pensa por imagens”, podemos mencionar mais alguns aspectos de suas obras que convergem de alguma maneira, sem encontrarem entre si uma equivalência perfeita, como é de se esperar.

A alfabetização freireana, marca indiscutível de sua estética, como um todo, e sua linguagem, em particular, assume uma conotação interessante. Como mencionamos, as palavras geradoras e as fichas de cultura, utilizadas nos Círculos de cultura freireanos, partem de uma ideia imagética (palavra concreta – uma vez que é retirada do vocabulário concreto – e palavra-imagem – fruto das pinturas utilizadas nas fichas) para alcançar uma representação grafofônica, escrita e/ou falada. Ou seja, na estética freireana, a presença das imagens se dá também como alavanca do processo de alfabetização. Imagens registradas, acessíveis à captação imediata do olhar, que existem “fisicamente” e não somente no campo das ideias como acontece com as metáforas. Partindo da imagem, Paulo Freire permite que o leitor alcance o conceito, o texto, a palavra, a ideia, a interpretação do mundo.

Na poesia barroseana, o caminho percorrido segue o sentido oposto. A partir de uma escrita criteriosa e esteticamente pensada, sua poesia constrói inúmeras fotografias, cenas e imagens verbais. O texto barroseano, a sua poesia, funciona como o botão gerador da imagem, e não o contrário como ocorre em Paulo Freire. A leitura da palavra conduz o leitor à leitura da “despalavra” em Manoel de Barros. Em sua poesia, a imagem permanece no campo da abstração. “Eu bem sabia que a nossa visão é um ato/ poético do olhar” (BARROS, 2015a, p. 69). Ler as palavras barroseanas, captando suas imagens, nos conduz a um “exercício poético do olhar”.

Ainda na seara das aproximações estéticas, Manoel de Barros e Paulo Freire possuem como marca e recurso estilístico a repetição. Com alguma diferença de utilização e intuito, ambos são autores que se repetem em sua escrita. No poeta, a intenção é de uma aproximação com a linguagem infantil, repetitiva por natureza; ao mesmo tempo, é uma forma de se aproximar da língua do povo, da linguagem oral, pela qual o poeta tinha grande apreço e admiração. Na poesia, a repetição é, portanto, um recurso estético, intencional e estratégico, da criação literária.

Em Paulo Freire, a repetição ocorre como um recurso de ressignificação. Ao revisitar temas, ideias e conceitos, o autor acrescenta, corrige ou reafirma seus pensamentos e suas posições. Propositadamente, ele se repete não só para redizer algo, mas para dizê-lo de modos diferentes, sob perspectivas diversas de compreensão. Sendo assim, a repetição freireana é parte de uma estética de alguém que se sabe inacabado e que, por ser consciente de seu inacabamento,

precisa estar em constante exercício de ação e reflexão, adaptando-se às mudanças que ocorrem dentro e fora de si mesmo.

Além disso, chegando perto das considerações que julgamos pertinentes neste (surpreendentemente) extenso capítulo, gostaríamos agora de apontar as correspondências em torno do tema da transformação social, caro, principalmente, ao pensamento freireano.

Em Paulo Freire, encontramos a ideia de transformação ligada à quase totalidade de outros conceitos de sua obra. Palavra indissociável de sonho, inéditos viáveis, emancipação, libertação, *Ser Mais*, esperança, luta, utopia... a transformação freireana representa o fim da sociedade capitalista e a construção de uma sociedade socialista. Particularmente, uma sociedade socialista cuja ideia de realização não é antagônica à de democracia.

O sonho da transformação, que é também o “sonho de Guevara”, é, então, percorrido pela obra freireana que não nos dá nenhuma pista de mecanismos viáveis para a sua realização concreta. Não há um passo a passo para seguirmos rumo à transformação. Compreendida como algo cuja busca é permanente, nesse sentido, e não como algo com um fim em si mesmo, entendemos a transformação freireana também como um “ato de criação”. E nesse sentido, nos transportamos para uma leitura de Manoel de Barros como um “ato criador”.

Criar a transformação é algo que nos parece embrionariamente poético. Uma ideia que nasce de alguém cuja visão poetiza o mundo e as existências. Paulo Freire foi alguém dessa envergadura. Assim, recorremos à obra barroseana para aprofundarmos a nossa leitura de Paulo Freire, mais uma vez. A transformação nos parece um dos conceitos freireanos mais abstratos, sobretudo devido à ideia de permanência, e, por isso, buscamos torná-lo palpável dentro de uma ideia estética de criação poética. Realizar o sonho de transformação freireano é uma tarefa possível da poesia barroseana.

Retomamos aqui “As lições de R.Q.” (BARROS, 2016d, p. 55), com o intuito de construir uma ideia de realização barroseaneamente possível da transformação freireana.

AS LIÇÕES DE R.Q.

Aprendi com Rômulo Quiroga (um pintor boliviano):
 A expressão reta não sonha.
 Não use o traço acostumado.
 A força de um artista vem das suas derrotas.
 Só a alma atormentada pode trazer para a voz um
 formato de pássaro.
 Arte não tem pensa:
 O olho vê, a lembrança revê, e a imaginação transvê.
 É preciso transver o mundo.
 Isto seja:
 Deus deu a forma. Os artistas desformam.
 É preciso desformar o mundo:
 Tirar da natureza as suas naturalidades.

Fazer cavalo verde, por exemplo.
Fazer noiva camponesa voar – como em Chagall.

Agora é só puxar o alarme do silêncio que eu saio por
aí a desformar. [...] (BARROS, 2016d, p. 55).

É imediata a nossa reação de leitura ao ler este poema, identificando-o com uma estética muito próxima das ideias freireanas. “Transver”, palavra inventada do idioleto manoelês, resgata uma visão de mundo que encontramos muito presente em Paulo Freire. Aquilo que não se pode aceitar na sociedade, as condições cruéis que a realidade impõe à existência humana, que lhe retira a possibilidade de *Ser Mais* e de criar no e com o mundo, são as “naturalidades” que precisamos modificar. Nessa interpretação, “tirar da natureza suas naturalidades” alcança o sentido de não aceitar os discursos fatalistas que afirmam que a realidade é assim mesmo, desigual e cruel, e não há nada que se possa fazer a respeito; ideia bastante defendida por Paulo Freire. Cabe ao artista “desformar” o mundo, dar a ele novas formas, novas possibilidades de existência, ainda que elas pareçam irrealizáveis, como a ideia abstrata da transformação freireana, em uma leitura superficial.

Assim, se o “educador é um político e um artista”, na estética do pensamento freireano, podemos compreender que cabe também a ele a tarefa de “desformar” o mundo. Educador e artista são sujeitos que se fundem em uma interpretação possível do poema. Ambos são chamados para a responsabilidade de criação de um outro mundo; para a luta pela realização do sonho freireano de transformação.

O verso “A força de um artista vem de suas derrotas” nos faz pensar em como os nossos fracassos na luta constante pela emancipação e libertação, na busca, muitas vezes frustrada, de um mundo mais amoroso e bonito, em que nossas existências tenham valores e importâncias iguais, pode nos fazer conhecer a nossa incrível capacidade de reinvenção, capaz de nos tornar ainda mais fortes na trincheira da resistência. Nesse sentido, Paulo Freire foi um exemplo perfeito de “fracasso bem-sucedido”. Lembramos aqui da famosa frase de Darcy Ribeiro: “[...] Os fracassos são minhas vitórias. Eu detestaria estar no lugar de quem me venceu”. A derrota do artista é a sua força. O fracasso do educador é a sua vitória.

As lições de Rômulo Quiroga nos permitem perceber ainda que “voar fora da asa”, andar por linhas curvas e turvas, é o que permite a criação do artista. Fora da “expressão” reta, é possível fazer com que a nossa “voz alcance um formato de pássaro”. E “voz com formato de pássaro” é uma absurdez poética que enriquece e desforma a realidade. Só “uma alma atormentada” é capaz de reinventar o mundo. Porque só o “desenho de uma voz” alcança a imaginação de outro mundo. O artista recria Deus, desformando a “criação divina”, e a escrita poética transvê o mundo, retirando dele o seu “traço acostumado”. Paulo Freire e Manoel de

Barros são “almas atormentadas” imprimindo em suas palavras a imaginação de um mundo “transvisto”, ressignificado, reinventado.

Nesse sentido, a transformação imaginada pelo educador pode ser realizada pelo poeta. Um cavalo verde, uma camponesa que voa, um mundo sem opressões, uma sociedade igualitária, uma educação libertadora e um “sonho sonhado coletivamente” são desformações concretamente realizáveis na escrita poética. Só a linguagem pode transformar o mundo.

A “pronúncia do mundo”, ponto alto do sentido transformador da estética freireana, é a atividade natural do poema. A poesia é quem sempre está autorizada a “dizer a sua palavra”. E poder dizer a sua palavra é transformar o mundo, segundo Paulo Freire. No universo poético “Tudo se resolvia com cambalhotas” (BARROS, 2018, p. 53). No novo mundo da poesia, “Outra pessoa desabre” (BARROS, 2004, p. 39). Podemos *Ser Mais* dentro do poema. O ato criador da poesia nos leva à realização de todos os nossos sonhos e nos devolve os sentidos de nossa humanização, frequentemente perdidos “No estranho momento das coisas paradas” (BARROS, p. 69). Uma torneira aberta, no silêncio da noite, “parece poesia jorrando” (BARROS, p. 23). “Um olhar de piedade cravado na condição humana” brilha mais que um letreiro luminoso (BARROS, p. 23). A poesia desexplica e desvê o mundo para transvê-lo.

Assim, a imagem poética materializa a imaginação. Na despalavra transvemos o mundo. É a palavra poética que o cria, recria, inventa e reinventa, como um recurso incontido e irrestrito de linguagem. “Porque eu achava que a visão fosse um ato poético do ver” (BARROS, 2015a, p. 20), nos ensina o poeta. A visão, pela imagem poética, impede, em um sentido mais amplo,

[...] qualquer tentativa formalista de interpretação total, [dando] ao [ser humano] a condição de resgatar sua liberdade, emancipando-se da alienação capitalista e permitindo-lhe encontrar consigo mesmo pelo seu caráter inesperado e imprevisível. Trata-se de um conhecimento que se arrisca naquilo que não se mede: a sensibilidade, a percepção, o sentido, mas que é intrínseco ao [ser humano]. Num movimento de busca incessante e sempre provisória, a poesia abre espaço para outras possibilidades do nosso conhecer [...]. (CONCEIÇÃO, 2011, p. 130).

Podemos, a partir disso, pensar que Paulo Freire e Manoel de Barros comungavam muitas visões. Visões que não nos permitiram interpretações fechadas; visões que, como “atos poéticos do ver”, deram aos seus donos a liberdade de ser e criar. Há, em ambos os autores e suas obras, uma leitura de mundo de muita correspondência.

A estética em comum reside no fato de que ambos foram “seres de linguagem”. Esse é o ponto de partida de onde surgem outras interpretações. A escolha da escrita como labor guarda as semelhanças e as diferenças de suas experiências existenciais. Escrever, nesse sentido, é a solução para os seus conflitos, a unificação dos seus fragmentos, a pronúncia do seu mundo. A invenção de um novo mundo. A palavra e a despalavra. O signo e a imagem.

[...] o ato de escrever, no primeiro movimento consiste em desprendimento do mundo e, depois, no segundo movimento, entranhar-se nesse mundo pelo exercício desse desprendimento. Em seguida o mundo se abre em abismo, é hora de criar um novo mundo e voltar a nomear as palavras e as coisas, pensando-as e repensando-as. Rodeia o silêncio anterior à palavra e, ao encontrar seu mundo, o poeta se encontra sem palavras. As palavras não estão em parte alguma. “Hay que criarlas, hay que inventarlas” (PAZ, 1972, p. 177) (CONCEIÇÃO, 2011, p. 88).

Criar palavras que reinventem o mundo. O que existe é insuficiente. É preciso transbordar. E é isso que faz o escritor: transborda. O sentido, a existência, a sensibilidade, o senso de realidade. Mais especificamente, é isso que fazem Manoel de Barros e Paulo Freire.

Retrato quase apagado em que se pode ver perfeitamente nada

Não tenho bens de acontecimentos.
 O que não sei fazer desconto nas palavras.
 Entesouro frases. Por exemplo:
Imagens são palavras que nos faltaram.
Poesia é a ocupação da palavra pela Imagem.
Poesia é ocupação da Imagem pelo Ser.
 Ai frases de pensar!
 Pensar é uma pedreira. Estou sendo.
 Me acho em petição de lata (frase encontrada no lixo)
 Concluindo: há pessoas que se compõem de atos, ruídos,
 retratos.
 Outras de palavras.
 Poetas e tontos se compõem com palavras.
 (BARROS, s/d, p. 296, grifos nossos).

“Poetas e tontos”, Paulo Freire e Manoel de Barros, sustentaram com palavras o silêncio de seu abandono (BARROS, 2015a, p. 55). E com “o privilégio de não saber quase tudo” (BARROS, 2015a, p. 73) encontraram na escrita a liberdade de “dizer sua palavra”, de “pronunciar o seu mundo”.

Criadores, artistas, escritores e poetas. Donos das palavras que estetizaram suas existências e suas presenças no mundo. Responsáveis pela boniteza das palavras tecidas nestas reflexões. Fontes de inspiração e sabedoria. Seres de linguagem, agentes da criação, seres humanos que sonharam o mesmo sonho de Guevara.

FECHAR OS OLHOS E FAZER O NADA APARECER: A CONCLUSÃO FALTANTE

O que não sei fazer desmancho em frases.

Eu fiz o nada aparecer.

(Represente que o homem é um poço escuro.

Aqui de cima não se vê nada.

*Mas quando se chega ao fundo do poço já se pode ver
o nada.)*

Perder o nada é um empobrecimento.

Manoel de Barros

Consciente de que “Quem descreve não é dono do assunto: quem inventa, é” (BARROS *apud* CASTELLO, 2006, p. 116), peço, nesta seção de encerramento, uma necessária “licença acadêmica” para romper com um padrão formal da escrita. Ao longo da vida escolar aprendemos que a seção das “considerações finais” deve ser escrita com um texto próprio do autor, que retome pontos importantes do texto e aponte novos caminhos da pesquisa, sem que se verifique a presença de referências ou citações.

Início estas considerações registrando uma necessária explicação. A pesquisa que agora se encerra, nestas palavras finais, criou vida, cresceu ramos, se espalhou pelas folhas: virou árvore, como poderia dizer Manoel de Barros. Na escrita dessas linhas, fruto de muitas e diversificadas leituras, a proposta de uma dissertação dividida em capítulos esteticamente próximos, quando à forma, conteúdo e espaço, foi perdendo o sentido. Isso porque, o último capítulo, sobre estética, linguagem e transformação, tomou proporções maiores do que a que inicialmente calculei.

Antes de dar início à escrita deste capítulo, em específico, o esboço da pesquisa apontava muitos pontos de interesse vitais para a qualidade desta discussão. Contudo, o processo da escrita, ausente de certezas, me conduziu a um processo exaustivo de investigação. Fui levada pelas palavras, me entreguei às suas conexões, permiti a sua liberdade de existência e criação. O resultado foi um capítulo bem mais extenso em suas análises do que os demais. Agora, pensando nestas palavras finais, em como “encerrar” este assunto, chego à conclusão de que não é possível concluir. No sentido de que o tema é inesgotável.

Talvez toda e qualquer temática assim se apresente em suas pesquisas. A criação humana é ilimitada e o ato de pesquisar se insere nesta atividade, em alguma medida. Entretanto, resalto aqui uma observação que faço agora, depois de ser conduzida pelas palavras

ao fim da pesquisa. O tema da linguagem, explicitamente presente em ambos os autores, mais obviamente em Manoel de Barros do que em Paulo Freire, poderia, sozinho, ser o foco de uma pesquisa de Mestrado. No entanto, compreendo que não há adivinhações possíveis no percurso da pesquisa e, consciente de que desenvolvi o tema com o apreço e cuidado que ele exigiu, acredito que esta escrita não alcançou o seu potencial total. Na verdade, esta observação se encaixa em todo o restante da pesquisa. Paulo Freire sozinho é um assunto inesgotável. E o seu diálogo com Manoel de Barros potencializa essa matemática irrealizável. É desafiador e maravilhoso, ao mesmo tempo. Sobretudo porque serve de motivação para que novas pesquisas se dediquem a outros pontos não abordados nesta investigação.

Sendo assim, a licença que peço é para que estas palavras finais sejam livres da rigidez acadêmica quanto à forma da escrita. Algo até mesmo coerente com o perfil estético da pesquisa. Também por esta razão, me permito um pouco do “desvio”, da desobediência e da subversão que encontrei tantas vezes nas leituras de Manoel de Barros e Paulo Freire.

Procurarei tecer aqui uma conversa final sobre questões que não estão explicitamente no texto, mas fizeram parte de suas entrelinhas, na invisibilidade das leituras que não cabem nos espaços de algumas discussões.

Quando pensei na pesquisa como um diálogo entre Paulo Freire e Manoel de Barros, busquei encontrar em suas obras correspondências que os fizessem ser membros de uma mesma “mesa-redonda”; companheiros de um mesmo “clube”. Ou pessoas que ocupassem a mesma mesa de um restaurante ou até de um bar. Imaginei que os dois pudessem ter muito em comum para conversar.

Foi assim que busquei em suas obras e histórias de vida os assuntos que pudessem me servir de “objetivos de pesquisa”. As identificações e reações de leitura imediatas foram muitas e me permitiram preencher a necessidade burocrática da pesquisa. Tinha em mãos o objeto de que precisava.

Então, a partir dessa ideia inicial, comecei a busca por referências que pudessem iluminar meu caminho, que me orientassem na ideia estética que criei para o texto. Os dois autores são muito explorados na área acadêmica, mas quase sempre de maneira separada. Nas investigações que fiz, não encontrei escritas que apontassem uma relação específica entre eles. A junção dos dois em uma mesma abordagem foi algo novo que se colocou para mim como um desafio.

Adquiri muitos livros de assuntos direta ou indiretamente ligados ao meu tema. Fiz a leitura atenta de quase todos, marquei suas páginas, anotei suas principais questões, fiz alguns fichamentos. Ao longo da escrita, percebi a necessidade de uma objetividade quanto ao uso das

obras dos autores que escolhi para dialogar. Então, nesse caminho, muitas leituras se tornaram inaparentes no texto.

Nos dois capítulos que abrem a pesquisa, falo das biografias dos autores e de alguns conceitos presentes em suas obras, cujas análises utilizei na confecção de minhas reflexões. No “Esperançar é carregar água na peneira”, meu objetivo ficou voltado para a investigação de suas histórias de vida. Movida por uma “curiosidade epistemológica”, quis desvendar as semelhanças de suas “experiências existenciais” que se mostraram em muitas e diversificadas camadas. Não só suas visões de mundo convergem, mas também suas estéticas de infância, posição política, seu gosto e apreço pelas coisas “desprezadas”, o amor pelas pessoas, pela natureza, a beleza da existência... Não há registros de encontro ou influência intelectual entre os autores, mas há, inegavelmente, uma semelhança em suas leituras de mundo.

No capítulo “O elogio do inútil contra o fatalismo neoliberal”, busquei tecer interpretações mais criativas desde suas origens. As ideias de semelhanças propostas foram inventadas pela pesquisadora que assumi ser a partir de um “ato de criação”. Pensei em abordagens que pudessem colocar os dois autores em visões de mundo de equivalência um pouco mais profundas. Assim, registrei a ideia de uma poesia mais “crítica e política” que não existe na superfície da poesia barroseana, mas que pôde ser encontrada no esforço de interpretação que mergulhou, criativa e ativamente, em seus poemas. Relacionei, então, conceitos caros da obra freireana – como *Ser Mais*, inéditos viáveis, humanização, crítica ao fatalismo neoliberal, educação bancária – a uma ideia de “elogio do inútil” na poesia barroseana. Ao valorizar o que não presta, o que a sociedade joga fora e que considera “inútil”, Manoel de Barros se coloca em diálogo com a defesa freireana irredutível dos direitos dos oprimidos, e recusa, com ele, ao mesmo tempo, os discursos fatalistas que limitam a criação e a existência humanas.

O terceiro capítulo, por sua vez, trouxe uma abordagem densa e extensa acerca das questões de linguagem encontradas em ambos os autores e suas obras, como mencionei. Tentei dar conta de um tema, a partir de recortes que escolhi previamente, e percebi, neste processo, a infinitude das possibilidades de investigação em torno dele. Ou, pelo menos, percebi que a minha matemática não era capaz de chegar no resultado correto dessa equação. De todo modo, teci as considerações pertinentes a uma abordagem que buscou cruzar os dois estetas da linguagem em suas estéticas.

Nos momentos dessa escrita, busquei compreender, a partir das leituras prévias sobre o tema da linguagem, de que maneira Paulo Freire poderia ser considerado um poeta em sua estética particular; e, ao mesmo tempo, procurei na figura do Manoel de Barros um ser

marcadamente político. Talvez buscasse neste questionamento uma correspondência interna entre ambos, o que não foi possível delimitar, mas pode valer como ponto de partida para alguma análise mais comprometida em algum momento.

Sobre esta questão, entendo agora que Paulo Freire não foi um “poeta óbvio” assim como Manoel de Barros não foi um ser politicamente “óbvio”. Estas interpretações se escondem nas entrelinhas da pesquisa e a ideia de cruzar suas identidades, fazendo do poeta um ser político e do ser político um poeta, surge de um pressuposto capaz de uni-los em uma proposta de “estética da existência” em comum.

Nos livros 2 e 3 da série “História da sexualidade”, *O uso dos prazeres* e *O cuidado de si*, Foucault (2020a; 2020b) tece algumas considerações em torno da ideia do que vem a ser uma “estética da existência”. Em linhas gerais, o termo remonta à antiguidade greco-romana, e é utilizado para a compreensão da existência humana a partir da ótica da obra de arte. A estética da existência está, então, diretamente relacionada com a criação de um estilo próprio, por meio da prática de técnicas de “cuidado de si”, e visa à constituição de si mesmo como o artesão da beleza de sua própria vida. Citando Baudelaire, no texto “O que são as luzes?”, Foucault (1984, p. 344, grifos nossos) diz que “o homem moderno” é “[alguém] que *faz* de seu corpo, de seu comportamento, de seus sentimentos e paixões, *de sua existência, uma obra de arte*. [...] não é aquele que parte para descobrir a si mesmo, seus segredos e sua verdade escondida: *é aquele que busca inventar-se a si mesmo*”. Nesse sentido, entendo que a ideia de uma “estética da existência” contempla a proposta de um cruzamento das “identidades” dos autores e de suas obras e pode ser um assunto profícuo para pesquisas futuras, buscando respaldo, também, nas ideias existencialistas das quais Sartre aparece como um nome imediatamente possível.

Além disso, pensando num “figurino de poeta” para Paulo Freire, especificamente, encontrei nas ideias de Cicero (2012) e Pignatari (2004) a noção de que “poesia” não tem relação direta com a prática de uma escrita em versos. Falo sobre isso na pesquisa acerca da obra barroceana, marcada pela ausência de normas e formas fixas, composta de versos livres e marcas da narrativa em prosa. Contudo, vale registrar que, na preocupação estética de Paulo Freire não há a presença de muitas marcas do que pode ser considerada uma escrita poética. Porém, há algumas. E, a partir disso, é possível lhe vestir uma roupa de poeta.

Um desses pontos diz respeito à criação de palavras, no universo de seus significantes e significados, como investigado na pesquisa. Outro ponto, em um nível mais profundo de busca, diz respeito ao fato de que cabe ao poeta a escolha certa das palavras que irão compor sua criação poética, independentemente de elas serem inventadas por ele ou não. A força do discurso poético se dá na construção das relações sintagmáticas e paradigmáticas

(PIGNATARI, 2004). A língua possui dois eixos de organização, o sintagmático e o paradigmático. O primeiro é definido como o eixo da combinação e segundo como o eixo das escolhas, ou seja, são as possibilidades de combinações e escolhas disponíveis dentro do campo de alternativas. Na escolha das palavras do poema deve-se observar as relações entre esses eixos. Como uma analogia, o cruzamento desses eixos permitirá que o poeta escolha as palavras por “similaridade” ou por “contiguidade” (PIGNATARI, 2004, p. 13). A título de exemplo: “Quando você vê um certo azul e se lembra dos olhos de uma certa pessoa, está fazendo uma associação por semelhança; quando você evoca essa pessoa ao olhar um isqueiro que ela lhe deu de presente, está fazendo uma associação por contiguidade” (p. 13). A presença de metáforas na estética freireana, figura de linguagem que prevalece no eixo paradigmático (PIGNATARI, 2004, p. 15), nos conduz a uma pista de que o autor possui uma forte inclinação para o fazer poético, com a “consciência poética”. Tal afirmação, contudo, precisa de uma investigação mais minuciosa acerca das metáforas presentes em sua obra, algo que não foi possível nesta pesquisa.

Paulo Freire também foi alguém que, simultaneamente, “pensou o mundo” e “sobre o mundo” e, a partir de uma diferença sutil de sintaxe, tal fato o coloca, ao mesmo tempo, na esfera da criação poética e do pensamento filosófico (CICERO, 2012, p. 19). Essa coexistência de práticas, que são discutidas como incompatíveis pelos estudiosos de poesia (CÍCERO, 2012; PIGNATARI, 2004), dificulta o caminho para uma análise de um Paulo Freire poeta em seus escritos de “não poesia”. A poesia enquanto criação de modelos de sensibilidade, não se esgota na escrita de um poema. Contudo, a preocupação freireana com a beleza da linguagem é uma marca poética inicial, mas muitas outras questões precisariam ser desvendadas para a defesa da ideia de sua poesia “não intencional”.

Sendo assim, penso que esta pesquisa quer se fazer infinita. E para que ela seja “infinita”, volto agora ao seu começo para buscar nele as minhas considerações finais. Cíclica, tal qual a poesia barroceana, esse movimento pode permitir à pesquisa, e a quem desejar lê-la, um *looping* de reflexões.

Gostaria, nesse momento, de acrescentar a estas reflexões algumas questões contemporâneas de grande relevância para o que buscamos discutir nesse espaço-tempo da pesquisa. Começo falando da obviedade da crítica ao sistema capitalista. Obviedade que não deixa de ser necessária, registro.

Assim, trago para esta conversa final um autor que fez parte de meu projeto inicial, das minhas leituras e que está também nas entrelinhas da pesquisa que caminha agora para o seu fim. Falo de Byung-Chul Han, um pensador sul-coreano contemporâneo.

Byung-Chul Han foi o autor que conheci por indicação do meu orientador Aristóteles. O termo “sociedade do cansaço” (HAN, 2017) me despertou uma curiosidade imediata e, depois de ler alguns de seus textos compartilhados em redes sociais, fui à procura de seu livro homônimo. A leitura desse autor marca, em certa medida, a minha formação acadêmica, sobretudo neste recorte dos últimos dois anos e meio do Mestrado em que também vivemos o período da pandemia da covid-19. A vivência, sobretudo das dificuldades, do período pandêmico me fez encontrar no filósofo sul-coreano algumas possibilidades de conversa que não fizeram sentido para mim em outras fontes.

A partir disso, destaco que a ideia de uma “sociedade do cansaço” dialoga com o que abordamos no início da pesquisa. Sobretudo quanto à atual necessidade de “amarrar nosso tempo no poste”. “Estamos sendo” uma sociedade permanentemente cansada, que não se permite nada além da experiência da exaustão do trabalho e da autoexploração. Revisitando minhas inúmeras anotações de aula do Mestrado, encontrei outro dia uma frase do Aristóteles que dizia assim: “A experiência do trabalho tem empobrecido a existência humana”. E tem mesmo. Vamos sendo educados para uma vida que busca tanto “ter” que não sobra tempo de “ser”. E, nesse movimento, toda a nossa sensibilidade tem ficado pelo caminho. Como uma “formiga despedaçada” na obra barroseana.

Então, nesse ponto, cito outra obra impactante do mesmo autor, que se chama *Sociedade paliativa. A dor hoje* (HAN, 2021a). Neste livro, me chama a atenção a abordagem do autor acerca da ideia da existência de uma sociedade contemporânea que se quer permanentemente anestesiada. Curioso desde o título, o livro fala sobre uma “analgesia do presente”. Dissertando sobre uma vida inteiramente “instagramável”, Byung-Chul Han menciona a ausência de espaço, hoje, nas nossas vidas, até mesmo no campo da arte, para abrigarmos nossas contradições, conflitos e misérias. E, nesse ponto, penso, com o autor, no tanto de beleza que estamos perdendo ao abdicarmos da “experiência da dor”.

Claro que não falo de uma dor dilacerante, física ou emocionalmente insistente. Não somos programados para suportar muita dor. Não gostamos de sentir dor (geralmente). Mas a questão não é “não suportar” muita dor, e sim “não querer sentir dor” a ponto de “não querer sentir nada”. O efeito anestésico que surge da negação da dor é o que faz da sociedade atual uma sociedade paliativa.

Essa perda da sensibilidade contemporânea, também observada por outros autores, como Bauman (2001; BAUMAN; DONSKIS, 2014) e Lipovetsky (2007), é o que tem feito o fracasso das nossas relações. Mario Quintana já havia nos alertado para o fato de que “A felicidade bestializa, só o sofrimento humaniza as pessoas”. Então, ao buscarmos analgésicos

de topo tipo que nos retire constantemente da experiência da dor, estamos nos coisificando e objetificando a nossa existência e a dos outros. Sem sentir nada, passamos também a não enxergar nada. Assim, “Sem a dor com o outro não temos acesso à dor do outro” (CANETTI, 1987, p. 44 *apud* HAN, 2021a, p. 104). Nesse sentido, “A perda crescente de empatia aponta para o acontecimento profundo de que *o outro desaparece*. A sociedade paliativa elimina o outro como dor. O outro é coisificado em um objeto. *O outro como objeto não dói*” (HAN, 2021a, p. 100, grifos do original).

Contudo, “Apenas as verdades doem. *Tudo que é verdadeiro é doloroso*. A sociedade paliativa é uma sociedade sem verdade, um inferno do igual” (HAN, 2021a, p. 61, grifos do original). Então, “*Dor é realidade*. [...] A anestesia permanente da sociedade paliativa desrealiza o mundo” (HAN, 2021a, p. 64, grifos do original). Nesse inferno de iguais, a perda da sensibilidade é a perda da identidade. “Sinto dor, logo existo”. E, se não sinto dor, nenhuma irrupção do novo, nenhuma revolução, nenhuma história diferente se abre como possibilidade.

“Apenas o vivo, a vida capaz de sentir dor, consegue pensar” (HAN, 2021a, p. 78). “Mas, na sociedade paliativa como inferno do igual, [...] nenhuma fala da dor, nenhuma poética da dor é possível. Ela permite apenas a prosa do bem-estar, a saber, a escrita à luz do sol” (HAN, 2021a, p. 73). “Sem escrita a vida teria de terminar em insanidade” (HAN, 2021a, p. 67) e, sem a experiência da dor, a poesia da vida não pode ser uma realidade.

Manoel de Barros tem um poema que conversa diretamente com esta reflexão. Diz assim:

[...]
 E aquele que não morou nunca em seus próprios abismos
 Nem andou em promiscuidade com os seus fantasmas
 Não foi marcado. Não será marcado. Nunca será exposto
 Às fraquezas, ao desalento, ao amor, ao poema.
 (BARROS, 2010a, p. 82).

A perda da sensibilidade é o que tem nos impedido a poesia. Não só a aceleração destes tempos, que mencionamos nas palavras iniciais, como também a nossa negação da dor têm limitado a nossa experiência poética.

Li, outro dia, a história de uma moça que, com câncer terminal, em cuidados paliativos, solicitou autorização médica para ver o mar. Seu último pedido era que seus olhos registrassem, mais uma vez, a beleza do mar. Achei isso tão lindo e triste. Uma dor poética. Há alguns meses, perdi uma tia com câncer e, no leito da UTI, nas suas últimas horas de vida, ela manifestou, já sem muita consciência, a sua preocupação em desmarcar uma consulta médica que estava agendada para o dia seguinte, a qual ela, por estar internada, não poderia comparecer. Achei isso tão triste. Uma tristeza dilacerante. Uma dor sem poesia, sem beleza, sem sentido. Não sei

se a moça da história morreu. Imagino que sim. Mas a enxergo atravessando poeticamente a experiência da dor. Talvez seja essa a lição de Byung-Chul Han, que tem algo de parecido com “As lições de R.Q.” (BARROS, 2016d, p. 55).

Nestas linhas finais de conversa, acredito que “transver o mundo” tenha o sentido de resgatar em nós a experiência poética da dor. De forma que a reinvenção do mundo nos possibilite uma “partilha do sensível” (RANCIÈRE, 2009) há algum tempo distante do nosso horizonte existencial.

O diálogo tecido nesta pesquisa, entre Paulo Freire e Manoel de Barros, nos provoca a pensar na experiência de sentir a dor do outro ao “amar o puro traste em flor”. A empatia que nos faz enxergar e sentir a dor do outro faz parte da estética de ambos os autores. E, talvez, esse seja o maior achado da pesquisa. Esse que parece inútil e desimportante... o sentimento de que o resgate de uma sensibilidade, negada pela vida contemporânea, é uma conclusão possível.

Em mais um livro interessante, Byung-Chul Han (2021b) fala de outra tendência contemporânea nociva: a impossibilidade de conclusão. A ausência de silêncio na vida contemporânea, acompanhada da hipervigilância e da hipervisibilidade, nos mantêm de olhos abertos, em constante estado de alerta. Já não é possível “fechar os olhos” e se entregar à contemplação de qualquer estímulo visual. E, nesse exercício, a aceleração tem sua causa na nossa impossibilidade de concluir. Não conseguimos parar, não conseguimos fechar os olhos, a não ser por cansaço ou exaustão. A capacidade de concluir é a capacidade de se deter, se demorar. A ausência da conclusão é, então, um entrave à sensibilidade. Concluir exige de nós uma entrega, com a qual não queremos nos comprometer.

Para escaparmos da morte, temos uma receita barroseana: “é só amarrar o tempo no poste”. E para que a vida não nos escape, “É preciso poder fechar os olhos” (HAN, 2021b, p. 30). “Fechar os olhos” (HAN, 2021b) é estar à disposição da poesia e “fazer o nada aparecer” (BARROS, 2016d). “Perder o nada é um empobrecimento” (BARROS, 2016dp. 46) e “Se o Nada desaparecer, a poesia acaba” (BARROS, 2019b, p. 30). “Em busca de outro tempo”, essa é a nossa conclusão faltante. “Favor fechar os olhos”.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Rubem. *Do universo à jabuticaba*. São Paulo: Editora Planeta, 2014.
- BACHELARD, Gaston. *A poética do devaneio*. 3. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.
- BARBOSA, Luiz Henrique. *Palavras do chão: um olhar sobre a linguagem adâmica em Manoel de Barros*. São Paulo: Annablume; Belo Horizonte: Fumec, 2003.
- BARROS, Manoel de. *Gramática expositiva do chão: poesia quase toda*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, s/d. p. 296.
- BARROS, Manoel de. *Livro de pré-coisas*. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 1997.
- BARROS, Manoel de. *O fazedor de amanhecer*. Ilustrações de Ziraldo. Rio de Janeiro: Salamandra, 2001. (Livro infantil não paginado).
- BARROS, Manoel de. *Poemas rupestres*. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- BARROS, Manoel de. Entrevista concedida à Mara Conceição, durante o curso de doutoramento em Letras pela Universidade Federal Fluminense. Rio de Janeiro, 2005. In: CONCEIÇÃO, Mara. *Manoel de Barros, Murilo Mendes e Francis Ponge: nomeação e pensatividade poética*. Jundiaí: Paco Editorial, 2011.
- BARROS, Manoel de. Entrevista concedida a Bosco Martins. *Revista Caros Amigos*, [s.l.], ano XII, n. 141, dez. 2008. Disponível em: <http://www.overmundo.com.br/overblog/a-caros-amigos-traz-a-poesia-de-manoel-de-barros>. Acesso em: 10 fev. 2022.
- BARROS, Manoel de. *Poesia Completa*. São Paulo: Leya, 2010a.
- BARROS, Manoel de. *Gramática expositiva do chão*. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2010b.
- BARROS, Manoel de. *Menino do mato*. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2015a.
- BARROS, Manoel de. *Meu quintal é maior do que o mundo*. Antologia. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2015b.
- BARROS, Manoel de. *Poemas concebidos sem pecado e Face imóvel*. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2016a.
- BARROS, Manoel de. *Arranjos para assobio*. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2016b.
- BARROS, Manoel de. *O livro das ignoranças*. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2016c.
- BARROS, Manoel de. *Livro sobre nada*. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2016d.
- BARROS, Manoel de. *O guardador de águas*. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2017.
- BARROS, Manoel de. *Memórias inventadas*. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2018.
- BARROS, Manoel de. *Matéria de poesia*. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2019a.
- BARROS, Manoel de. *Poeminha em língua de brincar*. Ilustração: Kammal João. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2019b.
- BASTOS, Fábio da Purificação de. “Dizer a sua palavra”. In: STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José. (org.). *Dicionário Paulo Freire*. Coordenação geral: Danilo R. Streck. 4. ed. rev. ampl. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018. p. 152-154.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2001.
- BAUMAN, Zygmunt; DONSKIS, Leonidas. *Cegueira moral: a perda da sensibilidade na modernidade líquida*. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.
- BERINO, Aristóteles. Para ser um ser no mundo: a humanização é uma poética em Paulo Freire. *Revista Teias*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 55, p. 329-339, out./dez. 2018.
- BERINO, Aristóteles. *Centenário de Paulo Freire e outras conversas da pandemia*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Paulo Freire, o menino que lia o mundo: uma história de pessoas, de letras e palavras*. Participação: Ana Maria Araújo Freire. São Paulo: Editora Unesp, 2005.
- BRASIL. Lei 13.415, de 16 de fevereiro de 2017. Altera as Leis 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e 11.494, de 20 de junho 2007, que regulamenta o

Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação, a Consolidação das Leis do Trabalho – CLT, aprovada pelo Decreto-Lei 5.452, de 1º de maio de 1943, e o Decreto-Lei 236, de 28 de fevereiro de 1967; revoga a Lei 11.161, de 5 de agosto de 2005; e institui a Política de Fomento à Implementação de Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral. *Diário Oficial da União*, p. 1, col. 1, 17 fev. 2017. Disponível em:

<https://legis.senado.leg.br/norma/602639/publicacao/15657824>. Acesso em: 08 nov. 2020.

BRASIL. Medida Provisória 746, de 2016 (Reformulação Ensino Médio). Institui a Política de Fomento à Implementação de Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral, altera a Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e a Lei 11.494 de 20 de junho 2007, que regulamenta o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação, e dá outras providências. Disponível em:

<https://www.congressonacional.leg.br/materias/medidas-provisorias/-/mpv/126992>. Acesso em: 08 nov. 2020.

CAMPOS, Cristina. *Manoel de Barros: o demiurgo das terras encharcadas – educação pela vivência do chão*. Cuiabá, MT: Carlini & Caniato, 2010.

CASTELLO, José. “Manoel de Barros faz do absurdo sensatez”. Entrevista realizada com o poeta Manoel de Barros, publicada no *Jornal Estado de São Paulo*, em 18 de outubro de 1997. Atualmente, a entrevista se encontra disponível em: <http://www.jornaldepoesia.jor.br/castel11.html>. Acesso em: 01 set. 2021.

CASTELLO, José. *Inventário das sombras*. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2006.

CICERO, Antonio. *Poesia e Filosofia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

CONCEIÇÃO, Mara. *Manoel de Barros, Murilo Mendes e Francis Ponge: nomeação e pensatividade poética*. Jundiá: Paco Editorial, 2011.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: Editora 34, 1997. v. 4.

ESCOBAR, Miguel. “Ad-mirar”. Tradução de Mirele Alberton. In: STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José. (org.). *Dicionário Paulo Freire*. Coordenação geral: Danilo R. Streck. 4. ed. rev. ampl. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018. p. 26-28.

FERNANDES, Cleoni. “Amorosidade”. In: STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José. (org.). *Dicionário Paulo Freire*. Coordenação geral: Danilo R. Streck. 4. ed. rev. ampl. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018. p. 39-40.

FLECHA, Ramón. Os fundamentos linguísticos da palavra *boniteza* em Paulo Freire. In: FREIRE, Ana Maria Araújo. (org.). *A palavra boniteza na leitura de mundo de Paulo Freire*. Colaboração: Becky Milano. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022. p. 163-181.

FORSTER, Mari Margarete dos Santos. “Educador/Educando”. In: STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José. (org.). *Dicionário Paulo Freire*. Coordenação geral: Danilo R. Streck. 4. ed. rev. ampl. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018. p. 174-176.

FOUCAULT, Michel. O que são as luzes? In: *Michel Foucault – Ditos e escritos*. [S.l.:s.n.], 1984.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 2: O uso dos prazeres*. Tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque. Revisão técnica: José Augusto Guilhon Albuquerque. 8. ed. Rio de Janeiro; São Paulo: Paz e Terra, 2020a.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 3: O cuidado de si*. Tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque. Revisão técnica: José Augusto Guilhon Albuquerque. 7. ed. Rio de Janeiro; São Paulo: Paz e Terra, 2020b.

FREIRE, Ana Maria Araújo. *Paulo Freire: uma história de vida*. 2. ed. rev. atual. São Paulo: Paz e Terra, 2017.

FREIRE, Ana Maria Araújo. Preciso dizer. In: FREIRE, Paulo. *À sombra desta mangueira*. Organização e notas: Ana Maria Araújo Freire. 12. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2019. p. 11-14.

FREIRE, Ana Maria Araújo. (org.). *A palavra boniteza na leitura de mundo de Paulo Freire*. Colaboração: Becky Milano. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. 51. ed. São Paulo: Cortez, 2011. (Coleção Questões de nossa época, v. 22).

- FREIRE, Paulo. *Educação e Mudança*. Tradução: Lilian Lopes Martin. 36. ed. rev. atual. Rio de Janeiro; São Paulo: Paz e Terra, 2014.
- FREIRE, Paulo. *À sombra desta mangueira*. Organização e notas: Ana Maria Araújo Freire. 12. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2019a.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. Organização e participação: Ana Maria Araújo Freire. 5. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2019b.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 71. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2019c.
- FREIRE, Paulo. *Cartas a Cristina: reflexões sobre minha vida e minha práxis*. Organização e notas: Ana Maria Araújo Freire. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2019d.
- FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. 45. ed. Rio de Janeiro; São Paulo: Paz e Terra, 2019e.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. Notas: Ana Maria Araújo Freire. 27. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2020a.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia dos sonhos possíveis*. Organização: Ana Maria Araújo Freire. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2020b.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 63. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2020c.
- FREIRE, Paulo Freire. *Política e Educação*. 6. ed. Organização: Ana Maria Araújo Freire. Rio de Janeiro; São Paulo: Paz e Terra, 2020d.
- FREIRE, Paulo. *Direitos humanos e educação libertadora: gestão democrática da educação pública na cidade de São Paulo*. Organização e notas: Ana Maria Araújo Freire e Erasto Fortes Mendonça. 3. ed. Rio de Janeiro; São Paulo, Paz e Terra, 2021.
- FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sérgio. *Partir da infância: diálogos sobre educação*. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2020.
- FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sérgio. *Educar com a mídia: novos diálogos sobre educação*. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2021.
- FREIRE, Paulo; MACEDO, Donaldo. *Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra*. Tradução: Lólio Lourenço de Oliveira. 8. ed. Rio de Janeiro; São Paulo: Paz e Terra, 2021.
- FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. *Medo e ousadia: o cotidiano do professor*. Tradução: Adriana Lopes. 14. ed. Rio de Janeiro; São Paulo: Paz e Terra, 2021.
- FREITAS, Ana Lúcia Souza de. Prefácio. *Pedagogia dos sonhos possíveis: a arte de tornar possível o impossível*. In: FREIRE, Paulo. *Pedagogia dos sonhos possíveis*. Organização: Ana Maria Araújo Freire. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2020.
- GALHARTE, Julio Augusto Xavier; SILVA, Mariuchi Alves da; CAVALCANTI, Mônica Regina Lopes; SANTOS, Rosa Maria dos. Desgeografias brasileiras, moçambicanas e angolanas: Manoel de Barros, João Guimarães Rosa, Mía Couto e Ondjaki. In: PEREIRA, Danglei de Castro; GALHARTE, Julio Augusto Xavier. (org.). *Baú de Barro(s): ensaios sobre a poética de Manoel de Barros*. Campinas: Pontes Editores, 2019. p. 161-198.
- GIROUX, Henry A. Introdução: Alfabetização e a pedagogia do *empowerment* político. In: FREIRE, Paulo; MACEDO, Donaldo. *Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra*. Tradução: Lólio Lourenço de Oliveira. 8. ed. Rio de Janeiro; São Paulo: Paz e Terra, 2021. p. 33-77.
- GLENADEL, Paula. Prefácio: A força criadora da poesia. In: CONCEIÇÃO, Mara. *Manoel de Barros, Murilo Mendes e Francis Ponge: nomeação e pensatividade poética*. Jundiá: Paco Editorial, 2011. p. 7-8.
- HAN, Byung-Chul. *Sociedade do cansaço*. Tradução: Enio Paulo Giachini. 2. ed. ampl. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.
- HAN, Byung-Chul. *Sociedade paliativa. A dor hoje*. Tradução: Lucas Machado. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021a.
- HAN, Byung-Chul. *Favor fechar os olhos: Em busca de um outro tempo*. Tradução: Lucas Machado. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021b.

- KOHAN, Walter. Vida e morte da infância, entre o humano e o inumano. *Educação & Realidade*, Porto Alegre (UFRS), v. 35, n. 3, p. 125-138, 2010a. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/13083/10278>. Acesso em: 31 ago. 2021.
- KOHAN, Walter. (org.). *Devir-criança da filosofia: infância da educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010b.
- KOHAN, Walter. *Paulo Freire mais do que nunca: uma biografia filosófica*. Belo Horizonte: Vestígio, 2019.
- LINHARES, Célia. “Anúncio/Denúncia”. In: STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José. (org.). *Dicionário Paulo Freire*. Coordenação geral: Danilo R. Streck. 4. ed. rev. ampl. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018. p. 49-50.
- LIPOVETSKY, Gilles. *A sociedade da decepção*. Entrevista coordenada por Bertrand Richard. Tradução: Armando Braio Ara. Barueri, SP: Manole, 2007.
- MACHADO, Madalena. Prefácio: A poesia em Mato Grosso, cantos e encantos da literatura brasileira. In: OLIVEIRA, Vanderluce Moreira Machado. *A reescritura poética de Manoel de Barros*. Curitiba: Appris, 2016.
- MANNING, Molly Guptill. *Quando os livros foram à guerra: as histórias que ajudaram os Aliados a vencer a Segunda Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2015.
- MARTINS, Heloisa Helena T. de Souza. Metodologia qualitativa de pesquisa. *Educ. Pesqui.*, [on-line], v. 30, n. 2, p. 289-300, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ep/v30n2/v30n2a07.pdf>. Acesso em: 05 nov. 2020.
- MÜLLER, Adalberto (org.). *Manoel de Barros*. Apresentação: Egberto Gismonti. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2010. (Coleção Encontros).
- OLIVEIRA, Vanderluce Moreira Machado. *A reescritura poética de Manoel de Barros*. Curitiba: Appris, 2016.
- ORDINE, Nuccio. *A utilidade do inútil: um manifesto*. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.
- PEREIRA, Danglei de Castro; GALHARTE, Julio Augusto Xavier. (org.). *Bau de Barro(s): ensaios sobre a poética de Manoel de Barros*. Campinas: Pontes Editores, 2019.
- PIGNATARI, Décio. *O que é comunicação poética*. 8. ed. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2004.
- PIMENTEL, Alessandra. O método da análise documental: seu uso numa pesquisa historiográfica. *Cadernos de Pesquisa*, [on-line], n. 114, p. 179-195, 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/cp/n114/a08n114.pdf>. Acesso em: 04 nov. 2020.
- PITANO, Sandro de Castro; STRECK, Danilo Romeu; MORETTI, Cheron Zanini. (org.). *Paulo Freire: uma arqueologia bibliográfica*. Curitiba: Appris, 2019.
- QUINTANA, Mario. *Nova antologia poética*. São Paulo: Editora Globo, 1998. p. 118.
- RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível: estética e política*. Tradução: Mônica Costa Netto. 2. ed. São Paulo: EXO experimental org.; Editora 34, 2009.
- REDIN, Euclides. “Boniteza”. In: STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José. (org.). *Dicionário Paulo Freire*. Coordenação geral: Danilo R. Streck. 4. ed. rev. ampl. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018. p. 71-73.
- RODRIGUES, Aline. *A poética de desver de Manoel de Barros*. Curitiba: Appris, 2016.
- SÓ DEZ POR CENTO é mentira. Direção e roteiro: Pedro Cezar. Produção: Artesanato Eletrônico. Depoimentos: Manoel de Barros, Bianca Ramoneda, Joel Pizzini, Abílio de Barros, Palmiro, Viviane Mosé, Danilinho, Fausto Wolff, Stella Barros, Martha Barros, João de Barros, Elisa Lucinda, Adriana Falcão, Paulo Gianini, Jaime Leibovicht e Salim Ramos Hassan. Brasil: Artesanato Eletrônico, 2008. 82 min. Site oficial: <http://www.sodez.com.br/>.
- SOUZA, Elton Luiz Leite de. (org.). *Poesia pode ser que seja fazer outro mundo: uma homenagem ao centenário de Manoel de Barros*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2017.

STRECK, Danilo R.; ANDRADE, Diandra dos Santos de. “Metáfora”. In: STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José. (org.). *Dicionário Paulo Freire*. Coordenação geral: Danilo R. Streck. 4. ed. rev. ampl. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018. p. 312-313.

STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José. (org.). *Dicionário Paulo Freire*. Coordenação geral: Danilo R. Streck. 4. ed. rev. ampl. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

SURDI, Aguinaldo Cesar; KUNZ, Elenor. A fenomenologia como fundamentação para o movimento humano significativo. *Movimento – Revista de Educação Física da UFRGS*, [s.l.], v. 15, n. 2, 2009. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/3054>. Acesso em: 08 nov. 2020.

TIPOS DE REVISÃO DE LITERATURA. Botucatu: UNESP, 2015. Disponível em: <https://www.fca.unesp.br/Home/Biblioteca/tipos-de-evisao-de-literatura.pdf>. Acesso em: 08 nov. 2020.

TORRES, Carlos Alberto. *Diálogo e práxis educativa: uma leitura crítica de Paulo Freire*. Tradução: Mônica Mattar Oliva. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

WEYH, Cênio. “Mudança/transformação social”. In: STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José. (org.). *Dicionário Paulo Freire*. Coordenação geral: Danilo R. Streck. 4. ed. rev. ampl. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018. p. 327-328.

PLAYLIST NO SPOTIFY

A playlist “Transver o mundo e amar o puro traste em flor”, disponível no Spotify, cujo acesso é possível pelo escaneamento do QRcode abaixo, contém músicas que surgiram para mim durante todo o processo de pesquisa e, por isso, possuem alguma relação com o que escrevi ou pensei no decorrer dela. Algumas possuem letras mais “óbvias”, cuja aproximação com Paulo Freire e Manoel de Barros pode ser mais diretamente observada. Outras, por sua vez, escolhidas por uma relação mais abstrata, precisam perpassar por algumas camadas possíveis de interpretação. Nesse compilado, há, ainda, as valiosas contribuições dos(as) meus(minhas) alunos(as) do 8º ano do ensino fundamental da Escola Paroquial do Loteamento Samambaia (Petrópolis/RJ), com quem tive o prazer de dividir as manhãs letivas do ano de 2022. O olhar da pesquisa alcançou o ouvido da pesquisadora e o resultado foi o que se segue. Aqui estão Paulo Freire e Manoel de Barros, em diálogo, numa perspectiva contemporânea de criação.

